



THOMAS E. RICKS

VENCEDOR DO PRÊMIO PULITZER

CHURCHILL & ORWELL

A LUTA PELA LIBERDADE

BEST SELLER DO NEW YORK TIMES





Thomas E. Ricks

Churchill & Orwell

A luta pela liberdade

Tradução:
Rodrigo Lacerda



Dedicado a todos que buscam preservar nossas liberdades

Sumário

4. [1. Os dois Winstons](#)
5. [2. Churchill, o aventureiro](#)
6. [3. Orwell, o policial](#)
7. [4. Churchill: na pior na década de 1930](#)
8. [5. Orwell se torna “Orwell”: Espanha, 1937](#)
9. [6. Churchill se torna “Churchill”: primavera de 1940](#)
10. [7. Enfrentando os alemães, pedindo ajuda aos americanos: 1940-41](#)
11. [8. Churchill, Orwell e a luta de classes na Grã-Bretanha: 1941](#)
12. [9. Entram os americanos: 1941-42](#)
13. [10. Visões desoladoras do mundo pós-guerra: 1943](#)
14. [11. A revolução dos bichos: 1943-45](#)
15. [12. Churchill \(e a Grã-Bretanha\) em declínio e triunfo: 1944-45](#)
16. [13. A vingança de Churchill: as memórias da guerra](#)
17. [14. Orwell em triunfo e declínio: 1945-50](#)
18. [15. A prematura vida pós-morte de Churchill: 1950-65](#)
19. [16. A extraordinária ascensão de Orwell: 1950-2016](#)
20. [Posfácio: A trajetória de Churchill e Orwell](#)

21. [*Caderno de imagens*](#)
22. [*Notas*](#)
23. [*Créditos das fotos*](#)
24. [*Agradecimentos*](#)
25. [*Índice remissivo*](#)

1. [5](#)
2. [7](#)
3. [8](#)
4. [9](#)
5. [10](#)
6. [11](#)
7. [12](#)
8. [13](#)
9. [14](#)
10. [15](#)
11. [16](#)
12. [17](#)
13. [18](#)
14. [19](#)
15. [20](#)
16. [21](#)
17. [22](#)
18. [23](#)
19. [24](#)
20. [25](#)
21. [26](#)
22. [27](#)
23. [28](#)
24. [29](#)
25. [30](#)
26. [31](#)
27. [32](#)
28. [33](#)
29. [34](#)
30. [35](#)
31. [36](#)
32. [37](#)
33. [38](#)
34. [39](#)
35. [40](#)
36. [41](#)
37. [42](#)

- 38. [43](#)
- 39. [44](#)
- 40. [45](#)
- 41. [46](#)
- 42. [47](#)
- 43. [48](#)
- 44. [49](#)
- 45. [50](#)
- 46. [51](#)
- 47. [52](#)
- 48. [53](#)
- 49. [54](#)
- 50. [55](#)
- 51. [56](#)
- 52. [57](#)
- 53. [58](#)
- 54. [59](#)
- 55. [60](#)
- 56. [61](#)
- 57. [62](#)
- 58. [63](#)
- 59. [64](#)
- 60. [65](#)
- 61. [66](#)
- 62. [67](#)
- 63. [68](#)
- 64. [69](#)
- 65. [70](#)
- 66. [71](#)
- 67. [72](#)
- 68. [73](#)
- 69. [74](#)
- 70. [75](#)
- 71. [76](#)
- 72. [77](#)
- 73. [78](#)
- 74. [79](#)

75.	<u>80</u>
76.	<u>81</u>
77.	<u>82</u>
78.	<u>83</u>
79.	<u>84</u>
80.	<u>85</u>
81.	<u>86</u>
82.	<u>87</u>
83.	<u>88</u>
84.	<u>89</u>
85.	<u>90</u>
86.	<u>91</u>
87.	<u>92</u>
88.	<u>93</u>
89.	<u>94</u>
90.	<u>95</u>
91.	<u>96</u>
92.	<u>97</u>
93.	<u>98</u>
94.	<u>99</u>
95.	<u>100</u>
96.	<u>101</u>
97.	<u>102</u>
98.	<u>103</u>
99.	<u>104</u>
100.	<u>105</u>
101.	<u>106</u>
102.	<u>107</u>
103.	<u>108</u>
104.	<u>109</u>
105.	<u>110</u>
106.	<u>111</u>
107.	<u>112</u>
108.	<u>113</u>
109.	<u>114</u>
110.	<u>115</u>
111.	<u>116</u>

- 112. [117](#)
- 113. [118](#)
- 114. [119](#)
- 115. [120](#)
- 116. [121](#)
- 117. [122](#)
- 118. [123](#)
- 119. [124](#)
- 120. [125](#)
- 121. [126](#)
- 122. [127](#)
- 123. [128](#)
- 124. [129](#)
- 125. [130](#)
- 126. [131](#)
- 127. [132](#)
- 128. [133](#)
- 129. [134](#)
- 130. [135](#)
- 131. [136](#)
- 132. [137](#)
- 133. [138](#)
- 134. [139](#)
- 135. [140](#)
- 136. [141](#)
- 137. [142](#)
- 138. [143](#)
- 139. [144](#)
- 140. [145](#)
- 141. [146](#)
- 142. [147](#)
- 143. [148](#)
- 144. [149](#)
- 145. [150](#)
- 146. [151](#)
- 147. [152](#)
- 148. [153](#)

- 149. [154](#)
- 150. [155](#)
- 151. [156](#)
- 152. [157](#)
- 153. [158](#)
- 154. [159](#)
- 155. [160](#)
- 156. [161](#)
- 157. [162](#)
- 158. [163](#)
- 159. [164](#)
- 160. [165](#)
- 161. [166](#)
- 162. [167](#)
- 163. [168](#)
- 164. [169](#)
- 165. [170](#)
- 166. [171](#)
- 167. [172](#)
- 168. [173](#)
- 169. [174](#)
- 170. [175](#)
- 171. [176](#)
- 172. [177](#)
- 173. [178](#)
- 174. [179](#)
- 175. [180](#)
- 176. [181](#)
- 177. [182](#)
- 178. [183](#)
- 179. [184](#)
- 180. [185](#)
- 181. [186](#)
- 182. [187](#)
- 183. [188](#)
- 184. [189](#)
- 185. [190](#)

186. [191](#)
187. [192](#)
188. [193](#)
189. [194](#)
190. [195](#)
191. [196](#)
192. [197](#)
193. [198](#)
194. [199](#)
195. [200](#)
196. [201](#)
197. [202](#)
198. [203](#)
199. [204](#)
200. [205](#)
201. [206](#)
202. [207](#)
203. [208](#)
204. [209](#)
205. [210](#)
206. [211](#)
207. [212](#)
208. [213](#)
209. [214](#)
210. [215](#)
211. [216](#)
212. [217](#)
213. [218](#)
214. [219](#)
215. [220](#)
216. [221](#)
217. [222](#)
218. [223](#)
219. [224](#)
220. [225](#)
221. [226](#)
222. [227](#)

223. [228](#)
224. [229](#)
225. [230](#)
226. [231](#)
227. [232](#)
228. [233](#)
229. [234](#)
230. [235](#)
231. [236](#)
232. [237](#)
233. [238](#)
234. [239](#)
235. [240](#)
236. [241](#)
237. [242](#)
238. [243](#)
239. [244](#)
240. [245](#)
241. [246](#)
242. [247](#)
243. [248](#)
244. [249](#)
245. [250](#)
246. [251](#)
247. [252](#)
248. [253](#)
249. [254](#)
250. [255](#)
251. [256](#)
252. [257](#)
253. [258](#)
254. [259](#)
255. [260](#)
256. [261](#)
257. [262](#)
258. [263](#)
259. [264](#)

260. [265](#)
261. [266](#)
262. [267](#)
263. [268](#)
264. [269](#)
265. [270](#)
266. [271](#)
267. [272](#)
268. [273](#)
269. [275](#)
270. [276](#)
271. [277](#)
272. [278](#)
273. [279](#)
274. [280](#)
275. [281](#)
276. [282](#)
277. [283](#)
278. [284](#)
279. [285](#)
280. [286](#)
281. [287](#)
282. [288](#)
283. [289](#)
284. [290](#)
285. [291](#)
286. [292](#)
287. [293](#)
288. [294](#)
289. [295](#)
290. [296](#)
291. [297](#)
292. [298](#)
293. [299](#)
294. [300](#)
295. [301](#)
296. [302](#)

297. [303](#)
298. [304](#)
299. [305](#)
300. [306](#)
301. [307](#)
302. [308](#)
303. [309](#)
304. [310](#)
305. [311](#)
306. [312](#)
307. [313](#)
308. [314](#)
309. [315](#)
310. [316](#)
311. [317](#)
312. [318](#)
313. [319](#)
314. [320](#)
315. [321](#)
316. [322](#)
317. [323](#)
318. [324](#)
319. [325](#)
320. [326](#)
321. [327](#)
322. [328](#)
323. [329](#)
324. [330](#)
325. [331](#)
326. [332](#)
327. [333](#)
328. [334](#)
329. [335](#)

1. Os dois Winstons

EM 13 DE DEZEMBRO DE 1931, um político inglês de 57 anos, ainda membro do Parlamento porém bastante malquisto no governo de seu próprio partido, desceu de um táxi na Quinta Avenida, em Nova York.¹ Ele estava na cidade dando início a uma turnê de palestras, numa tentativa de recuperar parte da pequena fortuna que perdera na quebra da bolsa de valores dois anos antes. Sendo inglês, e talvez por estar absorto em seus problemas, ele olhou para o lado errado da avenida e não viu o automóvel que, a aproximadamente cinquenta quilômetros por hora, derrubou-o no asfalto e o arrastou por alguns segundos, quebrando-lhe algumas costelas e abrindo um talho em seu couro cabeludo. Tivesse morrido, ele hoje seria lembrado por poucos historiadores especializados na história da Grã-Bretanha do início do século XX. Mas ele sobreviveu. Seu nome era Winston Churchill.

Quase seis anos depois, em 20 de maio de 1937, outro inglês acordou antes de o sol nascer e deixou seus desconfortáveis alojamentos de trincheira nas linhas de frente da Guerra Civil Espanhola, no nordeste da Espanha, não muito longe dos Pirineus. Embora servisse como soldado, ele na verdade era escritor, um autor desimportante de romances medíocres que não vendiam bem. Considerava-se um homem de esquerda, embora em seu livro mais recente – feito no registro da sociologia jornalística e no qual estudava as classes baixas da Inglaterra – tivesse causado um pequeno rebuliço, e talvez por isso perdido alguns amigos, com suas críticas aos socialistas. Ainda assim, ele servia na Espanha junto às forças socialistas pró-governo da República Espanhola. Era um homem alto, e enquanto percorria as trincheiras que davam para o oeste, supervisionando os membros de seu esquadrão, a silhueta de sua cabeça era destacada pelo sol que nascia a leste, atrás dele. Mais ou menos a 150 metros de distância, um atirador de elite, partidário dos nacionalistas, localizou-o e disparou um projétil de 7 mm com cápsula de cobre.² Foi um tiro bem dado, que fez a bala atravessar a base do pescoço do soldado inglês, por pouco não atingindo a artéria carótida. Atordoadado, ele caiu no chão. Sabia que fora atingido, mas em seu estado de choque não sabia dizer onde. Informado de

que a bala atravessara seu pescoço, ele se preparou para morrer em questão de minutos, pois jamais ouvira falar de alguém que tivesse sobrevivido a semelhante ferimento. Tivesse ele morrido na ocasião, não seria lembrado hoje, exceto talvez por alguns literatos especializados em romancistas ingleses de pouca importância de meados do século XX. Mas ele não morreu. Seu nome era Eric Blair, mas seu pseudônimo era George Orwell.

Na superfície, os dois homens eram bastante diferentes. Churchill era mais sadio em todos os sentidos; nascido 28 anos antes de Orwell, morreu quinze anos depois. Em aspectos cruciais, porém, os dois eram espíritos afins. Em seus anos mais importantes, que coincidiram na metade do século, ambos se debateram com as mesmas grandes questões – Hitler e o fascismo, Stálin e o comunismo, os Estados Unidos e seu intuito de substituir a Grã-Bretanha como potência hegemônica. Eles as responderam com as mesmas qualidades e ferramentas – seus intelectos, a confiança em suas opiniões, mesmo quando refutadas pela maioria de seus contemporâneos, e sua extraordinária habilidade com as palavras. E ambos guiavam-se pelos princípios capitais da democracia liberal: liberdade de pensamento, de expressão e de associação.

Seus caminhos jamais se cruzaram, mas eles se admiravam mutuamente à distância, e, quando chegou o momento de escrever *1984*, George Orwell batizou seu protagonista de Winston.³ Segundo os registros, Churchill gostou tanto do livro que o leu duas vezes.⁴

Apesar de todas as diferenças entre os dois, sua prioridade maior, um compromisso com a liberdade humana, deu a ambos uma causa em comum. E eles eram de fato pessoas drasticamente diferentes, com trajetórias de vida muito diversas. A extroversão espalhafatosa de Churchill, sua habilidade oratória e a urgência de uma defesa desesperada em tempos de guerra levaram-no a um triunfo coletivo que ajudou a moldar o mundo que conhecemos hoje. A personalidade cada vez mais fleumática e introvertida de Orwell, seu idealismo tenaz e grande apreço pela precisão na observação e na escrita levaram-no, como autor, a lutar pelo espaço privado naquele mundo moderno.

O perigo de adotar uma dupla abordagem em relação a esses homens é que a presença de Churchill é por demais sonora e persistente. Observem qualquer evento crucial dos anos 1940 e Churchill estará lá, participando dele, discursando sobre ele, e então, alguns anos mais tarde, escrevendo sobre ele. Debater com Churchill era como “discutir com uma banda de metais”, resmungou certa vez um membro do governo britânico.⁵ O filósofo político Isaiah Berlin observou que Churchill entendia a vida como um desfile, no qual ele ia na frente.⁶ “Devo admitir que gosto de cores fortes”, Churchill escreveu certa vez.⁷ “Não posso fingir que sou indiferente às cores. Regozijo-me com as mais brilhantes, e sinto pena genuína dos pobres marrons.”

Juntos, em meados do século XX, esses dois homens indicaram o caminho, no âmbito político e intelectual, ao responderem às ameaças totalitárias gêmeas do fascismo e do comunismo. No dia em que a Grã-Bretanha entrou na Segunda Guerra Mundial, Churchill declarou: “É uma guerra, analisada em sua essência, para gravar, em rochas inabaláveis, os direitos do indivíduo, e é uma guerra para estabelecer e reavivar a estatura humana.”⁸ Dois anos depois, asperamente, em seu estilo mais direto, Orwell expressou o mesmo pensamento: “Vivemos numa época em que o indivíduo autônomo está deixando de existir.”⁹

Orwell e Churchill compreenderam que a principal encruzilhada do século XX não era quem controlava os meios de produção, como Marx imaginava, ou o funcionamento da psique humana, como Freud ensinava, mas sim como preservar a liberdade do indivíduo numa época em que o Estado se intrometia poderosamente na vida privada. O historiador Simon Schama descreveu-os como os arquitetos do seu tempo.¹⁰ Eles foram, segundo Schama, “os mais improváveis aliados”.¹¹ A causa que compartilhavam era evitar que a maré de homicídios pelo Estado, iniciada nos anos 1920 e 1930, até formar uma onda nos anos 1940, continuasse a subir.

EM MEADOS DA década de 1950, um dos netos de Churchill certo dia meteu a cabeça no escritório do avô. “É verdade”, perguntou o menino, “que você

é o maior homem do mundo?” Churchill, bem ao seu estilo, respondeu: “Sim, agora me deixe em paz.”¹²

A teoria histórica do “Grande Homem” é bastante menosprezada hoje em dia. Mas às vezes os indivíduos fazem muita diferença. Churchill e Orwell tiveram impactos duradouros na forma como vivemos e pensamos atualmente. Esses dois homens não fizeram o Ocidente próspero e liberal do pós-guerra – com seu prolongado boom econômico e sua constante expansão da igualdade de direitos a mulheres, negros, gays e minorias marginalizadas –, mas seus esforços ajudaram a estabelecer as condições políticas, físicas e intelectuais que tornaram tal mundo possível.

Por muito tempo eu os admirei separadamente, mas eles se tornaram um tema interligado para mim quando, ao tirar férias após cobrir a Guerra do Iraque, estudei a Guerra Civil Espanhola de 1936-39. Pesquisando sobre o papel de Orwell, dei-me conta de que tanto ele quanto Churchill haviam sido correspondentes de guerra, assim como eu era então. Orwell cobriu e participou da guerra espanhola, e Churchill desempenhara um papel duplo semelhante na Guerra dos Bôeres de 1899-1902.¹³

QUEM ERAM ESSES HOMENS, que argumentos usaram para preservar o espaço do indivíduo na vida moderna, e como chegaram a tal entendimento das coisas?

Este livro se concentra no período crucial de suas vidas, os anos 1930 e 1940. O cerne da história de ambos está nesse mesmo período decisivo, que vai da ascensão dos nazistas até o rescaldo da Segunda Guerra Mundial. Nesse intervalo, quando tantos de seus pares julgaram a democracia fracassada, nenhum dos dois jamais perdeu de vista o valor do indivíduo no mundo, e tudo o que isso significa: o direito de discordar da maioria, de estar até mesmo persistentemente errado, o direito de desconfiar do poder da maioria e a necessidade de afirmar que as autoridades podem estar erradas – sobretudo quando aqueles que estão no poder acreditam fortemente que não. Como Orwell escreveu certa vez: “Se a liberdade significa alguma coisa, é o direito de dizer às pessoas o que elas não querem ouvir.”¹⁴ E dando especial ênfase, diria o escritor, aos

fatos que elas não desejam admitir. Foi justo esse direito que ele perseguiu ao longo de toda a vida.

Churchill nos ajudou a ter a liberdade de que nos beneficiamos hoje. Os escritos de Orwell sobre a liberdade ainda influenciam a nossa forma de compreendê-la. Vale a pena entender melhor a vida e a obra desses dois homens nesse contexto. Assim, entenderemos melhor o mundo em que vivemos, e talvez estejamos mais bem preparados para lidar com ele, assim como Churchill e Orwell fizeram antes de nós.

Passemos agora a eles enquanto jovens, iniciando a caminhada de suas vidas.

2. Churchill, o aventureiro

EM DEZEMBRO DE 1884, num dia úmido típico do sul da Inglaterra, Winston Churchill, então um ruivinho de dez anos e recém-chegado à Miss Thomson's School, em Brighton, divertia-se torcendo a orelha de um coleguinha durante a aula de artes. A vítima, enfim, contra-atacou, espetando um canivete no peito daquele que o provocara.

Churchill não se fazia de rogado em admitir que era “um garoto problemático”.¹ Apesar disso, omitiu o incidente de seus escritos autobiográficos, talvez porque até sua própria mãe o responsabilizara pelo acontecido. “Não tenho dúvida de que Winston provocou o menino terrivelmente ... e que isso lhe sirva de lição”, Jennie Churchill escreveu ao pai de Winston, que estava na Índia.² Afinal, avaliou ela, a lâmina do canivete penetrara menos de um milímetro da carne do filho – fundo o bastante para marcar posição, mas raso demais para causar qualquer ferimento grave. Um mês depois, lorde Randolph Churchill, seu dissoluto pai, ao receber tais notícias na Índia, reagiu com fleuma: “Espero que não ocorram novos esfaqueamentos.”

Hoje, pais que tratassem um menino como os de Churchill tratavam o seu talvez acabassem acusados de abandono criminoso. Lorde Randolph, uma figura ascendente no Partido Conservador, parece mal ter falado com o filho. Escrevendo décadas depois, Winston lembrava-se de ter tido apenas “três ou quatro longas conversas íntimas com ele”.³ Enquanto estava na escola em Brighton, no litoral, a aproximadamente cem quilômetros de Londres, Churchill ficou mortificado ao saber que o pai viajara até lá para fazer um discurso, mas não fora visitá-lo. “Você não veio me ver no domingo, ao passar por Brighton”, ele o censurou numa carta.⁴ Mais tarde, quando frequentava a Harrow School, Churchill fez campanha para que o pai o visitasse na escola, num dia especial de premiações. “Você nunca veio me ver”, reclamou.⁵ E acrescentou, chorosamente, que a viagem de Londres até sua escola levava apenas trinta minutos de trem. “Se o senhor pegar o de 11h07, saindo de Baker Street, chegará a Harrow às 11h37.” Ele ainda escreveu à mãe: “Tente fazer o papai vir. Ele nunca veio.” Lorde Randolph não foi.

A mãe de Churchill tinha suas próprias ocupações. Jennie Jerome Churchill, “bela e superficial, mulher-pantera coberta de diamantes”, conforme um biógrafo de Churchill, não fazia por menos naquela tardia sociedade vitoriana, somando talvez dezenove amantes, numa estimativa conservadora.⁶ Houve quem afirmasse que ela teria dormido com duzentos homens ao longo da vida, porém biógrafos mais cautelosos põem em dúvida essa contagem, supondo-a exagerada. “O número, assim tão redondo, é suspeito”, argumentou um dos melhores dentre eles, o político britânico Roy Jenkins.⁷

De qualquer modo, conclui Con Coughlin, um especialista na primeira parte da vida de Churchill, lady Randolph Churchill usufruía, “no mínimo, de uma intensa vida social”.⁸ Numa época em que tatuagens só eram vistas nas pessoas da margem mais nebulosa do rio, a tinta formava uma serpente em seu pulso esquerdo.⁹ Após a morte precoce de seu primeiro marido

– o pai de Winston –, ela chocou a sociedade londrina ao se casar com um jovem bonitão da idade do filho. Para não ficar por menos, após divorciar-se desse homem, encontrou um terceiro marido, também da idade de Winston. No final da vida, ficou registrado seu lamento: “Nunca me acostumarei a *não* ser a mulher mais bonita da festa.”¹⁰

Em umas férias de Natal, os atarefados pais de Churchill despacharam-no para a casa da avó, a duquesa de Marlborough. Muitas semanas depois, ela escreveu-lhes com alívio: “Winston volta às aulas hoje. *Entre nous*, não lamento, pois ele é mesmo difícil de controlar.”¹¹

Na primeira escola que Churchill frequentou, o chicote era um castigo aplicado com frequência, chegando a provocar gritos e sangramentos. “Como eu odiava esse colégio”, escreveu Churchill.¹² Por fim, seus pais o transferiram para a seleta e esclarecida academia em Brighton, onde ele, que possivelmente sofria uma espécie de transtorno de déficit de atenção, foi sabiamente autorizado a se dedicar apenas às matérias que lhe interessavam, que ele lembrava serem “francês, história, muita poesia decorada e, acima de tudo, hipismo e natação”.¹³ Mesmo lá, porém, embora mais feliz, Churchill conseguia ficar em último lugar na avaliação de comportamento.¹⁴

Tempos depois, ainda na escola, o supervisor do dormitório considerou Churchill notável por sua “falta de memória, descuido, atrasos e a mais completa irregularidade”.¹⁵ Apesar desses defeitos, quando adolescente, ele de algum jeito aprendeu a escrever. “Senti nos ossos a estrutura essencial da frase comum inglesa ... que é uma coisa nobre.”¹⁶ Sua facilidade com língua inglesa viria a se tornar seu maior trunfo nas duas carreiras, a política e a literária. Ele publicaria cerca de 15 milhões de palavras durante a vida.¹⁷ Mas sua educação formal parou aí, e até morrer ele teria lacunas imensas em sua formação.

Churchill lembrava-se de ter concluído a escola sentindo-se “consideravelmente desencorajado”.¹⁸ Seus pais não o achavam inteligente o bastante para a advocacia, e ele terminou indo parar no exército, destino comum dos herdeiros pouco dotados da aristocracia britânica. A infantaria era mais fácil para os lentos de raciocínio do que a marinha, considerada a força mais importante na defesa da nação-ilha e, portanto, mais inclinada a processos seletivos meritocráticos.

Mesmo com o sarrafo baixo, Churchill precisou de três tentativas até ser admitido em Sandhurst, a academia militar britânica responsável pelas divisões de infantaria e cavalaria.¹⁹ Ele entrou na cavalaria, onde a competição era mais fácil, uma vez que muitos jovens não tinham condições de sustentar um lote de cavalos e tratadores. Como dizia Churchill, “àqueles no final da lista, naturalmente, era oferecida a entrada fácil pela cavalaria”.²⁰ A opção também o agradou por ser ele um apreciador do conforto e da pompa. Não apenas poderia cavalgar em vez de andar, ele anotou, como “os uniformes da cavalaria são muito mais exuberantes que os da infantaria”.²¹

A carta que seu pai lhe enviou quando ele finalmente foi aceito em Sandhurst, escrita em agosto de 1893, merece uma longa citação, para que se entenda o fardo absurdo que o progenitor desapontado carregaria pelo resto da vida. Ela é brutal. Lorde Randolph escreveu para o filho:

Com todas as vantagens que teve, com todas as habilidades que você, tolamente, julga possuir, com todos os esforços feitos para tornar sua vida fácil e agradável, e seu trabalho nem opressivo nem aborrecido, este é o grande resultado? Você me aparece misturado à gente de uma ou duas classes abaixo de nós, inúteis para qualquer outra coisa além de um regimento de cavalaria. ...

Não escreverei mais sobre este assunto, e não se dê o trabalho de produzir qualquer resposta para essa parte de minha carta, pois não sinto mais nenhum respeito por nada que você possa dizer sobre seus interesses e progressos. ...

Você irá se tornar um mero vagabundo social, um entre centenas de fracassados das escolas públicas, degenerando-se numa existência insossa, infeliz e fútil. Nesse caso, a culpa por tais infortúnios será toda sua.²²

Lorde Randolph estava morrendo quando escreveu isso, provavelmente de sífilis, o que pode explicar o tom enlouquecido. “Ele caíra vítima da paralisia mental progressiva que iria matá-lo”, justificou o neto Randolph, filho de Winston.²³ Ainda assim, mesmo enquanto morria, ele teve forças para continuar depreciando o filho, cuja reação foi escrever para a mãe, lamentando que, no entender do pai, “eu nunca faço nada certo”.²⁴ Lorde Randolph morreria em janeiro de 1895, quando Winston tinha vinte anos.

Com a morte do patriarca, um fusível parece ter se acendido em Winston. Um filho capaz de sobreviver a tal educação ficaria ou totalmente traumatizado ou, com alguma sorte, autoconfiante ao extremo. Churchill teve muita sorte. A morte do pai parece tê-lo libertado. Nos vários anos seguintes, ele dispararia da Inglaterra para a Índia e até a fronteira afegã, de volta à Inglaterra, depois para o Sudão, de volta à Índia e à Inglaterra, e então para a África do Sul, construindo no processo um brilhante início de carreira.

MAIS TARDE NA VIDA, Churchill diria que “foi ótimo para mim não ter sobrecarregado meu cérebro na juventude”.²⁵ Como era de seu feitio, ele tentava tirar o positivo do negativo, argumentando que “é um erro ler tantos livros bons quando se é muito jovem ... Os jovens devem ser cuidadosos em suas leituras, tanto quanto os velhos com o que comem. Não devem comer muito. E precisam mastigar bastante”.²⁶

Ele não frequentou a universidade. Sua verdadeira educação parece ter começado pouco antes de ele virar um homem-feito, servindo como jovem oficial de cavalaria em Bangalore, na Índia. Lá, longe de casa, no inverno de 1896, “a ânsia de saber me invadiu”.²⁷ Incansavelmente, ele mastigou Aristóteles, Platão, Macaulay, Schopenhauer, Malthus e Darwin.²⁸

Mais importante, ele consumiu *Declínio e queda do Império Romano*, de Gibbon. “Fui imediatamente dominado pela história e pelo estilo. Durante longas horas radiantes, nas manhãs e tardes da Índia, do momento em que deixávamos as cocheiras até as sombras vespertinas anunciarem o jogo de polo, eu devorei Gibbon.”²⁹ A influência do historiador no estilo da prosa de Churchill salta aos olhos. A frase que se segue, pinçada quase aleatoriamente nas profundezas do terceiro volume da obra de Gibbon, poderia muito bem ter sido escrita por Churchill: “Quando suas longas lanças se firmaram no apoio da sela, os guerreiros esporearam furiosamente seus cavalos contra o inimigo; e a cavalaria ligeira dos turcos e dos árabes quase nunca resistia à força direta e impetuosa de sua carga.”³⁰ Compare-a com esta passagem do relato que Churchill fez da Batalha de Omdurman, na região de

Cartum, em 1898: “Enquanto desciam as longas encostas que os levavam até o rio e os inimigos, os sucessores dos sarracenos encontraram o fogo dos rifles de duas divisões e meia da infantaria treinada, em formação dupla e cerrada, com o apoio de pelo menos setenta canhões na margem oposta e nos barcos de combate, todos atirando com imperturbável eficiência.”³¹ Ele se impôs a leitura de 25 páginas de Gibbon por dia, e o dobro da *História da Inglaterra*, de Macaulay, em cinco volumes.³²

George Orwell afirmou certa vez: “A boa prosa é como uma vidraça.”³³ Mas se a prosa de Churchill fosse uma janela, seria o vitral luminoso resplandecendo ao fim do transepto de uma catedral. Seu estilo pode ser ornamentado em alguns momentos, até mesmo excessivo, mas ele sabia o que estava fazendo. Intoxicava-se com a linguagem, deleitando-se com as nuances e o som das palavras. “Ele gosta de usar quatro ou cinco palavras com o mesmo significado, como um velho que mostra suas orquídeas: não para exibí-las, apenas porque é apaixonado por elas”, observou seu médico nos tempos da guerra, Charles Wilson.³⁴

Isaiah Berlin comentou que “a linguagem de Churchill é um meio que ele inventou porque precisava. Ela tem um ritmo audacioso, solene, bastante uniforme e facilmente reconhecível, que se presta à paródia (feita inclusive por ele próprio), como todo estilo muito autoral”.³⁵ Nem todos gostavam. O romancista Evelyn Waugh – talvez a única pessoa que gostava mais do filho maligno e alcoólatra de Churchill, Randolph, do que do próprio Churchill – ridicularizava este chamando-o de “um mestre da falsa prosa augustina”.³⁶

Como tantos autodidatas, Churchill atravessaria a vida muito confiante daquilo que sabia e satisfeito por ignorar tudo mais. Ele sabia bem o que sabia, mas havia uma enorme quantidade de livros que nunca tinha lido, ou cuja existência parecia desconhecer. Ele conheceu Henry James num almoço em 1903, mas interessou-se menos pelos comentários do mestre do que por outra figura americana presente, a linda e jovem atriz Ethel Barrymore.³⁷ Doze anos mais tarde, compartilhou uma segunda refeição com James e novamente o ignorou, dando a outro comensal a impressão de que “nunca ouvira falar de Henry James e não conseguia entender por que todos nós ouvíamos com tamanha reverência e atenção, e inapropriada paciência, aquele velho um tanto cansativo. Churchill o menosprezou, contradisse, interrompeu e demonstrou não ter por ele nem uma gota de consideração”.³⁸

Sua amiga Violet Asquith, depois conhecida como Violet Bonham Carter, então com dezenove anos, certa vez referiu-se num jantar à “Ode ao rouxinol”, de Keats, poema do qual ele nunca tinha ouvido falar, embora fosse um dos cem mais famosos da língua inglesa.³⁹ Churchill deve ter se apercebido da surpresa da jovem, pois na próxima vez que se encontraram havia decorado o poema – e, mais ainda, todas as seis odes de Keats, que então recitou para ela, uma por uma. Segundo escreveu seu médico certa vez, ele aparentemente só leu *Hamlet* aos oitenta anos de idade, mas isso é duvidoso, pois, para outras pessoas, havia citado partes da peça em fases anteriores da vida.⁴⁰ Seja como for, concluiu seu conselheiro dos tempos de guerra, sir Desmond Morton, o conhecimento factual de Churchill, como um todo, “era espantosamente superficial”.⁴¹

Quando se via diante do público, Churchill raramente ficava quieto, e para ele quase tudo era público. A única atividade que Violet Asquith se lembrou de tê-lo visto praticar em silêncio

em toda a vida foi a pintura, um hobby que ele adquiriu já na meia-idade e quando não ocupava nenhum cargo, numa espécie de exílio político.⁴² Durante as conversas, quando exauria os próprios pensamentos, ele se mantinha falando ao recitar nacos de poesia, em geral de Byron e Pope.⁴³

Como muitos escritores, especialmente aqueles que vivem do que fazem, Churchill desenvolveu uma atitude prática em relação ao trabalho. “Escrever um livro não é diferente de construir uma casa”, ele comentou, com materiais a serem reunidos e colocados sobre uma fundação sólida.⁴⁴ Ele meditava sobre a importância da consistência na frase, e sobre a arrumação dos parágrafos, os quais “deveriam encaixar uns nos outros como os trilhos automáticos dos vagões ferroviários”.⁴⁵

TENDO APRENDIDO A ESCREVER, e encerrado o ciclo de sua autoeducação, Churchill julgou-se pronto para enfrentar o mundo. Saiu à procura de guerras sobre as quais escrever, com a intenção de reservar alguma glória para si mesmo e usá-la como plataforma para se lançar na carreira política. Por vários anos, perseguiu os combates freneticamente. Em 1897, quando irromperam escaramuças na fronteira indo-afegã entre os britânicos e as tribos pachtos da região, ele abriu caminho de seu posto em Bangalore até o local de ação na margem noroeste do subcontinente, uma viagem de pelo menos 2.400 quilômetros. Sem conseguir ingressar oficialmente nas movimentações militares, sua mãe lhe arranhou um trabalho de cobertura do conflito para o *Daily Telegraph* de Londres, dando início ao seu longo vínculo com o jornal. Então, quando as baixas inevitáveis abriram espaço para novas convocações, ele passou ao serviço ativo. Menos de um mês depois, Churchill foi integrado ao 31º Batalhão de Infantaria do Punjab.

Na verdade, o que ele testemunhou não foi uma guerra, mas apenas algumas semanas de hostilidades. A operação em setembro de 1897 é hoje lembrada apenas pelo fato de Churchill ter estado lá e passado por situações de combate. “Nada na vida é tão estimulante quanto escapar ileso dos tiros”, ele disse, num comentário peculiar.⁴⁶

Seus companheiros talvez o tenham sentido um tanto superexcitado com a experiência. O tenente Donald McVean, que por curto período de tempo dividiu a barraca com ele durante a mobilização na fronteira afegã, registrou em seu diário que o único temor de Churchill em combate era ser ferido na boca.⁴⁷

A luta com as tribos afegãs era a única guerra disponível, então Churchill tirou máximo proveito. Em dois meses de escrita, ele conseguiu inflar as poucas semanas de atritos desimportantes que testemunhara em um livro: *A história da força campal de Malakand*. Tivesse o livro sido escrito por qualquer outra pessoa, provavelmente nunca teria chegado a ser impresso. Mas o jovem soldado tinha na retaguarda em Londres um formidável apoio. Sua mãe abordou um agente literário e um editor sobre a possibilidade de transformar as reportagens de Churchill em livro.⁴⁸ Quando este foi publicado, alguns meses depois, ela prometeu ao filho que “o promoverei com sensato estardalhaço”, e realmente o fez, divulgando-o junto aos resenhistas e aos editores de jornal.⁴⁹

A história da força campal de Malakand é um volume pueril, demasiadamente orgulhoso da verve com que relata os eventos da curta ofensiva britânica. Quando cristãos enfrentam muçulmanos, Churchill observa, pesando a mão na ironia: “Felizmente a religião da paz tem os melhores armamentos.”⁵⁰ Há um pouco de afetação viril na prosa de Churchill: “Por volta de seis tiros foram disparados contra o acampamento, sem qualquer resultado além de perturbar os que têm sono leve.”⁵¹ Qualquer pessoa despertada do sono por tiros disparados contra si dificilmente acreditaria em tal afirmação, em parte porque não teria como saber por quanto tempo o tiroteio se estenderia e se sua intensidade não iria aumentar.

Uma avaliação generosa do próprio livro convenceu-o de que “meu estilo é bom; em alguns momentos, clássico”.⁵² Não era para tanto, mas os lampejos do futuro Churchill são visíveis nesse esforço inaugural.

Talvez mais importante, o livro recebeu alguns elogios públicos. Para o jovem soldado, após duas décadas sentindo-se ignorado, negligenciado e maltratado, receber algum aplauso foi um prazer bem-vindo e inusual. “Ler as críticas positivas foi um grande tônico”, afirma Simon Read em seu estudo sobre essa fase da vida de Churchill. “Nunca antes Churchill fora enaltecido dessa forma. Nos tempos de estudante, ele se acostumara a ouvir o pai e os professores externando apenas decepção.”⁵³

Churchill na África

E assim o jovem Winston decolou. Tirou licença do serviço militar, embarcou de volta para a Inglaterra e circulou por Londres como autor recém-publicado. Usando o livro para fazer novos contatos com homens importantes, em seguida utilizou tais contatos para arrumar uma vaga na expedição britânica que estava sendo formada para combater os islamitas no Sudão. Lá, apenas um ano após sua primeira experiência de combate, participou em uma nova rodada de lutas, integrando uma carga de cavalaria nas redondezas de Cartum, na batalha em que os britânicos massacraram os guerreiros das tribos sudanesas. Ele transformou o episódio em outro livro, *A guerra do rio*. Então rumou novamente para a Índia, disputou um torneio de polo e tratou de seus assuntos no exército.

Seus olhos agora miravam o prêmio de uma carreira na política. Com textos jornalísticos e dois livros, amealhara fama suficiente para ser sondado a concorrer ao Parlamento. Em julho de 1889, com apenas 22 anos, disputou uma eleição, perdendo por pouco. Foi um resultado bastante honroso, que deixou patente seu bom potencial.

Sua sorte na guerra continuou. Outro conflito fermentava na periferia do império. Menos de quatro meses após a eleição, ele partiu para a África do Sul a fim de cobrir o que logo se tornaria a Guerra dos Bôeres.⁵⁴ Ele não estava inclinado a grandes privações. Levou consigo duas caixas de vinho, dezoito garrafas de uísque, seis de vinho do Porto, seis de conhaque e seis de vermute. Chegou à África do Sul no fim de outubro de 1889. Quando voltou à Inglaterra, menos de um ano depois, era uma celebridade.

Sua aventura começou em 15 de novembro de 1899. Mal completara quinze dias na África do Sul quando embarcou num trem militar armado, enviado ao front como parte de uma operação de reconhecimento. “À procura de encrenca”, lembraria ele, encontrou um lugar a bordo.⁵⁵ Quando o trem começou a resfolegar em território bôer, caiu sob o fogo das armas ligeiras inimigas. O maquinista acelerou e parte do trem

descarrilhou, provavelmente com o empurrãozinho extra de minas postas sob os trilhos pelos bôeres.

Churchill entrou em ação. Por mais de uma hora, debaixo do tiroteio inimigo, ajudou o comandante britânico a organizar os homens, liberar a linha férrea dos vagões capotados e reengatar a locomotiva. Por fim, esta começou a dar ré lentamente. Estava carregada de feridos, com soldados a pé abrigados do outro lado de seu corpo metálico. De repente, contrariando o plano improvisado, a locomotiva começou a ganhar velocidade, deixando a infantaria para trás. Churchill pediu ao maquinista que parasse na saída de uma ponte sobre o rio Bloukrans, de modo que pudesse voltar andando e reagrupar a infantaria. Ao fazê-lo, viu um grupo de homens, mas não eram britânicos. Um homem a cavalo e armado com um rifle se aproximou. Churchill fez menção de sacar a arma, porém encontrou a cartucheira vazia – ele a esvaziara para facilitar o trabalho de religar a locomotiva. Assim, ele se rendeu e tornou-se prisioneiro dos bôeres.

Para um jovem como ele, apaixonado pela ação, tornar-se um prisioneiro de guerra era algo próximo da tortura. Ele ficou detido, junto com outros oficiais britânicos, no prédio de uma escola em Pretória, a capital bôer. “As horas se arrastam como centopeias paralíticas. Nada distrai. Ler é difícil, escrever, impossível ... Não há dúvida de que odiei cada minuto do cativeiro mais do que odiei qualquer outro momento de minha vida”, lembrou ele.⁵⁶ Churchill protestou, alegando ser um correspondente de guerra; os bôeres responderam que ele estivera armado e fora visto ajudando os militares britânicos no combate.

Certa noite, em meados de dezembro de 1899, passado menos de um mês de prisão, ele escalou um muro, driblou um sentinela – talvez mediante suborno – e seguiu as estrelas até uma linha férrea que sabia estar a menos de um quilômetro de distância. Agachou-se junto a um trem enquanto ele começava a deixar a estação. “Tentei pular em um dos vagões e me agarrar a qualquer coisa, mas falhei, tentei de novo, falhei de novo, então encontrei algum tipo de apoio manual e fui tirado do chão – com a ponta dos pés raspando nos trilhos.”⁵⁷ Ele conseguiu subir, em meio a sacos de carvão vazios, e caiu no sono. Não havia cantiga de ninar mais aprazível,

ele pensou, “que o barulho do trem carregando um prisioneiro fugitivo, a trinta quilômetros por hora, para longe da capital inimiga”.

Era a aventura perfeita para um jovem e promissor imperialista. Seguindo em direção à fronteira com a África Oriental Portuguesa, a cerca de 450 quilômetros de distância, ele dormiu nos campos durante o dia e viajou clandestinamente em trens noturnos. Quando lhe faltaram comida e energia, encontrou a casa de um gerente de minas escocês, simpático à causa britânica. Churchill narra o episódio como um golpe de sorte, mas pode muito bem ter sido aconselhado a procurar aquele homem, que o escondeu sessenta metros debaixo da terra, no fundo de uma mina abandonada. Lá, Churchill recebeu velas, uísque, charutos e carne de frango, bem como um exemplar de *Raptado*, o thriller de Robert Louis Stevenson. Enquanto isso, arranjos eram feitos para esconder o jovem fugitivo num lote de fardos de algodão, em outro trem de carga que rumava para a colônia portuguesa. Chegando a Lourenço Marques, a capital da África Oriental Portuguesa, ele se apresentou ao cônsul britânico. Temendo que Churchill fosse recapturado pelos bôeres na cidade, o diplomata colocou-o naquela mesma noite a bordo de um vapor com destino à África do Sul. Lá, Churchill fez um discurso e reintegrou-se às forças britânicas em seu duplo papel de oficial e correspondente, que era então visto como perfeitamente aceitável.

No meses seguintes, ele se deliciou lendo os artigos que os jornais britânicos traziam sobre suas aventuras. “Os jornais estavam ... repletos de elogios rasgados ao meu comportamento”, ele registrou, no que tangia ao incidente com o trem e depois à sua fuga. “Eu me tornei bastante famoso.”⁵⁸ Sua atenção já não estava mais na guerra, que se diluía em pequenos episódios de guerrilha.

Após novos boletins variados, ele partiu de volta para casa disposto a usar sua fama crescente para relançar-se na política. Lá chegando, no verão de 1900, sua mãe não o estava esperando – encontrava-se muito ocupada casando com o segundo marido, o capitão George Cornwallis-West, um belo homem vinte anos mais jovem que ela e apenas dezesseis dias mais velho que Winston. Anos depois, Churchill devotaria um capítulo inteiro de suas memórias ao incidente do “trem militar armado”.⁵⁹ Isso se

justifica, pois tal incidente foi o trampolim para o salto que deu de celebridade menor para figura de destaque na vida pública britânica.

Desde o início, Churchill foi visto por seus pares como alguém pouco ajustado em sua formação, caráter e temperamento. “Nos círculos Tory e da sociedade, ele ... era um outsider, um entrão, um confiado que promovia a si mesmo”, observou Violet Asquith.⁶⁰ De fato, em outubro, apenas doze meses após ter sido um prisioneiro e um fugitivo, ele se elegeu membro do Parlamento.

O aventureiro se transforma em político e marido

A viagem de foguete apenas começava. Quatro anos depois de ingressar na Câmara dos Comuns, Churchill abandonou o Partido Conservador e aderiu aos liberais, razão pela qual os conservadores por muito tempo desconfiariam dele. Em abril de 1908, com apenas 33 anos, foi convidado por H.H. Asquith, o primeiro-ministro recém-eleito (e pai de Violet), a tomar parte no governo. Sem se deixar impressionar, o rei Eduardo VII disse ao filho que Churchill “é quase mais desprezível no governo do que já o era na oposição”.⁶¹

Naquele mesmo ano, Churchill cortejou e casou-se com a mulher que seria sua íntima confidente por mais de meio século. Por anos a fio ele correria atrás de uma mulher, depois de outra, com resultados inexpressivos. Tornou-se muito próximo de Violet Asquith. Parecia, no entanto, achar qualquer romance um pouco estranho. Violet, ao que tudo indica, esperava que Churchill a pedisse em casamento. Ele não o fez. Em vez disso, na primavera de 1908, interessou-se por outra mulher, muito menos proeminente, Clementine Hozier, filha de um ramo menor e empobrecido da aristocracia escocesa, que a certa altura havia chegado a dar aulas de francês para complementar seus rendimentos.

Em agosto de 1908, Violet descobriu que Churchill havia pedido a mão de Clementine. “Se ele, no fim, irá julgá-la estúpida como uma coruja, eu não sei”, Violet escreveu para sua melhor amiga, Venetia Stanley.⁶² “Ele não queria – embora precise muito – uma esposa crítica e reformadora, que preenchesse as lacunas em seus gostos etc., e ainda o impedisse de fazer bobagem.” Numa daquelas bizarras complicações da vida aristocrática britânica, o pai de Violet, alguns anos depois, cairia de amores pela amiga da filha, Venetia. Nas reuniões de governo, durante a Primeira Guerra Mundial, ele se distraía escrevendo-lhe cartas de amor.

É improvável que Violet tivesse tolerado a completa falta de imaginário romântico em Churchill. Anos mais tarde, ele estava a seu lado – ela permaneceu uma amiga próxima – na amurada de um iate que cruzava o mar Adriático. “Que perfeição!”, ela suspirou.

“Sim”, respondeu Churchill. “Distância perfeita, perfeita visibilidade.”⁶³ E então falou a ela sobre como as cidades costeiras poderiam ser bombardeadas.

Clementine Hozier tinha um background complicado. Alguns biógrafos acreditam que seu pai biológico era Bertram Mitford, o avô das seis irmãs Mitford, que deixariam um nítido rastro na sociedade britânica dos anos 1930 e 1940.⁶⁴ “Clementine não tinha absoluta certeza quanto à identidade do pai”, registra o escritor e político Boris Johnson.⁶⁵

Para Churchill, a personalidade de Clementine se provaria muito mais importante que sua ascendência. Casar-se com Clementine foi talvez a escolha mais acertada que Churchill fez em toda a vida. Reservada, muito observadora sobre as coisas do mundo, ela não era como ele, e certamente não era como a sogra: conhecera o medo de ficar sem dinheiro, bem como a vida na condição de cidadã anônima. Tampouco era uma política em potencial, como Violet. Em vez de ofuscá-lo ou rivalizar com ele, Clementine iria contê-lo em seus momentos de euforia maníaca e o impediria de afundar quando ficava miseravelmente deprimido. Como ela própria lhe diria anos depois, “só porque eu sou plebeia e amo você, eu sei o que é certo para você e bom para você no fim das contas”.⁶⁶ Winston e Clementine casaram-se em setembro de 1908, poucas semanas após o noivado se tornar público. Significativamente, talvez, “Bertie” Mitford sentou-se ao lado da mãe da noiva durante a cerimônia.⁶⁷

EM 1911, CHURCHILL ALCANÇOU o alto posto de primeiro lorde do almirantado, supervisionando a Marinha Real. Ocupou o cargo durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1915, foi tido como um dos principais arquitetos dos desembarques britânicos em Galípoli, na Turquia. A operação foi um desastre. Após nove meses de combate, os aliados se

retiraram da península, tendo sofrido mais de 50 mil baixas, e com poucos resultados positivos em contrapartida.

Churchill, em grande parte responsabilizado pela fracassada campanha turca, de repente viu-se desempregado. Ficou perplexo. “Como uma fera marinha pescada das profundezas, ou um mergulhador trazido muito abruptamente para a superfície, minhas veias ameaçaram explodir devido à pressão”, lembrou ele. “Fiquei muito ansioso e sem ter como aliviá-la.”⁶⁸ Procurando alguma ocupação que o acalmasse, começou a pintar. Seria uma distração muito bem-vinda pelas décadas seguintes.

Mas a aposentadoria da vida pública e a contemplação das paisagens naturais inglesas provaram-se insuficientes para mitigar sua depressão – ou para lhe oferecer um caminho de volta à proeminência. Ele não se considerava culpado por Galípoli, mas ainda julgava necessário se penitenciar, e assim apresentou-se como voluntário para servir na França. Chegou ao front em novembro de 1915 e acabou comandando um batalhão avançado por vários meses. “É uma cena de selvageria”, escreveu a Clementine. “Sujeira e destroços sem fim, covas abertas junto às trincheiras e dejetos espalhados por todos os lados; e em meio a esta cena, sob a luz da lua, tropas de ratos enormes rastejam e deslizam, incessantemente acompanhadas pelos rifles e as metralhadoras e os deletérios gemidos e assobios dos projéteis que passam sobre nossas cabeças.”⁶⁹ Apesar de tudo, ele ficou surpreso ao sentir-se muito melhor na França do que na Inglaterra. “Encontrei a felicidade e o contentamento que não sentia há muitos meses.”

Após uma vida de champanhe e pratos finos, viver ombro a ombro com outros na lama foi o mais perto que ele chegou de experimentar a vida de um homem comum.⁷⁰ Ainda assim, tomou providências para amenizar a situação. Pediu à esposa que lhe enviasse de navio “gordas peças de carne em conserva, queijo Stilton, creme de leite, presuntos, sardinhas e frutas secas; você também poderia tentar um empadão de carne: mas nada de faisão enlatado ou de coisas chiques enlatadas. Quanto mais simples, melhor, e substancial também, pois nossa ração de carne é dura e sem gosto”.⁷¹

Clementine, sensível às suas alternâncias de humor, também procurava equilibrá-lo quando seu ânimo desabava no front. “Querido”, ela escreveu em fevereiro de 1916, “uma das cartas que recebi ontem apresentava uma tristonha disposição. Não permita, eu lhe peço, que tal disposição se aprofunde e obscureça permanentemente sua mente e seu coração.”⁷²

Quando ele esteve em casa, de licença, ela achou que prestava muita atenção à política e pouca às suas necessidades. Com delicadeza, o repreendeu: “Meu querido, essas graves ansiedades públicas são muito desgastantes. Da próxima vez que o vir, espero que tenhamos mais tempo para estar a sós.” Ela não afirmou com todas as letras que precisava de mais intimidade sexual, mas chegou perto: “Ainda somos jovens, mas o tempo voa, levando o amor consigo e deixando apenas a amizade, que é fonte de paz, mas não de estímulo e calor.” Pamela Digby, que se casaria com Randolph Churchill durante a Segunda Guerra Mundial, e que tinha íntimas conversas com Clementine sobre seus problemas com o marido, lembrou décadas mais tarde que tivera a impressão de que os homens da família Churchill possuíam pouco apetite carnal. Sua vida sexual com Randolph deixava muito a desejar, contou Pamela a seu biógrafo. “Em relação ao sexo, Randolph, como outros homens da família Churchill, parecia completamente desinteressado. Não ajudava em nada que ele bebesse demais para funcionar bem ou com maior frequência.”⁷³ Contra essa hipótese resta o fato de que Winston e Clementine tiveram filhos nascidos em 1909, 1911, 1914, 1918 e 1922.

A parte do front onde Churchill estava era relativamente calma, pois a essa altura da guerra a ação se concentrava ao redor de Verdun, mais ao sul. Ainda assim, seu batalhão sofreu baixas. Em maio de 1917, encontrava-se tão depauperado que acabou batendo em retirada, a fim de ser fundido a outras unidades. Churchill encarou a situação como uma oportunidade para voltar à Inglaterra e à vida política. Em julho daquele ano, estava de volta ao governo como ministro do Abastecimento Militar.

Ele perdeu a reeleição em 1922, e outra rodada de votos em 1923. Em abril de 1924, escreveu à esposa, em férias na França, que ele e as crianças estavam se divertindo no campo. “Eu bebo champanhe em todas as refeições, e baldes de clarete e soda nos intervalos, e a comida, embora

simples, é excelente. À noite ouvimos o gramofone e ... [jogamos] *mahjong*.”⁷⁴ Naquele mesmo ano, ele estava de volta ao Parlamento, justo quando um governo trabalhista tomou o poder pela primeira vez. Mas com o Partido Liberal em ebulição, ele deixou os liberais e reingressou no Partido Conservador. Após esse gesto, teria dito: “Qualquer um pode virar a casaca, mas é preciso algum talento para revirá-la.”⁷⁵ Não foi inteiramente bem recebido por seus antigos camaradas conservadores. Entre os Tories, escreveu o amigo e aliado político lorde Beaverbrook, “ele era odiado, posto sob suspeita e temido”.⁷⁶

Mesmo assim, quando, ao final de 1924, o jovem governo trabalhista caiu e os conservadores retomaram o poder, Churchill foi recompensado com o importante cargo de ministro das Finanças. Isso foi psicologicamente significativo para ele, pois a nomeação para esse posto fora o ápice da carreira meteórica de seu pai. Lorde Randolph ocupara-o por apenas cinco meses em 1886.

Ao se aproximar o fim da década de 1920, ele já seguia o pai em outro sentido também, batendo boca com os líderes de seu partido e querendo ser obedecido. Em vez disso, em 1929, quando os conservadores foram substituídos por um segundo governo trabalhista, Churchill viu-se alijado do poder. Suas finanças pessoais estavam devastadas, por causa de suas especulações no mercado financeiro. Enquanto procurava se recuperar, ele se ocupava escrevendo e palestrando – e assim acabou indo parar na Quinta Avenida, em dezembro de 1931, distraidamente olhando para o lado errado e sendo atropelado por um automóvel americano.

3. Orwell, o policial

SE CHURCHILL PASSOU seus anos de juventude perseguindo o poder e a celebridade, Orwell passou-os na perseguição a um eixo temático. No fim, o encontrou: o abuso do poder. É o fio que percorre toda a sua obra, dos primeiros livros até os últimos.

O ESCRITOR QUE HOJE conhecemos como George Orwell nasceu com o nome de Eric Blair em junho de 1903, em Bengala, na Índia, onde seu pai, filho de um oficial do exército anglo-indiano, era um burocrata de baixa hierarquia no funcionalismo público colonial, responsável por supervisionar a cultura e o processamento de ópio. A maior parte da droga cultivada e processada era exportada para a China, ajudando a contrabalançar as importações britânicas em larga escala de chá, seda e porcelana daquele país. De fato, na metade do século XIX, o comércio de ópio respondia por 15% das receitas da Índia.¹ Sua mãe vinha de uma família francesa, os Limouzin, que plantavam chá na Birmânia.

Ele, contudo, não ficaria por muito tempo em terras birmanesas. Com menos de um ano de idade, sua mãe fez as malas e levou-os, ele e a irmã, para a Inglaterra, estabelecendo-se em Henley-on-Thames, a oeste de Londres. Por alguns anos, o menino viveria perto de Winston Churchill, que servia ali no esquadrão dos hussardos de Oxfordshire. No primeiro inverno, quando contava apenas sete meses de vida, teve uma crise de bronquite.²

A primeira palavra dita pelo jovem Eric Blair pode ter sido, aos dezoito meses de idade, “bestial”.³ Como Churchill, Orwell era um jovem infeliz. Seu cunhado, Humphrey Dakin, que o conhecia e não gostava dele desde a infância, descreveu-o como “um pirralho gordinho ... sempre fazendo manha. E arteiro, contando mentiras e coisas assim”.⁴ O futuro escritor tinha duas irmãs, uma mais moça, outra mais velha. Embora anos mais tarde tenha cunhado a expressão “Grande Irmão”, ele não teve nenhum irmão, nem mais moço nem mais velho.

Como Churchill, Orwell conviveu pouco com o pai, que saiu da Birmânia para visitar a família em 1907, mas somente em 1912, quando se aposentou, passou a morar com ela. “Eu mal vi meu pai antes de fazer oito anos”, registrou Orwell.⁵ A essa altura, o menino fora enviado a um colégio interno. A figura distante do pai “significava para mim apenas um homem envelhecido, de voz grossa e austera, que estava sempre dizendo ‘Não’”.⁶ Assim começou o ceticismo de Orwell em relação à autoridade, que o acompanharia por toda a vida.

O jovem Eric odiou seu primeiro colégio interno, o St. Cyprian’s, na região leste de Sussex. Mais tarde, no ensaio “Tamanhas eram as alegrias”, ele o descreveu com tanta veemência que preferiu não publicar o texto em vida, com medo de processos na justiça. “Aos oito anos de idade, você era subitamente arrancado do calor de seu ninho e jogado num mundo de força, fraude e sigilo, como um peixinho dourado num tanque cheio de traíras”, lembrou Orwell.⁷

No colégio, sozinho e com medo, Orwell começou a molhar a cama. Isso levou a um castigo corporal, aplicado pelo diretor, que cantava “me-ni-no su-ji-nho” ao ritmo do chicote de montaria com cabo de osso. Após a primeira surra, Orwell comentou com os colegas que não havia doído. Essa declaração orgulhosa foi testemunhada por alguma autoridade escolar, e então o garoto viu-se convocado para uma segunda escovada, tão severa que o chicote se partiu. Isso levou Orwell a compreender que vivia num mundo onde era impossível ser bom – ele não gostava de molhar a cama, tentara evitá-lo, mas a coisa continuou acontecendo. Ele chamou essa lúgubre conclusão de “a maior e mais duradoura lição da minha infância”.⁸

Ele também compreendeu que frequentava a escola com uma mensalidade reduzida, isto é, com uma bolsa estudantil. Tal ato não advinha de caridade por parte da escola. Esperava-se dele que triunfasse academicamente e ingressasse em uma escola de elite, Eton ou Harrow, ajudando o colégio a lustrar sua má reputação. É possível ver os primórdios do adulto socialista na constatação do menino de que os alunos mais ricos nunca eram surrados, independentemente de como se comportavam. “Eram os meninos pobres mas ‘espertos’ que sofriam. Nossos cérebros eram uma mina de ouro na qual ele [o diretor] investira dinheiro, e os dividendos eram

arrancados de nós.”⁹ Ele saiu da escola persuadido de duas horríveis leis da vida: que os fortes sempre batem nos fracos, e que estava condenado a fracassar em tudo.

Orwell fez o que se esperava dele, contudo, e ganhou a cobiçada bolsa em Eton. Estranhamente, graduando-se lá aos dezenove anos, em vez de se matricular em uma universidade, ingressou na polícia imperial da Índia, transferindo-se para a Birmânia. Uma das lições que aprendera na escola, escreveu, foi “quebre as regras, ou pereça”.¹⁰ Nada em sua pessoa o recomendava como um agente da lei, quanto mais alguém encarregado de impor a repressão colonial. Mas pelos quatro anos seguintes de sua vida foi esse o seu trabalho. Talvez ele tenha desejado ver, uma vez que fosse, como era estar do lado dos fortes, ser ele próprio uma autoridade.

Então, assim como Churchill, Orwell chegou à maioria num ponto remoto do Império Britânico. No seu caso, foi na região norte da Birmânia, aproximadamente 2.500 quilômetros a sudeste das terras que fazem fronteira com o Afeganistão, onde Churchill havia cavalcado 25 anos antes, e cuja experiência narrara em *A história da força campal de Malakand*. Orwell viveu na Birmânia do fim de 1922 até meados de 1927, trabalhando como oficial da polícia imperial. Pôde fazê-lo porque os britânicos haviam anexado as partes central e setentrional da Birmânia em 1886, numa operação supervisionada pelo pai de Winston, lorde Randolph Churchill, que então servia brevemente como o secretário de Estado britânico na Índia.

Tendo causado uma má primeira impressão em seus superiores na polícia, Orwell foi enviado à cidade de Katha, no extremo norte da ferrovia birmanesa, a apenas 130 quilômetros da fronteira com a China.¹¹ Foi lá, nessa remota cidade à beira do rio Irauádi, que amadureceu, desenvolvendo a visão de mundo que moldaria seus escritos por toda a vida. Consideremos o seguinte momento de observação direta, extraído de um de seus primeiros ensaios, “Um enforcamento”, em que ele fala sobre os trinta metros ao longo dos quais escoltou um hindu condenado ao cadafalso:¹²

Num dado momento, apesar dos homens que o seguravam pelos ombros, ele deu um pequeno passo para o lado, a fim de evitar uma poça. É curioso, mas até aquele momento eu nunca entendera realmente o que significa destruir um homem saudável e consciente. Quando vi o prisioneiro dar um passo para o lado e evitar a poça, enxerguei o mistério, a indizível injustiça de interromper uma vida que ainda está em pleno curso. Aquele homem não estava morrendo, estava tão vivo quanto nós.

De seus anos por lá, Orwell extraiu seu primeiro romance, *Dias na Birmânia*, na verdade mais um volume de memórias do que um trabalho de pura imaginação. Como escreveu em uma carta, anos depois, “boa parte dele é apenas um relato do que vi por lá”.¹³

O livro melhora quando lido como um estudo sobre o abuso de poder em suas várias modalidades. Ele escreveu em “O abate de um elefante”, um de seus melhores ensaios, que lá ele via todos os dias

o trabalho sujo do império cara a cara. Os infelizes prisioneiros acotovelando-se nas jaulas fétidas das carceragens, os rostos cinza e amedrontados dos condenados a longas penas, as cicatrizes nas nádegas dos que haviam sido chicoteados com varas de bambu ...¹⁴

Ele deixou o posto na polícia ainda jovem, por volta dos 24 anos. Voltou para casa e perambulou por Londres e Paris. Na verdade, somente terminaria *Dias na Birmânia* muitos anos depois, e o livro viria a ser publicado após o segundo que escreveu, *Na pior em Paris e Londres*. Mas, na vida, a Birmânia veio antes de Paris e Londres.

Seu relato sobre o período na Birmânia é muito direto. O anti-herói de *Dias na Birmânia* é Flory, um madeireiro entediado, ressentido e vagamente liberal, que vive num pequeno assentamento colonial na porção norte da Birmânia, às margens do rio Irauádi. Ele parece com o que Orwell poderia ter se tornado caso tivesse permanecido lá por mais dez anos – um homem infeliz de “mais ou menos 35”, com cabelos morenos e duros, um cerrado bigode preto e pele macilenta. “Seu rosto expressava desolação ... com bochechas murchas e um ar fundo e mortiço em volta dos olhos.”¹⁵ A principal diferença entre Orwell e Flory é a característica física mais visível do personagem, uma marca de nascença arroxada na bochecha esquerda, atributo que faz dele um homem extremamente inseguro.

Flory conhece Elizabeth Lackersteen, uma jovem britânica enviada à Birmânia para encontrar um marido. Ela não gosta muito dele, na verdade tem certo desdém por seu interesse em arte e literatura, além de desconfiar cada vez mais de sua simpatia para com a vida e a cultura birmanesas. Ela se deixa atrair por ele apenas quando Flory se adequa aos padrões coloniais, por exemplo quando atira em um pombo. E no entanto é a faceta

imperialista de sua personalidade que ele despreza e gostaria de ter coragem para superar. Ainda assim, Elizabeth está um tanto desesperada, sofrendo assédios noturnos do tio que a hospeda. Diante das agruras que enfrenta, parece disposta a se conformar com Flory, até que uma desleal e desprezível autoridade birmanesa, o corrupto magistrado de um distrito desimportante, consegue envolver Flory num escândalo, fazendo com que a amante birmanesa que ele havia expulsado de casa o denuncie publicamente. Isso leva Elizabeth a cortar relações com o protagonista do romance. Arrasado pela vergonha e pelo abandono, vitimado por um profundo isolamento emocional, Flory se suicida com um tiro. Após sua morte, a “vergonhosa” marca de nascença desaparece.¹⁶

Esse enredo vem junto a um caldo de maquinacões sociais e políticas envolvendo britânicos e birmaneses, relativas a pequenas disputas de prestígio e respeitabilidade, como por exemplo quais birmaneses serão aceitos como sócios do Clube Europeu local, obrigado pelas autoridades britânicas a flexibilizar sua política racista de admissão. Com sua representação das infinitas, mesquinhas e cruéis disputas de poder social, o romance evoca por vezes uma combinação de Jane Austen e E.M. Forster, cujo *Uma passagem para a Índia* viera à luz quatro anos antes de Orwell começar a rascunhar seu próprio romance sobre um império decadente.

Erguendo o pano de fundo, Orwell escreve logo ao início do livro: “Em qualquer cidade da Índia, o Clube Europeu é a cidadela espiritual, a matriz do poder britânico, o nirvana pelo qual as autoridades e os milionários nativos almejam em vão.”¹⁷ Esse clube em particular, pequeno e isolado, ficara para trás em relação aos outros e nunca havia aceitado um “membro” nativo. Quando se exige que o faça, três sócios reagem enfaticamente. “Pequenos negros barrigudinhos soprando bafo de alho na sua cara, por sobre a mesa de bridge”, esnoba um deles, numa frase intencionalmente desagradável.¹⁸ Mas dos outros dois membros, Flory gosta da ideia, enquanto o chefe *de facto* da comunidade britânica, o paternalista sr. Macgregor, resigna-se a obedecer as instruções.

As reviravoltas do enredo quase sempre trazem embutida uma mensagem maior, tendo em vista a moldura ideológica um tanto forçada. Por exemplo: uma britânica suspira, lamentando o fato de seus empregados serem preguiçosos, e diz que “em certas coisas, eles estão ficando tão ruins quanto as classes baixas lá de nosso país”.¹⁹ Quando um oficial britânico chuta o mordomo do clube, é severamente repreendido por um sócio, que afirma: “Chutar os empregados é função nossa, não sua.”²⁰ E Flory admite a um médico indiano, seu único amigo de verdade, que tem vergonha de viver “a mentira de estarmos aqui para melhorar a vida de nossos pobres irmãos de cor, e não para roubá-los”.²¹ O império, ele afirma, assenta-se na criação de bancos e de prisões, chamando a isso de progresso.²² Em resumo, conclui, “o Império Britânico é apenas uma fachada para dar monopólios de comércio aos ingleses, ou melhor, a gangues de judeus e escoceses”.²³ Não há qualquer sinal de que Orwell esteja sendo irônico nessa dupla condenação étnica, sobretudo tendo em vista sua identificação direta com Flory. Historicamente, é fato que a exportação de ópio da Índia para a Birmânia era dominada por duas empresas, a escocesa Jardine Matheson e a da família judaico-iraquiana Sassoon, que se tornou britânica. (Siegfried Sassoon, o memorialista e poeta da Primeira Guerra Mundial, fazia parte da família.)

É um romance menor, mas não é mau. É melhor que as obras iniciais de Churchill (em especial seu mercedamente esquecido único texto de ficção, *Savrola*), mas isso porque Orwell, a essa altura da carreira, já era um escritor mais experimentado.

Se Orwell não viesse a escrever obras mais potentes no futuro, *Dias na Birmânia* talvez fosse lembrado hoje como um obscuro mas eventualmente interessante estudo do período imperial sob a forma de literatura. Anos mais tarde, ele lembrou que, na juventude,

queria escrever imensas novelas realistas com finais infelizes, cheias de descrições detalhadas e sorrisos irresistíveis, e também de passagens muito floreadas, nas quais as palavras fossem em parte usadas apenas por seu efeito sonoro. E, na verdade, meu primeiro romance, *Dias na Birmânia*, que escrevi aos trinta anos mas projetei muito antes, é um livro bem desse tipo.²⁴

E no entanto permanece uma história bastante legível, notável hoje em dia sobretudo por sua percepção da natureza do império e do imperialismo em geral. “Nenhum europeu dá a mínima para as provas”, afirma U Po Kyin, o maquiavélico oficial birmanês, na primeira cena do romance.²⁵ “Quando um homem tem um rosto de cor, a suspeita é a prova” – uma observação que ele, espertamente, usa a seu favor. O narrador, mais adiante, lembra ao leitor que Flory “havia esquecido como a maioria das pessoas apenas relaxa no estrangeiro quando

está falando mal dos habitantes locais” – e se isso não é uma verdade universal, certamente descreve com precisão a lamentável comunidade britânica de *Dias na Birmânia*.²⁶

Ao final, Flory fica infeliz, autodepreciativo e desesperado. Suas últimas palavras são uma mentira. “Seu dono não faria mal a você”, ele assegura a seu cachorro apavorado.²⁷ E então atira no cachorro e em si mesmo.

Orwell inicialmente fizera Flory escrever seu próprio epitáfio, mas eliminou-o da versão final do livro: “Aprendam comigo como não viver.”²⁸ Ao fim do romance, Flory é apenas mais uma vítima do império. Um dos argumentos do romance é que o povo inglês, assim como o birmanês, é triturado pelo sistema imperial.

Essa é talvez a mais importante consequência do período que Orwell passou na Birmânia: se no colégio interno aprendera a desconfiar da autoridade, na Ásia ele aprendeu como o exercício do poder pode corromper uma pessoa. Ele odiava o que vira fazer nele próprio e temia pelo que teria acontecido se tivesse continuado no papel de agente da lei colonial. Como ele diz em “O abate de um elefante”: “Quando o homem branco se torna um tirano, é sua própria liberdade que o destrói. Ele se torna uma espécie de boneco vazio, sem movimento, a imagem convencional do *sahib*.”²⁹ Tal conclusão equivale a uma total recusa de sua existência na burocracia das colônias britânicas.

É DIFÍCIL AGORA REPRODUZIR o quanto esse romance sobre os britânicos na Birmânia deve ter parecido um tapa na cara da classe média inglesa responsável pelos assuntos cotidianos do Império Britânico. Mesmo nos anos 1930, era comum na cultura inglesa retratar o império como uma força positiva, que levava educação, comércio e a força da lei às lonjuras da Ásia e da África. Era raro um escritor britânico representá-lo como uma força do mal, que se alimentava dos mais baixos interesses. “Achei meio melodramático na época, se é que você me entende”, lembrou o cunhado de Orwell, Humphrey Dakin, ele próprio um funcionário público. “Ele estava procurando imundície e degradação, e encontrou.”³⁰ Por medo de processos na justiça, movidos por pessoas que poderiam se reconhecer na história, o livro foi publicado primeiro nos Estados Unidos. Outros contemplaram respostas mais incisivas, como seu antigo instrutor na polícia, que teria jurado chicotear Orwell se algum dia voltasse a encontrá-lo.³¹

A principal conclusão tirada por Orwell sobre seu período na Birmânia foi que “os oprimidos estão sempre certos e os opressores estão sempre errados”.³² Continuando, Orwell escreveu que essa era “uma teoria equivocada, mas consequência natural de você mesmo ser um dos opressores”.

Ao retornar à Europa, penitenciando-se por sua fase como opressor, Orwell mergulharia num longo processo de autossacrifício. Ele passou algum tempo vivendo como mendigo na Inglaterra. Então, na primavera de 1928, aventurou-se no submundo parisiense. Viveu e trabalhou em péssimas condições. Teve seu primeiro episódio de pneumonia, o início de uma série de doenças pulmonares que o atingiriam pelas duas décadas restantes de sua vida. Passou fome. Tudo isso, em grande parte, por vontade própria, pois tinha uma tia em Paris, Nellie Limouzin, que cuidaria dele se tivesse pedido. Mas não era isso que Orwell estava buscando. Mais tarde, ele diria a um amigo que perdera suas economias ao ser roubado por uma jovem chamada Suzanne, “uma putinha” que conhecera num café. “Ela era linda e tinha um visual andrógino, uma carinha bem Eton, e era desejável por todos os ângulos.”³³ No fim de 1928, começou a publicar seus primeiros ensaios em jornais ingleses e franceses. Ainda assinava com seu nome de batismo, Eric Blair.

Deixou a França e retornou à Inglaterra perto do final de 1929. Foi morar com os pais, que haviam se mudado para o sudoeste, na cidade costeira de Southwold, muito popular entre os funcionários públicos aposentados que tinham servido na Índia. Ganhou algum dinheiro dando aulas, até conseguir um emprego de professor numa insignificante escola secundária. Também cortejou Brenda Salkeld, uma culta professora de ginástica. Pediu sua mão em casamento inúmeras vezes, até finalmente conformar-se com as recusas que recebia. Em seguida, teve um rápido romance com outra mulher.

Começou então sua experiência no submundo britânico. Junto com outros mendigos, cruzava as áreas rurais de carona. Dormiu na calçada em Trafalgar Square. Fez de tudo para ser preso. Pulava de abrigo em abrigo, onde as pessoas comiam lavagem e eram tratadas feito cães.

Por fim, combinou as experiências na Inglaterra e na França numa espécie de memórias ficcionalizadas, publicadas em 1933 sob o título de *Na pior em Paris e Londres*. Pela primeira vez assinava com o pseudônimo “George Orwell”, formado por um prenome tipicamente inglês ao lado o rio Orwell, cujo estuário ficava em Southwold.

Orwell escrevia numa época em que se achava razoável os ricos não apenas ignorarem, mas até desprezarem as condições de vida em que as pessoas à sua volta viviam e trabalhavam. A romancista britânica Vita Sackville-West e seu marido, o medíocre talentoso Harold Nicolson, são bons exemplos. Eles se julgavam a obra-prima da Criação – bons, íntegros, tolerantes, cultivados, o melhor tipo de gente, produzido pela melhor parte da melhor nação de todo o planeta. “Sou um homem feliz, honesto e amoroso”, Nicolson certa vez confidenciou ao diário.³⁴ Entre aqueles com quem compartilhou seu amor estava Guy Burgess, que nos anos 1950 seria exposto como integrante de uma aristocrática rede de espiões soviéticos recrutada em torno de H.A.R. “Kim” Philby em Cambridge, nos anos 1930.^{35 a}

Nicolson era esnobe até os ossos. Certa vez escreveu para a mulher: “Temos humanidade, somos caridosos, justos e nada vulgares. Graças a Deus, não somos vulgares!”³⁶ Ele concordava, satisfeito, com o comentário empolado de outro de seus amantes, o crítico literário Raymond Mortimer, segundo o qual “as massas não ligam para a verdade do mesmo jeito que nós”.³⁷

“Eu odeio a democracia”, Sackville-West certa vez confidenciou a Nicolson. “Gostaria que *la populace* nunca tivesse sido estimulada a emergir de seu verdadeiro lugar. Gostaria de vê-los tão bem alimentados e bem instalados quanto vacas T.T., mas não mais articulados do que isso.” (“Vacas T.T.” eram as que haviam passado pelo Teste de Tuberculose, pois a doença ainda ameaçava a Inglaterra na metade do século XX, como Orwell iria descobrir.) Em outra carta, uma semana depois, ela acrescentou que estava muito aliviada por não ser uma trabalhadora braçal. “Não seria horrível ser uma pessoa que apenas sobrevive, com os dias passando um depois do outro, e todos recheados de preocupações mesquinhas e idiotas, sem nenhuma importância? Por exemplo, lavando e limpando os degraus da entrada, enquanto fofoca a respeito dos vizinhos?”³⁸

Havia, como se vê, alguma razão para Orwell fazer a pergunta em *Na pior*: “O que a maioria das pessoas educadas sabe sobre a pobreza?”³⁹ Era exatamente no mundo “vulgar” do trabalho e da sobrevivência, na vida da maior parte da humanidade, que ele ansiava por imergir, e, aí sim, descrevê-la para toda a humanidade. Às vezes ele esfrega o nariz dos leitores na coisa, como no início do romance, ao usar um tom neutro para descrever Charlie, o fracassado jovem francês que marca ponto no bar das vizinhanças, narrando como havia pagado para estuprar uma moça de vinte anos mantida em cativeiro. “Arranquei-a da cama e joguei-a no chão. Aí caí em cima dela que nem um tigre! ... Cada vez mais selvagem, ataquei de novo. Ela tentava escapar toda vez; e pediu piedade de novo, mas eu ri na cara dela.”⁴⁰ Provavelmente foi um erro Orwell ter dedicado seis páginas de seu curto livro (por volta de duzentas ao todo) a essa história de horror digna de um conto de Edgar Allan Poe. É um desvio de seu verdadeiro tema, que é representar as aflições dos pobres em Paris e Londres nos anos 1930: ter o que comer, como se esquentar, dormir o mínimo para se levantar e ir para o trabalho e se embriagar de vinho barato no sábado à noite.

Era um livro que ele precisava escrever tanto para si mesmo quanto para o leitor, um passo essencial em sua jornada pela vida e a literatura. Ao mergulhar na imundície, na canseira e na fome dos trabalhadores pobres, Orwell estava ficando quite com sua vida colonial anterior. Na Birmânia ele voluntariamente se juntara aos opressores europeus. “Passei a entender que era ... um ato de expiação, por ele ter servido a causa do colonialismo britânico e passado cinco anos na Birmânia entre o oficialato da polícia imperial”, observou o filósofo A.J. Ayer, que trabalhava na inteligência britânica em Paris ao final da Segunda Guerra Mundial.⁴¹

Na pior, que foi publicado em 1933, é fundamental para Orwell como obra de transição, parte de sua busca por si mesmo como escritor e observador. É um pouco inseguro, oscilante no tom, sobretudo em seu primeiro terço. Como vários jovens escritores, ele se mostrou suscetível ao impacto fácil, como na cena do estupro. Outra passagem, no início do livro, sugere que ele era um turista na pobreza, e não um prisioneiro daquele mundo. É quando está com fome e vê um inseto cair em seu copo de leite. Imediatamente conclui que “não há mais nada a fazer a não ser jogar fora o leite e ficar de estômago vazio”.⁴² Alguém que sofresse de genuína fome prolongada,

e não a estivesse apenas experimentando de passagem, muito provavelmente pescaria o inseto e continuaria bebendo. Os pobres estão acostumados à companhia de insetos.

Na pior às vezes parece um guia lúgubre do mundo exótico dos pobres urbanos. Em vários trechos do livro, Orwell esboça a hierarquia social de um segmento da sociedade proletária – um cuidado que parece muito britânico de sua parte, ainda que inconsciente.⁴³ No restaurante onde trabalha, o topo da pirâmide é ocupado pelo gerente do hotel, seguido pelo *maître d’hotel* e então, em ordem descendente, pelo chefe dos garçons, o *chef* de cozinha, o chefe de pessoal, os outros cozinheiros e garçons, os aprendizes de garçom, os lavadores de pratos e as camareiras. Perto do fim do livro, o narrador volta à Inglaterra e vive nas ruas de Londres, onde vislumbra uma clara separação de classe entre os mendigos. “Há uma nítida barreira social entre aqueles que apenas pedem esmolas e os que tentam dar algum valor ao dinheiro.”⁴⁴ Os mais prósperos são os que fazem exhibições nas ruas, como os tocadores de órgão, acrobatas e artistas de calçada. Abaixo deles vêm os que fingem comercializar fósforos, laços de sapato e ramos de lavanda, ou os supostos cantores de hinos – o fingimento é necessário porque simplesmente pedir dinheiro, ele explica, é uma contravenção. Como num perfeito relato de viagem, Orwell até fornece um glossário da vida na rua, definindo gírias como “picareta”, “sugador” e “grilo de asfalto”, o último sendo um mendigo dançarino.⁴⁵

Orwell tinha apenas 25 anos quando chegou a Paris, e as deficiências do livro são as de um jovem escritor ainda aprendendo o ofício. Ele demonstra um olfato super elaborado, o que faz *Na pior* parecer, às vezes, mais sobre o fedor dos desfavorecidos que sobre seus sofrimentos ou modos de sobrevivência. Em sua baldeação matinal no metrô de Paris, ele “ficava preso no fluxo maciço de passageiros, nariz com nariz com algum horrível rosto francês, com bafo de vinho estragado e alho”.⁴⁶ Ao contrário do que acontece em *Dias na Birmânia*, não somos informados se os homens com bafo de alho são barrigudinhos. Ele era especialmente sensível a esse tipo de planta. Durante uma temporada como agricultor, no inverno marroquino de 1939, descobriu que o leite tornava-se intragável após a vaca de sua pequena fazenda comer espécies selvagens de alho.⁴⁷ Mas conseguia usar o tempero para cozinhar. Adiante no livro, sente repulsa por “lençóis [que] fediam tão horrivelmente a suor que eu não aguentava aproximá-los do nariz”.⁴⁸ Há outros oito exemplos de Orwell sentindo odores do ambiente em que viveu, a maioria deles repugnante.

Duas coisas devem ser ditas aqui. Primeiro, a sensibilidade olfativa é um traço compulsivo de seus escritos. Segundo, e mais inquietante, é o cheiro da humanidade que o repele. Quando sente os perfumes da natureza, mesmo onde há criações de animais, é quase sempre com aprovação. Em contraste, ele está sempre inclinado a sentir aversão pela humanidade.

Outro fio mais incômodo atravessa o livro – um tipo de preconceito casual e ligeiro contra os judeus que lhe aparecem na frente. Numa cafeteria, ele vê: “Sozinho num canto, um judeu enfia o focinho no prato ... culpado por estar comendo toucinho.”⁴⁹ O animalesco “focinho” usado na frase é particularmente perturbador. Em outro momento, ele recupera a história contada por seu amigo Boris, um ex-soldado russo, a quem os serviços sexuais de uma jovem judia foram oferecidos, a um custo de cinquenta francos, pelo pai dela: “Um judeu horrível, com uma barba vermelha de Judas Iscariotes.”⁵⁰ O uso dessa modalidade imprópria de antissemitismo aparece em outras de suas obras. Não é grande consolo o fato de as circunstâncias fazerem aflorar nele outros preconceitos, como em *Na pior*, quando ele cita com aprovação o provérbio “Confie em uma cobra mais do que num judeu, e num judeu mais do que num grego, porém jamais confie num armênio”.⁵¹

A dura realidade é que Orwell sempre se manteve distante dos judeus. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele escreveria inúmeras vezes contra o antissemitismo, mas ao fazê-lo absteve-se de reavaliar seus próprios escritos da década anterior.⁵² Após a guerra, encontrou surpreendentemente pouca coisa a dizer sobre o Holocausto, um dos acontecimentos mais marcantes de seu tempo.⁵³ Permaneceu um convicto antissionista por toda a vida, mas isso talvez deva ser entendido como parte de seu arraigado incômodo com qualquer tipo de nacionalismo, e não como um reforço ao antissemitismo dos textos iniciais. Ainda assim, seu amigo jornalista Malcolm Muggeridge concluiria que “no fundo ele era bastante antissemita”.⁵⁴

No que tem de melhor, *Na pior* retrata como a luta para sobreviver vai destruindo as pessoas a cada dia. Esse fato básico da vida proletária é apresentado com especial vivacidade lá pela metade do livro, no período em que

Orwell lavou pratos no restaurante do hotel. Tudo começa com uma descida ao submundo que guarda muitas características do inferno, tal como o círculo inferior ao qual o narrador é relegado:

Ele me guiou por uma escada tortuosa e um corredor estreito, no subsolo profundo, tão baixo que eu precisava me curvar. Fazia um calor escaldante e estava muito escuro, com apenas algumas lâmpadas amarelas e fracas separadas vários metros uma da outra. Parecia haver quilômetros de passagens escuras e labirínticas – na verdade, suponho, eram apenas algumas centenas de metros ao todo ...

Uma das passagens bifurcava-se numa lavanderia, onde uma velha escaveirada me entregou um avental azul e uma pilha de panos de prato. Então o *chef du personnel* me levou até uma minúscula toca subterrânea – uma despensa debaixo de uma despensa, por assim dizer –, onde havia uma pia e alguns fornos a gás. O teto era muito baixo para que eu pudesse ficar em pé, e a temperatura devia passar dos quarenta graus.⁵⁵

Nesse ponto ele chega a uma das passagens mais memoráveis do livro, na qual contrapõe a imundície vaporosa da cozinha ao pristino esplendor da sala de jantar adjacente, no hotel que, somos informados, é um dos mais caros da cidade. Os patrões comem cercados de espelhos, flores, toalhas de mesa brancas como a neve e cornijas douradas. Do outro lado da porta que dá para a cozinha, no entanto, a apenas alguns passos dali,

a sujeira era enojante. Não havia tempo para se varrer o chão até a noite, e deslizávamos sobre um composto de água, sabão, folhas de alface, papel rasgado e comida repisada. Uma dúzia de garçons sem paletó, mostrando marcas de suor embaixo do braço, ficavam sentados em uma mesa misturando as saladas e enfiando os dedos nos potes de creme ... Havia apenas duas pias, e nenhuma outra para as pessoas, e não raro algum garçom lavava o rosto na água em que a louça limpa estava sendo enxaguada. Mas o freguês não via nada disso.⁵⁶

Sua firme conclusão, após misturar-se aos ricos em Eton e depois aos pobres no subsolo de um hotel parisiense e nas ruas de Londres, foi que “o milionário comum é apenas o lavador de pratos comum vestido em um terno novo”. Àqueles que temiam a plebe saqueando pelas ruas, ele respondia que “a plebe de fato está à solta agora – e sob a forma de homens ricos”.⁵⁷ Em outras palavras, segundo Orwell, os ricos estavam engajados na luta de classes, saqueando os pobres, só não admitiam isso.

ORWELL AGORA SE CONSIDERAVA um escritor. Ele passou os meados da década de 1930 na vizinhança boêmia de Hampstead, ao norte de Londres. Vivia no andar de cima da Booklover’s Corner, um sebo de livros, escrevendo romances ruins pela manhã e à noite e trabalhando na livraria durante a tarde. Ele a descreveu como algo parecido com uma tumba: “Um cômodo pequeno e escuro, cheirando a pó e papel estragado ... cheio até o teto de livros, a maioria dos quais eram velhos e impossíveis de vender.”⁵⁸

Difícilmente seria possível dizer que, a essa altura da vida, ele estivesse numa trajetória promissora. “Ele não era um escritor nato”, afirmou certa vez a escritora Mary McCarthy, num eufemismo gentil.⁵⁹ Suas limitações como um escritor de ficção convencional ficam logo evidentes para qualquer um que percorra seus romances de meados dos anos 1930 – *A filha do reverendo* (1935), *A flor da Inglaterra* (1936), *Um pouco de ar, por favor!* (1939). Todos são quase ilegíveis. Eis aqui a desastrosa abertura de *A filha do reverendo*:

Quando o despertador na cômoda explodiu feito uma horrível bomba metálica, Dorothy, arrancada das profundezas de um sonho enigmático e perturbador, acordou num espasmo e continuou deitada, olhando para a escuridão do cansaço extremo.⁶⁰

Além de sua ficção publicada, Orwell também escreveu dois romances imaturos que jogou fora.⁶¹ Jamais se encontrou qualquer rastro deles. Seu amigo Jack Common, outro autor de ficção socialista, disse que Orwell escreveu seus romances dos anos 1930 o mais rápido que pôde, ganhando com eles o mínimo necessário para viver.⁶²

Esses livros foram resumidos num aparte devastador feito pelo escritor Anthony Powell, que na verdade era amigo de Orwell: “Afora serem projeções dele próprio, os personagens de seus livros não têm vida independente, embora sejam às vezes marionetes eficazes para expressar sua tese do momento.”⁶³

O próprio Orwell escreveu mais tarde para um amigo que lhe pedira um exemplar de *A flor da Inglaterra*:

Há dois ou três livros dos quais me envergonho e que tenho proibido de serem reeditados ou traduzidos, e esse é um deles. Tem um que é pior ainda, chamado *A filha do reverendo*. Esse foi escrito simplesmente como exercício e eu não deveria tê-lo publicado, mas estava desesperado e precisando de dinheiro, assim como quando escrevi *A flor da Inglaterra*. Naquela época, eu simplesmente não tinha um livro dentro de mim, mas estava semifaminto e precisava lançar qualquer coisa para conseguir cem libras ou algo por aí.⁶⁴

O talento de Orwell estava em outro lugar, ainda por ser descoberto por ele mesmo. Seus dois grandes romances, que vieram quando o fim de sua vida se aproximava, *A revolução dos bichos* e *1984*, não seriam a típica ficção realista do século XX, e sim variantes de gêneros via de regra considerados menores – a fábula e a história de terror. Contudo, refletindo a realidade mais diretamente do que os romances convencionais costumam fazer, tanto *A revolução dos bichos* quanto *1984* foram compostos a partir dos fundamentos políticos no seu sentido mais básico: como organizamos a esfera pública e como os indivíduos se relacionam com essa organização.

NUMA SEARA MAIS PRODUTIVA, na primavera de 1935, Orwell conheceu sua futura mulher. Eileen O'Shaughnessy era uma jovem vistosa e inteligente, que estudara literatura em Oxford, graduando-se em 1927. Na época em que se encontraram, ela cursava uma pós-graduação no University College London, estudando formas de medir a inteligência e a imaginação das crianças.

Alguns meses depois, a edição britânica de *Dias na Birmânia* foi lançada. Orwell agora tinha dois livros no currículo. E suspeitava que, em sua obra sobre Paris e Londres, estivera olhando para os grupos humanos errados. “Infelizmente, você não resolve o problema de classe fazendo amizade com vagabundos”, concluiu. “Vagabundos, mendigos, criminosos e outros párias da sociedade costumam ser criaturas muito excepcionais e tão pouco típicas da classe proletária quanto, digamos, a intelligentsia literária é típica da burguesia.”⁶⁵ Agora ele pretendia mergulhar no âmago da economia britânica, as minas de carvão do norte da Inglaterra, e viver entre aqueles que suavam dentro delas.

Orwell deixou a livraria de Hampstead em janeiro de 1936 e partiu para estudar a classe operária. Na primeira noite, pousou em Coventry. “O cheiro é como o dos albergues mais simples”, ele escreveu em seu diário. “Uma empregadinha meio apalermada, com um corpo imenso, cabeça minúscula e dobras de gordura na nuca, curiosamente lembrando toucinho.”⁶⁶

Ele viajou para o norte de trem e passou dois meses circulando pela região mineradora próxima de Liverpool. A maior parte do tempo, andava quilômetros de vilarejo em vilarejo, debaixo de chuva e de neve. Em 12 de fevereiro de 1936, caminhou até Wigan, cidadezinha que vivia do carvão e de servir como passagem fluvial entre Manchester e Liverpool, coalhada de pilhas de escória e poças de lama. “Vento gelado. Eles tiveram de enviar o vapor para quebrar o gelo que impedia o avanço das barcas no canal ... Alguns ratos corriam lentamente sobre a neve, muito dóceis, supõe-se que fracos de fome.”⁶⁷

O livro que resultou disso, *O caminho para Wigan Pier*, é a mais direta de suas obras de não ficção. Não chega a ser uma narrativa. Antes, segue um plano simples porém brilhante, o de tentar retratar factualmente a vida da classe trabalhadora na região carvoeira durante a Grande Depressão. Isso não significa que tenha sido fácil de pesquisar ou escrever – invocando um dos comentários mais famosos de Orwell: “Enxergar aquilo que está na frente do seu nariz é uma batalha constante.”⁶⁸

Deixando Wigan e voltando ao sul, Orwell tornou-se dono de uma loja alugando um chalé de dois andares no vilarejo de Wallington, em Hertfordshire, a meio caminho entre Londres e Cambridge.⁶⁹ Era uma aldeia com 34 casas, dois pubs e uma igreja. O chalé não tinha eletricidade, água quente ou encanamento interno, mas possuía um cômodo frontal que já fora usado como loja. A porta da frente tinha 1,20 metro de altura, o que devia ser problemático para um caniço feito Orwell. Nos intervalos de seus momentos de escrita intensiva, ele vendia bacon, açúcar e doces, bem como os ovos e legumes que produzia em sua propriedade.⁷⁰ “Havia lá uma ótima fatiadora de bacon”, lembrava-se Fred Bates, um agricultor local. “Bacon excelente que tinha lá.”⁷¹ As vendas cobriam o aluguel, que não chegava a duas libras por mês.

O livro escrito na casa é um saco de gatos. A primeira metade de *O caminho para Wigan Pier* é uma série de relatos sobre as condições de vida dos pobres da Inglaterra, observadas de perto – onde vivem, o que comem, como tentam se aquecer, como trabalham ou, cada vez mais, à medida que a Grande Depressão se aprofunda, como são afetados pelo desemprego. Nessa primeira metade, o escritor George Orwell que conhecemos hoje faz sua aparição inaugural. Parte dele insinuava-se em *Na pior*, mas aqui Orwell está maduro. *O caminho para Wigan Pier* não se realiza no sensacionalismo repugnante, como no livro anterior, mas sim a partir de uma base sólida de fatos corriqueiros. A dieta dos trabalhadores, ele escreve, é “pão branco e margarina, carne enlatada, chá com açúcar e batatas”.⁷² Provavelmente devido à falta de cálcio, ele escreve, a maioria perde os dentes aos

trinta anos de idade. Em Lancashire ele vê mulheres nos montes de escória na beira da mina, “ajoelhadas na mistura de lama e cinzas, sob o vento gelado”, catando pedaços de carvão. “Elas não reclamam por ter de fazê-lo. No inverno, estão desesperadas por alguma fonte de calor; é quase mais importante que a comida. Enquanto isso, por toda a volta, até onde os olhos alcançam, estão pilhas de escória e erguem-se os equipamentos das mineradoras, e [devido à Grande Depressão] nenhuma delas consegue vender todo o carvão que produz.”⁷³

Parte do romance equivale à sua versão de *Memórias do subsolo*, literalmente. Assim como em seu livro sobre Paris e Londres ele havia descido ao submundo da cozinha do hotel, aqui ele desce na mina de carvão e descobre que ela em tudo corresponde à sua ideia do inferno. “A maioria das coisas que imaginamos no inferno está aqui – calor, barulho, confusão, escuridão, ar pestilento e, acima de tudo, o espaço insuportavelmente apertado.”⁷⁴ Uma vez dentro da mina, ele precisa andar agachado por cerca de um quilômetro e meio até o ponto de extração, passando por um túnel com menos de um metro e meio de altura. Orwell gasta quase uma hora nessa travessia, que o deixa extremamente aflito. E esse é apenas o trajeto dos mineradores antes de começarem a trabalhar, registra. A ele segue-se um dia de labuta, “enegrecidos até os olhos, com as gargantas cheias de pó de carvão”.⁷⁵ Esse é o Orwell que vai fundo no assunto.

Mas ele ainda não estava inteiramente desenvolvido como escritor. A segunda metade do livro é um ensaio estranho, atipicamente palavroso, no qual Orwell diseca o socialismo inglês, tentando entender por que ele falhou em capturar a imaginação da classe média, ou mesmo conquistar a lealdade emocional dos socialistas da classe trabalhadora. Essa parte é notável por suas falhas bem como por seus sucessos, fazendo de *O caminho para Wigan Pier* “um feito curiosamente desigual”, nas palavras de Peter Stansky e William Abrahams em sua biografia de Orwell.⁷⁶

Coisa rara em se tratando do escritor, a segunda metade do livro demonstra um fraco poder de observação, e em alguns trechos é mal escrita. Aqui e ali, é também maldosa, como quando ridiculariza os excêntricos de classe média simpatizantes do socialismo inglês. “Fica-se com a impressão de que as simples palavras ‘socialismo’ e ‘comunismo’ atraem para junto de si, com força magnética, todos os bebedores de suco de fruta, nudistas, calçadores de sandálias e maníacos sexuais, quakers, naturebas, pacifistas e feministas da Inglaterra.”⁷⁷ Apenas oito páginas depois, ele denuncia repetidamente “todo esse triste bando de mulheres idealistas com sandálias nos pés e de bebedores de suco com barba na cara que acorrem em massa atraídos pelo cheiro do ‘progresso’, como moscas varejeiras por um gato morto”.⁷⁸

Mais impactante, essa parte do livro também apresenta uma das empreitadas mais esquisitas de Orwell, a tentativa de construir uma teoria política a partir de seu olfato hipersensível. “O verdadeiro segredo das diferenças de classe no Ocidente ... se resume a cinco palavras assustadoras ... *As classes baixas cheiram mal*.”⁷⁹ Quase todos os outros defeitos podem ser contornados, ele garante. “Você pode se afeiçoar a um assassino, ou a um sodomita, mas é impossível se afeiçoar a um homem com mau hálito – um mau hálito constante, quero dizer ... Você odiará o sujeito.”⁸⁰ Ele vai nessa toada por várias páginas de uma prosa talvez mais bem entendida por quem é atormendado por receptores olfativos superdesenvolvidos, um mal conhecido como hiperosmia.

Não é de espantar que *O caminho para Wigan Pier* tenha causado engulhos em muitos de seus amigos e colegas socialistas. “Achei o livro muito ruim”, disse Kay Ekevall, uma das amigas esquerdistas de Orwell na época. “Achei que denegria todos os socialistas; jogava uma luz terrivelmente sórdida na classe trabalhadora.”⁸¹ Ela desgostava sobretudo da maneira como ele retratava os mineradores. “Os mineradores eram muito politizados naquele tempo; eram de certa forma a vanguarda do movimento sindical. E ele parece ter ignorado tudo que estava acontecendo de positivo no âmbito da política e se concentrado apenas no lado sórdido.” Ecoam aqui algumas críticas que Orwell recebeu dos antigos imperialistas por *Dias na Birmânia*.

Até o homem que publicou o livro tampou o nariz ao fazê-lo. O prefácio de Victor Gollancz equivale a um prolongado pedido de desculpas por produzir o livro sob o guarda-chuva de sua série Left Book Club, ou Clube do Livro da Esquerda. Ele se choca com a imagem, projetada por Orwell, dos socialistas como tipinhos modernos. E tenta apresentar a teoria odorífera das diferenças de classe como a confissão engenhosa de um esnoberado de classe média. Ele simplesmente denuncia a “curiosa inconveniência [cometida por Orwell] de referir-se aos comissários russos como ‘metade gramofones, metade gângsteres’”.⁸² Victor ainda

executa os passos da dança ideológica que Orwell ridicularizaria mais tarde em sua carreira: “O Clube do Livro da Esquerda não tem ‘uma linha política’ ... nem seria verdadeiro dizer que a Frente Popular^b é a ‘linha política’ do Clube do Livro da Esquerda ... Em outras palavras, a Frente Popular não é a ‘linha política’ do Clube do Livro da Esquerda, mas a própria existência do Clube do Livro da Esquerda se encaminha para uma Frente Popular.”⁸³ Não está claro o que isso significa, se é que significa alguma coisa.

No fim das contas, o que *O caminho para Wigan Pier* oferece, em suas confusões e contradições, é um escritor que avança, mas ainda meio desajeitadamente. A melhor coisa do livro é que ele ajudou Orwell a completar sua educação, descobrindo suas reais habilidades e seu grande tema. Seu método literário era encontrar os fatos e deixá-los à mostra. Para ele, os poderosos quase sempre tentariam mascarar a verdade.

Orwell não podia saber, mas, àquela altura do final dos anos 1930, estava à beira da glória. Ele se tornara especialmente sensível às lacunas entre a teoria e a realidade, entre o que as pessoas dizem ser e o que realmente são. Estava feliz, e até ansioso, por se atracar com verdades desconfortáveis e impopulares. Era um enquadramento mental que o preparava bem para escrever sobre a mortal colisão entre ideologia e realidade, primeiro na Guerra Civil Espanhola e depois no cenário global, com a Segunda Guerra Mundial.⁸⁴

Orwell e Eileen O’Shaughnessy casaram-se em junho de 1936, enquanto ele transformava em livro os diários de sua viagem ao norte da Inglaterra.⁸⁵ Eles caminharam juntos de seu chalé até a igreja do vilarejo de Wallington, cuja população somava aproximadamente duzentas pessoas. Após a cerimônia, noivos e convidados almoçaram no pub.

Eileen, como esposa, gostava de polêmica. Certa vez, num café da manhã, tendo convidados na casa, ao ouvir Orwell declarando levemente que “os produtores de bacon” haviam arranjado as normas governamentais de maneira a tornar impossível para os habitantes do vilarejo defumarem seu próprio bacon, Eileen rebateu aquela “generalização”.⁸⁶ Orwell insistiu em praguejar contra as regras sanitárias, apesar de sua total falta de dados empíricos. Eileen respondeu: “Esse é o tipo de afirmação que um jornalista irresponsável faria.” Ela também participava da vida comunitária local. Ao saber que um menino de dez anos era analfabeto, ensinou-o a escrever bem o suficiente para frequentar a escola.⁸⁷

No mês do casamento, começou na Espanha a guerra entre o governo de esquerda e os rebeldes – boa parte do exército espanhol, apoiado pelos fascistas, ultranacionalistas e por algumas organizações católicas.⁸⁸ A guerra imediatamente capturou a atenção dos recém-casados. Em dezembro, assim que o manuscrito de *O caminho para Wigan Pier* foi terminado, Orwell entregou-o ao seu editor. Então penhorou parte da prataria familiar, de modo a levantar recursos, e partiu rumo a Barcelona. Eileen seguiu-o dois meses depois.

Ele viajou até a Espanha para combater o fascismo, mas em vez disso acabou sendo caçado pelos comunistas. Esse é o fato central de sua experiência na Guerra Civil Espanhola, e, vale frisar, o fato central de toda a sua vida. Mas, caso a bala de um franco-atirador tivesse mergulhado em seu pescoço um pouquinho mais para cá ou para lá, em maio de 1937, ele nunca teria escrito seu primeiro grande livro, *Lutando na Espanha*. E nunca teria se tornado o grande escritor que cativa nossa atenção até hoje.

^a Harold Adrian Russell ou H.A.R. Philby (1912-88) alcançou o topo da hierarquia no serviço secreto inglês, até descobrir-se que era um agente duplo, trabalhando para a União Soviética. O apelido “Kim” deve-se ao romance de Rudyard Kipling, cujo personagem-título, assim como Philby, aprendeu a falar punjabi, a língua de sua Índia natal, antes do inglês, e envolveu-se com o serviço de inteligência imperial. (N.T.) ↩

^b Em meados dos anos 1930, como reação ao avanço do fascismo e do nazismo na Europa, a Internacional Comunista passou a pregar uma política de aproximação de socialistas e comunistas com sociais-democratas. A essa nova linha de atuação e suas alianças deu-se o nome de Frente Popular. (N.T.) ↩

4. Churchill: na pior na década de 1930

AGORA VEMOS OS DOIS homens prestes a entrar na fase de suas vidas que fez deles pessoas ainda lembradas, importantes não apenas para entender a época em que viveram, mas para entender nossa própria época.

A década de 1930 foi horrível sob vários pontos de vista. Havia uma sensação crescente, e disseminada, de que uma nova Idade das Trevas se aproximava. Tais medos começaram com a grave ruptura econômica e social provocada pela Grande Depressão. A longa e cruenta guerra, que mataria dezenas de milhões nos anos 1940, começou na Ásia e fermentava no Ocidente. Como expressou o poeta Stephen Spender, surgia um sentimento geral de que a geração dele podia muito bem testemunhar “o fim da civilização ocidental”.¹

Muita gente, especialmente os jovens e os politizados, acreditavam que a democracia liberal capitalista estava cansada e decadente. Viam apenas duas opções disponíveis para continuar avançando, o fascismo e o comunismo, as novas e dinâmicas ideologias cujos facho de luz chegavam de Berlim, Roma e Moscou. O fim do estilo de vida ocidental, e sobretudo a morte da democracia liberal, era um tema corriqueiro na vida cultural, discutido diariamente nos jornais e nos diários privados.² O historiador Arnold Toynbee começou os anos 1930 observando que se tornara comum pensar que “o sistema ocidental de sociedade pode se romper e deixar de funcionar”. Ele fechou a década, em 1939, com uma palestra na London School of Economics sobre “A queda das civilizações”. Em 1935, o estudioso de Shakespeare A.L. Rowse escreveu em seu diário que era “tarde demais para salvar qualquer liberalismo, talvez tarde demais para salvar o socialismo”. (Duas décadas mais tarde, Rowse publicaria uma elogiosa história da família Churchill.) Louis Fischer, um jornalista então simpático ao stalinismo, escreveu a Beatrice Webb, em 1936, que “todo o sistema está na bancarrota”. Em 1937, Harold Lasswell, um destacado cientista político americano, publicou um ensaio prevendo a ascensão de um “estado militarizado”, no qual “o especialista em violência fica no topo, e a organização da vida econômica e social está subordinada às forças bélicas”.³ Depois do Tratado de Munique entre o primeiro-ministro britânico Neville Chamberlain e Adolf Hitler, em setembro de 1938, Virginia Woolf escreveu para a irmã Vanessa Bell lamentando “o fim inevitável da civilização”. Três anos depois, ela tiraria a própria vida.

Em meio a esses sinais do desastre que se aproximava, Winston Churchill encontrava-se relegado ao banco de reservas. Na maior parte da década de 1930, ele esteve isolado da maioria em seu próprio partido, e muitos julgavam encerrada sua carreira política. Harold Nicolson teve um encontro com Churchill e achou-o “muito mudado desde a última vez que o vi. Um rosto incrivelmente redondo, como uma bolha. Incrivelmente envelhecido ... Seu estado de espírito também piorou, e ele se lamenta por ter perdido o velho poder de combate”.⁴ Mais ou menos na mesma época, George Bernard Shaw e Nancy Astor, ambos adversários políticos de Churchill, viajaram juntos para a União Soviética e visitaram Stálin no Kremlin.⁵ Quando Churchill surgiu numa conversa sobre a política antissoviética da Grã-Bretanha, lady Astor fez pouco dele, assegurando a Stálin que Churchill estava “terminado”. Shaw concordou com ela, dizendo que Churchill jamais se tornaria primeiro-ministro. Stálin foi reticente, especulando em voz alta se o povo inglês não poderia recorrer a Churchill num momento de crise.

Churchill vociferava tanto contra a política do país em relação à Índia (ele era contra a independência) e à Alemanha (ele achava que a ameaça alemã era subestimada) que deixou de ser bem-vindo em seu próprio partido, cujos líderes se convenceram de que ele deveria ficar fora do ministério. Assim como a Birmânia empurrara Orwell na direção da esquerda e para longe de um emprego remunerado, também a Índia catapultaria Churchill na direção da direita e para longe do poder, fazendo com que ele, em 1931, rompesse com o líder do Partido Conservador, Stanley Baldwin, e renunciasse ao Comitê de Negócios do partido.⁶ A partir daí ele afiou sua retórica, certa vez comparando o antigo ministro do Trabalho do Partido Trabalhista, Ramsay MacDonald, a uma atração de circo, chamando-o de “o maravilhoso homem sem coluna vertebral sentado no Banco Central”.⁷ Mais tarde nessa mesma década, uma das razões para seus proféticos discursos sobre a Alemanha serem recebidos com ceticismo foi que ele havia sido igualmente intenso ao falar dos perigos da independência da Índia.

Churchill passava boa parte do tempo escrevendo livros e artigos de jornal. Numa ocasião, ao passar pelo *Evening Standard* para entregar um artigo, Malcolm Muggeridge, então um jovem repórter, viu-o e se perguntou o que havia acontecido com ele. “Lá vai um sujeito que não anda bem, ou está numa maré de azar ou totalmente falido”, pensou ele, que ocupava um lugar na redação ao lado de Randolph Churchill, o dissoluto filho de Winston.⁸

Como Muggeridge suspeitou, Churchill enfrentava sérios problemas financeiros.⁹ Eles se prolongariam por toda a década, eventualmente forçando-o a considerar a venda de sua querida casa de campo, Chartwell, que se tornara seu refúgio no mundo.

Em suas memórias da guerra, Churchill refere-se aos anos 1930 como seu período “no ostracismo político”.¹⁰ Hoje em dia, alguns pesquisadores questionam a extensão de seu isolamento político, mas os fatos, e as observações da época, estão do lado de Churchill.¹¹

A estrada de Churchill para voltar ao poder foi longa e árdua. Ele ficou sem rumo por boa parte da década, fora de compasso com os tempos, simbolizados pela resolução da União de Oxford, uma sociedade de debate universitária, em fevereiro de 1933, de que “em nenhuma circunstância lutaria por seu rei e seu país”.¹² Os líderes da nação, com frequência simpáticos ao tom dos debates em Oxford, embarcaram numa política conciliatória com a Alemanha, fazendo concessões a partir de uma posição de fraqueza.

A NATUREZA DA CONCILIAÇÃO – em que consistia, como seria implementada, qual seria o limite – tornou-se o tema central da política britânica por quase toda a década de 1930.

É muito importante lembrar aqui que existia, em parte da aristocracia, uma vertente estreita, porém forte, simpática ao fascismo e mesmo a Hitler. O mais proeminente entre aqueles vistos como amigos da Alemanha era lorde Londonderry, um parente de Churchill que integrara o governo no início da década de 1930 e depois, por um curto período, fora líder na Câmara dos Lordes. Orwell certa vez comentou que “se a classe dirigente britânica é perversa ou apenas estúpida é uma das mais difíceis perguntas de nossa era, e em alguns momentos uma pergunta muito importante”.¹³ É possível que ele tivesse lorde Londonderry em mente quando escreveu isso.

Embora estúpido e crédulo, Londonderry era também um homem que se acostumara a ser respeitado por sua riqueza e posição social, coisas que levava muito a sério. O rei o chamava de “Charley”, numa época em que tal intimidade conferia grande status. Ele era uma figura importante na sociedade londrina. “Os Ribbentrop são íntimos dos Londonderry”, anotou em seu diário, em 1936, sir Henry “Chips” Cannon, homem de sociedade e político conservador, referindo-se ao embaixador alemão na Inglaterra, que logo se tornaria o ministro das Relações Exteriores de Hitler.¹⁴ Após encontrar o Führer naquele mesmo ano, Londonderry considerou o líder alemão “muito agradável” e instou o governo britânico a encontrar “denominadores comuns” com os alemães na luta contra o comunismo.¹⁵ Ele inclusive aplaudiu a tomada da Áustria pela Alemanha em 1938, considerando-a talvez drástica, mas necessária para evitar o derramamento de sangue. Primo em segundo grau de Churchill, Londonderry continuou em bons termos com ele até que numa discussão áspera, durante um jantar no clube Grillions, em outubro de 1938, Churchill ridicularizou suas visões políticas.¹⁶

Londonderry era um caso extremo, mas nem de longe era o único – fosse ao abraçar certos aspectos do fascismo ou mesmo ao fazê-lo sendo um parente distante de Churchill. Ainda mais próxima, de várias formas, era a relação entre os Churchill e a família Mitford. A esposa de Churchill, Clementine, era prima do pai das irmãs Mitford, e, como assinalado anteriormente, podia ter laços de sangue ainda mais estreitos, dependendo de quem fosse seu pai biológico.

O filho de Clementine e Winston, Randolph Churchill, a certa altura esteve “muito apaixonado” por uma dessas irmãs, Diana Mitford.¹⁷ Um artista que pintara o retrato de Diana disse a Nancy Mitford ter ouvido que Diana mantivera um caso com Randolph, contou Nancy numa carta à irmã. No parágrafo seguinte ela mencionou uma conversa na hora do almoço com a irmã de Fred Astaire, Adele, que proclamara: “Eu não me importo que as pessoas saiam por aí trepando, mas tenho reservas em relação a tanto amor livre.”¹⁸

Em outro enrosco de amor aristocrático, um sobrinho de Clementine, Esmond Romilly, que em 1936 lutara na Espanha do lado dos republicanos, fugiu no ano seguinte com uma prima em segundo grau, Jessica Mitford. Havia antigos rumores de que Esmond seria na verdade um filho biológico de Winston. Esmond pode ter ajudado na circulação do boato ao fazer diante de amigos o que Jessica Mitford considerava sua “incrivelmente boa” imitação de Churchill.¹⁹ De qualquer modo, Esmond, tendo se mudado para o Canadá, apresentou-se como voluntário na aeronáutica e seria morto em combate ao pilotar um bombardeiro em 1941.

Quanto a Diana Mitford, ela sabiamente deixou Randolph Churchill para trás e escolheu casar-se com um herdeiro da fortuna da cervejaria Guinness. Sua *liaison* seguinte não foi tão bem escolhida. Alguns anos mais tarde, ela deu o fora no tal Guinness e envolveu-se com Oswald Mosley, líder da União dos Fascistas Britânicos. Seu casamento, em 1936, ocorreu na casa do chefe da propaganda nazista, Joseph Goebbels, tendo Hitler entre os convidados. Uma terceira irmã Mitford, Unity, criou amizade com Hitler em meados dos anos 1930. “Eu acho que Hitler deve gostar muito dela, ele jamais tira os olhos dela”, observou outra irmã Mitford, Deborah.²⁰ Num almoço, em dezembro de 1935, Unity relatou a Diana: “Ele falava muito sobre judeus, o que era um charme.”²¹

Flertar com os fascistas não era apenas um hábito dos jovens e tolos. A cunhada de Neville Chamberlain, que vivia em Roma, assegurou Mussolini de que o governo britânico acabaria estabelecendo relações cordiais com a Itália, apesar de sua treloucada aventura na África.²² A bem da verdade, Churchill, nos anos 1920, expressara alguma admiração pelo líder italiano. Arnold Toynbee, hoje quase esquecido, mas na época um dos mais importantes historiadores britânicos, encontrou-se com Hitler em 1936 e relatou ao Ministério das Relações Exteriores que o líder alemão realmente desejava a paz.²³ “Ele está convencido da sinceridade do seu [de Hitler] desejo de paz com a Europa e de amizade próxima com a Inglaterra”, registrou Thomas “T.J.” Jones, um correligionário do Partido Conservador, após uma caminhada no campo com o historiador.²⁴ Waldorf Astor, um nobre nascido nos Estados Unidos, explicou a Jones que a antipatia dos americanos pelos nazistas “em grande parte deve-se à intensa e generalizada propaganda antigermânica sendo feita por judeus e comunistas. Os jornais são influenciados por essas empresas que anunciam fartamente na imprensa e com frequência estão sob controle judaico”.²⁵ Harold Nicolson, certa noite, em maio de 1938, num jantar num dos mais aristocráticos restaurantes de Londres, o Pratt’s, quase caiu para trás ao ouvir três jovens lordes concordando que “preferiam ver Hitler em Londres a ter um governo socialista”. Quatro dias depois, Nicolson foi visitado por Charles Lindbergh, o aviador mais famoso do mundo e um isolacionista proeminente nos Estados Unidos. “Ele diz que não podemos lutar, pois certamente seríamos derrotados”, recordou Nicolson. “Ele acha que devemos fazer vista grossa e depois nos aliarmos à Alemanha.”²⁶

Em maio de 1939, Archibald Ramsay, um parlamentar conservador da Escócia, formou um grupo pró-Alemanha e antissemita chamado Clube da Direita.²⁷ Seu distintivo mostrava uma águia matando uma cobra e a sigla PJ, de “Perish Judah” [Morte aos judeus].

O *Times*, de Londres, copropriedade de outro membro do clã Astor, John J. Astor, era então o jornal diário do establishment britânico. Como dizia lorde Halifax, o ministro das Relações Exteriores de Chamberlain, na Grã-Bretanha do pré-guerra “especial ênfase era colocada nas opiniões expressas em seus artigos mais importantes [isto é, os editoriais], sugerindo que houvessem passado pelo crivo do governo, ou mesmo recebido sua aprovação”.²⁸ Ao longo da década de 1930, o jornal apoiou fervorosamente a política de conciliação, a ponto de estar disposto a tolerar e mesmo adotar táticas hitleristas. Após a Noite das Facas Longas, uma série de chocantes assassinatos políticos cometidos por ordem de Hitler em meados de 1934, o jornal amenizou: “*Herr* Hitler, o que quer que pensemos de seus métodos, está sinceramente tentando transformar o fervor revolucionário num esforço moderado e construtivo, e impor um alto padrão no serviço público por parte das autoridades nacional-socialistas.”²⁹

Em 1937, Geoffrey Dawson, editor do *Times*, confidenciou a seu correspondente em Genebra: “Eu faço de tudo, noite após noite, para deixar de fora do noticiário qualquer coisa que possa ferir as suscetibilidades germânicas.”³⁰ De acordo com a história oficial do próprio *Times*, publicada em 1952, aqueles que se opunham à política de conciliação eram quase sempre “intelectuais, idealistas, sentimentalistas e pacifistas satisfeitos com um programa de resistência sem que os meios para tal resistência existissem”. A história do *Times*, com extraordinária audácia, culpa os esquentadinhos por tornarem necessária a desastrosa política de conciliação, argumentando que o jornal, “como o governo, ficou sem apoio entre a Commonwealth isolacionista e uma Grã-

Bretanha pacifista”.³¹ O que essa explicação se esquece de dizer é que o papel de um jornal importante não é apenas seguir a opinião pública, mas tentar influenciá-la, sobretudo quando um assunto de primeira grandeza política é visto a partir de suposições equivocadas. E certamente não é papel de um editor de jornal suprimir notícias para não incomodar as pessoas ou forçar as autoridades governamentais a rever suas posições.

O rei Eduardo VIII em pessoa, durante o reinado de onze meses em 1936, apoiou a estratégia conciliadora. De acordo com um relato, quando Hitler enviou tropas à Renânia, em março de 1936, quebrando as regras do Tratado de Versalhes, o rei chamou o embaixador alemão em Londres para lhe dizer que dera ao primeiro-ministro Baldwin “uma demonstração do que eu penso”.³² A saber, “eu disse ao velho sem graça que abdicaria se ele declarasse guerra. Foi uma cena lamentável. Mas o senhor não precisa se preocupar. Não haverá guerra”. O rei acabaria por abdicar por outros motivos no fim daquele ano. Durante a guerra, suas visões e contatos direitistas continuariam sendo uma preocupação constante para Churchill e a inteligência britânica.

Muitos dos defensores da política de conciliação viam a si próprios como pragmáticos. Sob seu ponto de vista, eles estavam sendo confrontados com o fato de que a ascensão alemã só poderia ser contida por uma forte coalizão europeia, disposta à ação militar. No entanto, considerando-se a ausência de tal aliança e diante do ritmo vagaroso do rearmamento britânico, a conciliação era a atitude mais inteligente, a opção preferida de cabeças bem menos esquentadas que a de Winston Churchill. Numa carta de janeiro de 1938, Neville Chamberlain afirmou que, “sendo um realista, devo fazer o que for possível para manter este país em segurança”.³³

Apesar dos argumentos do *Times* e dos primeiros-ministros que ele apoiou vigorosamente – primeiro Stanley Baldwin e depois Chamberlain –, está claro hoje que a conciliação se apoiava mais no autoengano que no cálculo racional, pois ela necessariamente exigia que se confiasse na sanidade e na confiabilidade de Hitler. O próprio Chamberlain disse em particular à irmã que Hitler era “um homem em quem se podia acreditar quando ele dava sua palavra”.³⁴ O ex-primeiro-ministro David Lloyd George, após seu encontro com Hitler, declarou ser o líder alemão “um homem notável”, cuja cabeça “não foi virada pela bajulação”.³⁵

A resposta de Churchill aos argumentos dos adeptos da conciliação era que a tomada do poder pelos nazistas em Berlim significava que tal política fatalmente os levaria à guerra. “A chegada da Alemanha a qualquer coisa próxima da igualdade militar com a França, a Polônia e os Estados menores significa um compromisso com a guerra europeia generalizada”, ele polemizou na Câmara dos Comuns, em abril de 1933, cerca de três meses após Hitler se tornar chanceler e enquanto executava seu plano de tornar a Alemanha um Estado de partido único.³⁶ Em outro discurso na Câmara dos Comuns, por volta do fim daquele ano, Churchill assegurou que “o grande fato preponderante é que a Alemanha está se rearmando, já começou a se rearmar”.

Um ano mais tarde, ele perguntou: “Qual o grande fato novo que recaiu sobre nós nos últimos dezoito meses?”³⁷ Sua resposta foi: “A Alemanha está se rearmando. Esse é o grande fato novo que captura as atenções de todos os países da Europa, e mesmo do mundo, e que deixa todos os outros assuntos em segundo plano.” Ele estava especialmente preocupado com a força crescente do poder aéreo germânico. “A Alemanha já tem um exército poderoso e bem equipado, com excelente artilharia, e uma imensa reserva de homens treinados e armados. As fábricas de munição alemãs estão trabalhando praticamente em condições de guerra, e o material de guerra flui de dentro delas, e assim tem sido nos últimos doze meses, com certeza, num fluxo cada vez mais copioso. Muito disso, sem dúvida, ocorre em violação aos tratados assinados. A Alemanha está se rearmando em terra; ela também está se rearmando, em alguma medida, no mar; porém nossa maior preocupação é o rearmamento da Alemanha no ar.”

A visão do governo britânico continuava quase oposta: o caminho para a paz, muitos dos seus líderes acreditavam, era evitar uma corrida armamentista, ou mesmo se desarmar.³⁸ Hitler, no final da década de 1930, acreditava que a Grã-Bretanha estava fraca demais para lutar, e muitos líderes britânicos, em privado, concordavam com ele. Quando a Alemanha começou de fato a incrementar seu poderio militar, a reação britânica oficial foi pressionar o governo francês a fazer concessões para aplacar os alemães.³⁹ Em 1935, Clement Attlee, então uma figura de proa no Partido Trabalhista, seguiu a opinião da maioria quando disse que, ao se desejar a paz, “não acreditamos que ela possa ser obtida pela defesa nacional. Acreditamos que só se pode atingi-la avançando rumo a um novo mundo – um mundo de leis, a abolição dos armamentos nacionais em favor

de um exército e de um sistema econômico mundiais”.⁴⁰ Contudo, ao final da década, Attlee passaria para o lado de Churchill e se tornaria um forte oponente da política de conciliação de Chamberlain em relação a Hitler.

Outros persistiram no caminho da distensão. Após se tornar primeiro-ministro em maio de 1937, Chamberlain procurou a reconciliação com a Alemanha oferecendo-lhe territórios coloniais para administrar.⁴¹ Em novembro de 1937, lorde Halifax, o ministro das Relações Exteriores de Chamberlain, encontrou-se com Hitler. Ele voltou tranquilizado, dizendo ao governo que os alemães “não tinham nenhum plano de aventura imediata”.⁴² Em março de 1938, Attlee acusaria Chamberlain de “continuar uma política de negociação com pessoas que já demonstraram acreditar na força e que usaram a força mesmo enquanto ele está negociando com elas”.⁴³

Os líderes do Partido Tory achavam que, como parte do esforço para manter Hitler calmo, Churchill deveria ser excluído de uma posição de liderança. Thomas Jones, que serviu como *consigliere* do primeiro-ministro Baldwin, passou anos certificando-se de que Churchill continuasse escanteado. Em 1934, Jones confidenciou a um amigo que, “certos ou errados, todos que já estiveram com Hitler estão convencidos de que ele favorece a paz”.⁴⁴ Jones era, ele próprio, um desses, escrevendo dois anos depois: “Temos evidências abundantes do desejo da maioria dos alemães de estar em bons termos conosco.”⁴⁵ Após fazer ele próprio a peregrinação para encontrar o líder alemão, Jones relatou a Baldwin: “Hitler acredita no senhor, e acredita que apenas o senhor neste país pode provocar a reorientação da Inglaterra, da França e da Alemanha, que ele tanto deseja.”⁴⁶ Na sequência, chegou a defender “com vigor a hipótese de uma aliança com a Alemanha”, um gesto que chocou mesmo alguns aliados políticos.⁴⁷

O resultado dessa encruzilhada política foi que, até o último ano da década de 1930, Churchill seria visto, segundo resumiu o historiador Tony Judt, como um “outsider de grande talento: bom demais para ser ignorado, porém convencional de menos e nada confiável para ocupar o posto mais alto”.⁴⁸ Ele era ridicularizado por outros políticos como uma pessoa instável, com mais energia do que juízo, inarredável em suas opiniões, mas frouxo na fidelidade partidária. “Todos sabemos que, em nossa política, não há nada mais obsoleto que o Winston Churchill de dez anos atrás”, achincalhou o luminar do Partido Liberal Herbert Samuel num debate parlamentar ocorrido em março de 1930.⁴⁹ Alguns anos depois, Samuel compararia Churchill, no tocante à política de defesa, “a um malaio descontrolado”.⁵⁰ Quando falou na Universidade de Oxford, em 1934, sobre seu receio pela segurança da Inglaterra, Churchill foi recebido com o que Martin Gilbert, seu biógrafo oficial, chamou de “uma gargalhada pejorativa”.⁵¹ Em fevereiro de 1935, sir Samuel Hoare, um Tory proeminente, confidenciou ao editor do *Manchester Guardian* que “não há quase nenhum Tory disposto a aceitar Churchill como líder do partido ou primeiro-ministro”.⁵²

Talvez o mais doloroso de todos tenha sido o golpe desferido por um parlamentar conservador em maio de 1935. “Embora seja odioso criticar qualquer pessoa no outono de sua vida, nada pode desculpar Vossa Excelência representante de Epping [que era Churchill] por haver permeado todo o seu discurso com a impressão de que a Alemanha está se armando para a guerra”, disse Thomas Moore.⁵³ Outro conservador escreveu em seu diário, após jantar com Churchill, que o achou “muito desequilibrado”.⁵⁴ Diante da enxurrada de maledicência, não é de surpreender que, no final de 1936, Churchill tenha pensado, pelo menos por um momento, que sua carreira política estava “acabada”.⁵⁵ Ele não diz em suas memórias se acreditava nisso, mas registra que “o universo quase inteiro achava que minha vida pública havia afinal terminado”.⁵⁶

A improbabilidade de Churchill jamais alcançar a chefia do governo tornou-se o bordão de seus opositores. “Quaisquer que sejam os perigos que aguardam este país no futuro, a perspectiva de um gabinete formado pelo sr. Winston Churchill ... e outros não é um dos perigos com os quais devemos estar preocupados”,⁵⁷ disse com uma risadinha o barão Ponsonby de Shulbrede, na Câmara dos Lordes.⁵⁸ Ponsonby, cujo pai fora secretário particular da rainha Vitória e cujo avô lutara em Waterloo, mais tarde aumentou o grau de alerta para esse risco, dizendo na Câmara dos Lordes que talvez fosse necessário prender Churchill em determinado momento: “Tenho a maior admiração possível pelos poderes parlamentares do sr. Churchill, por seus poderes literários, seus poderes artísticos, mas sempre julguei que, numa crise, ele deveria ser uma das primeiras pessoas a serem tiradas de circulação.”⁵⁹ Mais ou menos nessa época, lorde Maugham sugeriu que seria melhor “fuzilar ou enforcar” Churchill.⁶⁰

O isolamento de Churchill se aprofundou ainda mais em dezembro de 1936, quando ele tomou o partido do rei Eduardo VIII durante a crise relativa à necessidade de abdicação no caso de o rei levar adiante o desejo de se casar com uma divorciada americana, Wallis Simpson. Seu apoio ao rei foi visto como um ataque à aristocracia, que tentava domesticar o monarca, extremamente querido pelo seu povo. Ao se colocar do lado do rei, Churchill desafiava também seu próprio Partido Conservador e seu líder, o primeiro-ministro Baldwin. A defesa que fez do monarca sempre intrigou os historiadores, especialmente levando-se em conta o que viria à luz mais tarde, isto é, a simpatia de Eduardo pelos fascistas. A explicação mais provável é que o tradicionalismo de Churchill, seu amor pelo “rei e o país”, nublou seu julgamento do homem.

Quando Churchill discordou de seu partido na Câmara dos Comuns, foi pesadamente vaiado. Vermelho de raiva, ele gritou para Baldwin: “Você não ficará satisfeito antes de dominá-lo, não é?”⁶¹ Ele disse a um amigo, mais tarde naquele dia, que sua carreira política chegara ao fim.

O rei de fato foi obrigado a abdicar do trono. Nas festividades natalinas daquele mês, as crianças das escolas inglesas chocaram seus pais e professores ao cantar:

Com anjos e arautos eu cantarei,

A sra. Simpson físgou nosso rei.^{62 c}

“As classes altas se incomodam mais com o fato de ela ser americana do que divorciada”, pontuou com indefectível esnobismo Harold Nicolson.⁶³

Os alemães continuavam incertos de que Churchill estava derrotado, e continuaram a estudá-lo. Em 1937, no dia 21 de maio, Churchill foi à embaixada alemã almoçar com Joachim von Ribbentrop, então ainda o embaixador alemão em Londres. Os nazistas, àquela altura, sabiam muito bem que Churchill era uma liderança na Grã-Bretanha contra eles. Ribbentrop começou dizendo a Churchill que a Alemanha almejava a amizade da Inglaterra, que não buscava o desmantelamento do Império Britânico, e que tudo que desejava era mais autonomia na Europa Oriental, de modo a conquistar o *Lebensraum*, ou “espaço vital”, de que necessitava. A fim de atingir tal objetivo, ele disse, apontando um mapa na parede da embaixada, a Alemanha teria de absorver a Polônia, a Ucrânia e a Bielorrússia. Tudo que a Alemanha pedia era que a Grã-Bretanha não interferisse.

De pé diante do mapa, Churchill disse que a Grã-Bretanha não colaboraria com esse plano. Ribbentrop virou-se de costas para o mapa “abruptamente” e disse: “Nesse caso, a guerra é inevitável. Não há outra saída. O Führer está decidido. Nada o deterá, e nada nos deterá.”

Os dois sentaram-se novamente. Churchill alertou Ribbentrop para que não subestimasse a Grã-Bretanha. “Se vocês nos jogarem em outra Guerra Mundial, ela fará com que o mundo fique contra a Alemanha, como da última vez.”

Nesse momento, o alemão se levantou. Não era essa a sua avaliação, declarou ele, com algum “fervor”: “A Inglaterra pode ser muito esperta, mas dessa vez ela não fará o mundo todo se voltar contra a Alemanha.”⁶⁴

Churchill continuou sua cruzada contra a política de conciliação. Em abril de 1937, avisou à Câmara dos Comuns: “Parecemos estar nos movendo, à deriva, resolutamente contra a nossa vontade, contra a vontade de todas as raças, todas as pessoas e todas as classes, em direção a uma horrível catástrofe. Todos desejam interrompê-la, mas ninguém sabe como.”⁶⁵

Suas apreensões cresceram ao longo de 1938, quando a política de conciliação de Chamberlain estava no auge, tanto na prática quanto em termos de popularidade.

Pessoalmente, o ponto mais baixo de Churchill chegou na noite de 20 de fevereiro, pegando-o deitado na cama, insone até o raiar do dia. Ele matutava sobre a razão de Anthony Eden, o ministro das Relações Exteriores, ter acabado de renunciar, opondo-se à determinação de Chamberlain de continuar perseguindo a solução diplomática. “Observei a luz do dia lentamente se arrastar por entre as janelas”, ele escreveu, “e vi diante de mim, numa projeção mental, a face da Morte.”⁶⁶ Um mês depois, ele soava elegíaco, dizendo à Câmara dos

Comuns: “Há cinco anos venho falando a esta Câmara sobre tais assuntos, sem grande sucesso. Observei esta famosa ilha descendo, imprudentemente, inconsequentemente, a escadaria que leva a um poço escuro.”⁶⁷

Em 14 de maio de 1938, quando a seleção inglesa de futebol enfrentou a Alemanha diante de 100 mil pessoas no estádio olímpico de Berlim, seus jogadores fizeram a saudação nazista durante o hino nacional alemão.⁶⁸ O time agiu assim instruído pelo Ministério das Relações Exteriores, agora chefiado por lorde Halifax. Também nessa primavera, Halifax disse ao governo que, no interesse da paz, talvez fosse necessário que a Grã-Bretanha pressionasse a Tchecoslováquia a fazer grandes concessões a Hitler. “Era uma questão desagradável”, ele admitiu, “que devia ser resolvida da maneira mais afável possível.”⁶⁹ Essa frase tortuosa pode ter expressado a alma da política de conciliação – e seu epitáfio.

NO FIM DE SETEMBRO daquele ano, o primeiro-ministro Chamberlain, após três rápidas viagens à Alemanha em um único mês, assinou com Hitler o Tratado de Munique. A ressurreição política de Churchill começaria com esse pacto.

Claro, não foi assim que pareceu a princípio. Chamberlain teve um grande momento no outono de 1938. Satisfeito com suas habilidades diplomáticas, ele descreveu o primeiro encontro: “Estabeleci um certo grau de confiança, o que era meu objetivo, e de minha parte, apesar da dureza e da crueldade que eu julgava enxergar em seu rosto, tive a impressão de que se tratava de um homem em quem se podia confiar, uma vez que tivesse dado sua palavra.”⁷⁰ No segundo de seus encontros com Hitler naquele mês, Chamberlain aceitou todas as exigências do Führer. Os governos da França e da Grã-Bretanha instruíram os tchecos a abrir mão da franja ocidental de seu território, a chamada região dos Sudetos, predominantemente germânica. Ao fazê-lo, Chamberlain permitiu que a Alemanha iniciasse o desmantelamento da Tchecoslováquia, começando por lhe tomar um terço da população e seu sistema de defesa fronteira. Churchill respondeu: “Acreditar que a segurança pode ser obtida jogando-se um pequeno Estado aos lobos é um delírio fatal.”⁷¹ Chamberlain afirmou ao gabinete acreditar que Hitler confiava nele.

Em 29 de setembro, Chamberlain voou até a Alemanha para seu terceiro encontro naquele mês com o Führer. De volta a Londres, anunciou que garantiria “paz para a nossa época”. Foi recebido por multidões entusiasmadas nas ruas.

Quando a Câmara dos Comuns reuniu-se na semana seguinte, Chamberlain começou contando, alegremente, que “uma nuvem de ansiedade foi levantada de nossos corações”. Ele havia, segundo suas próprias palavras, “assentado as fundações da paz”. Assegurou à Câmara que não tinha arrependimentos. Quando a meia dúzia de oponentes gritou “vergonha”, ele respondeu: “Não tenho nada de que me envergonhar. Aqueles que têm, que se danem.”

A maioria dos deputados apoiou Chamberlain. George Lansbury, uma antiga autoridade do Partido Trabalhista, fechou posição com o primeiro-ministro conservador dizendo ao plenário:⁷² “Tenho escutado todas as denúncias contra Hitler e o *signor* Mussolini. Estive pessoalmente com ambos, e só posso dizer que são bastante parecidos com qualquer outro político ou diplomata que encontramos por aí.” Cyril Culverwell, um conservador, saudou em Chamberlain “a coragem, a sinceridade e a liderança habilidosa”. No fim das contas, acrescentou, “só há duas alternativas, a guerra ou a conciliação”. A vontade da maioria pendia para a segunda.

Henry Raikes, outro conservador, julgou que Chamberlain tivesse conquistado um lugar nobre na história, dizendo: “Nós, desse lado da Câmara, temos o direito de sentir orgulho ao sermos liderados como temos sido pelo primeiro-ministro. Temos o direito de acreditar que, em vez de zombarias à sua afirmação de que a paz chegou para o nosso tempo, deveria haver um entendimento amplo do fato de que nosso líder entrará para a história como o maior estadista europeu desta e de qualquer outra época.”

Churchill permaneceu em silêncio durante todo o primeiro dia de debates sobre Munique, e mesmo todo o segundo. No terceiro dia, logo após as cinco da tarde da quarta-feira, 5 de outubro, ele finalmente se levantou para falar. “Eu começo por dizer aquilo que todos gostariam de ignorar ou esquecer, mas que no entanto deve ser dito, isto é, que nos comprometemos com uma total e arrasadora derrota.”⁷³

Lady Astor, havia muito tempo sua maior inimiga política, convictamente pró-diplomacia, interrompeu-o, gritando: “Bobagem.”

Churchill respondeu: “O máximo que meu honrado amigo o primeiro-ministro conseguiu, após todos os seus cuidados, após os esforços e a grande mobilização deste país, após toda a angústia e a aflição que vivemos neste país, o máximo que ele conseguiu...”

Aqui foi interrompido novamente por parlamentares, que gritaram: “Foi a paz!”

Churchill continuou, firme. “O máximo que ele conseguiu para a Tchecoslováquia ... foi que o ditador alemão, em vez de roubar toda a comida da mesa, contentou-se em tê-la servida um prato depois do outro.”

Ele prosseguiu: “Estamos na presença de um desastre de primeira grandeza.” Após outra breve interrupção de lady Astor, novamente desprezada, ele concluiu com um alerta quase bíblico: “Este é apenas o início do acerto de contas. Este é apenas o primeiro golinho, o primeiro antegosto de um cálice amargo que nos será oferecido ano a ano, a não ser que, por uma suprema recuperação de nossa saúde moral e de nosso vigor marcial, ergamos de novo e tomemos posição a favor da liberdade como nos tempos de outrora.”

Mas Churchill falava para a história naquele dia, não para os outros membros da Câmara dos Comuns. O que eles pensavam foi captado por Thomas Magnay, um parlamentar liberal, representante de Gateshead, perto do rio Tyn, quando perguntou, retoricamente, com nítida indiferença pela resposta: “O que é a Tchecoslováquia?”

O primeiro-ministro Chamberlain encerrou os três dias de debate enfatizando o lado pessoal de seu compromisso:

Qualquer um que passe pelo que passei dia após dia, cara a cara com a noção de que em última instância teria sido eu, e eu sozinho, a dizer o sim ou não que decidiria o destino de milhões de meus compatriotas, suas esposas, suas famílias... um homem que passou por isso não esquece facilmente.⁷⁴

E assim, disse ele, seria guiado não pela crítica parlamentar, mas por sua consciência: “Quando um homem chega à minha idade e ocupa o meu posto, quero crer que ele compreenda que a crítica, mesmo o ataque, tem pouca importância para ele, se sua consciência estiver em paz com seus atos.” A Câmara dos Comuns endossou sua política com 366 votos contra 144.

Logo após o debate sobre o Tratado de Munique, Churchill enfrentou um desafio em seu próprio distrito eleitoral. “O fato concreto”, escreve Roy Jenkins, “é que ao longo de seis semanas, ou algo assim, no outono de 1938, e depois num ritmo decrescente por outros quatro meses, pairaram dúvidas se ele continuaria ocupando a cadeira de parlamentar conservador.”⁷⁵ Em 4 de novembro de 1938, os conservadores de Epping se reuniram para avaliar a continuidade do apoio que lhe prestavam como seu representante no Parlamento. Ele venceu o sufrágio interno por 100 a 44. Jenkins assinala que, se meros trinta votos virassem, a história poderia ter mudado, pois Churchill perderia o mandato e seria obrigado a disputar uma eleição específica para sua cadeira, provavelmente contra um conservador pró-Chamberlain.

O primeiro-ministro, enquanto isso, gozava de um pico de popularidade.⁷⁶ O prefeito de Cardiff, no País de Gales, ordenou que uma bandeira com a suástica fosse hasteada em comemoração. Peregrine Cust, o 6º barão Brownlow, que fora o lorde-camareiro pessoal do rei Eduardo VIII, deu a Chamberlain uma cigarreira gravada com o mapa da Europa e uma safira que marcava as localidades alemãs de cada um dos três encontros entre Chamberlain e Hitler – Berchtesgaden, Godesburg e Munique. Chamberlain reafirmou aos seus ministros, confiante, no fim de outubro: “Nossa política externa é a da conciliação.”⁷⁷ Charles Lindbergh chegou a Londres e disse a seus anfitriões acreditar que, na eventualidade de uma guerra, “as democracias seriam esmagadas absoluta e definitivamente”.⁷⁸

Mas Hitler, é claro, entendia as consequências da posição de Chamberlain melhor que os líderes britânicos. Em palavras e atos, ele começou a demonstrar o que Munique de fato significava. Em dois discursos no início de novembro, ele atacou Churchill nominalmente, chamando-o de “louco” e uma força pró-guerra.⁷⁹ Logo após tais discursos, capangas nazistas empreenderam um ataque nacional aos judeus alemães e austríacos, queimando centenas de sinagogas e depredando 7 mil estabelecimentos de propriedade de judeus. Os ataques de 9 e 10 de

novembro de 1938, atualmente conhecidos como *Kristallnacht*, ou a Noite dos Cristais, devido a todos os estilhaços de vitrines que produziram, são vistos hoje por alguns historiadores como o marco inicial do Holocausto, pois foram o primeiro exemplo de violência generalizada do Estado contra judeus na Alemanha e na Áustria.

Chamberlain reagiu à *Kristallnacht* sem muita fibra, dizendo à irmã que estava “horrorizado” e, no entanto, reclamando: “Acho que preciso dizer alguma coisa sobre isso.”⁸⁰ Mas ele tinha muito pouco a dizer sobre o assunto diretamente, ou mesmo indiretamente, quando mais tarde naquele mês a Câmara dos Comuns discutiu o tema dos refugiados judeus.⁸¹ Seu silêncio foi percebido. Neville Laski, presidente da Bancada Parlamentar dos Judeus Britânicos, mencionou ao editor do *Manchester Guardian* que Chamberlain jamais “expressou uma palavra de solidariedade aos judeus na Alemanha”.⁸² O primeiro-ministro fora igualmente reticente num encontro privado com importantes judeus britânicos, acrescentou. Chamberlain ainda estava encantado com o brilho do Tratado de Munique. Seu cartão de Natal daquele ano exibiria, com orgulho, a fotografia de seu avião, um Lockheed Electra monoplane, bimotor e cauda dupla, durante um dos voos à Alemanha.⁸³

Churchill ficou abismado. Em particular, ameaçou que “nas próximas eleições gerais falarei em cada palanque socialista contra o governo”.⁸⁴ (Inexplicavelmente, ele não se refere à *Kristallnacht* em suas multivolumosas memórias da Segunda Guerra Mundial, mesmo ao refazer, com minúcia, os passos que levaram à guerra, como por exemplo a substituição, vários meses mais tarde, de Maxim Litvinov por V.M. Molotov na chefia da pasta das Relações Exteriores.)

Havia recursos disponíveis para reforçar as defesas britânicas, mas Chamberlain advertiu contra essa possibilidade. Embora o governo gerisse um superávit de 20 milhões de libras, ele sustentava que tal gesto era pouco inteligente. Como antigo ministro das Finanças, ele disse a seu gabinete que a posição financeira parecia “extremamente perigosa”.

Apesar de tudo, Chamberlain estava satisfeito com suas realizações. Ele escreveu à irmã: “Ainda levará um tempo até a poeira abaixar, mas as coisas estão andando na direção que eu desejo.”⁸⁵

Em meados de março de 1939, Hitler comandou o exército alemão pelo resto da Tchecoslováquia, país que Chamberlain caracterizara publicamente, seis meses antes, como “um país distante” envolto numa “disputa ... entre povos dos quais não sabemos nada”.⁸⁶

A arapuca estava montada. Com a invasão da Tchecoslováquia, ficou claro que a política de conciliação havia desmoronado, e levava Chamberlain junto. Ganhou força em décadas recentes a visão revisionista segundo a qual Chamberlain ganhara tempo enquanto a Grã-Bretanha se fortalecia, mas isso ignora dois fatores cruciais. Um é que Hitler se beneficiou enormemente durante o mesmo período, por exemplo se apropriando do ouro austríaco e da indústria armamentista tcheca, e ainda ganhando acesso a grandes contingentes humanos para suas fábricas e seu exército. O outro fator é que Chamberlain não deu nenhuma indicação de ter como objetivo ganhar tempo, e é provável que ele ou um de seus aliados políticos, como lorde Halifax, se no poder, teria preconizado a paz em 1940. Alguns revisionistas debatem se o atraso visava dar à Força Aérea Real (RAF) a chance de se preparar, mas seus argumentos negligenciam o fato de que Chamberlain financiava aviões de combate apenas porque eram mais baratos do que bombardeiros.⁸⁷

Hoje sabemos que Hitler, em 23 de maio, reuniu o alto-comando militar alemão na Chancelaria do Reich, onde revelaria seus planos para a guerra que ele, segundo afirmou, julgava inevitável.⁸⁸ Primeiro, sua intenção era “atacar a Polônia na primeira oportunidade”. Por fim, haveria uma “luta de vida ou morte” com a Inglaterra. Ele apresentou as condições necessárias para uma vitória alemã: “Se a invasão e a ocupação da Holanda e da Bélgica forem bem-sucedidas, e a França também for derrotada, os pré-requisitos para o sucesso na luta com a Inglaterra estarão dados. A Inglaterra pode ser bloqueada a partir da região oeste da França, em estreita parceria com a força aérea, enquanto a marinha, com seus submarinos, pode estender o alcance do nosso bloqueio.” Ele não mencionou os Estados Unidos nesse documento, de acordo com a tradução usada nos julgamentos de Nuremberg, após a guerra. De lá para cá, descobriram-se provas de que Hitler vislumbrava uma guerra com os americanos, mas somente após subjugar a Europa e a União Soviética.⁸⁹

Enquanto a Grã-Bretanha via Hitler expandindo-se para além das fronteiras da Alemanha, o nível da mordacidade política em relação a Churchill começou a mudar. “O prezado cavalheiro continua vindo a esta Câmara e emitindo alertas ao governo”, disse Reginald Fletcher num debate, em junho de 1939. “O governo invariavelmente rejeita seus alertas, porém mais e mais vezes o vemos tendo de adotar suas propostas, e com custos muito mais altos do que precisaria pagar se o tivessem escutado desde o início.”⁹⁰ Mesmo assim, Chamberlain orgulhosamente resistia a indicar Churchill para uma posição de liderança. O primeiro-ministro informou a seu aliado político Geoffrey Dawson, o editor do *Times*, que “não tinha nenhuma intenção de engolir Churchill em seu gabinete outra vez”.⁹¹

A pressão em favor de Churchill cresceu. Em agosto de 1939, às vésperas da guerra na Europa, Eleanor Rathbone, uma parlamentar independente e ativista dos direitos da mulher, representante das outras universidades inglesas que não Oxford, Cambridge e London (as quais tinham o privilégio de ter cada uma os seus representantes), disse na Câmara dos Comuns que Churchill “há muito profetizou que essas coisas aconteceriam, mas seus conselhos foram ignorados”.⁹²

^c Adaptando o original “*Hark, the herald angels sing, / Mrs. Simpson’s pinched our king*”. (N.T.) ↵

5. Orwell se torna “Orwell”: Espanha, 1937

ORWELL DESPACHOU O manuscrito de *O caminho para Wigan Pier* para seu editor em 15 de dezembro de 1936, e uma semana depois partiu para a Espanha. De passagem por Paris, esteve com Henry Miller, escritor a quem admirava. Miller lhe deu uma jaqueta de veludo cotelê para que usasse na Espanha. Orwell chegou a Barcelona por volta do dia de Natal.

Assim tiveram início os sete meses mais significativos de sua vida política. O que ele testemunhou na Guerra Civil Espanhola de 1937 influenciaria todo o seu trabalho subsequente. Há uma linha direta entre as ruas de Barcelona em 1937 e as câmaras de tortura de 1984.

Ainda não era o caso quando ele chegou por lá, no fim de 1936. Barcelona, a capital da Catalunha, porção nordeste da Espanha, era um importante centro de resistência à guerra da direita contra a República Espanhola. Orwell pretensamente foi até o local dos acontecimentos para escrever sobre aquela guerra, mas ingressou quase que de imediato nas fileiras antidireitistas. Ele estava quase rindo sozinho de tanto prazer ao encontrar uma genuína atmosfera revolucionária em Barcelona, onde todos se tratavam como camaradas. Era como se, pela primeira vez na vida, ele visse a classe trabalhadora no comando. “Acima de tudo, havia a crença na revolução e no futuro”, ele escreveu.¹

Outros visitantes foram igualmente intoxicados. Kitty Bowler, uma jovem antifascista americana, escreveu à mãe: “Um novo mundo está sendo feito aqui.”² Lois Orr, outra americana, gostou que os anarquistas tivessem adotado o marinheiro Popeye como mascote, vendendo broches e lenços com a imagem do marujo de desenho animado agitando a bandeira vermelha e preta de seu partido.³ Mas, como assinalou, o Mickey Mouse era considerado não alinhado. (Em um ensaio sobre Dickens, escrito alguns anos depois, Orwell observaria lateralmente que tanto Popeye quanto Mickey eram “variações de Jack, o matador de gigantes”).⁴ Chegando a Barcelona, o marxista austríaco Franz Borkenau sentiu “como se aportássemos num continente diferente de tudo que eu vira antes”.⁵ Os trabalhadores estavam no controle, a polícia era quase invisível e todos pareciam camaradas. Borkenau não poderia adivinhar que, no ano seguinte, por sua falta de fé no comunismo, seria torturado pela polícia comunista espanhola. Também Lois Orr teria uma passagem rápida por uma cadeia dirigida pelos comunistas.⁶

Enquanto fazia o reconhecimento da cidade, Orwell perguntou a uma inglesa como poderia chegar ao front. Desconfiada, ela pediu suas credenciais. “Ele me convenceu ao apontar para as botas que tinha penduradas nos ombros”, ela recordaria.⁷ Foi um gesto persuasivo porque mostrava que ele sabia no que estava se metendo, e talvez tivesse alguma experiência militar. Em sua ficha de alistamento, declarou ser “agricultor”, o que era em parte verdade, dada sua recente temporada como comerciante de vilarejo.⁸

Ele partiu rumo ao front, cerca de 120 quilômetros a oeste de Barcelona. Lá, foi recebido por Bob Edwards, coordenador dos voluntários britânicos na área. Edwards lembrou-se de sua chegada: “Ele veio andando a passos largos na minha direção – com seus quase dois metros de altura –, usando uma grotesca combinação de roupas: calças de montaria de veludo cotelê, meiões cáqui até os joelhos e botas imensas cheias de lama, um colete de couro de porco amarelo, uma balaclava e um lenço de tricô cáqui, de comprimento longuíssimo, enrolado várias vezes em torno do pescoço e do rosto, até as orelhas, um rifle alemão trespassado no ombro e duas granadas de mão penduradas no cinto.”⁹

Orwell sendo Orwell, a primeira coisa que chamou sua atenção ao chegar à zona de combate foi o mau cheiro onipresente: “Estávamos perto da linha de frente agora, perto o bastante para eu sentir o cheiro característico da guerra – na minha experiência, o cheiro de excrementos e o cheiro de comida apodrecendo.”¹⁰ Esta talvez seja a frase quintessencial de Orwell: ele nos dá uma impressão direta e sombria, e ainda usa a palavra “cheiro” três vezes.

O escritor não viu nada romântico nesse front. Era triste, cansativo e, às vezes, macabro:

Mal havíamos tirado os nossos equipamentos e íamos rastejar para fora da trincheira quando houve um outro disparo e um dos mais jovens do nosso pelotão recuou da beirada com o rosto coberto de sangue. Ele atirara com seu rifle e de algum jeito conseguira explodir o corpo da arma; seu couro cabeludo fora rasgado em tiras por lascas do carregador. Foi nossa primeira baixa, e, muito significativamente, autoinfligida.¹¹

Quase por acidente, segundo ele, Orwell juntara-se a uma unidade montada pelo Poum, sigla para Partido Obrero de Unificación Marxista – isto é, o Partido Operário de Unificação Marxista. O grupo pertencia a uma vertente de extrema esquerda que se opunha aos fascistas de Franco, sem dúvida, contudo era politicamente mais identificado por sua posição antistalinista. Era vagamente trotskista, numa época em que Trótski representava um grande perigo para a perspectiva mundial soviética, por constituir um ponto de união para os socialistas não stalinistas. O jornal do Poum havia sido o único na Catalunha a criticar os julgamentos de fachada iniciados em Moscou no verão anterior, quando Stálin deu cabo da maioria de seus velhos camaradas bolcheviques.¹²

Aderir ao Poum era perigoso para Orwell, muito mais do que ele tinha consciência na época, mas provaria ser o ponto de observação ideal de onde ele teria uma visão abrangente da grande crise ideológica de seu tempo. Orwell não tinha como saber que o NKVD, a agência de espionagem russa então muito ativa na Espanha, já pousara seus olhos frios no Poum. Aleksandr Orlov, o chefe da inteligência soviética na Espanha, assegurara a seus superiores três meses antes que, se e quando necessário, “a organização trotskista Poum pode ser facilmente liquidada”.¹³ Quando a repressão ao Poum começou, na primavera de 1937, Orwell e seus colegas se tornariam homens marcados.

Ao chegar às trincheiras avançadas, ele percebeu que era seguido por um cachorro com as letras Poum marcadas a tinta ou a ferro de um lado.¹⁴ É possível que a visão desse animal politizado tenha sido a semente do livro que ele escreveria sete anos depois, sobre porcos stalinistas. Com efeito, naqueles que seriam seus últimos anos de vida, Orwell possuía um poodle preto a quem chamara de Marx – se por referência a Groucho ou Karl, isso não está claro.¹⁵

Acostumando-se ao front, ele reclamou, como os soldados sempre fazem, “que nada acontecia, nada jamais acontecia”.¹⁶ Sua unidade tinha ordens de reportar o toque dos sinos das igrejas, pois as tropas nacionalistas celebravam missas antes de suas grandes ofensivas. Se realmente funcionavam como alerta, isso não ficou registrado.

Como soldado, “ele era muito objetivo”, recordou outro voluntário britânico, Stafford Cottman.¹⁷ Devido a sua experiência paramilitar na Birmânia, Orwell foi nomeado chefe de esquadrão quase imediatamente, responsável por doze homens. Ele exigia que os rifles fossem mantidos limpos e lubrificados. Também aventurou-se na terra de ninguém que antecedia as trincheiras inimigas, para colher batatas.¹⁸ A única vez em que quebrou a disciplina foi na noite em que atirou num rato, assustando os companheiros, que julgaram estar sob ataque. Edwards, liderando os soldados britânicos na área, disse que Orwell tinha uma particular fobia contra os roedores que mastigavam suas botas durante a noite. Edwards lembrou-se do incidente com alguma irritação: “Tudo estava calmo. De repente ouvimos um estouro terrível. Era Orwell. Ele matara um rato na trincheira, e o barulho ressoou por todo o front. E os fascistas pensaram que esse era o ataque, entende? Bombas vieram voando, bombardeiros nos atacaram. Eles explodiram a nossa cantina, nossos ônibus e tudo. Aquele rato custou muito caro, essa é que é a verdade.”¹⁹

Na maior parte do tempo, contudo, a parte do front onde Orwell estava postado era tranquila, até estagnada, tanto que ele cogitava ir para o sul, perto de Madri, a fim de ingressar na Brigada Internacional. Edwards alertou-o contra a ideia, dizendo-lhe que o comissário político da brigada estava executando membros que demonstrassem “tendências trotskistas”.²⁰

Em fevereiro de 1937, a mulher de Orwell, Eileen, chegou a Barcelona, para trabalhar num grupo tributário do Partido Trabalhista inglês, o ILP (ou Partido Trabalhista Independente). Ela se hospedou no Hotel Continental, nas Ramblas, a principal rua da cidade. O hotel ficava a alguns passos de distância dos escritórios do Poum. Em meados de março, ela foi até o front visitar o marido. Eileen contou, numa carta à agente literária de Orwell: “Permitiram que eu ficasse nas trincheiras avançadas o dia inteiro. Os fascistas fizeram um pequeno bombardeio e atiraram muito com suas metralhadoras.” Já para a mãe ela omitiu qualquer menção a combates. “Eu adorei tudo no front.”²¹

Em seus turnos de sentinela, Orwell passava o tempo fantasiando sobre obter uma licença e tirar férias na praia com a esposa. “Que descanso nós vamos ter”, disse-lhe numa carta.²² Ele ainda tinha a audácia de esperar que pudesse “ir pescar também” – um de seus passatempos preferidos. No final de abril, após 115 dias de serviço na linha de frente, Orwell de fato obteve uma licença para ir a Barcelona. Entre outras coisas, queria uma higienização completa contra piolhos e um banho quente.

Mas ele não teria as férias na praia com que sonhava. Em vez disso, chegou a uma cidade mudada, na qual “a atmosfera revolucionária desaparecera”.²³ Também ficou surpreso ao constatar que, enquanto enfrentara escassez de recursos no front, os oficiais republicanos desfilavam pela cidade com belos uniformes e coldres com pistolas nas cinturas. “Nós, no front, nem por amor ou dinheiro conseguíamos pistolas”, ele registrou.²⁴ Uma campanha publicitária oficial contra as milícias não alinhadas ao Partido Comunista estava sendo feita.²⁵ Os russos, que abasteciam as forças republicanas, haviam chegado à conclusão de que a esquerda antistalinista era uma ameaça mais imediata que os franquistas, levando o NKVD a começar sua cruzada contra o Poum. Isso incluiu a construção de um crematório secreto perto de Barcelona para desovar os corpos dos assassinados. Uma sensação de perigo permanente pairava sobre a cidade.²⁶

O ataque começou no dia 3 de maio, umas duas semanas após a chegada de Orwell à cidade, vindo do front.²⁷ Ele estava no saguão do Hotel Continental quando um amigo lhe disse: “Ouvi falar que houve algum problema na Central Telefônica.” Era uma tentativa da polícia de reconquistar o controle do edifício que centralizava as comunicações, antes ocupado pelos anarquistas. Ele ficava diagonalmente oposto ao Hotel Colón, onde Churchill se hospedara nas férias de 1935 e cuja comida achava deliciosa.²⁸ Autoridades da filial do Partido Comunista espanhol também gostavam do hotel. Depois que a guerra civil começou, elas o ocuparam e fizeram dele o quartel-general do partido.

Algumas horas mais tarde, Orwell estava nas Ramblas quando o tiroteio começou. Um americano que ele conhecera no front puxou seu braço e disse-lhe que homens do Poum estavam se reunindo no Hotel Falcon, na outra extremidade das Ramblas. Lá ele encontrou os líderes do partido distribuindo rifles e caixas de munição. Ele passou a noite num cabaré dominado pelo Poum, cortando a cortina do palco para usá-la de cobertor.

Pela manhã, barricadas haviam sido erguidas nas ruas, feitas de paralelepípedos arrancados e do cascalho que tinham por baixo. Atrás de uma delas, uma fogueira fora acesa, e nela os homens fritavam ovos. Na Plaza de Cataluña, contou Orwell, “em uma janela perto do último O do letreiro que se estendia por toda a fachada do gigantesco Hotel Colón, eles [os comunistas] postaram uma metralhadora que podia varrer mortalmente toda a praça”.²⁹

Sua experiência no combate de rua naquele mês de maio é o coração de *Lutando na Espanha*, levando-o a refletir sobre a política do período. Chocado, ele via seus camaradas do Poum denunciados como “trotskistas, fascistas, traidores, assassinos, covardes, espiões e assim por diante”.³⁰ Os membros do Poum eram particularmente vulneráveis, pois seus seguidores eram poucos, mal armados e não tinham previsto a necessidade de operar clandestinamente, e portanto não haviam se preparado para isso.

Orwell foi posto como sentinela no Poliorama, um cinema nas Ramblas, encimado por uma cúpula dupla, de onde se tinha uma vista privilegiada de toda a rua. O cinema ficava do outro lado da rua do Hotel Continental, onde ele e Eileen estavam hospedados. O topo do prédio servia como boa plataforma de tiro, da qual os escritórios executivos do Poum, descendo a rua, podiam ser protegidos.

Enquanto Orwell estava no alto do Poliorama, um de seus colegas do sebo de Hampstead, Jon Kimche, apareceu. “O grosso da luta estava acontecendo a um quilômetro e meio dali”, Kimche lembraria. Orwell contou-lhe quão mal treinada e equipada estava a milícia do Poum. Entediado, leu vários livros de bolso da Penguin, que comprara alguns dias antes.

Na tarde do dia 7 de maio, chegaram aproximadamente 6 mil novos soldados das tropas governamentais, e os combates cessaram. Mais uma vez, Orwell ficou impressionado com os ótimos equipamentos dessas unidades de retaguarda, comparados com os de sua unidade no front. Para seu desgosto, o governo jogava a culpa de toda a luta no Poum, por ser a mais fraca das facções de esquerda.

Assistindo a tudo isso, Orwell chegou a algumas conclusões que iam contra as verdades estabelecidas na esquerda da época. Num tempo em que a solidariedade no campo progressista era considerada obrigatória, a coisa certa a se fazer, algumas suspeitas brotaram. Observando os combates em Barcelona entre facções antifascistas, ele percebeu que “todo o tempo tinha-se a odiosa sensação de que algum amigo seu podia estar denunciando você para a polícia secreta”.³¹

De fato, os acontecimentos em Barcelona obrigaram-no a examinar a esquerda da mesma forma como antes dissecara o imperialismo e o capitalismo. Ele concluiu: “O Partido Comunista, bem como a Rússia soviética, lutavam agora contra a revolução.”³² Eles estavam determinados a eliminar sistematicamente as vertentes anticomunistas da esquerda – primeiro o Poup, então os anarquistas, e por fim os socialistas.

Mas dizer tal coisa em público era uma forma moderna de heresia. Orwell compreendeu, pasmo, que os jornais da esquerda não relatavam a situação com fidelidade, e não queriam fazê-lo. Ao contrário, eles voluntariamente aceitavam as mentiras. “Um dos efeitos mais deletérios dessa guerra foi me ensinar que a imprensa da esquerda é, tim-tim por tim-tim, tão espúria e desonesta quanto a da direita”, ele escreveu.³³ Isso o preparou para o trabalho de sua vida, forçar continuamente a exposição dos fatos, sem ligar para as dificuldades e a impopularidade que poderiam advir dessa tarefa.³⁴

Em 10 de maio de 1937, ele deixou Barcelona para voltar ao front, onde o Poup ainda estava em ação, apesar de reprimido na retaguarda em Barcelona pelo governo cujo território defendia. No dia seguinte, o Poup foi denunciado no *Daily Worker* como a “quinta-coluna de Franco”.³⁵ Cartazes apareceram nas paredes de Barcelona com a manchete RASGUE A MÁSCARA, e mostravam um rosto onde se lia a palavra POUM, sob o qual havia um rosto fascista.³⁶ Era um factóide, a clássica propaganda mentirosa.

Os soldados do Poup no front não haviam sido informados do que ocorria em Barcelona, e os jornais da cidade faziam silêncio sobre o expurgo.

Orwell esperava ficar no front até o fim do verão. Mas, por volta do amanhecer do dia 20 de maio, ele andava pelas trincheiras, supervisionando os sentinelas, quando foi atingido. Sabia tratar-se de um horário perigoso, porque sua trincheira, que dava para o oeste, tinha o sol nascente atrás de si, destacando sua alta silhueta para os franco-atiradores inimigos. Sobre o tiro que levou, ele escreveu: “Numa comparação ruim, foi a sensação de estar no centro de uma explosão. Pareceu haver um estouro bem alto e um ofuscante golpe de luz à minha volta, e senti um choque tremendo – sem dor, apenas um choque violento, como o que você leva de uma tomada; e com ele uma sensação de fragilidade total, um sentimento de ter sido abatido e reduzido a quase nada. Os sacos de areia na minha frente recuaram a uma imensa distância.” O impacto da bala derrubou-o no chão. “Tudo isso aconteceu num espaço de tempo menor do que um segundo ... Eu fiquei tonto, anestesiado, consciente de ter sido atingido com gravidade, mas sem dor propriamente dita.”

O sentinela americano com quem ele estivera falando dirigiu-se até ele: “Meu deus! Você foi atingido?”³⁷ Esse americano, chamado Harry Milton, lembraria: “Achei que ele não sobreviveria. Seus lábios estavam muito machucados, e imaginei que o estrago fosse grande. Mas respirava, e seus olhos estavam se mexendo.”³⁸

Orwell nos oferece um dos melhores relatos jamais escritos sobre como é ser gravemente ferido por uma bala e se julgar condenado. Ele sabia que fora baleado, mas não conseguia dizer onde. Quando o informaram de que era um ferimento no pescoço, ele disse: “Tive certeza de que estava condenado. Nunca ouvira falar de homem ou animal com o pescoço perfurado por um tiro que tivesse sobrevivido.”³⁹ O sangue lhe escorria de um canto da boca. A artéria carótida havia se partido, ele deduziu, o que significava que ele tinha apenas alguns minutos de vida. “A primeira coisa em que pensei, bem previsivelmente, foi na minha mulher. A segunda foi no violento ressentimento de ter que deixar este mundo, pois, no fim das contas, ele combina bastante comigo.”

Mas os minutos se passaram e ele não morreu. Orwell não podia saber, mas, por uma sorte enorme, a bala atravessara o minúsculo espaço, de cerca de um centímetro, entre a artéria carótida e sua laringe, ferindo suas cordas vocais. Um pouquinho à direita ou à esquerda, um tranco a mais na bala em alta velocidade, e muito provavelmente ele teria morrido naquele dia. Por tê-lo atingido em ângulo, a bala saiu pela nuca sem partir a coluna vertebral, embora aparentemente tenha atingido um nervo de raspão, causando a paralisia temporária de um braço.

Ele foi carregado de maca até o hospital de campanha, onde recebeu uma injeção de morfina, e então levado a um hospital militar maior na vila próxima de Sietamo, a oeste, vizinha de Huesca, a capital da província. Seus velhos camaradas foram até lá, demonstraram estar felizes por ele ter escapado, e então tomaram-lhe o relógio, a lanterna e a faca, sabendo que ele seria roubado de tudo aquilo no hospital, e que o equipamento era necessário no front. Durante semanas, sua voz era um grasnar que mais parecia os guinchos do freio de um velho Modelo T, e não era ouvida a mais de dois metros de distância, contou o comandante de seu batalhão, Georges Kopp.⁴⁰

Mas seus problemas estavam apenas começando. Após a recuperação, Orwell foi desligado do exército espanhol por invalidez. No dia 15 de junho, Andreu Nin, o líder do Poum, havia sido preso e desaparecera, provavelmente assassinado pelo NKVD.⁴¹ O partido fora posto na clandestinidade em 16 de junho.

Orwell voltou a Barcelona no dia 20 de junho e encontrou a repressão soviética sobre o Poum em plena ação.⁴² Numa cena saída de um filme do jovem Hitchcock, ao chegar à cidade, ele foi encontrar a esposa, Eileen, no Hotel Continental. Ela o viu à distância chegando no saguão, sorriu casualmente e sussurrou em seu ouvido: “*Saia daqui!... Saia daqui agora.*”⁴³ Ele obedeceu. Um amigo passou por ele nas longas curvas da escadaria, que desciam do saguão até a porta de entrada defronte às Ramblas, e repetiu o aviso, dizendo a Orwell que batesse acelerado em retirada, antes que os funcionários do hotel chamassem a polícia. Então veio um terceiro alerta, de um solidário empregado do hotel: “O Poum foi extinto. Ocuparam todos os prédios. Quase todo mundo está preso. E dizem que os fuzilamentos já começaram.”⁴⁴ Orwell logo entendeu que “os stalinistas estavam no comando, e portanto a consequência lógica era que todos os trotskistas estavam em perigo”.⁴⁵

Ele se tornou um fugitivo. Nessa noite, dormiu nas ruínas de uma igreja. Ficou vagando pelas ruas por alguns dias até acertar seus papéis e os de Eileen, a fim de poderem sair do país. Quando encontrava velhos colegas de farda pela cidade, um ignorava o outro, “como se nunca tivéssemos nos visto. Isso foi horrível”.⁴⁶ Há um sopro de 1984 em seu ressentimento pela intromissão que a polícia podia ter sobre amizades tão fortes.

Seis policiais à paisana foram, no meio da noite, revistar o quarto de sua mulher no hotel, em busca de documentos comprometedores. Eles foram minuciosos, esvaziando gavetas e malas, olhando embaixo da banheira e do aquecedor, examinando as roupas contra a luz. Mas uma coisa que não fizeram foi olhar na cama, onde sua mulher continuou deitada. Orwell descreve a cena quase com gratidão. “É preciso lembrar que a polícia estava quase inteiramente sob o controle comunista, e esses homens deviam ser eles próprios membros do Partido Comunista. Mas eram também espanhóis, e revistar a cama onde uma mulher encontrava-se deitada era um pouco demais para eles. Essa parte do trabalho acabou deixada de lado.”⁴⁷ E foi bom que tenha sido assim, pois os passaportes dos Orwell estavam escondidos na cama com ela.⁴⁸

ERNEST HEMINGWAY, então também na Espanha, faz um contraste interessante com Orwell. Ele era politicamente ingênuo enquanto Orwell era perspicaz, em parte porque a pose de machão turvava seu entendimento das coisas. Em *Por quem os sinos dobram*, seu romance sobre a Guerra Civil Espanhola, o protagonista pensa consigo mesmo, de maneira supostamente viril e arguta: “Ele aprendera ... que, se algo estava fundamentalmente certo, a mentira era irrelevante. Havia muita mentira, contudo. Ele não gostava de mentiras, no início. Odiava mentiras. Mas depois começou a gostar. Fazia parte, quando se era do círculo íntimo.”⁴⁹

No mesmo capítulo, “Karkov”, um jornalista russo, descrito por Hemingway como extremamente inteligente, resume o que era o Poum. Nunca fora “coisa séria”, Karkov informa ao herói. “Era uma heresia de doidões e sujeitos indomáveis, e na verdade apenas infantilidade. Havia algumas pessoas honestas mal orientadas. Havia um cérebro que funcionava razoavelmente bem e pouco dinheiro fascista. Bem pouco. Pobre Poum. Eles eram pessoas muito tolas ... Pobre Poum. Nunca mataram ninguém realmente. Nem no front nem em lugar nenhum. Uns poucos em Barcelona, sim.”⁵⁰ Hemingway também fornece ao russo um alibi para a execução de Nin, o líder do Poum: “Nós o tínhamos, mas ele escapou por entre os nossos dedos.” Oito anos mais tarde, Malcolm Muggeridge, amigo de Orwell, encontraria Hemingway na Paris pós-liberação e se decepcionaria: “Beberrão, preocupado com a imagem e não com a realidade.”⁵¹

QUANDO FUGIRAM DO PAÍS, em 23 de junho, os Orwell se julgaram felizardos por terem saído com vida, pois com muitos de seus amigos fora diferente. Orwell não sabia, mas algumas semanas depois, em 13 de julho, um indiciamento foi feito em Barcelona, acusando a ele e a sua mulher de espionagem e traição. Começava assim: “Sua correspondência revela que são consumados trotskistas.”⁵² E acrescentava que Orwell “tomou parte nos eventos de maio” – o dia dos combates de rua em Barcelona.

Uma vez em casa, ele sentou para escrever *Lutando na Espanha*, seu primeiro grande livro. Como nas melhores memórias de guerra, ele resiste com muito rigor à dramatização excessiva. O livro se atém à verdade de que todas as guerras são essencialmente iguais, consistindo em longos períodos de tédio estupidificante misturados a momentos de medo e choque. O frio e a fome eram inimigos piores que os fascistas nas trincheiras distantes, longe do alcance dos rifles da república.

O livro começa como uma ótima fábula sobre a ida para a guerra, e então, dois terços mais à frente, quando Orwell, durante a repressão stalinista, esbarra com outros rebeldes em Barcelona, se transforma num thriller político em estilo noir. Nessa narrativa, Orwell crava duas certezas. A primeira é que outras vertentes de esquerda não deveriam confiar no comunismo stalinista de dominação. A segunda é que a esquerda pode ser tão receptiva à mentira quanto a direita.

Orwell sabia que nenhum desses temas lhe traria muitas amizades na esquerda britânica. Ao romper com a tradicional esquerda pró-Stálin, ele tomou um rumo que, em paralelo, reproduz o de Churchill, ao se distanciar dos elementos pró-fascistas da aristocracia britânica. Orwell sabia que muitos de seus amigos socialistas britânicos acreditavam que mentir não era apenas permitido, mas obrigatório, se fosse pelo bem da causa soviética.⁵³

O livro termina linda e inesperadamente, com a avaliação que ele, ao chegar em casa, faz da edênica paisagem rural do sul da Inglaterra – e então com um alerta para os habitantes daquelas terras verdes e afáveis:

Ainda era a Inglaterra que eu conhecera na infância: os cortes do leito ferroviário encobertos pelas flores silvestres, os extensos gramados com grandes cavalos de pelo brilhante, pastando e meditando, os riachos de águas calmas ladeados por salgueiros, os seios verdejantes dos olmos, os delfínios nos jardins das casas; e, então, a imensa paz da natureza nos arredores de Londres, os botes em rios cheios de limo flutuante, as ruas familiares, os cartazes anunciando jogos de críquete e casamentos da realeza, os homens de chapéu-coco, os pombos em Trafalgar Square, os ônibus vermelhos e os policiais de azul – todos dormindo o sono profundo, muito profundo, da Inglaterra, do qual às vezes receio que só iremos acordar quando formos chacoalhados pelo rugir das bombas.⁵⁴

Essa é uma frase maravilhosa, digna de ser lida em voz alta. É fruto de observação cuidadosa, impregnada de seu amor pela Inglaterra, e é, acima de tudo, tristemente profética. Foi escrita em meados de 1937, num momento em que os líderes britânicos buscavam a paz através da política de conciliação, e boa parte da população externava seu apoio ao pacifismo. Orwell ia em outra direção. Como afirmou na resenha de um livro, publicada em fevereiro de 1938: “Se alguém jogar uma bomba na sua mãe, vá lá e jogue duas bombas na mãe dele.”⁵⁵

Orwell, ao voltar para casa, tornara-se o escritor que conhecemos hoje por *A revolução dos bichos* e *1984*. A Birmânia fizera dele um anti-imperialista, mas foi a temporada na Espanha que ampliou sua visão política e sua determinação a criticar a esquerda e a direita com igual vigor. Antes da Espanha, ele fora um homem de esquerda bastante convencional, afirmando que o fascismo e o capitalismo eram iguais na essência.⁵⁶ Até essa época, ele ainda se aferrava a visões da esquerda dos anos 1930.

Ele iria deixar a Espanha decidido a se opor ao abuso de poder nos dois extremos do espectro político. Depois da Espanha, observou o crítico literário Hugh Kenner, ele seria “um homem de esquerda divergindo da esquerda oficial”.⁵⁷ “É lamentável que tão pouca gente na Inglaterra até o momento tenha entendido que o comunismo é agora uma força contrarrevolucionária”, escreveu Orwell em 1937.⁵⁸

Depois da Espanha, ferido no corpo e na alma, ele tomou um rumo bem mais independente. “A guerra espanhola e outros acontecimentos de 1937 moveram a balança, e daí em diante eu sabia qual era a minha posição”, ele explicou em “Por que escrevo”, um maravilhoso ensaio produzido entre os retoques finais de *A revolução dos bichos* e o início de *1984*.⁵⁹ “Cada linha das coisas sérias que escrevi desde 1936 foi posta no papel, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrático, como eu o entendo.” Ele teve o cuidado de distinguir socialismo de comunismo, que a seu ver equivalia ao fascismo por ser essencialmente

antidemocrático. Ao final da vida ele acreditaria que “um comunista e um fascista estão mais próximos um do outro do que qualquer um deles está de um democrata”.⁶⁰

Da Espanha em diante, sua missão era escrever sobre os fatos tais como os via, independentemente de para onde isso o levava, e permanecer cético em relação a tudo que lia, sobretudo quando vinha de – ou confortava – quem estava no poder. Essa virou sua fé. “Na Espanha, pela primeira vez, vi reportagens jornalísticas que não tinham qualquer relação com os fatos”, ele escreveu alguns anos mais tarde.⁶¹ E continuou:

Vi grandes batalhas narradas onde não tinha havido combate, e completo silêncio onde centenas de homens haviam morrido. Vi tropas que lutaram com bravura denunciadas como covardes e traidoras, e outras que nunca tinham visto um tiro ser disparado louvadas como heroínas de vitórias imaginárias; e vi jornais em Londres retransmitindo essas mentiras e intelectuais ávidos construindo superestruturas a partir de eventos que jamais aconteceram. Vi, na verdade, a história sendo escrita não de acordo com o que aconteceu, mas com o que deveria ter acontecido segundo várias “diretrizes partidárias”.

De volta ao seu chalé no vilarejo, Orwell escreveu e cuidou de sua horta, mas não reabriu a loja. O vigário da igreja, provavelmente suspeitando das orientações políticas daquele casal recém-retornado da Espanha, apareceu para bater um papo. O religioso “desaprova por completo termos estado do lado do governo” na Espanha, escreveu Orwell a um de seus camaradas de guerra. “Claro que tivemos de admitir serem verdadeiros os incendiamentos de igrejas [levados a cabo pelas forças republicanas], mas ele se alegrou um bocado ao ouvir que, na maioria dos casos, havia sido de igrejas católicas.”⁶²

Em março de 1938, seis semanas antes de *Lutando na Espanha* ser publicado, os pulmões de Orwell começaram a sangrar. Ele foi hospitalizado por um breve período. Em abril, o livro saiu. Em setembro, ele e Eileen partiram a fim de passar o inverno no Marrocos e cuidar do seu sistema respiratório, numa viagem que só foi possível graças a um benfeitor anônimo que lhe enviou trezentas libras.

Hoje, *Lutando na Espanha* pode ser lido como um alarme de nível máximo sobre o futuro, uma visão do choque digno de pesadelo entre o fascismo e o comunismo, em que nenhum dos dois lados abria a possibilidade de qualquer outra alternativa. Em sua introdução à primeira edição americana do livro, lançada em 1952, o crítico literário Lionel Trilling considerou-o “um dos documentos mais importantes de nosso tempo”.⁶³ Em 1999, a revista conservadora americana *National Review* apontou-o como o terceiro mais importante livro de não ficção do século.⁶⁴ Em primeiro lugar estavam as memórias de Churchill sobre a Segunda Guerra Mundial; em segundo, entre Churchill e Orwell, muito apropriadamente, o *Arquipélago Gulag*, de Aleksandr Soljenitsin. Orwell foi o único escritor a ocupar duas posições entre os dez primeiros; seus *Collected Essays* ficaram em quinto.

Mas a recepção em 1938 foi bem mais fria. Saindo logo após *O caminho para Wigan Pier*, o novo livro confirmava que ele era um renegado nos círculos literários ingleses. Os veículos a que Orwell costumava recorrer para publicar seus livros ou seus textos jornalísticos não estavam interessados em publicar sua visão sobre a Espanha. Victor Gollancz havia publicado *O caminho para Wigan Pier* um ano antes sob protestos, mas um ataque direto ao stalinismo era demais para ele. Para fazer justiça, Gollancz conhecia o mercado. Em abril de 1938, quando o livro foi publicado por outra editora, ele teve resenhas mornas e não vendeu bem; menos de 1.500 exemplares foram comprados durante a vida de Orwell.⁶⁵ O livro físico em si foi vítima das bombas que Orwell previra em seu parágrafo final. Em 1941, as chapas de impressão da edição original foram destruídas num bombardeio alemão em Plymouth, na Inglaterra.⁶⁶

Lutando na Espanha é um livro espetacular, certamente um dos melhores de Orwell. Ainda assim, talvez inevitavelmente, uma questão moral irresolvida paira sobre ele. No livro, o escritor conclui que, apesar de tudo que vira acontecer em Barcelona – amigos desapareceram, provavelmente fuzilados por um regime baseado na polícia secreta apoiada pelos soviéticos –, ainda acreditava que o mundo seria melhor se os republicanos aliados dos soviéticos tivessem vencido os fascistas. Os comunistas podem ser inimigos da esquerda não comunista, mas, ainda assim, ele afirma: “Quaisquer que tenham sido as falhas do governo pós-guerra, o regime de Franco certamente seria pior.”⁶⁷

Orwell deu pistas dessa contradição. Enquanto defendia a derrota de Franco, reconhecia que o generalíssimo era, antes de tudo, “um anacronismo”, um feudalista representando os interesses do exército, dos ricos e da Igreja. Orwell diz isso num capítulo incluído na primeira edição do livro, mas desde então eliminado na maioria das

edições subsequentes: “Franco não era, a rigor, comparável a Hitler ou Mussolini.”⁶⁸ Da mesma forma, a anedota do cavalheiresco agente da polícia secreta que não ousou desalojar sua mulher da cama sugere que ele compreendia que a Espanha, apesar de todos os seus problemas, não era a Alemanha ou a União Soviética. Sem dúvida, houve uma repressão brutal e de larga escala na Espanha após a Guerra Civil, com dezenas de milhares de antifascistas executados e outros milhares presos em campos de concentração. Basta uma visita ao arrepiante túmulo de Franco, no vale de Los Caidos, uma caverna do tamanho de um estádio construída em parte com o trabalho dos prisioneiros políticos de esquerda, para intuir a atmosfera brutal da Espanha nos anos 1940. É uma catedral da morte.

Para piorar, uma vez no poder, Franco demonstrou não ter nenhuma resposta. Ele não tinha um programa. Era incapaz de se adaptar, sempre olhando para trás. Após sua morte, em 1975, a transição para a democracia ganhou força com relativa rapidez. Nas eleições nacionais de 1982, o Partido dos Trabalhadores Socialistas, de centro-esquerda, que permanecera banido de 1939 a 1977, venceu e iniciou catorze anos de governo. É impossível saber se a vitória do governo apoiado pelos soviéticos teria sido melhor para a Espanha, mas, com o benefício da visão em retrospecto, é certamente uma questão em aberto.

No fim, contudo, tal previsão especulativa é improdutiva. Pode-se concluir com facilidade que, se os republicanos tivessem vencido, eles teriam sido derrubados pelos nazistas no início da Segunda Guerra Mundial. Uma ocupação alemã da Espanha, ou pelo menos de seus maiores portos no Mediterrâneo e no Atlântico, teria dificultado muito as operações dos aliados em 1943 e 1944.

A posição de Churchill sobre a Espanha era a de que ele preferia ver os dois lados perderem, mas, que se a vitória de um deles fosse necessária, preferia o triunfo de Franco. No entanto, à medida que Hitler exibia sua força, especialmente com a anexação da Áustria, em março de 1938, sua posição mudou. Não era do interesse da Grã-Bretanha que os fascistas e seus aliados dominassem a Europa. Assim, em dezembro de 1938, Churchill afirmou: “Parece que hoje o Império Britânico correria muito menos risco com a vitória do governo espanhol do que com a do general Franco.”⁶⁹

A EDUCAÇÃO POLÍTICA DE ORWELL não estava terminada. O último estágio viria quando a Alemanha de Hitler assinou um pacto de não agressão com a Rússia de Stálin, em 23 de agosto de 1939. Isso teve em Orwell o efeito que o Tratado de Munique tivera em Churchill onze meses antes, confirmando seus receios e tornando-o ainda mais determinado a continuar em sua trajetória de dissidente político, desafiando o discurso predominante entre seus camaradas de esquerda. “À noite, na véspera de o pacto russo-germânico ser anunciado, sonhei que a guerra havia começado”, escreveu Orwell. “Desci as escadas para encontrar o jornal com manchetes sobre a viagem de Ribbentrop a Moscou.”⁷⁰ A guerra se aproximava, e o governo, mesmo o governo Chamberlain, podia contar com a minha lealdade.

O acordo entre a Alemanha nazista e a União Soviética produziu um momento extraordinário para a esquerda ocidental. Por anos a fio, a última defesa dos apoiadores ocidentais dos soviéticos dizia que, apesar de todos os excessos de Stálin, o comunismo era a única ideologia forte o bastante para enfrentar o fascismo. Mas agora os dois totalitarismos apoiavam um ao outro, ainda que num tenso equilíbrio.

Para Orwell, esse foi o momento final de iluminação.⁷¹ Desse ponto em diante, seu alvo era o abuso de poder em todas as suas formas, mas especialmente o Estado totalitário, fosse de esquerda ou de direita. Seu subtema seria a hipocrisia de alguns na esquerda em acreditar que não apenas era permitido, mas obrigatório, suprimir os fatos se, ao fazê-lo, se estivesse ajudando a causa soviética. Muitos fizeram vista grossa a uma sequência de catástrofes, da fome na Ucrânia até os julgamentos de fachada em Moscou, e, por fim, ao pacto nazi-soviético. Ele não faria isso.

À MEDIDA QUE A GUERRA se anunciava, perto do final da década, a grandeza de Orwell, por mais evidente que seja hoje para os leitores de *Lutando na Espanha*, não era de todo reconhecida pelos seus contemporâneos em geral. Ele era visto como um escritor menor e um tanto rabugento. Sua reputação é hoje tão elevada que poucos de nós se dão conta de que na maior parte de sua vida ele foi uma figura um tanto obscura. Escritores como H.G. Wells e Aldous Huxley, que agora estão ficando mais datados, eram então muito mais célebres. Orwell nunca é

mencionado nas memórias e diários dos notáveis de seu tempo, personagens como Anthony Eden, Hugh Dalton, lorde Halifax, Clement Attlee, Henry Channon, Oliver Harvey ou sir Alexander Cadogan. O mais conhecido diarista do período foi Harold Nicolson, que não menciona Orwell em nenhuma de suas quinhentas páginas, apesar de terem tido uma breve conexão indireta, pois um dos amantes de Nicolson, o crítico literário e editor Raymond Mortimer, certa vez polemizou com Orwell sobre aspectos políticos da Guerra Civil Espanhola.⁷²

Histórias culturais dos anos 1930, escritas logo após o término da década, tampouco o mencionam. Não se encontra nada sobre ele em *The Long Week End: A Social History of Great Britain, 1918-1939*, do poeta Robert Graves e do historiador Alan Hodge, publicado em 1940.⁷³ Mesmo Malcolm Muggeridge, uma alma solidária, não julgou pertinente citar Orwell em seu estudo *The Thirties*, escrito no fim da década. Apenas em retrospecto fica evidente que Orwell se tornou o “Orwell” que conhecemos entre 1936 e 1939.

Orwell passou a maior parte do verão de 1939 em seu chalé em Hertfordshire, cuidando de sua horta e de seus patos e galinhas, e tomando notas sobre as notícias da Europa, enquanto ela deslizava em direção à guerra. Certa vez, aconselhou um amigo que não era prudente dar nome às galinhas, “pois depois você não pode comê-las”.⁷⁴ Em 24 de agosto, ele plantou 75 pés de alho-poró e reparou que os delfínios estavam “se abrindo” em “cinco diferentes cores”. Nesse mesmo dia, anotou em seu diário que a esposa estivera no Ministério da Guerra, onde vinha trabalhando no Departamento de Censura, e saíra de lá com a “impressão de que a guerra é quase certa”.⁷⁵ Em 30 de agosto, registrou o que lhe dissera um amigo: “Algumas semanas atrás, W. Churchill expressou visões muito pessimistas.”⁷⁶ No dia seguinte, anotou: “As amoras estão amadurecendo ... os pintassilgos começam suas revoadas.” No dia 1º de setembro, escreveu secamente: “A invasão da Polônia começou esta manhã. Varsóvia bombardeada. Mobilização geral proclamada na Inglaterra, *ditto* na França, e com lei marcial.”⁷⁷

^d Assinado pelos dois ministros das Relações Exteriores, Joachim von Ribbentrop e Viatcheslav Molotov, o pacto germano-soviético de não agressão foi respeitado até 22 de junho de 1941, quando a Alemanha, sem aviso prévio, invadiu a União Soviética, dando início à chamada Operação Barbarossa. (N.T.) [↵](#)

6. Churchill se torna “Churchill”: primavera de 1940

CHURCHILL PASSOU BOA PARTE de agosto de 1939 em férias na França, pintando paisagens e remoendo a guerra cada vez mais próxima. Ele estava cheio de premonições pessimistas. “Esse é o último quadro que iremos pintar numa situação de paz por muito tempo”, comentou com um colega artista.¹ De volta à Inglaterra por volta do fim do mês, ele admirou da janela do carro a vista bucólica das plantações de milho e disse, lentamente: “Antes que a safra seja colhida, estaremos em guerra.”²

Na manhã de sexta-feira, 1º de setembro de 1939, antes que os trigais estivessem no ponto, a Alemanha invadiu a Polônia.

Dois dias mais tarde, às nove horas de uma clara e brilhante manhã de domingo, dia 3 de setembro, o governo britânico enviou uma última mensagem para Berlim: a menos que a Alemanha evacuasse suas tropas da Polônia, Grã-Bretanha e França seriam compelidas a declarar guerra. Às onze, o ultimato expirou. Quinze minutos depois, o primeiro-ministro Chamberlain falou na rádio BBC, anunciando o estado de guerra entre a Grã-Bretanha e a Alemanha. Quando terminou, os alarmes antiaéreos começaram a uivar.

Chamberlain não escondeu sua decepção. “Este é um dia triste para todos nós, e ninguém está mais triste do que eu”, ele disse.³ “Tudo pelo que trabalhei, todas as minhas esperanças, tudo em que acreditei durante minha vida pública desabou em ruínas.” Suas palavras eram de uma precisão absoluta, mas talvez não apropriadas. O tema em pauta ia muito além dos sentimentos pessoais ou do futuro político de Neville Chamberlain. O destino da Europa, e talvez do mundo, estava em xeque.

Churchill sabia disso. Enquanto esperava para falar naquele dia na Câmara dos Comuns, ele se lembraria depois: “Eu estava mentalmente sereno e consciente de um tipo de transcendência de questões pessoais e

humanas.”⁴ Quando se levantou para falar, tentou transmitir esse estado de espírito à Câmara.

Churchill bateu na tecla com mais firmeza e mais clareza que o primeiro-ministro. “A questão não é lutar por Danzig, ou lutar pela Polônia. Estamos lutando para salvar todo o mundo da pestilenta tirania nazista, para defender tudo que é mais sagrado ao homem. Esta não é uma guerra de dominação, alargamento imperialista ou ganho material; tampouco uma guerra para subtrair de qualquer país o sol e os meios para o progresso. É uma guerra, vista na sua essência, para gravar, em rochas indestrutíveis, os direitos individuais, e uma guerra para afirmar e reavivar a estatura da espécie humana.”⁵

George Orwell pode não ter acreditado nessas palavras, por virem de Churchill, mas certamente concordava com os princípios de que estavam imbuídas, sobretudo a última frase, sobre os direitos e o lugar do indivíduo. Anos mais tarde, ele escreveria: “A liberdade intelectual ... sem dúvida tem sido uma das marcas distintivas da civilização ocidental.”⁶ Ele também comentou que “se a guerra tem alguma razão de ser, é a defesa da liberdade de pensamento”.⁷

Seis dias depois do discurso de Churchill, Orwell escreveu para o governo britânico pedindo para colaborar no esforço de guerra. Essa provaria ser uma batalha longa e frustrante para ele.

As pessoas reagem à guerra de maneiras diferentes. Uma resposta é se deixar esmagar pelos acontecimentos e ficar preso à inação e ao isolamento social. Disso ninguém poderá acusar Churchill e Orwell. Ambos mostraram-se energizados, lançando-se intelectualmente à refrega.

Ao final daquele domingo, dia 3 de setembro, Churchill estava de volta ao governo como membro do ministério. Foi nomeado primeiro lorde do almirantado, o equivalente britânico a um ministro da Marinha, e o posto que ocupara no início da Primeira Guerra Mundial. Foi necessária outra guerra de larga escala para que os conservadores se vissem forçados a lhe abrir as portas. (Enquanto isso, em Munique, naquele mesmo domingo, Unity Mitford foi a um parque e deu um tiro na cabeça.⁸ A bala se alojou

em seu cérebro, causando grande estrago, mas ela só viria a morrer nove anos mais tarde.)

No dia 11 de setembro, Churchill recebeu uma mensagem extraordinária do presidente americano: “Será sempre bem-vindo, se o senhor mantiver contato pessoal comigo sobre qualquer coisa da qual deseje me manter informado”, escreveu Franklin Delano Roosevelt.⁹ Churchill respondeu prontamente.¹⁰ A mensagem de FDR no dia 11 de setembro foi a primeira de quase oitocentas que ele enviaria a Churchill durante a guerra.¹¹ Este responderia com ainda mais mensagens, num total de 950.

Era incomum, até mesmo bastante irregular, que um presidente americano pretensamente neutro e em paz mantivesse comunicação direta com um ministro britânico envolvido em uma guerra. O motivo mais provável para isso era que nem Roosevelt nem Churchill confiavam em Joseph P. Kennedy, o então embaixador americano em Londres e, é claro, pai do futuro presidente John F. Kennedy. Harold Ickes, um dos principais assessores de Roosevelt, escreveu em seu diário: “O presidente acredita que Joe Kennedy, se estivesse no poder, nos daria um governo de caráter fascista.”¹² Em determinada altura, Kennedy disse a Roosevelt acreditar que os fatos obrigariam os Estados Unidos a implementar, “possivelmente sob outros nomes, as características básicas de um Estado fascista: para combater o totalitarismo, teríamos de adotar métodos fascistas”.¹³ FDR resmungou a outro assessor, mais ou menos quando o Tratado de Munique foi assinado, que considerava Kennedy “desleal para com a sua pátria”.¹⁴

E de fato, mais cedo naquele dia, Kennedy enviara a Roosevelt e a Cordell Hull, o secretário de Estado, uma mensagem de “Tripla Prioridade”, recomendando que os Estados Unidos entrassem em negociações de paz com Hitler. Pode mesmo ter sido isso o que levou FDR a contactar Churchill. Roosevelt já tentara abrir uma linha de comunicação com o governo britânico, escrevendo ao primeiro-ministro Chamberlain em janeiro de 1938. Não encontrara boa acolhida. Então no Ministério das Relações Exteriores, Anthony Eden se queixou de que “esnobamos demais o presidente”.¹⁵ Em suas memórias da Segunda Guerra Mundial, Churchill expressaria seu “espanto” com o pouco-caso que Chamberlain reservara a Roosevelt: “A total falta de proporção, e mesmo de instinto de

autopreservação, que esse episódio revela, em um homem correto, competente e bem-intencionado, encarregado dos destinos de nosso país e de quem todos dependíamos, é assustadora. Passado o tempo, é até difícil entender o que passava por sua cabeça para que tal gesto tenha sido possível.”¹⁶

Nos luminosos estertores de um domingo de verão, dia 17 de setembro, Churchill inspecionou parte da frota britânica no Loch Ewe, um lago escocês de águas salgadas, incluindo as redes antissubmarino na entrada do lago, e então iniciou uma viagem de carro pelas *highlands* até a estação de trem em Inverness. Era um dia quente e seco, por isso ele interrompeu a viagem para fazer um piquenique junto a um riacho. Sentado naquele ambiente idílico, algumas lembranças sombrias da Primeira Guerra Mundial o assaltaram, arrepiando-o apesar do forte calor. “De algum modo a luz desapareceu da paisagem” enquanto ele pensava na situação em que se encontrava, e na do planeta: “A Polônia agonizando; a França, apenas um pálido reflexo de seu antigo ardor guerreiro; o colosso russo não mais um aliado, nem mesmo uma força neutra, e talvez um possível inimigo. A Itália não era amiga. O Japão não era um aliado. Será que os Estados Unidos algum dia voltariam a ser? O Império Britânico permanecia intacto e gloriosamente unido, porém mal preparado, sem prontidão. Ainda tínhamos comando sobre os oceanos. Estávamos dolorosamente inferiorizados nessa nova arma voadora e mortal.”¹⁷ Nesse momento de reflexão, ele reuniu forças para a guerra.

Duas semanas depois, Churchill pronunciou seu primeiro discurso importante desde que voltara ao ministério, e então fez uma bem-sucedida transmissão pelo rádio para todo o país.¹⁸ Pelos seis anos seguintes, ele só ficaria inativo quando obrigado pela pneumonia a permanecer na cama. Esteve tão ocupado nos primeiros dias da guerra que, em meados de setembro, após escrever um memorando em que criticava o estado da Força Aérea Real, Chamberlain decidiu ter “uma conversa muito franca” com ele, instruindo-o a se controlar.¹⁹ Sem se deter, até meados de outubro Churchill enviou treze cartas de análise da situação para Chamberlain.²⁰ “O dinamismo ininterrupto de Churchill é impressionante”,²¹ escreveu alguns meses mais tarde John Colville, o assessor do primeiro-ministro, ainda cético em relação ao primeiro lorde do almirantado. O hábito de

Churchill de analisar detidamente os documentos e de questionar detalhes injetou uma descarga de energia na vasta burocracia militar abaixo dele. Sua firme determinação deu a Colville a sensação de que, se a Inglaterra caísse, Churchill iria para a clandestinidade e continuaria a lutar como membro da resistência.

As pessoas perceberam o quanto Churchill fora rejuvenescido pela guerra. Malcolm MacDonald, filho do ex-primeiro-ministro e ele próprio uma figura política de menor expressão, levou um susto por Churchill “há vinte anos não parecer tão bem-disposto”.²² Isso apesar do consumo diário, e intenso, de álcool. Harold Nicolson lembra-se de um amigo que chegou de um almoço com Churchill “muito impressionado pela ... imensa quantidade de vinho do Porto e de conhaque que ele consumira”.²³ Num dia comum, de acordo com seu assessor, sir Ian Jacob, Churchill bebia champanhe e conhaque no almoço, e então, depois de sua soneca vespertina, dois ou três copos de uísque com soda, então champanhe e conhaque no jantar, seguidos por mais uísque com soda.²⁴ Jacob deixou registrado que às vezes ele acompanhava seu café da manhã com vinho branco.

A GUERRA NÃO FEZ BEM ao governo de Chamberlain durante o outono de 1939 e o inverno e início da primavera de 1940. Quando maio chegou, estava claro que ele teria de desistir do posto de primeiro-ministro. Muitos esperavam que o ministro das Relações Exteriores, lorde Halifax, fosse promovido. Halifax, que fora um dos arquitetos da conciliação, era o candidato preferido tanto do Partido Conservador quanto do rei Jorge VI. Se estivesse disposto a aceitar o cargo de primeiro-ministro em vez de Churchill, Halifax muito provavelmente teria aberto negociações de paz com a Alemanha.

Mas Halifax estava preocupado. Ele pertencia à Câmara dos Lordes, e isso tornava mais difícil liderar a Câmara dos Comuns, observou. Sua hesitação tornou Churchill o único candidato.

10 de maio de 1940²⁵

Bem cedo, na manhã do dia 10 de maio, tendo sido informado de que os alemães agora invadiam a Holanda e a Bélgica, e sabendo que quase certamente ficaria no escritório até mais tarde, Churchill tomou seu jejum com ovos estalados e bacon, e então saboreou um charuto. Era uma baita refeição para um homem já de alguma idade e pisando em território instável. Ele tinha 65 anos, um momento da vida em que muita gente costuma se aposentar. Em vez disso, após décadas de luta, Churchill estava a prestes a realizar a ambição de toda a sua vida: ser o primeiro-ministro da Grã-Bretanha.

Aquele seria um dia extraordinário. Sua primeira reunião era às seis da manhã, com os ministros da Guerra e da Força Aérea. Às sete, outra reunião, com o Comitê de Coordenação Militar. O Conselho de Guerra completo encontraria-se às oito na residência do primeiro-ministro, para repassar a desoladora situação – a Alemanha bombardeava a Bélgica e o norte da França, paraquedistas alemães aterrissavam em território belga, esquadrões aéreos britânicos eram deslocados para a França. O *HMS Kelly* fora bombardeado na costa da Bélgica.

Diante de tudo isso, o primeiro pensamento de Chamberlain foi de que deveria permanecer no cargo até que a crise passasse. Mais tarde naquela manhã, uma mensagem chegou ao escritório de Churchill: “O sr. Chamberlain está inclinado a pensar que a grande batalha que se apresenta a nós torna necessária sua permanência no cargo.”²⁶ Não, foi a resposta dos apoiadores de Churchill: a crise tornava ainda mais urgente que Chamberlain desse lugar a um novo governo nacional.

Churchill então recebeu os representantes do governo holandês. “Transtornados e abatidos, com os olhos cheios de horror, eles haviam acabado de pousar, vindos de Amsterdã.”²⁷

Houve uma segunda reunião do Conselho de Guerra, às 11h30, para debater outras notícias de bombardeios e paraquedistas alemães. Então o

Comitê de Coordenação Militar reuniu-se novamente à tarde. Churchill almoçou com lorde Beaverbrook, magnata da imprensa e eventual aliado político.

O Conselho de Guerra encontrou-se de novo às 16h30. Chegaram informações de que bombas incendiárias estavam sendo jogadas em Kent, no sudeste da Inglaterra. Os alemães haviam tomado o aeroporto de Roterdã. De seis aviões britânicos enviados ao espaço aéreo holandês, com o objetivo de interceptar os aviões alemães e seus paraquedistas, apenas um retornara. Uma mensagem do Departamento de Guerra informava que a infantaria e os tanques alemães haviam entrado na Bélgica. Chamberlain finalmente disse o que todos esperavam ouvir: decidira renunciar.

Ele então foi encontrar-se com o rei Jorge VI. O monarca sugeriu que Halifax o substituísse. “Achei que H. fosse a escolha óbvia”, anotou Sua Majestade em seu diário. Mas quando Chamberlain disse que Halifax não era a melhor opção no momento, “pedi a Chamberlain que me aconselhasse, e ele me disse que Winston era o homem que eu devia chamar”.

O rei convidou Churchill, e as formalidades do pedido para que Churchill formasse um governo foram cumpridas. Do lado de fora do Palácio de Buckingham, ao receber os parabéns de seu guarda-costas, Churchill ficou com os olhos cheios de lágrimas e, voltando-se para ele, respondeu: “Espero que não seja tarde demais. Tenho muito medo de que seja. Só podemos fazer o nosso melhor.”²⁸

Churchill retornou ao escritório do Almirantado para formar um ministério. Escreveu a Chamberlain pedindo que continuasse a prestar seus serviços e aconselhamentos. Pediu a Halifax que prosseguisse como ministro das Relações Exteriores. Pediu ao líder do Partido Trabalhista, Clement Attlee, que viesse encontrá-lo naquela noite e, então, convidou-o a se juntar ao governo e apresentar nomes de outros políticos trabalhistas dispostos a colaborar.

Os trabalhistas na verdade estavam mais à vontade com ele do que os conservadores. Naquele dia, John Colville escreveu em seu diário que Churchill deveria ser quatro vezes maldito, como “o maior aventureiro da

história política moderna, ... um mestiço americano cujos principais apoiadores eram pessoas falastronas e ineficientes do mesmo tipo”.²⁹ Acrescentou ainda, de maneira um tanto desnecessária, que via a ascensão de Churchill com “total horror”.³⁰

Nem as memórias de Churchill nem a extensa biografia de Martin Gilbert mencionam o fato, mas Churchill teve outra reunião no dia 10 de maio. Ele jantou com um agente veterano da inteligência britânica, William Stephenson, a quem decidira enviar aos Estados Unidos. Confiou a Stephenson uma missão com três objetivos: conseguir ajuda militar para a Grã-Bretanha, combater a inteligência inimiga no hemisfério ocidental e, “por fim, fazer os Estados Unidos entrarem na guerra”.³¹ Talvez tenha sido a ordem mais significativa de Churchill em todo o confronto, e ela foi dada apenas algumas horas após ele ser nomeado primeiro-ministro.

Churchill foi para a cama às três da madrugada, “com uma nítida e profunda sensação de alívio. Finalmente eu tinha autoridade para dirigir todos os movimentos”.³² Pela primeira vez na vida, ele deitou a cabeça no travesseiro como primeiro-ministro. Seus “dez anos no ostracismo político” haviam chegado ao fim, ele escreveu.

Mas por quanto tempo? Havia grandes chances de que ele viesse a ser um líder interino, e muita gente estava de fato apostando que tudo terminaria assim.

MESMO DEPOIS DA NOMEAÇÃO, seu próprio partido não fechou com ele. A respeito do novo primeiro-ministro, J.C.C. Davidson relatou ao seu aliado político, o ex-primeiro-ministro Stanley Baldwin: “Os Tories não confiam em Winston.”³³ Tal observação não era apenas leviandade, considerando que Davidson já fora presidente do Partido Conservador. Ele torcia para que Churchill não esquentasse a cadeira, e previa: “Quando o primeiro combate da guerra terminar, é provável que surja um governo mais gabaritado.” Peter Eekersley, um parlamentar conservador, profetizou que “Winston não irá durar cinco meses”.

Churchill, por sua vez, também soltava algumas alfinetadas. Mais tarde naquele ano, quando a fábrica de propriedade do ex-primeiro-ministro Baldwin foi bombardeada pelos alemães, reagiu causticamente: “Que ingratidão da parte deles.”³⁴

Em 13 de maio de 1940, quando estreou na Câmara dos Comuns como primeiro-ministro, Churchill recebeu menos aplausos do que Chamberlain, o primeiro-ministro demissionário. “Nas primeiras semanas, era das cadeiras trabalhistas que me chegava a maior parte dos aplausos”, ele se lembraria.³⁵ Emocionado por alguns dos discursos de boas-vindas, Churchill enxugou os olhos úmidos.³⁶

Às 14h54, ele se levantou para falar. Apresentou seus ministros de guerra – os cinco membros mais poderosos do novo governo – e então bateu numa tecla muito sonora: “Não tenho nada a oferecer além de sangue, luta, lágrimas e suor”,³⁷ frase que ecoava os versos de “A Idade do Bronze”,³⁸ um poema de Byron que recriminava os barões latifundiários britânicos por viverem às custas de “sangue, suor e milhões de sofredores”.

Ele prosseguiu e fez um discurso de grande impacto, ainda mais vigoroso por sua simplicidade:

Os senhores perguntam, qual é a nossa política? Eu respondo: nossa política é fazer a guerra, no mar, na terra e no ar, com todo o nosso poderio e com toda a força que Deus pode nos dar; fazer a guerra contra uma tirania cuja monstruosidade jamais foi superada no lúgubre e lamentável catálogo dos crimes humanos. Essa é a nossa política.

Os senhores perguntam, qual é o nosso objetivo? Posso responder-lhes em uma palavra: é a vitória, a vitória a todo custo, a vitória a despeito de todo o horror, por mais longa e áspera que seja a estrada; pois sem a vitória não há sobrevivência possível.

Que isso fique entendido: não há sobrevivência possível para o Império Britânico, não há sobrevivência possível para tudo que o Império Britânico representa, não há sobrevivência possível para o desejo e o impulso dos tempos, de que a humanidade prossiga rumo a seus objetivos.³⁹

Essa retórica é digna dos melhores ensaios de Orwell – muito embora, é claro, preservar o Império Britânico dificilmente fosse um objetivo de Orwell. Falando não apenas à Câmara, mas à nação britânica e ao mundo, Churchill expunha uma conduta nova, mais dura. Sua política era a guerra

em busca da vitória. Não haveria mais discussões sobre acordos com a Alemanha, sobre talvez abrir mão de algumas colônias como parte da conciliação.

Orwell, surpreendentemente para um homem de esquerda, foi encorajado pela subida de Churchill ao poder. “Pela primeira vez em décadas temos um governo com imaginação”, ele escreveu.⁴⁰

Churchill não estava apenas tentando unir a nação. Ele também precisava estabilizar sua posição. Não estava claro para vários outros líderes políticos que ele fosse o homem para fazer o serviço completo, pois podia ser apenas o interino durante um momento de crise.

Entre meados de junho e meados de julho de 1940, sua posição continuaria instável. A questão de lidar com os americanos – e de conseguir envolvê-los na guerra – continuava a preocupá-lo. Na manhã do dia 18 de maio, quando começava seu nono dia como primeiro-ministro, ele disse ao filho, Randolph, enquanto se barbeava, que a Grã-Bretanha não apenas sobreviveria à guerra, como a venceria. “Quero dizer, nós podemos batê-los”, explicou.

Randolph, surpreso, retrucou: “Sou totalmente a favor, mas não vejo como você poderá fazer isso.”

Churchill enxugou o rosto, encarou o filho e então disse, com ênfase e com urgência: “Vou arrastar os Estados Unidos para a guerra.”⁴¹ Ele disse algo parecido ao falar com os líderes da Marinha Real: “A primeira coisa é fazer os Estados Unidos entrarem na guerra. Depois decidimos como lutar.”⁴²

O embaixador Kennedy continuava a subestimar Churchill. Ele enxergava a vitória alemã no horizonte. “A situação é terrível”, escreveu à esposa em 20 de maio de 1940. “Chegou a hora. ... Os ingleses vão lutar até o fim, mas não acredito que consigam suportar o bombardeio indefinidamente.”⁴³ No início de junho, Kennedy escreveu ao filho, Joe Jr., que “só vejo carnificina à frente”.⁴⁴ A bem da verdade, o embaixador americano em Paris, William Bullitt, tinha posição semelhante, alertando

FDR, em maio de 1940, do perigo de os britânicos formarem um governo fascista disposto a um armistício com a Alemanha. “Isso significaria que a marinha britânica estaria contra nós.”⁴⁵

Churchill sabia que o ano de 1940 seria duro. A questão, de fato, era se ele e a Grã-Bretanha tinham mais poder de resistência do que os dois embaixadores americanos acreditavam. Em meados de maio, andando de Downing Street até a sede do Almirantado, ele foi ovacionado pela multidão. “Assim que entramos no Almirantado, ele caiu em prantos”, escreveu seu assessor militar, o general Hastings “Pug” Ismay.⁴⁶ Churchill explicou sua emoção ao general: “Os pobres, eles confiam em mim, e eu não lhes posso dar nada a não ser calamidades, e por um bom tempo.”

Dunquerque

Quantas calamidades exatamente, nem mesmo Churchill poderia saber. A questão primordial nas primeiras semanas era a retirada britânica da cidade costeira belga de Dunquerque, no fim de maio de 1940. Várias centenas de milhares de soldados britânicos e aliados estavam cercados pelos alemães.⁴⁷ Se estes tivessem atacado com força, teriam capturado 250 mil homens e privado os britânicos de seu exército. Seria uma enorme pressão sobre a Grã-Bretanha para que iniciasse negociações de paz, obrigando Churchill a renunciar.

Mas os alemães não avançaram sobre a região costeira. Em vez disso, a força esmagadora de nove divisões Panzer se deteve pouco antes de Dunquerque. Um general britânico, intrigado, escreveu em seu diário: “As colunas móveis alemãs foram obviamente contidas por algum motivo.”⁴⁸

Alguns jovens oficiais do outro lado também ficaram surpresos. “Não conseguimos entender por que deixamos que tantos deles escapassem”, recordou Hans von Luck, na época o comandante de uma companhia Panzer de reconhecimento.⁴⁹

E assim os britânicos puderam começar a evacuação das praias. Mesmo hoje permanecem sem resposta algumas perguntas sobre por que o episódio em Dunquerque foi tão favorável aos britânicos. Um grupo de historiadores argumenta que Hitler, ainda visando um tratado de paz com a Grã-Bretanha, segurou seus tanques de modo a, nas palavras do historiador militar Stephen Bungay, “evitar impor uma derrota humilhante aos britânicos”, o que os deixaria menos inclinados a negociar.⁵⁰ Os documentos históricos são ambíguos, mas um indício bastante convincente é que a ordem de Hitler para que suas forças terrestres parassem não foi codificada, permitindo que os ingleses a ouvissem e entendessem, imediatamente, como uma espécie de proposta de paz.⁵¹ No decorrer da guerra, Hitler passaria a reclamar, dizendo que fora muito bonzinho com os britânicos. Walter Warlimont, general alemão, contou ter ouvido de Hitler: “Churchill foi incapaz de valorizar o espírito esportivo de que dei

provas ao evitar uma ruptura irreparável entre os britânicos e nós. Contudo, nós realmente contivemos sua aniquilação completa em Dunquerque.”⁵² De fato, após a guerra, comandantes alemães interrogados confirmaram ter recebido ordens de parar treze quilômetros antes de Dunquerque. “Meus tanques ficaram imóveis por três dias”, disse o marechal de campo Gerd von Rundstedt. “Se eu tivesse o comando, os ingleses não teriam escapado tão fácil. Mas minhas mãos estavam atadas por ordens diretas de Hitler.”⁵³ Quando um dos generais subordinados a Rundstedt disse a Hitler, numa reunião de poucas pessoas, que não entendia por que tal ordem fora dada, Hitler retrucou que “seu objetivo era conseguir a paz com a Grã-Bretanha em bases que ela, ao aceitar, julgasse compatíveis com sua honra”.⁵⁴

Entretanto, alguns historiadores respeitáveis acreditam na possibilidade de que toda essa conversa sobre esperanças de paz seja uma fachada, concebida para explicar o erro estratégico de Hitler. Ian Kershaw, por exemplo, autor de uma biografia de Hitler em dois volumes, conclui que a alegação do Führer de ter deixado deliberadamente os britânicos escaparem foi “nada mais que uma racionalização para livrar sua cara”;⁵⁵ e Gerhard Weinberg, em sua extensa história da guerra, descarta-a categoricamente como uma “falácia”.

Uma terceira possibilidade, apoiada por Alistair Horne, um proeminente historiador militar, sugere que Hitler visava preservar o tiro de misericórdia em Dunquerque para a Luftwaffe, a força aérea alemã, sua força militar politicamente mais leal. Ele cita um comandante alemão de veículos blindados Panzer, Heinz Guderian, segundo o qual as ordens vindas de Hitler diziam: “Dunquerque deve ser deixada para a Luftwaffe.”⁵⁶

Qualquer que tenha sido a encruzilhada tática em Dunquerque, o resultado foi que a maior parte das tropas britânicas conseguiu voltar para casa, ainda que sem suas armas, peças de artilharia e veículos. Por volta de 300 mil homens foram tirados de lá – dois terços eram britânicos, e os demais, franceses. Um que não conseguiu escapar foi o irmão da esposa de Orwell, um major do Departamento Médico, atingido no peito por um estilhaço e morto na Bélgica horas antes de ser evacuado.⁵⁷ A perda fez Eileen

mergulhar numa depressão profunda por aproximadamente dezoito meses, lembrou um de seus amigos. “Seu cabelo estava sempre despenteado; seu rosto e seu corpo, muito magros. A realidade parecia tão horrível que ela simplesmente se recolheu.”⁵⁸ No entanto, como aponta Michael Shelden, um dos biógrafos de Orwell, sua dor não aparece nos diários e nas cartas de Orwell, que dirá em sua produção jornalística e de crítica literária. “Ele não falava sobre essas coisas com os outros”, afirma Shelden.⁵⁹ Em vez disso, dizia às pessoas que o trabalho a deixara esgotada e que ela precisava de “um bom descanso”.

O ponto importante frequentemente negligenciado na polêmica sobre a retirada de Dunquerque é que as esperanças de paz nutridas por Hitler em relação aos britânicos não eram infundadas. Sabemos agora que, enquanto a operação de Dunquerque se processava, o governo britânico ruminava a possibilidade de abrir negociações. No dia 27 de maio de 1940, à medida que as sofridas tropas inglesas desembarcavam de navios e barcos ao longo de toda a costa sudeste da Inglaterra, os cinco membros do Conselho de Guerra do novo governo de Churchill debatiam a prudência de entabular tratativas de paz. Churchill foi veementemente contra tal gesto, argumentando que “mesmo se formos derrotados [mais tarde], não estaremos mais fragilizados do que se abandonarmos a luta agora”.

Halifax, que apoiava algum tipo de negociação, escreveu em seu diário naquela noite: “Acho que Winston falou muita besteira.”⁶⁰ Na visão de Halifax, a posição da Inglaterra para negociar seria mais forte enquanto a França estivesse na guerra – como ainda ficaria por mais duas semanas – e enquanto as fábricas de aviões inglesas ainda não tivessem sido bombardeadas.⁶¹ Ele também achava que a Grã-Bretanha não deveria lutar para derrotar a Alemanha, mas sim para assegurar o máximo possível de independência em alguma forma de coexistência pacífica. Era incrível que essa tese ainda fosse defendida, tendo em vista que a primeira lição do governo Chamberlain havia mostrado ser loucura negociar com Hitler em posição de fraqueza.

Ainda assim, Churchill não tinha muita margem de manobra. Dois homens públicos britânicos que escreveram sobre ele fazem observações diferentes e complementares sobre sua situação nesse momento decisivo. O político

e escritor Boris Johnson, que em meados de 2016 seria nomeado ministro das Relações Exteriores, observa que Churchill estava “lutando por sua sobrevivência e credibilidade políticas, e estaria acabado caso se rendesse a Halifax”.⁶² Igualmente verdadeira é a afirmação de Roy Jenkins segundo a qual Churchill precisava derrotar a tese de Halifax sem fazer com que Halifax e Chamberlain renunciassem ao Conselho. A fidelidade a Churchill no Partido Conservador, àquela altura, não era tão grande para resistir a tais defecções. Se eles saíssem, “seu governo ficaria insustentável”, observa Jenkins, ele próprio um parlamentar trabalhista durante décadas e muitas vezes ministro durante os anos 1960 e 1970.⁶³

Halifax reclamou com sir Alexander Cadogan, também presente à reunião de 27 de maio do Conselho de Guerra, que achava difícil continuar trabalhando com Churchill.⁶⁴ E este, talvez pressentindo que uma ruptura se aproximava, convidou Halifax para um tranquilo passeio no jardim. Lá, ele lhe falou “em termos apologéticos e afetuosos”, escreveu Halifax em seu diário.⁶⁵

No dia seguinte, depois de assoprar, Churchill mordeu. Em outra reunião do Conselho, ele afirmou categoricamente que não haveria rendição e que, enquanto fosse primeiro-ministro, não negociaria com os nazistas.⁶⁶ “Se a longa história de nossa ilha tiver enfim de acabar”, ele jurou, “que acabe apenas quando cada um de nós estiver caído no chão e engasgado no próprio sangue.”⁶⁷ Mais ou menos ao mesmo tempo, ele escreveu em nota a um subordinado: “A Inglaterra nunca desistirá da guerra, não importa o que aconteça, até Hitler estar derrotado ou deixarmos de ser uma nação.”⁶⁸ Era uma afirmação admiravelmente forte e sucinta, sobretudo vinda de um primeiro-ministro chegado ao cargo havia menos de três semanas. Até aquele momento, escreve John Charmley em sua detalhada biografia de Churchill, persistia “uma boa dose de apoio à ideia de ao menos abrir negociações para descobrir quais seriam os termos de paz oferecidos por Hitler”.⁶⁹ Depois disso, não havia mais dúvida de que a Inglaterra lutaria. Simon Schama, talvez com um pouco de exagero, descreve a vitória de Churchill sobre a posição de Halifax como “a primeira grande batalha da Segunda Guerra Mundial”.⁷⁰ É difícil, no entanto, recriminar o exagero de

Schama. A maneira como Churchill dominou o Conselho aquele dia pode ter sido o ponto mais importante da guerra.

Os alemães, que não participavam desses debates internos do governo britânico, continuariam, por meses, a acreditar que “Churchill e sua gangue”, como os chamavam, acabariam derrubados do poder, abrindo caminho para algum tipo de tratado de paz.⁷¹ Além disso, suas fontes de inteligência se equivocaram, informando-os de que a política britânica continuava tendendo nessa direção. Joseph Goebbels, o chefe da propaganda nazista, disse a seus funcionários em junho: “Um governo de compromisso será formado. Estamos muito perto do fim dessa guerra.”⁷² O embaixador sueco em Londres relatou a seu governo, no mesmo mês, que conversas de paz pareciam iminentes, e que “Halifax pode suceder a Churchill”.⁷³ Por mais trinta dias, Hitler continuaria a ruminar a possibilidade de Churchill ser substituído por alguma combinação de Halifax, o ex-primeiro-ministro David Lloyd George e Chamberlain.⁷⁴

A grande campanha retórica de Churchill de 1940

Em 4 de junho de 1940, enquanto prosseguia a evacuação de Dunquerque, Churchill sabia, ao se colocar diante da Câmara dos Comuns, que iria apresentar, em detalhes, um dos piores momentos da história da Grã-Bretanha. Em quatrocentos anos, as ilhas britânicas nunca haviam estado tão perto de serem conquistadas.

Ele foi hábil ao discursar, conseguindo mostrar a expulsão do exército britânico pelos alemães como uma surra humilhante e, ao mesmo tempo, enquadrá-la como um feito maravilhoso. “Quando há uma semana pedi a esta Casa que marcasse a tarde de hoje para meu pronunciamento, temia que coubesse a mim o fardo de anunciar o maior desastre militar de nossa longa história”, começou.⁷⁵ Ele temera, segundo disse à Câmara, que talvez apenas 20 ou 30 mil soldados britânicos fossem trazidos de volta, equivalendo a dizer que muitas centenas de milhares teriam sido mortos ou caído prisioneiros. Em vez disso, afirmou: “Um resgate miraculoso, feito com bravura, perseverança, perfeita disciplina, serviço impecável, inteligência, habilidade, inquebrantável fidelidade, concretizou-se diante de nós.”

Churchill era uma figura improvável como líder militar. Não media mais que 1,70 metro de altura, e tinha uma cabeça redonda encaixada sobre um corpo em forma de pera.⁷⁶ Foi por volta desses dias que ele se tornou o ponto de união do povo inglês.

Isto é Churchill no que ele tinha de melhor – e de mais manipulador: “Precisamos tomar cuidado para não conferir a esse resgate os atributos da vitória. Guerras não são vencidas com retiradas. Mas no bojo do resgate uma vitória aconteceu, e isso deve ser mencionado. Ela foi obtida pela força aérea.”

Trinta minutos depois de ter começado, Churchill concluiu poderosamente, com um vislumbre operístico do futuro:

Lutaremos na França, lutaremos nos mares e oceanos, lutaremos com confiança crescente e força crescente no ar, defenderemos nossa ilha a qualquer custo.

Lutaremos nas praias, lutaremos nas zonas de pouso, lutaremos nos campos e nas ruas, lutaremos nas montanhas; jamais nos renderemos, e mesmo que esta ilha ou grande parte dela, o que nem por um momento acredito, esteja subjugada e morta de fome, então nosso império além-mar, armado e protegido pela esquadra britânica, continuará a batalha até que, quando Deus assim o quiser, o novo mundo, com todo seu poderio e sua força, possa tomar a iniciativa de resgatar e libertar o velho mundo.⁷⁷

Olhando de perto, esse era um jeito estranho de dar segurança a um público assustado. Como observou Stephen Bungay, as frases sobre os locais de batalha seguiam o provável padrão de uma tenaz retirada de combate, evacuando o litoral e pistas de pouso rumo às cidades e aos campos, e então em direção às montanhas mais remotas.⁷⁸ Churchill arriscou até mesmo mencionar as perspectivas antes impronunciáveis da vitória alemã e da fome no país. Ele falava do inimaginável, e fazia isso num palco nacional.

E no entanto sua fala sombria não desanimou o povo britânico. Ao contrário, preparou-o. Harold Nicolson, admirador de Churchill e parlamentar veterano, escreveu para a esposa: “Esta tarde Winston fez o mais belo discurso que já ouvi. A Câmara ficou profundamente emocionada.”⁷⁹

Em tempos de guerra, as pessoas acreditarão no pior se não lhes for dita a verdade, ou alguma coisa próxima dela, talvez combinada à visão de um caminho a seguir. Concedendo-lhes isso, elas ficaram reconfortadas em alguma medida. Joan Seaman, uma civil londrina, recordou: “Lembro-me de ter ficado apavorada quando a França caiu, pois julguei que os próximos seríamos nós. Realmente apavorada. Até ouvir o discurso que Churchill fez no rádio sobre a luta nas praias. De repente eu não estava mais apavorada. Foi absolutamente incrível.”⁸⁰

Durante o verão de 1940, a voz de Churchill se tornou “nossa esperança”, lembrou o médico e romancista C.P. Snow.⁸¹ E continuou: “Era a voz da determinação e da força encarnadas. Ela dizia o que queríamos ouvir sendo dito (‘jamais nos renderemos’) e aquilo que tentávamos acreditar, às

vezes contra os protestos do realismo e do bom senso, que se tornaria verdade.”

Comparemos a força das palavras de Churchill em 4 de junho com aquelas enunciadas, na mesma época, por um homem menos grandioso, Duff Cooper, então servindo como ministro da Comunicação. “Será necessário recuar nosso exército das posições atualmente ocupadas, mas não será um exército derrotado”, disse Cooper, conseguindo soar tão previsível quanto enganoso.⁸² “Será um exército cuja coragem estará em alta e cuja confiança permanecerá inabalada, e todo oficial e homem ardendo em desejo de enfrentar o inimigo em combate. ... Quando o perigo aumenta, nossa coragem aumenta junto com ele.” Não há nada de inspirador nessas palavras. Se há alguma coisa sob os clichês de homens que mal podem esperar para voltar e lutar, é um ar de contido pânico. Quando um político não oferece nada além de retórica vazia e falsa, ele implicitamente está aceitando algo muito próximo da derrota.

De fato, havia bons motivos para pânico. O exército britânico encontrava-se num estado lamentável nos meses após Dunquerque. “A Grã-Bretanha não apenas foi expulsa da Europa, ela em parte foi desarmada”, concluiu o historiador militar Cathal Nolan.⁸³ Nas dunas de areia do litoral belga, haviam sido deixados para trás setecentos tanques, 880 peças de artilharia pesada, 11 mil metralhadoras e algo em torno de 64 mil veículos, agora todos em poder da Wehrmacht.⁸⁴ Os números do que o exército britânico tinha disponível, uma vez de volta a seu território naquele verão, são impressionantes ainda hoje. As forças terrestres em solo britânico possuíam apenas duzentos tanques de último tipo, tantos quanto uma única divisão de blindados do exército americano atualmente.⁸⁵ Uma divisão menor, a 1ª de Londres, dispunha de apenas 23 peças de artilharia, e carecia totalmente de veículos blindados e metralhadoras.⁸⁶ Anthony Eden, então supervisionando o exército como secretário de Estado em tempo de guerra, confidenciou a um jornalista que, por um breve período, a Inglaterra era capaz de enviar ao combate apenas uma brigada treinada e equipada – ou seja, apenas alguns milhares de homens.⁸⁷ E no entanto havia por lá armas o suficiente para que, por dezesseis vezes naquele mês

de junho, civis fossem fuzilados por milicianos britânicos em barreiras anti-invasão nas estradas.^{[88](#)}

Enquanto a Inglaterra se preparava para a invasão, o major William Watson, da Infantaria Ligeira de Durham, informou que alguns de seus homens ainda usavam os mesmos uniformes que tinham vestido durante a fuga de Dunquerque.^{[89](#)} Outro soldado, Douglas Goddard, foi enviado numa patrulha do litoral sudeste, mas alguns de seus atiradores carregavam apenas cinco balas em cada rifle. A Força Aérea Real também perdera 250 aviões modernos de combate em apenas dez dias, em maio de 1940, e começou o mês de junho com um total restante de apenas quinhentos.^{[90](#)}

O colapso francês

Churchill estava em todos os lugares ao mesmo tempo nesse período. Foi repetidas vezes à França para insuflar coragem aos líderes franceses, paralisados e politicamente desorganizados devido ao rápido avanço alemão em seu território. Reuniu-se com alguns deles no Ministério das Relações Exteriores francês, enquanto a fumaça entrava na sala vinda do lado de fora, onde trabalhadores empurravam carrinhos de mão cheios de documentos a serem jogados nas fogueiras do pátio atrás do edifício ministerial.⁹¹ A fumaça do charuto formava espirais em sua cabeça, deixando-o, como sugeriu um secretário de guerra francês, “coroadado como um vulcão”.⁹² As autoridades francesas disseram-lhe que seus planos militares não previam uma reserva estratégica de soldados para lançar em combate. Perplexo, ele perguntou se entendera corretamente. “Fiquei sem ação”, ele escreveu. “O que devíamos pensar do grande exército francês e seus maiores comandantes?”⁹³ Ele podia estar se referindo a uma observação que fizera após a Primeira Guerra Mundial: “Em todas as batalhas, duas coisas geralmente são exigidas do comandante em chefe: fazer um bom plano para seu exército e, em segundo lugar, manter uma reserva forte.”⁹⁴ Os líderes da França haviam falhado em ambas.

Churchill estava determinado a não seguir tal exemplo. “Mataremos a Alemanha de fome”, ele jurou aos franceses na ocasião. “Destruiremos suas cidades. Queimaremos suas safras e florestas.”⁹⁵

Em suas memórias, ele dedicaria mais de duzentas páginas para descrever como os líderes franceses haviam afundado seu país por estarem divididos, sem direção e desmoralizados. E concluiu que os franceses haviam sido “arruinados” por um “enquadramento mental unicamente defensivo”. Essa era uma das principais razões para o constante aticamento de seus generais e almirantes durante a guerra. “Um esforço deve ser feito para rebater nossa prostração mental e moral diante da determinação e iniciativa do inimigo que enfrentamos”, ele ordenava.⁹⁶

Ao cair da noite do dia 17 de junho, Churchill fez um pronunciamento pela BBC que começava da seguinte forma: “As notícias da França são muito ruins.”⁹⁷ Paris fora ocupada pelos alemães. No dia seguinte, o governo francês solicitou as negociações para o cessar-fogo. O historiador militar Walter Mills resume, com elegância, a preocupante situação militar após Dunquerque: “A Grã-Bretanha já quase não tinha defesas em terra, enquanto a ocupação de quase toda a costa atlântica da Europa havia aberto inúmeras passagens impossíveis de serem fechadas, dando livre curso para os estragos dos U-boats.”⁹⁸ De fato, a situação que Hitler almejava apenas treze meses antes havia se concretizado: a Polônia fora ocupada, assim como a Bélgica e a Holanda, e a França estava derrotada. Agora as tropas britânicas seguiam sozinhas na Europa Ocidental. Hitler planejava espancá-las e matá-las de fome.

Churchill alertou a seus compatriotas, em mais um de seus encerramentos teatrais:

Em pouco tempo, toda a fúria e o poderio do inimigo se voltará contra nós. Hitler sabe que terá de nos vencer nesta ilha ou perderá a guerra. Se tivermos sucesso ao enfrentá-lo, toda a Europa poderá ser livre, e a vida no mundo poderá seguir adiante em terras altas, amplas, banhadas pelo sol; mas, se falharmos, o mundo inteiro, incluindo os Estados Unidos da América, e tudo que conhecemos e valorizamos, afundará no abismo de uma nova Idade das Trevas, ainda mais sinistra, e talvez mais longa, graças aos trunfos da ciência pervertida. Abracemos, portanto, nosso dever; comportemo-nos de modo que, se a Commonwealth britânica e seu império permanecerem de pé por mais mil anos, todos os homens possam dizer: “Esse foi seu melhor momento.”⁹⁹

Roy Jenkins compara a importância desse discurso a outro famoso, o de Lincoln em Gettysburg.^{100 e}

Orwell via com bons olhos o papel que Churchill desempenhava naquele verão. “A razão pela qual quase todos os antinazistas apoiavam Churchill, a partir do colapso da França”, ele escreveu, “é que não havia mais ninguém, quero dizer, ninguém que já fosse conhecido o bastante para subir ao poder e cuja determinação em não se render fosse tão confiável ... O que faltava era, sobretudo, obstinação, coisa que Churchill tinha de sobra.”¹⁰¹ Churchill apreciava essa qualidade em si mesmo. A lição a ser tirada da primeira parte da guerra, ele disse aos alunos de Harrow certa vez, era simples:

Nunca desista, nunca, nunca, nunca, nunca – de nada, pequeno ou grande, elevado ou mesquinho –, nunca desista a não ser com base em convicções de honra e bom senso. Nunca se renda a nenhuma força; nunca se renda ao poderio aparentemente invencível do inimigo.^{[102](#)}

Churchill jurou aos seus ministros que não deixaria a Inglaterra. Orwell, privadamente, fez uma anotação semelhante em seu diário: “É impossível, ainda agora, decidir o que fazer no caso de uma conquista alemã da Inglaterra”, ele escreveu em meados de junho de 1940. “A única coisa que eu não farei será fugir, pelo menos não além da Irlanda, supondo que seja possível chegar até lá. Se a esquadra estiver intacta e parecer que a guerra continuará a partir dos Estados Unidos e dos territórios coloniais, então a tarefa de cada um é permanecer vivo, se possível, se necessário nos campos de concentração. Se os Estados Unidos também forem vencidos, não haverá nada a fazer além de morrer lutando, mas, é claro, deve-se morrer lutando e, de preferência, ter a satisfação de matar alguém antes.”^{[103](#)} Orwell voltaria ao assunto seis dias depois. Sua esposa e a cunhada insistiram para que buscasse refúgio no Canadá, “se o pior realmente acontecer”, ele escreveu, mas Orwell se recusou a fazê-lo. “Já há muitos desses ‘antifascistas exilados’. Se for preciso, é melhor morrer.”^{[104](#)}

Aproximava-se o momento de algumas decisões difíceis. Pouco tempo depois do armistício entre franceses e alemães, Churchill, temendo que a esquadra francesa na Argélia pudesse cair em poder da Alemanha, ordenou que ou ela se rendesse aos ingleses ou fosse atacada. Os marujos franceses resistiram, num breve combate, e em menos de uma hora cerca de 1.300 deles estavam mortos.

Esse ataque impiedoso a um aliado recente chocou alguns dos almirantes de Churchill, mas demonstrou para o resto do mundo a força da determinação britânica. Entre aqueles que o aplaudiram estava Orwell, que escreveu em seu diário: “O assustador rompante de fúria na rádio alemã (se corretamente descrito, uma verdadeira conclamação ao povo inglês para que enforcasse Churchill em Trafalgar Square) mostra o quanto Churchill estava certo em fazer o que fez.” Churchill chegou a gritar quando teve de explicar ao Parlamento por que ordenara o ataque à esquadra francesa de Vichy.^{[105](#)}

“Ação Hoje”

Ao mesmo tempo que convocava a nação e tentava animar os franceses, Churchill trabalhava em outra tarefa de suma importância: despertar a suporífera burocracia britânica. Pode-se dizer que seu trabalho nessa área, embora um tanto subapreciado, ajudou o esforço de guerra tanto quanto sua oratória. Um dos maiores problemas enfrentados pelos britânicos internamente, quando ele chegou ao posto de primeiro-ministro, era a letargia do governo durante os nove meses iniciais da guerra.

“Chamberlain presidira com eficiência sobre o conjunto de ministros”, lembrou-se sir Ian Jacob. “Havia ordem na administração, mas não acontecia muita coisa.”¹⁰⁶ Um indício surpreendente da indolência oficial era que a Grã-Bretanha deveria estar adotando uma política de estímulo às suas indústrias, já que se mobilizava para a guerra, e no entanto o desemprego aumentou de 1,2 milhão em setembro de 1939 para 1,5 milhão em fevereiro de 1940.¹⁰⁷

Churchill, ao se tornar primeiro-ministro, reagiu à postura “anestesiada, sincera porém rotineira” de Chamberlain, e costumava disparar rajadas diárias de memorandos pessoais que chacoalhavam os líderes militares e os burocratas de alto escalão.¹⁰⁸ Os memorandos frequentemente eram marcados com um carimbo vermelho vivo que exigia “Ação Hoje”, um recurso inaugurado por Churchill no auge da crise de Dunquerque, em 29 de maio de 1940.¹⁰⁹ Suas notas, escreveu um assessor, eram “como o facho de uma lanterna, sempre em movimento e penetrando os escaninhos mais remotos da máquina pública – de modo que todos, mesmo os mais humildes na hierarquia e na função, sentiam que um dia o facho de luz poderia cair sobre eles e iluminar o que estavam fazendo. Em Whitehall, os efeitos de sua influência foram imediatos e dramáticos ... Um novo propósito e um novo sentido de urgência foi criado, até se assentar a noção de que uma mão firme, guiada por uma vontade férrea, estava no comando”.¹¹⁰ Na mesma linha, outro assistente dos tempos de guerra lembra que, “em todo o palácio do governo, os funcionários sentaram

direito na cadeira e ficaram alertas”.¹¹¹ Também começaram a trabalhar à noite e nos fins de semana – como Churchill fazia.

Às vezes um novo governo acredita poder melhorar o desempenho de sua burocracia apenas encostando-a na parede. Essa não era a estratégia de Churchill. Muito mais que um leigo inteligente, ele passara anos educando-se em assuntos militares. Mesmo quando posto de escanteio, participara no sigiloso comitê governamental que acompanhava o tema das defesas aéreas. Como parte desse trabalho, visitara as recém-erguidas estações de radar no litoral sul da Inglaterra. Também encorajara a marinha a pesquisar se os radares poderiam ser usados para guiar torpedos à noite. Estudara a reconstrução da força aérea alemã. Tudo isso significava que, ao liderar a Grã-Bretanha num momento crucial, o “campo mental estava bem claro para mim. Eu conhecia as várias peças e jogadas no tabuleiro, e podia entender tudo que me fosse dito sobre o jogo”.¹¹² Esse conhecimento habilitou-o a tomar decisões e assumir riscos de que outros políticos teriam fugido. Ele não apenas estimulava o seu pessoal, ele o acompanhava com memorandos e ordens inteligentes que davam ímpeto a funcionários acostumados a um ritmo mais lento de trabalho e a poucas perguntas.

As cobranças sobre seus generais e almirantes eram por vezes desagradáveis, mas certamente necessárias. Mais do que tudo, Churchill temia a passividade do tipo que, em sua opinião, havia arruinado a França em maio e junho de 1940. “Sua ideia fixa, em todos os lugares e em todos os momentos, era ‘Atacar, atacar, atacar’”, disse sir Desmond Morton.¹¹³ Menos de um mês após se tornar primeiro-ministro, Churchill enfatizou a seus generais acreditar que ações agressivas por parte das forças britânicas poderiam fazer os alemães pensarem menos em como atacar e mais em como e onde poderiam ser atacados.¹¹⁴ E ele pressionava não apenas os seus comandantes militares. Em determinada altura ao longo da guerra, ele encontrou tempo para se debruçar sobre a produção de ovos, disparando contra seu ministro da Agricultura: “Eu gostaria de convencê-lo a tentar superar as dificuldades, em vez de simplesmente se entrincheirar atrás delas.”¹¹⁵

Um dos temas de Churchill por toda a guerra era que as ações agressivas por parte de seus comandantes deveriam ser avaliadas com indulgência. No decorrer daquele ano, ele escreveu a seu mais alto oficial militar que “qualquer erro em relação ao inimigo e qualquer demonstração de um sincero desejo de enfrentamento devem ser sempre generosamente avaliados”.[116](#)

Ele também compreendia, ao contrário de muitos, que ações militares sem sentido do ponto de vista tático podiam ser, no entanto, vantajosas por razões políticas e estratégicas. Churchill sabia que, em tempos de guerra, é sempre melhor para um exército fazer alguma coisa – tal como atacar os alemães na Noruega, como os ingleses haviam feito na primavera – do que não fazer nada e, assim, dar a iniciativa ao inimigo. Ele tinha consciência de que por vezes seria difícil justificar esse pendor para a ação em termos apenas militares. “Você não precisa questionar o valor do bombardeio à Alemanha”, ele disse certa vez a seus brigadeiros, “porque tenho minha própria opinião sobre isso, qual seja, a de que não é decisivo, mas é melhor do que não fazer nada.”[117](#)

Churchill também percebeu com mais clareza do que a maioria as limitações da mente militar, com destaque para a perigosa tendência de analisar as operações isoladamente, fora do contexto estratégico mais amplo. No início do conflito, ele pediu a Chamberlain para convocar algumas reuniões de governo sem a presença dos generais e almirantes. “Muito do que está sendo apresentado aos líderes militares não faz parte de suas atribuições”, escreveu. “Arrisco-me a sugerir ao senhor que devemos, por vezes, discutir a sós o cenário geral. Não sinto que estejamos chegando à raiz do problema em vários assuntos.”[118](#)

Do seu tempo no exército, durante a Primeira Guerra Mundial, e, ainda mais, das duas vezes em que supervisionara a marinha britânica, Churchill desenvolvera uma sensibilidade fina para os subterfúgios da burocracia militar. Ele cobrava de seus subordinados que diminuíssem o número de oficiais em cargos administrativos e os transferissem para unidades onde houvesse combate. Em agosto de 1940, quando a carência de pilotos foi absolutamente crucial, fez um maravilhoso trabalho em arrancar muitos oficiais da Força Aérea Real de seus escritórios e enfiá-los na cabine de

pilotagem dos aviões. “A tendência de todos os comandantes de unidade, naturalmente, é manter o máximo possível sob seu controle”, ele ensinou, com algum ceticismo, a um oficial da força aérea. “Os almirantes fazem exatamente o mesmo. Mesmo depois de você ter feito uma busca minuciosa, se olhar em volta, verá que, em poucas semanas, já tem mais gordura para cortar.”¹¹⁹

Quando seus generais eram capazes de alguma genuína consideração militar, ele escutava. Nas primeiras semanas no cargo, entre maio e junho de 1940, sob grande pressão dos franceses para que mandasse mais aviões de combate, mas ouvindo de seus conselheiros que a guerra não seria decidida lá, ele aceitou a visão de seus comandantes e recusou-se a enviá-los. Em retrospecto, escreveu Stephen Bungay, “essa decisão foi sem dúvida correta. Os aviões de combate não teriam feito diferença na França, mas fizeram muita diferença na Grã-Bretanha”, como ficou demonstrado logo a seguir, no verão daquele ano, durante a Batalha da Grã-Bretanha, o momento mais impressionante da vida de Churchill.¹²⁰

^e Proferido por Abraham Lincoln na cidade de Gettysburg, em 19 de novembro de 1863, durante a Guerra Civil Americana. (N.T.) [↵](#)

7. Enfrentando os alemães, pedindo ajuda aos americanos: 1940-41

NO DIA 8 DE AGOSTO DE 1940, Hermann Göring, comandante da Luftwaffe, a força aérea alemã, ordenou que tivesse início a “Operação Adler”. Ele informou a seus subordinados que, “num curto espaço de tempo, vocês eliminarão dos céus a força aérea britânica. *Heil, Hitler*”.¹ A inteligência inglesa interceptou a ordem, e informou Churchill.

Partindo para o combate, os comandantes da Luftwaffe estimavam que a campanha aérea levaria de duas a quatro semanas para ser vitoriosa.² Isso pode soar arrogante hoje, mas na época era consistente com o nível dos verdadeiros passeios alemães na Polônia, na Holanda, na Bélgica e na França. Para muitos, a Alemanha parecia impossível de ser detida. O embaixador Kennedy, em um telegrama enviado ao Departamento de Estado, transmitiu a opinião de que, se tinham de fato tantos aviões quanto diziam ter, os alemães destroçariam a Força Aérea Real, após o que a rendição britânica “seria inevitável”.³

Os combates aéreos encheram os céus do sul da Inglaterra durante o verão e o início do outono de 1940. Aviões alemães cruzavam o canal da Mancha em seis minutos, e então, em plena vista da população inglesa, manobravam e duelavam no espaço aéreo do sul da Inglaterra.⁴

Esses foram os meses em que Churchill se tornou o ponto de união simbólico da Inglaterra. Orwell, observando sua transformação, admirava-se. “Quem teria acreditado, sete anos atrás, que Churchill tivesse qualquer futuro político à sua frente?”, escreveu ele em seu diário, no mês de agosto.⁵ Enquanto os bretões encaravam a perspectiva concreta de uma invasão, mesmo aqueles que haviam denegrido Churchill por anos uniram-se em torno dele. Poucas pessoas haviam se esforçado mais para manter Churchill longe dos ministérios, em meados dos anos 1930, do que “T.J.” Jones, ex-conselheiro político do primeiro-ministro Baldwin. Ele agora

enxergava o homem que menosprezara por tanto tempo sob uma nova luz. “A chegada de Winston ao poder ... provocou uma grande mudança”, ele escreveu. “Enfim a nação está alerta e trabalhando.”⁶ Adiante naquele verão, acrescentaria Jones, “Winston, no momento, é o único orador em Whitehall que alcança e emociona todos”.⁷

Nem todo mundo admitiu isso com tanta franqueza. No final de 1940, Geoffrey Dawson, o editor do *Times*, francamente favorável à política de conciliação, escreveu a Neville Chamberlain, então prestes a morrer, dizendo: “Serei sempre um impenitente apoiador daquela que se convencionou chamar de ‘Política de Munique’.”⁸ Nessa mesma época, Orwell discutiu com um jovem pacifista no Café Royal, um antigo ponto de encontro de escritores e artistas.⁹ A guerra estaria terminada antes do Natal, o jovem assegurava a Orwell, explicando que “obviamente haverá um compromisso de paz”. Quando Orwell respondeu que os nazistas fuzilariam escritores como ele próprio, o jovem, aspirante a artista, rebateu: “Seria uma pena.”

OS DISCURSOS DE CHURCHILL nesse período continuam sendo boa leitura mesmo mais de 75 anos depois de terem sido feitos. Conhecê-los é essencial para se entender o homem e seu papel na história.

Sua fala na Câmara dos Comuns em 20 de agosto de 1940 é lembrada antes de tudo por sua poderosa e fiel homenagem aos pilotos da Força Aérea Real. “Nunca no âmbito dos conflitos humanos”, ele afirmou, “tantos deveram tanto a tão poucos.”¹⁰ O piloto de um Spitfire, Hugh Dundas, diria mais tarde: “Não creio que tivéssemos consciência de estar fazendo história até o primeiro-ministro Churchill proferir seu discurso sobre os ‘tão poucos’. Todos estufamos o peito um pouco e pensamos em como éramos importantes, mas até então não creio que tivéssemos pensado nisso.”¹¹

Menos lembrado, no mesmo discurso, foi o resumo que Churchill fez da guerra, ao estilo de Orwell em sua sobriedade e na precisão pontual ao enumerar os reveses ocorridos durante seus primeiros meses de liderança:

Bem mais que um quarto de ano se passou desde que o novo governo assumiu o poder neste país. Que enxurrada de desastres desabou sobre nós desde então. Os confiáveis holandeses, sobrepujados; seu amado e respeitado soberano, obrigado ao exílio; a pacífica cidade de Roterdã, cena de um massacre tão odioso e brutal quanto um episódio da Guerra dos Trinta Anos. A Bélgica invadida e derrotada; nossa própria Força Expedicionária, que o rei Leopoldo chamou em seu socorro, encurralada e quase capturada, escapando apenas graças ao que pareceu um milagre, e perdendo toda a sua equipagem; nosso aliado, a França, fora; a Itália dentro, e contra nós; toda a França sob poder inimigo, tendo seus arsenais e grandes quantidades de material militar já convertidos, ou ainda por converter, ao uso do inimigo; um governo fantoche montado em Vichy, que pode, a qualquer momento, se voltar contra nós; toda a costa ocidental da Europa, do cabo Norte até a fronteira espanhola, dominada pelos alemães; todos os portos, todos os aeroportos nesse front imenso, usados contra nós como potenciais trampolins para uma invasão.¹²

Duas noites depois, o centro de Londres foi bombardeado pela primeira vez. Seu catálogo de desastres parecia terminar num ponto nevrálgico: a possibilidade de desembarques alemães na Inglaterra.¹³ Discutir a invasão não era apenas um jeito de estimular a população. Churchill, nesse período, avaliava tal perspectiva com muita seriedade. Entre as perguntas que teve de enfrentar estava, possivelmente, o papel da polícia britânica em áreas do país ocupadas pelos alemães. Deveria ela combater? Deveria, ao contrário, tentar manter a ordem pública? E nesse caso, a fim de mantê-la, deveria ser instruída de antemão a cooperar com os alemães? Tal cenário era demais para Churchill. “Caso se encontrem numa área efetivamente ocupada pelo inimigo”, foram suas instruções, “ela pode se render e entregar-se juntamente com o resto dos habitantes, mas nessas circunstâncias não deve ajudar o inimigo, de forma alguma, a manter a ordem, ou a qualquer outra coisa.”¹⁴

Ao se aproximar o fim do verão, o medo de uma invasão alemã chegou ao auge: os aviões de reconhecimento ingleses detectaram um repentino aumento nos comboios de barcas alemãs nos portos holandeses, belgas e franceses. Às 20h07 do dia 7 de setembro de 1940, o alto-comando britânico transmitiu o sinal CROMWELL, a senha que indicava iminentes desembarques alemães no território inglês.¹⁵ O romancista Evelyn Waugh, então servindo com os fuzileiros reais na África, escreveu para a esposa naquele mês, aconselhando-a a fugir para o Quebec, no Canadá, onde ele tentaria encontrá-la. A George Pellet, membro de uma unidade de

sabotagem infiltrada no campo inimigo, foi dito que sua expectativa de vida, na hipótese de uma invasão, não ultrapassaria sete dias.¹⁶

Mas as táticas alemãs estavam mudando. Rechaçados em sua tentativa de destruir as defesas aéreas britânicas, os comandantes da Luftwaffe passaram simplesmente a bombardear o país – sobretudo a capital, e em especial sua zona leste, onde os pobres e os trabalhadores se concentravam, perto dos portos e das fábricas. Incendiar Londres, supôs Göring, podia acabar com a disposição do povo inglês em seguir lutando.

Na mesma noite em que o sinal CROMWELL foi emitido, começou a Blitz de Londres, com 348 bombardeiros e 617 caças alemães atacando a capital.¹⁷ Voando em direção à Inglaterra naquela tarde, eles formavam uma muralha no céu, com trinta quilômetros de largura e sessenta de profundidade.

Alguns observadores pensaram que essa nova abordagem iria funcionar. Na primeira noite da Blitz, Joseph Kennedy, que estava nas ruas de Piccadilly com um amigo, disse: “Aposto cinco contra um que Hitler estará no Palácio de Buckingham em duas semanas.”¹⁸ Já estava na hora, ele alertou o Departamento de Estado, de os ingleses aceitarem a derrota.¹⁹

De fato, nas sirenes do alerta antiaéreo, no ronco dos bombardeiros se aproximando, e na fumaça, no fogo e na morte que deixavam para trás, “havia a sensação de um apocalipse iminente”, resume o historiador e romancista britânico Peter Ackroyd.²⁰ A poeta Edith Sitwell captou o momento em um poema:

Cai a chuva –

Escura como o mundo dos homens, negra como nossas perdas –

Cega como os mil novecentos e quarenta pregos

Na cruz.^f

Um bombeiro relatou que os incêndios eram tão intensos que “o calor fazia bolhas na tinta dos carros, no rosto dos homens ... Fazia seus olhos e

seu nariz doerem. Tive uma queimadura bastante grave no queixo, e ele ficou com bolhas também. Quando os telhados desabavam, fagulhas disparavam pelas janelas, como se expelidas por foles gigantesco”.^{[21](#)}

No dia seguinte, 8 de setembro, Churchill visitou a área mais atingida da cidade, o pobre e superpovoado East End, onde o fogo ainda ardia nos edifícios bombardeados. Ele começou a chorar num abrigo antiaéreo que fora atingido em cheio. Vendo a cena, uma velha senhora comentou: “Viu? Ele realmente se importa, está chorando.”^{[22](#)}

15 de setembro de 1940

Após uma semana de massacre, Churchill viajou para o quartel-general da 11ª Unidade de Combate, responsável pela defesa dos céus sobre Londres e o sudeste da Inglaterra. Não foi uma visita aleatória – ele fora informado, pelas interceptações “ultra” de seu serviço de inteligência,^g de que quase todos os bombardeiros baseados na França deviam partir rumo a Londres naquele dia, e sabia também, por visitas anteriores, que o posto de comando da 11ª Unidade de Combate era o melhor ponto de observação para semelhante batalha. Apenas duas semanas antes, um ferrenho combate aéreo ocorrera ali.

O dia da visita de Churchill, 15 de setembro, seria marcado por um dos mais ferozes combates aéreos em toda a guerra.²³ Mais tarde, Churchill se lembraria daquele dia como “a data culminante” da Batalha da Grã-Bretanha. Foi num domingo de manhã.²⁴ No quartel-general da 11ª Unidade, localizado nas franjas da região oeste de Londres, ele desceu cerca de quinze metros pelo bunker até chegar à sala de operações da unidade, e observou enquanto o vice-marechal do ar Keith Park, comandante do grupo de caças, andava de um lado para outro e dava ordens, enviando esquadrões para o combate. Um gigantesco monitor, da largura da sala, cobria uma parede, registrando o posicionamento de cada um dos 25 esquadrões da 11ª Unidade de Combate. Uma série de luzes indicava o estado de cada grupo – aqueles à espera de ordens, os que se encontravam no ar, os que tinham avistado o inimigo, e por fim, no topo, luzes vermelhas naqueles “engajados” – isto é, em pleno combate.

Uma depois da outra, todas as luzes ficaram vermelhas. Em pouco tempo, Park enviara todos os seus aviões para a luta. Isso significava que logo todos os esquadrões começariam a pousar para reabastecer. E esse seria um momento muito delicado, devido ao risco de os aviões, agrupados no chão, serem atingidos pelos caças alemães, causando perdas gravíssimas. Park contactou seu comandante a fim de obter autorização para usar os três esquadrões ainda na reserva. Algo em torno de duzentos aviões alemães sobrevoavam o sudeste da Inglaterra.

Churchill, incapaz de se controlar por mais tempo, perguntou a Park: “Quantos mais você tem?” “Nenhum”, respondeu Park. “Estou usando todos.” Park depois registrou que Churchill, ao ouvir aquilo, “adquiriu um ar muito grave”. Ele tinha razão para tanto, pois compreendeu, como diria depois, que “as probabilidades estavam contra nós; nossas chances eram pequenas; e a aposta era infinita”.²⁵ Durante cinquenta minutos, nenhum outro avião ficou disponível.²⁶ Apenas quatro meses antes, Churchill estremeceu ao ouvir os líderes franceses dizendo algo similar a respeito da ausência de uma força de reserva. Sua derrota não demorara muito depois disso. Enquanto a Batalha da Grã-Bretanha se desenrolava, ele meditou: “Em que frágeis cordéis as coisas mais importantes podem estar penduradas.”²⁷ Agora ele via os cordéis se esticarem quase a ponto de romper.

Mas os britânicos, ao contrário dos franceses, resistiriam. Os Spitfires e Hurricanes tiveram de parar para reabastecer, mas os alemães também – e eles precisavam viajar muito mais para fazê-lo. Com isso, não houve uma nova onda de bombardeios, e os caças britânicos não foram pegos de surpresa no chão enquanto enchiam seus tanques. Ainda assim, milhares de bombas alemãs foram lançadas naquele dia, duas delas atingindo o Palácio de Buckingham, provavelmente por engano.²⁸ A Força Aérea Real perdeu 28 aviões em um dia de combate, mas derrubou 56 aviões alemães, numa incrível taxa de sucesso de 2 para 1.²⁹

Churchill ia deixando o bunker quando tocou a sirene que anunciava o fim da batalha. Ele partiu para Chequers, a casa de campo oficial do primeiro-ministro. Lá chegando, foi direto para o quarto e deitou-se para dormir por aproximadamente quatro horas. Era um estirão de sono tão incomum para ele que seu médico, Charles Wilson, foi avisado. Na manhã seguinte, Wilson perguntou se ele estava “firme” ao deixar o bunker. “Quando ele não respondeu, perguntei-lhe como Park estava enfrentando a pressão”, lembrou-se Wilson. “Ele me lançou um olhar sem expressão; nem sequer pensara nele. O destino dos indivíduos não importava mais. Suponho que você acabe pensando assim quando carrega uma responsabilidade tão pesada.”

Um dos edifícios atingidos no bombardeio alemão de meados de setembro foi a suntuosa residência londrina, em Park Lane, de lord Londonderry, o simpatizante nazista. O coronel Raymond Lee, adido militar americano, deixou a embaixada de seu país e caminhou alguns quarteirões para dar uma olhada no local. Ele escreveu em seu diário: “Uma bomba acabou de cair do outro lado da rua. Ela explodiu a parede, abriu um buraco profundo no chão e deu cabo de todas as vidraças da vizinhança. Mal posso imaginar o que aquele tonto do Londonderry deve estar pensando agora dos seus amigos Hitler, Ribbentrop e Göring, com quem era tão grudado até tão pouco tempo atrás.”³⁰ Hoje, o lugar é ocupado por um grande hotel Hilton.

DEPOIS DA GUERRA, Churchill diria a seus amigos que, se pudesse reviver algum ano de sua vida, seria 1940.³¹ Mesmo em retrospecto, sua motivação e seu nível de energia, ambos imensos, impressionam. Quando os temores de uma invasão alemã estavam no auge, o “primeiro-ministro era muito agradável e como de hábito sempre descontraído e divertido”, anotou em seu diário o general sir Alan Brooke, que viria a ser o principal conselheiro militar de Churchill.³² Enquanto carregava nos ombros o destino da Grã-Bretanha, e na verdade da civilização ocidental, ele conseguia até mesmo guardar um estoque de tiradas. Durante um dos períodos mais sombrios no início da guerra, quando os Estados Unidos ainda não haviam aderido ao confronto e as cidades inglesas iam sendo diariamente incendiadas por bombas alemãs, e enquanto os alemães estendiam seu alcance até os trigais da Ucrânia e os campos petrolíferos ao norte do Iraque, Churchill distraía a si próprio e a seus convidados tocando discos (“composições marciais, valsas e canções de bandas de metais do tipo mais vulgar”, registrou seu assistente, o esnobe Colville), encenando marchas militares com um rifle de caça e conversando com os animais. “Enquanto ruminava sobre esses assuntos [as reviravoltas no Oriente Médio e a questionável competência dos generais britânicos], ele mantinha uma viva conversa com seu gato, limpando seus olhos com um guardanapo, dando-lhe um pedaço de carne de carneiro e desculpando-se por não poder oferecer creme de leite durante a guerra.”³³ Ele cruzava o jardim da casa, num robe de chambre roxo e com um chapéu de feltro cinza na cabeça, para visitar seu peixinho dourado. E brincava com o cachorro da filha, “um poodle muito afetuoso”. Certa vez, a caminho de

uma reunião de cúpula, leu um romance de Horatio Hornblower;³⁴ viajando para outra, passou um dia atracado a *Phineas Finn*, o grande romance de Trollope sobre a ambição parlamentar. Enquanto se recuperava de uma pneumonia, Churchill finalmente leu (ou pediu que alguém lesse para ele) *Orgulho e preconceito*.

OLHANDO EM RETROSPECTO, vê-se com clareza que os alemães nunca estiveram perto de invadir a Inglaterra, que dirá conquistá-la, como parecia ser o caso em 1940. Alcançar a superioridade aérea era um requisito essencial para lançar uma força invasora, mas os ingleses produziam aviões mais rápido do que os alemães conseguiam derrubá-los. Além disso, os ingleses haviam erguido uma defesa bem elaborada e administrada com eficiência, enquanto o ataque alemão, apesar de corajoso, era um tanto caótico e tinha objetivos pouco nítidos. Quando não há uma estratégia coerente, a tática, mesmo executada com brilho, deixa de ser eficaz.

Os historiadores militares há muito reconhecem que a inovação tecnológica é quase inútil sem um suporte logístico cuidadosamente montado. Foi a competente organização das pessoas e da tecnologia que deu aos ingleses a vantagem no combate à Luftwaffe. Stephen Bungay conclui, em sua definitiva análise da Batalha da Grã-Bretanha, que a chave para a vitória britânica foi o sistema de alerta, extremamente eficaz.³⁵ Ao combinar radares, rádios e linhas telefônicas, e com tal esforço conduzido por comandantes atilados, o sistema britânico permitiu que a Força Aérea Real tomasse a iniciativa. Eles colhiam informações, rapidamente as repassavam aos esquadrões em prontidão, e então os enviavam para o combate.³⁶ Essa abordagem em três etapas do serviço de inteligência, cada uma envolvendo tarefas muito diferentes, foi resumida pelo tenente da aeronáutica Charles MacLean, um controlador do setor aéreo:

Toda a teoria de defesa com caças foi criada para evitar o que eles chamavam de “patrulhas constantes”. Se você protege o país mantendo os aviões no ar o tempo todo, você esgota sua autonomia de voo e está no chão quando o ataque de fato acontece. Então a Força Aérea Real desenvolveu um sistema de controle de ataques iminentes. Primeiro, usava o radar para localizar aviões que se aproximassem, depois usava o Regimento de Observação para avistá-los quando cruzavam a linha costeira. Todas as informações eram passadas para uma sala de triagem e depois encaminhadas à sala de comando, onde se dispunha de um quadro dos

ataques em curso sobre a mesa. Esse quadro estava defasado em três ou quatro minutos, mas era suficientemente fiel para que os caças decolassem quando realmente fossem necessários.³⁷

Assim, a imagem característica da Batalha da Grã-Bretanha que temos hoje é a dos pilotos descabelados relaxando em volta dos aviões, em solo mas prontos a decolar a qualquer sinal de alarme. Num balanço histórico, o sistema de defesa aérea britânico era o equivalente a um computador movido pela força humana, um circuito notável de gestão da informação em tempo real que funcionou muito bem na conservação dos seus recursos aéreos – aviões, pilotos e um grupo atento de gestores –, e uma das razões que explicam o crescente poderio da Força Aérea Real ao longo do ano de 1940. Uma segunda razão era que as fábricas britânicas de aviões finalmente iam atingindo o máximo de produtividade.

A terceira razão para a vitória britânica na Batalha da Grã-Bretanha foi a incompetência alemã ao travar a ofensiva aérea. Contrariando a boa reputação militar germânica, o plano de ação da Luftwaffe era “incrivelmente amadorístico”,³⁸ concluiu Bungay, não passando “de sobrevoar a Inglaterra, jogar bombas em várias coisas para afetar o humor da população e derrubar qualquer caça que aparecesse nesse processo”.³⁹ Não por acaso, acrescenta Bungay, o serviço militar que operava de forma tão incoerente era dirigido por um político, Göring, que antes de entrar para a vida pública fora piloto durante a Primeira Guerra Mundial. Hitler, acredita-se, gostava de dizer que possuía um exército conservador, uma marinha reacionária e uma força aérea nazista.⁴⁰ Esse braço aéreo politizado voou pelos céus britânicos sem estar pronto para enfrentar o que o esperava. Hans-Ekkehard Bob, que pilotava um caça Messerschmitt 109, lembra-se de se surpreender num dia enevoadado: “Deparei-me um dia com uma formação de Spitfires, surgida do nada, vinda pela minha retaguarda e numa posição perfeita para atirar, e perguntei a mim mesmo como aquilo era possível. Sem qualquer visibilidade, tanto no céu quanto em terra, como fora possível àquela formação inimiga chegar em posição de tiro e por trás de mim?”⁴¹ A resposta, é claro, estava nos radares britânicos e no bem azeitado sistema de alarme preventivo.

Os alemães, em seus dias de orgulho, também superestimavam bastante o estrago que iam fazendo, acreditando, em meados de agosto de 1940, que os ingleses possuíam apenas trezentos caças em operação. Na verdade, eles tinham 1.438 – o dobro do que dispunham apenas seis semanas antes.⁴² A taxa de sucesso nos combates sempre favoreceu os britânicos, que perderam um total de 1.574 aviões, mas destruíram 1.887 do lado alemão. Mais do que isso, uma vez que a maior parte dos combates aéreos ocorreu nos céus da Inglaterra, os pilotos ingleses podiam cumprir várias missões em um mesmo dia, com seus aviões reabastecidos de munição em menos de quatro minutos.⁴³ E, quando eram derrubados, em geral conseguiam saltar de paraquedas, cair em solo amigo e voar novamente, enquanto os alemães que saltavam de seus aviões tornavam-se prisioneiros de guerra, e aqueles que mergulhavam nas águas gélidas do canal via de regra morriam de afogamento ou hipotermia. (Pelas mesmas razões, a Força Aérea Real perdeu mais tripulantes de bombardeiros do que pilotos de caças – 801 do Comando de Bombardeiros contra 544 do Comando de Caças.)⁴⁴

O povo britânico também soube viver debaixo do bombardeio. Por exemplo: uma pesquisa feita pelo governo apurou que, em meados de setembro de 1940, 31% dos londrinos não haviam “fechado os olhos” na noite anterior.⁴⁵ Já em meados de outubro, apenas 5% relataram uma ausência tão completa de descanso, e, ao chegar novembro, ninguém mais acusava o problema.

Mesmo que os alemães tivessem desembarcado em solo inglês, sua cabeça de ponte teria precisado de abastecimento, no outono de 1940, majoritariamente por via marítima.⁴⁶ As embarcações alemãs teriam então de enfrentar a Força Aérea Real nos raros instantes de boa visibilidade e no cruel clima outonal do mar do Norte em todos os outros momentos. “A distância até a vitória não era pequena”, conclui Bungay em sua canônica história da Batalha da Grã-Bretanha. “A Luftwaffe nunca chegou perto.”⁴⁷

Contudo, é bem mais fácil ver isso hoje do que era em 1940. Uma vez que suas tropas e navios não estavam envolvidos, os americanos tendem a esquecer quão angustiantemente difícil foi a guerra para os britânicos antes que o ataque japonês a Pearl Harbor provocasse a entrada dos

Estados Unidos no confronto. Não é um acidente o fato de a entrada americana no conflito aparecer apenas no final do terceiro dos seis volumes que Churchill escreveu sobre suas memórias da guerra. Dwight Eisenhower não se faz presente antes da metade do quarto volume. Orwell, com sobriedade, fez uma anotação sobre esse período em seu diário, no dia 9 de outubro de 1940: “A indizível tristeza de alimentar diariamente as lareiras com jornais de um ano atrás, e de ver relances das manchetes otimistas enquanto eles viram fumaça.”⁴⁸

Naquele mês, em uma nota de reclamação para seu ministro das Relações Exteriores, Churchill afirmou estar pasmo diante do “desacerto dessas coisas de Kennedy”.⁴⁹ Entretanto, poucas semanas depois, Franklin Delano Roosevelt foi eleito para um inédito terceiro mandato na presidência. Isso representou um grande alívio para Churchill, pois significava que a ajuda americana aos britânicos poderia ser oferecida de maneira mais aberta, sem tanto medo de um contra-ataque isolacionista do Meio-Oeste americano. Mais diretamente, significava também que FDR poderia enfim se livrar de Kennedy.

Enviado para casa, Kennedy continuou a pingar fogo: “A democracia está acabada na Inglaterra”, declarou aos jornalistas quando chegou. Além disso, acrescentou, ela também poderia ser eliminada nos Estados Unidos, e assim, concluiu ele, “não faz sentido entrarmos na guerra”.⁵⁰

Kennedy, que flertara com a hipótese de concorrer à presidência, foi então visitar Roosevelt na residência presidencial em Hyde Park, no estado de Nova York. FDR a princípio cogitou convidá-lo para passar o fim de semana, mas mudaria de ideia após uma conversa particular de dez minutos. Ele saiu impulsivamente da sala e deparou-se com a esposa, Eleanor. “Enquanto viver, nunca mais quero ver esse filho da puta”, disse. “Pegue a carta de renúncia dele e tire-o daqui.”⁵¹ Quando ela protestou, dizendo que Kennedy estava convidado pelo menos para almoçar, ele pediu que Eleanor contornasse a situação, desse a ele um sanduíche e então o fizesse embarcar no trem vespertino de volta para a cidade de Nova York. Mais tarde ela se lembraria daquele dia como “as quatro horas mais desagradáveis da minha vida”.

Já em Nova York, Kennedy encontrou-se com Charles Lindbergh no hotel Waldorf Astoria. Lindbergh escreveu em seu diário: “Ele entende, como nós, que a posição dos britânicos é insustentável e que a melhor solução possível seria uma paz negociada num futuro próximo.”⁵² Os principais obstáculos para tal acordo, Kennedy acrescentou, eram Churchill e a expectativa, que ele acalentava com tanto carinho, de ver os americanos entrando no conflito.

Entra Hopkins

Ao mesmo tempo que liderava a Grã-Bretanha na guerra, Churchill dedicava muito do seu tempo a atrair os americanos, e especialmente a contrabalançar a influência de Kennedy e outros isolacionistas de direita.

De início, ele teve problemas em acertar o tom. Quando começou sua corte aos americanos, foi às vezes bajulador, como nas duas frases de uma mensagem de fim de ano que enviou a FDR no início de 1941:

Neste momento, quando o Ano-Novo se abre sob a tempestade, sinto que é meu dever, em nome do meu governo, e mesmo de todo o Império Britânico, dizer-lhe, senhor presidente, quão vivo é nosso sentimento de gratidão e admiração pelo memorável discurso que o senhor fez ao povo americano, e aos amantes da liberdade em todos os continentes, no último domingo. Não podemos antever o que nos espera à frente, mas com esse toque de alvorada devemos marchar adiante mais esperançosos e fortalecidos, e com a confiança que o senhor expressou em que no fim tudo acabará bem para os povos anglófonos e aqueles que compartilham de seus ideais.⁵³

FDR queria mais informações sobre quem Churchill realmente era, então, em janeiro de 1941, despachou Harry Hopkins para Londres, como seu emissário presidencial.⁵⁴ Um ex-assistente social que se tornara o conselheiro mais próximo de FDR, Hopkins tinha a missão de aquilatar Churchill como um potencial aliado de guerra.⁵⁵ Hopkins adquirira tamanha importância na vida do presidente que chegou a se mudar para a Casa Branca, dormindo no quarto que servira como gabinete privativo de Abraham Lincoln, e onde ele assinara a lei que abolia a escravidão. Hopkins também era fã de gamão e dos jogos de cartas (pôquer, gin rummy, bridge). Apesar da constituição frágil, ele também gostava de passar seus dias no hipódromo, onde fazia apostas de dois dólares em cavalos azarões.

A escolha de Hopkins, um homem que sofria de câncer, mortalmente magro, com poucos anos de vida pela frente e profundamente cético em relação aos ares aristocráticos e à retórica rebuscada, significava um desafio de Roosevelt para Churchill. Uma parte do trabalho de Hopkins em janeiro de 1941 consistia em avaliar se Churchill era realmente “instável”

e estava “bêbado metade do tempo”, como afirmavam alguns em Washington.⁵⁶

Hopkins usou o novo serviço de *clipper* da Pan American, tomando um hidroavião de Nova York para as Bermudas, de lá para os Açores, e finalmente pousando no rio Tejo, em Lisboa.⁵⁷ De lá pegou um voo da British Overseas Airways até Poole, na Inglaterra, onde foi recebido por Brendan Bracken, que servia de *consigliere* a Churchill, quase como Hopkins a FDR.⁵⁸ Esse foi um primeiro sinal de que a missão de Hopkins fora compreendida. Apesar de seu histórico ligado à esquerda, ele não estava cruzando o oceano para estudar a social-democracia ou a melhoria na distribuição gratuita de alimentos para a população carente. Estava ali para tomar parte em um conselho de guerra sobre como ajudar a Inglaterra (e Churchill) a sobreviver.

Hopkins precisou de um dia para se recuperar das viagens. No dia seguinte, foi escoltado para um almoço com Churchill. “Fui recebido por um cavalheiro rotundo, sorridente, de rosto avermelhado, que me estendeu a mão gorda, mas no entanto firme, e me desejou boas-vindas”, relatou Hopkins ao presidente, escrevendo suas cartas à mão no papel com o timbre do Hotel Claridge e enviando-as à Casa Branca por um *courier*.⁵⁹ “Um casaco preto e curto, calças listradas, um olhar límpido e uma voz mole – foi a impressão que ficou.”

Enquanto tomavam sopa e comiam rosbife e salada, Hopkins explicou com franqueza que os britânicos, inclusive Churchill, não inspiravam muita confiança nos Estados Unidos. “Eu disse a ele que havia, em alguns ambientes, um sentimento de que ele, Churchill, não gostava dos Estados Unidos, dos americanos ou de Roosevelt”, Hopkins relatou ao presidente. “Isso provocou da parte dele um amargo, porém contido, ataque ao embaixador Kennedy, que ele acredita ser o responsável por tal má impressão.”

Churchill respondeu dizendo a Hopkins o que ele imaginava que os americanos desejavam ouvir, numa rapsódia sobre a Inglaterra rural:

Não buscamos um tesouro, não buscamos ganhos territoriais, buscamos apenas o direito dos homens à liberdade; buscamos seu direito de cultivar o deus que escolherem, de levar sua

vida como desejarem, a salvo de qualquer perseguição. Ao humilde trabalhador que volta do trabalho no fim do dia e vê a fumaça subindo em espirais da chaminé de casa para os céus tranquilos da noite, queremos certificá-lo de que não ouvirá um toc-toc-toc [aqui ele bateu na mesa] da polícia secreta em sua porta, nas horas de lazer ou interrompendo seu descanso.⁶⁰

Era um clássico exemplo de churchillianismo.

Hopkins, um operador político experiente, sabia que estavam tentando amolecê-lo. Quando Churchill perguntou o que o presidente acharia de seus comentários, Hopkins soou como John Wayne em um de seus filmes de faroeste dos anos 1930. “Bem, senhor primeiro-ministro, não creio que o presidente esteja ligando para essas coisas”, resmungou Hopkins. “Veja bem, estamos interessados apenas em garantir que esse filho da puta do Hitler leve uma surra.”⁶¹ Churchill deu uma gargalhada. Era exatamente a resposta certa, aquela que ia direto aos sentimentos e esperanças mais profundas de Churchill.

Os dois homens acabaram conversando por horas a fio. Hopkins relatou ao presidente que saiu de lá convencido de que a suposta antipatia de Churchill pelos americanos e por Roosevelt era falsa. “Ela simplesmente não faz sentido”, ele escreveu.⁶² Não se sabe o que ele disse a FDR sobre o amor de Churchill pelas bebidas alcoólicas, mas a expressão “um olhar límpido”, com que descreveu o primeiro aperto de mão entre os dois, talvez diga respeito a isso.

Com exceção de Churchill, havia uma generalizada condescendência na atitude britânica em relação aos americanos. Um comentário típico foi o de sir Alexander Cadogan, diplomata sênior das Relações Exteriores, que, após conhecer Hopkins, escreveu em seu diário: “Parece um homem simples e agradável.”⁶³ Era um equívoco grosseiro, e vindo de alguém cuja função era avaliar visitantes estrangeiros.

Pelos próximos dois anos, Hopkins seria a ligação entre Churchill e Roosevelt, atuando na prática como o ministro das Relações Exteriores pessoal do presidente. Nessa primeira viagem à Grã-Bretanha, acabaria ficando quase um mês, duas vezes mais que o planejado. Passou doze noites com Churchill durante a temporada. Semanas mais tarde, já quando

o fim da visita se aproximava, Hopkins jantou com o primeiro-ministro e sua equipe no Hotel Station, em Glasgow.

Durante o jantar, Hopkins levantou-se e disse: “Suponho que os senhores gostariam de saber o que direi ao presidente Roosevelt quando voltar.”⁶⁴ Sim, eles gostariam, e muito. Hopkins disse que usaria a Bíblia para recomendar ao presidente o curso futuro das relações anglo-americanas. Então, quase sussurrando, citou Rute 1:16: “Aonde tu fores irei também, e onde quer que pousares, ali pousarei; teu povo será o meu povo e teu Deus será o meu Deus.” (Ele não incluiu o versículo seguinte: “Onde quer que morreres, morrerei também.”) Churchill respondeu com lágrimas de gratidão.

Mais ou menos na mesma época, os americanos se decidiram firmemente pela estratégia “Europa Primeiro”: se os Estados Unidos entrassem na guerra, o maior inimigo seria a Alemanha, não o Japão, e a maior parte dos recursos seria empregada do outro lado do Atlântico.⁶⁵ Essa foi, para Churchill, talvez a decisão americana mais importante da Segunda Guerra Mundial.

De volta a Nova York, ao desembarcar do avião da Pan Am, Hopkins afirmou para os repórteres: “Uma coisa que posso dizer é o seguinte: eu não acho que Hitler seja capaz de vencer esse pessoal.”⁶⁶ Ele identificara o embaixador Kennedy como a fonte dos estragos na amizade anglo-americana.

Havia ainda, no entanto, algumas ilusões em jogo. Em fevereiro de 1941, Churchill assegurou aos americanos que tudo de que precisava era de seus recursos – armas, tanques, aviões, comida, combustível e dinheiro.⁶⁷ Numa de suas frases famosas, ele pediu aos americanos: “Deem-nos as ferramentas, e nós completaremos o serviço.” Era uma frase atraente – prometia esforço, era humilde e aparentemente simples.

Mas essa fina retórica era enganadora. “Que bravata Churchill cometeu quando fez aquele discurso”, escreveu em seu diário o adido militar Raymond Lee, então um general de brigada.⁶⁸ Lee, naquele momento, era um dos oficiais mais pró-britânicos na embaixada americana. O

historiador Richard Toye concluiu que Churchill sabia, quase com certeza, que seriam necessários, para os Estados Unidos entrarem na guerra, não apenas sua enorme riqueza, mas também grandes contingentes de soldados.⁶⁹ Na verdade, o grupo de planejamento conjunto britânico afirmou, em junho de 1941, que “a beligerância ativa dos Estados Unidos tornou-se essencial para a execução e a conclusão bem-sucedida da guerra”.⁷⁰ Em outras palavras, Churchill não precisava apenas das ferramentas, ele precisava que fossem acionados, em nome da causa comum, todo o poderio humano e industrial americano – e ele sabia disso. Mas não podia dizê-lo.

^f No original: “*Still falls the Rain—/ Dark as the world of man, black as our loss—/ Blind as the nineteen hundred and forty nails/ Upon the Cross.*” (N.T.) [↵](#)

^g A partir de 1941, no serviço de inteligência britânico, dava-se o nome de “*Ultra secret*”, ou apenas “ultra”, a toda comunicação inimiga de rádio ou telégrafo interceptada e decodificada. Até então, o nível mais alto de sigilo havia sido “*Most secret*”. (N.T.) [↵](#)

8. Churchill, Orwell e a luta de classes na Grã-Bretanha: 1941

GEORGE ORWELL, AO ASSISTIR à Batalha da Grã-Bretanha e à Blitz que a seguiu, nunca acreditou que a Luftwaffe pudesse arrancar uma rendição da Inglaterra apenas com bombas. “Não parece provável que o bombardeio aéreo consiga decidir uma grande guerra”, ele escreveu.¹

Em muitos aspectos, Orwell, pessoalmente, não teve uma boa guerra. “Eles não me aceitam no exército, pelo menos por enquanto, devido aos meus pulmões”, contou a um amigo.² Isso não era surpresa: já em 1938, num exame médico, ficara registrado que ele, embora tivesse mais de 1,90 metro de altura, pesava apenas 72 quilos, e um raio X havia mostrado manchas pulmonares.³ Apesar disso, e apesar de seu ferimento no pescoço, Orwell continuou um tabagista convicto de cigarros fortes feitos à mão. Ele mais uma vez não teve sorte quando procurou trabalho no escritório de relações públicas do Ministério da Aeronáutica.⁴ Enquanto isso, sua esposa trabalhava num escritório governamental de censura.

Se tivesse gozado de uma saúde melhor, Orwell provavelmente teria sido um grande correspondente de guerra, algo parecido a uma versão inglesa de Ernie Pyle, mas com uma compreensão mais forte do combate, e mais dedicação em retratar os duros fatos da guerra, em vez de amenizá-los, como Pyle ocasionalmente fazia.

Orwell sentia que podia, e devia, contribuir mais para o esforço de guerra, mas não encontrava um jeito de fazê-lo. “É horrível sentir-se inútil e ao mesmo tempo ver, por todos os lados, idiotas e fascistoides ocupando postos importantes”, ele lamentou por carta a um amigo.⁵ Sinal de sua frustração foi a ronda que fez em Londres, certo dia, rasgando cartazes pró-soviéticos. “Em qualquer período normal”, ele confessou em seu diário, “iria contra os meus instintos escrever numa parede ou interferir no que outros escreveram.”⁶

Significativamente, a guerra pareceu distanciar Orwell da ficção por muitos anos. Ele não publicou nenhum romance entre 1939, quando saiu o fraco *Um pouco de ar, por favor!*, e *A revolução dos bichos*, que ele começaria no fim de 1943 e não veria publicado até a guerra terminar na Europa, em 1945. E no entanto ele, como Churchill, seria energizado pelo conflito. Só em 1940 produziu mais de cem textos jornalísticos – artigos, ensaios e resenhas.⁷ Em um artigo notável, atacou W.H. Auden por um verso de seu poema “Espanha”, sobre “a aceitação consciente da culpa no assassinato necessário”. Estas últimas palavras caíram mal para Orwell. “O tipo de amoraldade do sr. Auden só é possível quando se é o tipo de pessoa que está sempre em outro lugar quando o gatilho é apertado”, ele escreveu.⁸ “Muito do pensamento de esquerda é uma espécie de brincadeira com fogo feita por pessoas que nem sabem que o fogo é quente.” Orwell certamente devia saber que Auden partira para os Estados Unidos em 1939.

Orwell teve tempo, em 17 de abril de 1940, de escrever uma nota, um tanto prosaica e autobiográfica, para um livro americano intitulado *Twentieth Century Authors*:

Além do meu trabalho, a coisa que mais prezo é a jardinagem, especialmente o cultivo de legumes. Gosto da cozinha e da cerveja inglesas, dos vinhos tintos franceses, dos vinhos brancos espanhóis, do chá indiano, de tabaco forte, lareiras em brasa, luz de velas e cadeiras confortáveis. Desgosto de cidades grandes, de barulho, veículos motorizados, rádio, comida enlatada, aquecimento central e “mobiliário moderno”. ... Minha saúde é péssima, mas nunca me impediu de fazer o que eu queria, com exceção, até agora, de lutar na guerra atual. ... No momento não estou escrevendo nenhum romance, em grande parte como consequência dos transtornos causados pelo conflito.⁹

Algumas semanas mais tarde, ele deixou o chalé para trás e mudou-se para Londres, a fim de estar com a mulher. Em junho, se juntou à Guarda Nacional, a milícia local reunida para lutar no território doméstico em caso de invasão alemã. Logo foi promovido a sargento do 5º Batalhão de Londres, Companhia C. Mas ficou decepcionado quando um oficial anunciou que eles não precisavam aprender detalhes táticos, pois, no caso de uma invasão, “nossa tarefa”, disse ele, “será morrer em nossos postos”.¹⁰ Orwell escreveu em seu diário sentir-se frustrado com os comandantes da Guarda Nacional. “Esses pobres coitados, tão obviamente tolos e senis, e tão degenerados em tudo a não ser a coragem física, são em si apenas patéticos, e seriam quase dignos de pena se não fossem um enorme problema do qual é impossível escapar.” Quando discursava para sua unidade, ele era

mais prático. Granadas de mão, enfatizou, são “mais fáceis de se jogar escada abaixo do que escada acima”.¹¹ E os projéteis têm o hábito de ricochetear nas paredes, alertou.

Como muita gente em meados de 1940, Orwell acreditou ser “quase certo que a Inglaterra será invadida nos próximos dias, ou semanas”.¹² Ao contrário de muita gente, mas como Churchill, ele saboreou o momento. Seu amigo Cyril Connolly observou que “ele sentia-se muito confortável durante a Blitz, entre as bombas, a bravura, os destroços, a escassez, os desabrigados, os sinais do temperamento revolucionário”.¹³ Sua esposa tinha inclinações semelhantes. Quando as sirenes antiaéreas começavam a soar, ela desligava as luzes do apartamento e ia para a janela assistir ao combate.¹⁴ Orwell sempre gostara de observar, e agora havia muita coisa nova e diferente para ver e contemplar. Ele anotou em seu diário que não vira nenhuma cratera de bomba com mais de 3,5 metros de profundidade, o que o fazia pensar que as bombas alemãs eram um tanto pequenas, talvez parecidas com os artefatos de 15 centímetros que ele vira serem usados na Espanha.¹⁵ Ele ouviu algumas queixas num abrigo antiaéreo sobre “a dureza dos assentos e a longa duração das noites, mas sem conversas derrotistas”.¹⁶

Orwell achou curioso ver que os cachorros rapidamente aprenderam a interromper seus passeios pelo parque quando ouviam as sirenes antiaéreas.¹⁷ Sua única reclamação era que, “nas noites de bombardeio pesado, o estrondo ensurdecedor das armas torna o trabalho difícil. É um momento em que fica complicado se concentrar em qualquer coisa, e mesmo escrever um estúpido artigo de jornal leva o dobro do tempo”.¹⁸

Seu texto mais forte dessa primeira fase da guerra é “O leão e o unicórnio”, um ensaio que pode ser lido como uma espécie de canto da Batalha da Grã-Bretanha.¹⁹ Orwell trabalhou nele entre agosto e outubro de 1940, durante o auge do combate. Ao fazê-lo, contemplou a guerra do ponto de vista de um patriota de esquerda, decepcionado pelo comportamento da aristocracia britânica e vendo a possibilidade de a guerra provocar uma insubordinação social.

Seus comentários sobre Chamberlain poderiam ter sido feitos por Churchill. Orwell escreveu que

os opositores de Chamberlain juravam enxergar nele um politiqueiro ardiloso e sombrio, tramando a venda da Inglaterra para Hitler, porém é muito mais provável que ele fosse apenas um velho estúpido fazendo o melhor que podia diante de sua limitada inteligência. É difícil explicar de outra forma as contradições de sua política, seu fracasso em divisar todas as opções à sua frente. Como a grande maioria das pessoas, ele não queria pagar o preço nem da paz, nem da guerra.²⁰

A primeira fase da guerra foi um momento de surpreendente otimismo para Orwell. “Essa guerra, a não ser que sejamos derrotados, eliminará a maioria dos atuais privilégios de classe”, ele ansiou.²¹ Essencialmente, ele estava certo – muitos privilégios de classe de fato iriam desaparecer após o conflito, embora isso não decorresse de um rasgo revolucionário, mas de uma ordeira transferência de poder a um governo trabalhista no pós-guerra.

Churchill foi o único político conservador que Orwell parece ter admirado. Ele apontou, num ensaio sobre o escritor socialista e utópico H.G. Wells, que Churchill entendera os bolcheviques melhor que Wells.²² Wells respondeu a Orwell com fúria: “Leia meus primeiros escritos, seu merda!”²³ O romancista envelhecido passou a desfazer de Orwell, chamando-o de “aquele trotskista de pés grandes”.²⁴

“A oratória de Churchill é realmente boa, ainda que um tanto antiquada, mas eu não gosto da sua elocução”, escreveu Orwell em seu diário em 28 de abril de 1941, após um discurso de Churchill na BBC.²⁵ Quanto ao resto, mantinha uma permanente desconfiança em relação à direita. Ele aprovou por escrito a frase de um amigo segundo a qual, “com exceções individuais, como Churchill, toda a aristocracia britânica é corrupta e destituída do mais comum patriotismo”.²⁶

OS EVENTOS DA BATALHA da Grã-Bretanha e da Blitz traziam consequências sociais que tanto Orwell quanto Churchill percebiam. Os pobres sofreram desproporcionalmente com os ataques aéreos alemães de 1940. O governo de Churchill demorou a reagir ao impacto do bombardeio entre essa faixa da população. As estações do metrô de Londres inicialmente não foram abertas para serem usadas como abrigos antiaéreos, em parte devido ao medo de que os refugiados impedissem o transporte de passageiros e talvez se recusassem a sair.²⁷ Phil Piratin, uma liderança comunista da região de Stepney, muito atingida pelo bombardeio, constrangeu as autoridades ao

liderar um grupo de moradores do East End que reivindicava acesso ao abrigo no porão de um dos hotéis mais elegantes, o Savoy. Churchill reparou no artigo de jornal sobre o episódio e perguntou aos ministros por que as estações de metrô não haviam sido disponibilizadas como abrigos antiaéreos. “Asseguraram-me que isso seria uma péssima ideia”, ele se lembrou.²⁸ Mas o primeiro-ministro discordou, e logo as estações estavam abertas para esse uso.

O bombardeio alemão, que durou do outono de 1940 até a primavera de 1941, provocou o enobrecimento dos pobres aos olhos dos ingleses. “Agora a classe trabalhadora é feita 100% de heróis”, escreveu Tom Harrison, um antropólogo que estudou tudo o que era publicado sobre a Blitz enquanto ela acontecia. “Toda admiração exagerada é concedida sem modéstia, dignidade ou precisão.”²⁹

Em contrapartida, os ricos ficaram sob suspeita, especialmente porque muitos deixaram Londres rumo às suas casas de campo. “A dama no Rolls-Royce causa mais estragos no moral do que uma esquadra dos bombardeiros de Göring”, afirmou Orwell.³⁰ Basil Stapleton, um expoente da Força Aérea Real, lembrou-se de ver o trabalho de um bombeiro prejudicado por um Rolls-Royce que havia passado por cima da mangueira. Ele e seus camaradas bloquearam o carro e, “com a ajuda de mais algumas pessoas, viramos o Rolls-Royce de cabeça para baixo”.³¹

Não eram apenas alguns britânicos que estavam insatisfeitos com a aristocracia. Em Washington, o general George C. Marshall, o chefe do estado-maior do exército dos Estados Unidos, verbalizou a um repórter americano, em julho de 1941, seu receio de que os conciliadores das classes altas pudessem prejudicar todo o esforço de guerra, e no processo criar uma armadilha para as tropas americanas enviadas à Grã-Bretanha a fim de se prepararem para uma invasão do continente europeu. “Existe a possibilidade, assim me diz o Departamento de Estado, de que os britânicos façam a paz com os nazistas”, ele teria dito, de acordo com o relato escrito do chefe da inteligência militar.³² E disse mais:

Nesse caso, onde ficaria a minha força de ataque avançada? Alguns alertas que recebi do Departamento de Estado me deixaram muito preocupado. O problema parece ser que há uma parte da opinião pública britânica que deseja a paz antes da derrota. São as pessoas que têm mais a perder, a casta tradicional no poder.

Churchill se esforçava para assegurar aos visitantes americanos que não iria tolerar gestos conciliatórios em relação aos alemães. Mais tarde naquele ano, ele disse a um parlamentar, representante do setor carvoeiro da Pensilvânia, “que não há sinal de fraqueza na nação, tampouco a classe trabalhadora toleraria, por um instante que fosse, qualquer sinal de fraqueza ou indecisão por parte da elite”.³³

Além disso, não era o cavalheiresco exército, nem a poderosa marinha, e sim a Força Aérea Real, que desempenhava o papel mais importante em 1940. A força aérea era uma organização nitidamente de classe média, que cheirava levemente a gasolina e a óleo lubrificante.

Tanto Orwell quanto Churchill perceberam e comentaram a essência classe média da Força Aérea Real. Orwell observou que ela “estava quase inteiramente livre ... da influência da elite”.³⁴

De fato, um historiador assinalou que, na época, circulavam piadas que chamavam seus membros de “mecânicos uniformizados”, não muito diferentes dos anônimos que trabalhavam de motoristas para os ricos.³⁵ Evelyn Waugh, sempre alerta para as diferenças de classe, em um romance passado durante a Segunda Guerra Mundial fez seu personagem lamentar que um oficial da Força Aérea Real tivesse sido admitido como sócio de um clube elegante. Tal gafe teria acontecido, explica o personagem, durante a Batalha da Grã-Bretanha, “quando a força aérea foi por um momento respeitável. ... Meu caro amigo, é um pesadelo generalizado”.³⁶ Alguns aspectos do sistema de classe persistiram mesmo na Força Aérea Real. Como se lembraria um piloto, Hugh Dundas, os membros das unidades “auxiliares”, formadas por nobres e ricos, divertiam-se chamando as unidades regulares de “as tropas escurinhas”.³⁷ As diferenças de classe também alcançavam as cabines dos aviões – oficiais da Força Aérea Real geralmente usufruíam do generoso privilégio de voar sempre no mesmo avião, enquanto pilotos com a patente de sargento recebiam qualquer avião disponível.³⁸

Não obstante, Orwell captou as implicações sociais do papel da Força Aérea Real no rechaço à invasão alemã. “Devido à necessidade, entre outras coisas, de arregar uma força aérea imensa, surgiu uma grande

rachadura em nosso sistema de classe”, ele escreveu.³⁹ Com a Batalha da Grã-Bretanha quase terminada, ele, na conclusão de “O leão e o unicórnio”, escreveu que “os herdeiros de Nelson e Cromwell não estão na Câmara dos Lordes. Estão nos campos e nas ruas, nas fábricas e nas forças armadas, nos bares e nos jardins suburbanos, e por enquanto eles ainda se encontram abafados por uma geração de fantasmas”.⁴⁰

Olhando a mesma questão por outra perspectiva, Churchill demonstrou aos subordinados alguma preocupação pelo fato de a aristocracia ter desempenhado um papel pequeno na Batalha da Grã-Bretanha. Havia ocorrido, ele observou, “uma ausência quase completa” de Eton, Harrow e Winchester, as escolas onde a elite do país mantinha seus filhos, na composição do corpo de pilotos da Força Aérea Real.⁴¹ Dos 3 mil pilotos que dirigiram caças na Batalha da Grã-Bretanha, apenas duzentos eram formados por Eton, Harrow e outras escolas de elite.⁴² Esse era um número irrisório comparado à Primeira Guerra Mundial, quando só de Eton haviam saído 5.768 soldados, dos quais 1.160 morreram e 1.467 foram feridos.⁴³ Churchill escreveu: “Eles deixaram a tarefa para a classe média baixa”⁴⁴ – isto é, para os filhos de esforçados professores, caixas de banco, comerciantes metodistas e burocratas de baixo escalão.

Esses “filhos notáveis” da classe média baixa, concluiu Churchill, “salvaram a nação; agora têm o direito de comandá-la”.⁴⁵ Nesse sentido, Margaret Thatcher, filha de um quitandeiro do interior que deixara a escola aos treze anos de idade, claramente desponta como a herdeira política, por direito, de Churchill. Em seus tempos de jovem política em ascensão, ela usou na lapela um broche com a efígie de Churchill.⁴⁶ Eleita para o Parlamento pela primeira vez em 1959, durante cerca de cinco anos ela foi contemporânea do Churchill decadente, até sua retirada da vida pública em 1964. Ela se tornaria primeira-ministra em 1979, 39 anos após a Batalha da Grã-Bretanha.

Thatcher se lembraria de Churchill de maneira favorável. Sob sua supervisão, o bunker do tempo de guerra do ex-primeiro-ministro foi reformado e aberto ao público pela primeira vez. Ela também possuía uma visão próxima à de Churchill sobre o século XX. Ao visitar a Tchecoslováquia na condição de primeira-ministra, ela se desculpou especificamente pelas atitudes de Neville Chamberlain. “Falhamos com vocês em 1938, quando uma desastrosa política de conciliação permitiu que Hitler os dominasse”, disse à Assembleia Federal, em Praga.⁴⁷ “Churchill foi rápido ao repudiar o Tratado de Munique, mas ainda nos lembramos dele com vergonha.”

Churchill, sensível às considerações de classe na maneira como conduzia a guerra, instruiu seus generais e almirantes a serem cuidadosos ao administrar as forças armadas. Ainda no início, ele alertou à marinha “que tivesse especial cuidado em não permitir que o preconceito de classe afetasse as decisões” no tocante à seleção dos cadetes para o Royal Naval College, em Dartmouth, na Inglaterra. “A não ser que razões melhores me sejam dadas”, ele prometeu, o assunto seria acompanhado. A marinha resistiu a tais instruções, e então, como prometido, ele interveio diretamente. Chegou até a se encontrar com alguns dos candidatos que haviam pontuado bem nos exames de admissão e ainda assim acabaram rejeitados. “Estive com os três candidatos”, ele informou aos oficiais mais graduados da marinha. “É bem verdade que A tem um sotaque *cockney*, e que os outros dois são filhos de um oficial sem importância e de um simples engenheiro da marinha mercante. Mas a intenção dos exames competitivos é justamente abrir o serviço militar para as habilidades individuais, a despeito de classe ou fortuna.”⁴⁸ Concluindo que uma injustiça havia ocorrido, ele ordenou que os três fossem admitidos no treinamento para oficiais. Esse era um esforço adicional para alguém que tentava conduzir uma guerra e impedir uma invasão.

Em suas interações com a marinha, Churchill fez jus a sua retórica. Certa vez, a bordo do *HMS Boadicea*, um navio de guerra, ele desapareceu da ponte, onde os altos oficiais e as autoridades mais graduadas se reuniam. “Nós o perdemos de vista completamente por algum tempo”, um tenente que estava na embarcação escreveu ao pai, “para no fim o encontrarmos no convés dos marujos, sentado numa mesa do refeitório contando histórias.”⁴⁹

Em outra frente da luta de classes, ele bateu boca com os militares britânicos, por meses a fio, sobre as insígnias regimentais usadas nos uniformes. Isso podia parecer um assunto menor, mas Churchill pressentia – e com razão – que, mais uma vez, era um tema cujas raízes estavam nas distinções de classe. Seus generais disseram-lhe que apenas as unidades militares tradicionais, associadas à aristocracia, receberiam dragonas especiais. Isso foi apresentado ao primeiro-ministro como uma medida de economia, atribuída ora à escassez de lã para fazer tais insígnias, ora à escassez de alfaiates para costurarem-nas. Churchill, duvidando de tais argumentos e sempre

disposto a debater os mínimos detalhes, soube pelo Conselho de Comércio que a quantidade de lã necessária para fornecer insígnias a todas as unidades, incluindo as “arrivistas”, lideradas por homens de classe média, era relativamente pequena, apenas 77 mil metros dos mais de 7 milhões de metros usados a cada semana. O general Brooke, que frequentemente pensava pequeno, reclamou em seu diário: “Ele tem se comportado feito uma criança nesse aspecto, e tem desperdiçado muito do nosso tempo.”⁵⁰

Como já apontou o estrategista Eliot Cohen, tais intervenções nas banalidades da administração militar refletiam a arguta concepção de Churchill sobre a liderança na guerra. Tratava-se de manter alto o moral de um exército que vinha sendo repetidamente derrotado, de modo que “a questão das dragonas e escudos honoríficos não era uma questão banal”.⁵¹ Durante a guerra, observou Napoleão, os homens se dispõem a lutar e às vezes morrer por alguns retalhos de fitas coloridas. “Eu ficaria feliz”, escreveu Churchill ao supervisor civil do exército, “se o senhor pudesse me explicar por que os homens da Guarda [uma unidade de elite] devem ser favorecidos nesse aspecto. Alguma permissão especial lhes foi concedida, e, nesse caso, baseada em quê? Parece-me razoável imaginar que regimentos de linha, especialmente regimentos nacionais, como o galês ou o escocês, estariam ainda mais ansiosos pelo reforço no *esprit de corps* e pela expressão de individualidade que o uso de insígnias honoríficas confere.”⁵² Esse era apenas mais um aspecto do amor de Churchill pelas convenções simbólicas e pelas cores fortes. Ele entendia que os oficiais da classe média e os soldados da classe trabalhadora que lutavam naquela guerra precisavam ser tratados com mais respeito do que tinham recebido no passado.

“A INGLATERRA É, ENTRE TODOS, o país mais aferrado às divisões de classe”, disparou Orwell em “O leão e o unicórnio”.⁵³ “É a terra do esnobismo e do privilégio, comandada em grande medida pelos velhos e os tolos.” E no entanto, embora condenasse a classe dominante, ele abre uma exceção para o novo primeiro-ministro na sequência do ensaio. “Até que o governo Churchill conseguisse estancar o processo, eles vinham fazendo a coisa errada com uma determinação infalível desde 1931.”⁵⁴

Dado que era um socialista assumido, até Orwell se surpreendeu com o quanto aprovava, durante quase toda a guerra, as atitudes de Churchill. “É significativo que, no momento do desastre, o homem mais apto a unir a nação fosse Churchill, um conservador de origem aristocrática”, ele escreveu quando o conflito já se aproximava do fim.⁵⁵

Não é de se estranhar, pois Churchill concordava com ele nos temas de classe, de forma profunda e surpreendente. Orwell certa vez descreveu a si próprio como um “anarquista Tory”, enquanto Churchill era um Tory anárquico, desertando do partido em 1904.⁵⁶ Ele pode ter retornado em 1924, mas os conservadores permaneceram desconfortáveis com sua presença. Churchill sempre lhes pareceu estranho.

As questões de classe nunca sumiram do pano de fundo da guerra, pipocando em lugares inesperados. Alguns “britanicistas” continuavam sem confiar inteiramente na aristocracia, devido à sua disseminada simpatia pelo fascismo.⁵⁷ William Joyce, que difundia pelo rádio propaganda nazista, ganhou do público inglês o apelido de “lorde Haw-Haw”, mesmo não sendo um aristocrata, e sim natural do Brooklyn, em Nova York.⁵⁸

Os dois homens decepcionaram-se com suas respectivas classes, chegando a vê-las como parte do problema. Para Orwell, essa virada ocorreu em seus tempos como jovem oficial da polícia colonial, na Birmânia. Apesar de sua formação em Eton, durante a maior parte da vida adulta Orwell comeu, bebeu e se vestiu como se fosse da classe trabalhadora. Certa noite, durante a Segunda Guerra Mundial, ele chegou em casa e, distraído, comeu a tigela de enguias cozidas que sua esposa deixara para o gato, enquanto alimentava o animal com a torta de carne e batata que ela havia lhe preparado.⁵⁹ Seus amigos e colegas frequentemente o viam trajando calças largas de veludo cotelê e um paletó gasto de tweed sobre uma camisa escura de flanela, e calçando sapatos não engraxados. “Nunca o vi usando um terno ou, em qualquer tempo, um chapéu”, lembrou um amigo.⁶⁰

Para Churchill, a suspeita sobre sua própria classe veio um tanto mais tarde, ao se desapontar com as atitudes da classe dominante frente à ascensão de Hitler, e depois ao se frustrar com o desempenho dos elementos aristocráticos das forças armadas, como por exemplo vários generais do exército e, especialmente, os líderes da Marinha Real.

Orwell compreendia que os histéricos churchillianos que alienavam os Tories aristocráticos faziam aumentar a popularidade do primeiro-ministro nas outras classes. “Para um líder popular na Inglaterra é um defeito sério ser um cavalheiro, coisa que Churchill ... não é”, ele escreveria em 1943.⁶¹ Churchill era considerado um entrão, um aventureiro, um vira-casaca nos dois partidos, e, talvez pior que tudo, metade americano. Um de seus críticos lavrou sua sentença: “Metade forasteiro, e inteiramente indesejável.”⁶²

Quando, em 1940, Churchill foi pressionado por Halifax e outros dos “velhos conciliadores”, como os chamou o historiador Max Hastings, a considerar negociações com a Alemanha, foram os membros trabalhistas do governo, Clement Attlee e Arthur Greenwood, que o apoiaram.⁶³ Churchill jamais esqueceria esse apoio trabalhista – pelo menos não até que a guerra na Europa estivesse acabada e ele novamente se permitisse ações de política partidária, diminuindo sua estatura.

A obstinada postura de Churchill contra qualquer conversa de paz com Hitler também pode ser explicada por uma questão de classe. Todos sabiam que alguns membros proeminentes da aristocracia haviam sido lenientes com Hitler, de modo que a retórica absolutista de Churchill pode ter expressado uma promessa implícita para as classes média e trabalhadora, e mesmo para os pobres, de que não haveria nenhum conchavo em seu governo. C.P. Snow, filho de um organista de igreja, lembrou-se de sentir-se tranquilizado ao ouvir Churchill em 1940. “Ele era um aristocrata, mas trairia alegremente sua classe e seus amigos, e qualquer outra pessoa, se esse fosse o preço para salvar o país. Nós acreditávamos nele por isso. Os pobres acreditavam nele, enquanto sua voz rolava pelas ruas mais favelizadas naquelas noites do verão de 1940.”⁶⁴

TANTO ORWELL QUANTO CHURCHILL podiam ser espantosamente impositivos, até duros demais, em seus julgamentos militares. Isso seria de se esperar vindo de Churchill, mas é um pouco surpreendente ver Orwell ponderando em seu diário, em março de 1941, que a Inglaterra deveria deixar a França ocupada passando fome por razões políticas. “A atitude correta seria esperar que a França chegue à beira da fome, e que o governo Pétain balance, para então liberar uma grande quantidade de mantimentos em troca de alguma concessão substancial, por exemplo a rendição de unidades importantes da esquadra francesa. Tal política é totalmente impensável no momento, é claro.”⁶⁵ Ele concluiu: “As pessoas não têm escrúpulos quando estão lutando por uma causa na qual acreditam.”⁶⁶

Ele também esperava que as casas dos ricos, que haviam fugido dos bairros da região oeste de Londres rumo a suas casas de campo, fossem requisitadas pelas autoridades para servir de pouso aos moradores da região leste, desabrigados pelas bombas alemãs, mas ficou triste ao constatar que “os porcos ricos ainda tinham influência para impedir algo assim”.⁶⁷ Isso o levou novamente a acreditar que, no fim das contas, os pobres iriam se revoltar contra tal comportamento. “Quando vemos como os afortunados ainda se comportam, no que manifestamente vai se transformando numa guerra revolucionária, não há como não lembrar de São Petersburgo em 1916.”⁶⁸ Na primavera de 1941, contudo, ele já estava começando a rever suas opiniões sobre as perspectivas de uma revolução inglesa. “Relendo o início deste diário”, ele escreveu em 13 de abril, “posso ver como minhas profecias políticas eram falsas, e contudo, como se não o fossem, as mudanças revolucionárias que eu esperava estão acontecendo, mas em câmera lenta.”⁶⁹

A experiência de Orwell como policial na Birmânia, e como líder de uma pequena unidade na Guerra Civil Espanhola, parece ter feito dele um analista perspicaz de ações militares, ao menos no plano tático, enxergando através do que dizia a propaganda. Em 22 de abril de 1941, ele escreveu em seu diário com ceticismo sobre os relatórios otimistas do sucesso militar britânico na Grécia. “A coisa que mais me perturba é a afirmação recorrente de que estamos infligindo muitas baixas, que os alemães avançam em fileiras cerradas e são destroçados em ondas etc. etc. As mesmas coisas eram ditas durante a Batalha da França.”⁷⁰ De fato, dois dias depois, as forças aliadas, lideradas pela Inglaterra, começaram a bater em retirada da Grécia, deixando para trás 12 mil homens, alguns deles mortos, porém a maioria feita prisioneira, bem como igual quantidade de tanques e de outros equipamentos pesados.

Em agosto do mesmo ano, ele previu corretamente: “O que nos espera é uma guerra longa, mórbida e exaustiva, com todos empobrecendo a cada minuto.”⁷¹ Nesse ponto, sem explicação, ele interrompeu suas entradas no diário por quase seis meses.

ALGUNS DOS MAIS GRADUADOS conselheiros militares de Churchill julgavam-se exauridos pela própria pessoa do primeiro-ministro. Mas Churchill com frequência sabia melhor do que eles como empregar os recursos da máquina de guerra britânica. Em abril de 1941, ele ordenou ao comandante da Marinha Real no Mediterrâneo, o almirante Andrew B. Cunningham, que fizesse algo para impedir a entrega de equipamentos aos alemães via Trípoli. Churchill sugeriu afundar um ou dois navios e deixá-los atravessados na entrada do porto da cidade. “ABC” Cunningham, como era chamado, rejeitou a ideia. Churchill então disse que o porto precisaria ser bombardeado por navios de guerra, afirmando aos superiores de Cunningham que, a não ser que a marinha atuasse, ela seria vista como “traidora”.⁷² Cunningham ainda relutou, afirmando que o ataque poderia provocar grandes perdas entre os marujos ingleses, e então partiu tristonho rumo à Líbia. Para sua surpresa, ele conseguiu bombardear o porto por 42 minutos, certo dia durante o alvorecer, sem que um único navio ou soldado britânico fosse atingido pelo fogo inimigo.

Cunningham emendou a essa operação, 100% bem-sucedida, um bilhete rabugento para Churchill. “Conseguimos uma vez, mas só porque a força aérea alemã estava ocupada em outro lugar”, ele escreveu. “Assim, exploramos a surpresa. *Custou a toda a frota mediterrânea cinco dias para fazer o que um esquadrão aéreo pesado, baseado no Egito, provavelmente poderia fazer em poucas horas.* A esquadra também correu um considerável, e na minha opinião injustificável, risco nessa operação.”⁷³

Era um bilhete desaforado – e talvez um ato intempestivo para um almirante querer instruir o primeiro-ministro no uso da força aérea baseada em terra. Churchill reuniu os fatos relevantes e retrucou:

O senhor deveria obter informações acuradas, pois nenhum juízo se sustenta sem elas. O chefe do alto-comando aéreo me diz que o mesmo peso em bombas que o senhor lançou em Trípoli em 42 minutos, ou seja, 530 toneladas, só poderia ser lançado por um esquadrão Wellington em Malta em dez semanas e meia, ou por um esquadrão Stirling, com base no Egito, em mais ou menos trinta semanas.⁷⁴

Churchill não guardou ressentimentos dessa rusga com Cunningham. Ele admirava a natureza indômita do almirante, e, fiel à sua preferência por líderes militares agressivos, dois anos mais tarde promoveu-o a chefe da Marinha Real.

Na condição de oficial militar que trabalhou mais de perto com Churchill, o general Alan Brooke, chefe do estado-maior geral imperial, tinha de aguentar o tranco de seu temperamento. Brooke era um obstinado irlandês do norte de considerável talento militar, que, para seu semicrédito, apenas em parte se mostrou à altura dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Em seus diários, ele retrata Churchill não como um honrado salvador da pátria, mas como um bêbado delirante cujas perambulações noturnas durante o confronto fizeram mais mal do que bem ao esforço militar.

Ele escreveu em seu diário, em 1941, que, após uma reunião noturna, Churchill teve “o mais terrível destempero, disse que não fazíamos outra coisa a não ser obstruir sua vontade, que não tínhamos ideias próprias, e que enquanto ele apresentava ideias não apresentávamos nada além de objeções. ... Deus sabe onde estaríamos sem ele, mas também sabe para onde vamos com ele”.⁷⁵

O general, um dedicado ornitólogo, escreveu em fevereiro de 1942 que se reunir com Churchill era como estar “numa gaiola de papagaios”.⁷⁶ Churchill era duro com seus líderes militares. Brooke reclamava que ele chegava a dizer petulâncias como: “O senhor tem um único general capaz de ganhar batalhas? Nenhum deles tem ideias? Precisamos continuar perdendo batalhas desse jeito?”⁷⁷

Os almirantes também não eram poupados. No início da guerra, Churchill, irritado com a proposta da marinha de retirar-se do Mediterrâneo, lembrou-os desafiadoramente de que os “navios de guerra são feitos para enfrentar o fogo inimigo”.⁷⁸

Na visão militar de Brooke, o caso contra Churchill culminava no veredito segundo o qual o “planejamento estratégico não é o maior trunfo de Winston”. Tal conclusão foi tirada não no calor e na correria das circunstâncias, mas sim anos depois, como um ponderado julgamento pós-guerra. Churchill, escreveu ele em uma nota de seus diários, publicados muitos anos mais tarde, “preferia trabalhar por intuição e impulso. ... Seus planos e ideias militares variavam das mais brilhantes concepções, de um lado, até as ideias mais loucas e perigosas, do outro. Fazê-lo desistir desses planos mais selvagens era uma tarefa sobre-humana, e nunca de todo bem-sucedida, pois ele tendia a retomá-los repetidamente”.⁷⁹

Mas todas essas acusações, embora verdadeiras, são, quando pesadas na balança, mais ou menos irrelevantes. Churchill, durante a guerra, gostava da expressão “o nível dos acontecimentos”, usando-a com frequência para questionar se um oficial realmente entendia o contexto no qual estava trabalhando.⁸⁰ Brooke, em seus julgamentos, falhou repetidamente em ver que, no mais alto nível da guerra, Churchill foi um estrategista de primeira. O primeiro-ministro, ao contrário de seu general, era um mestre em juntar as peças da guerra como se fossem um quebra-cabeças, encaixando os diferentes povos e teatros de combate. Churchill conseguiu sobrepujar obstáculos políticos e operacionais não apenas em um momento, mas continuamente no decorrer de vários anos. Churchill compreendia, e Brooke não, que “é impossível, numa guerra de grandes proporções, separar assuntos políticos e militares”.⁸¹ Ele escreveu: “No limite, são uma coisa só. ... Muito da literatura desse trágico século é deformada pela ideia de que na guerra apenas as considerações militares devem valer, e de que os soldados têm sua visão, clara e profissional, obstruída pela intromissão dos políticos.”

A melhor explicação de Churchill para sua abordagem da grande estratégia, quem diria, aparece em seu encantador ensaio sobre a paixão que sentia como pintor amador. “Pintar um quadro é como lutar uma batalha”, ele disse. “O princípio é o mesmo. É o mesmo tipo de problema, como desenvolver uma discussão longa, intensa e encadeada. É uma proposição que, seja composta de poucas ou inumeráveis partes, obedece ao comando de apenas uma unidade de concepção.”⁸²

Churchill tendia a ter mais insights que seus generais a respeito da unidade de concepção militar – isto é, como costurar poder aéreo, poder marítimo e poder terrestre de maneira a potencializar todo o esforço, tornando-o mais efetivo do que cada um deles isoladamente. Acreditando, por exemplo, que seus generais no Egito estavam sendo incapazes de usar a marinha como apoio para o exército, e também de fazer os suprimentos chegarem à costa norte da África, ele estrilou num memorando de 1940: “É um crime ter poder anfíbio e não usá-lo.”⁸³

A Alemanha ataca a Rússia

O ataque alemão contra os russos, em 22 de junho de 1941, quebrando o pacto nazi-soviético de agosto de 1939, provocou uma extensa meditação no diário de Orwell. O pensamento convencional e as projeções militares oficiais na Inglaterra eram de que a Rússia, como os alvos anteriores dos nazistas, não resistiria por muito tempo diante da triunfante máquina de guerra alemã. “As pessoas deliram vendo Stálin numa lojinha em Putney, vendendo samovares e dançando ao estilo do Cáucaso”, escreveu Orwell.⁸⁴ Mas ele tinha mais fé na permanência dos soviéticos no poder. “Projeções mais sóbrias diriam o seguinte: ‘Se até outubro ainda houver um exército russo de pé e lutando contra Hitler, ele [Hitler] vai se dar mal, provavelmente nesse mesmo inverno.’”

Naquela noite, Churchill deu boas-vindas à Rússia na aliança antinazista, dizendo de Hitler em transmissão nacional:

Nós o combateremos em terra, nós o combateremos no mar, nós o combateremos no ar até que, com a ajuda de Deus, livraremos o planeta desse vulto sombrio, e libertaremos os povos de seu jugo. Todo homem ou Estado que continuar lutando contra os nazistas terá nossa ajuda. Todo homem ou Estado que marchar com Hitler será nosso inimigo. ... Por conseguinte, devemos dar à Rússia e ao povo russo toda a ajuda que pudermos.⁸⁵

Orwell, em seu diário, aplaudiu o discurso de Churchill, chamando-o de “muito bom”.⁸⁶

Orwell também ficaria chocado com a velocidade dos comunistas fiéis a Stálin no apagamento da memória de seu pacto com Hitler, que nem sequer era mencionado nos livros oficiais de história russa.⁸⁷ Em vez disso, eles exigiam que os Estados Unidos e a Inglaterra abrissem um segundo front imediatamente, para aliviar a pressão alemã sobre a União Soviética. Esse controle ideológico dos fatos essenciais, capaz de colocá-los numa espécie de “buraco do esquecimento”, como ele o chamaria, se tornaria um tema central durante a escrita de *1984*, sete anos mais tarde.

Orwell, o propagandista

Orwell afinal encontrou um jeito de participar do esforço de guerra, ingressando no Serviço Ultramarino da rádio BBC, em agosto de 1941. Lá, e por mais de dois anos trabalhando em transmissões para a Índia, ele aderiu ao tipo de propaganda que passou boa parte da vida denunciando. Aqui, mais uma vez, como em sua decisão de juventude de se tornar policial da colônia, Orwell colocou-se numa ocupação que ia profundamente contra seu temperamento.

Não foi surpresa, portanto, que tenha encontrado sobretudo desconforto, especialmente porque parte de seu trabalho era mostrar o melhor lado do esforço de guerra, algo nada fácil entre 1941 e 1942. Em janeiro de 1942, sua transmissão afirmava que “é duvidoso se uma fortaleza de peso como Singapura pode ser tomada de assalto”.⁸⁸ Claro, ele estava tentando reunir apoio para a causa britânica na Ásia, onde a Índia era ameaçada pelo Japão, e muita gente concordou com a sua análise. Mas ele estava muito errado, e a rápida queda da ilha-fortaleza de Singapura, apenas algumas semanas depois, seria uma das piores derrotas da guerra. Orwell chegou a elogiar Churchill por dar a notícia pessoalmente, em vez de encarregar outra pessoa.⁸⁹

Após o fracasso do ataque a Dieppe, em agosto de 1942, outro dos maiores reveses da guerra, ele fez um enorme esforço para analisar a operação como se houvesse ocorrido um empate, com “grandes baixas em ambos os lados”.⁹⁰ Não foi bem assim, na verdade. Dieppe equivaleu a uma surra, e é quase certo que Orwell sabia disso, ou ao menos suspeitava.

Ele teve um sucesso apenas modesto como locutor de rádio, em parte devido à sua voz prejudicada, em parte porque toda a sua alma fazia dele uma péssima escolha para ser o porta-voz de um governo. John Morris, chefe da seção japonesa da BBC, que trabalhou próximo a Orwell, lembrou que “embora ele escrevesse muito bem, era um orador fraco e cheio de interrupções; mesmo na intimidade ele se expressava mal, e com frequência lhe faltava a palavra certa. Os textos que lia em suas

transmissões semanais eram lindamente escritos, mas ele os enunciava com uma voz chapada e monótona”.⁹¹

O estilo da prosa de Orwell, com efeito, estava forte como sempre. Eis aqui, por exemplo, parte de um ligeiro comentário, quase esquecido, que ele escreveu sobre *Macbeth* em 1943:

Hamlet é a tragédia de um homem que não sabe como cometer um homicídio. *Macbeth* é a tragédia de um homem que sabe. ... *Macbeth* é a única peça de Shakespeare na qual o vilão e o herói são o mesmo personagem.⁹²

A BBC gostava mais de Orwell do que ele da BBC. “Bom trabalho, sensível e fiel”, afirmava o relatório de avaliação em seu primeiro ano como funcionário. “Ele tem convicções fortes, mas nunca é orgulhoso a ponto de recusar instruções.”⁹³ Foram-lhe recomendados uma promoção e um aumento.

No entanto, Orwell nunca se encaixou na BBC. Mais ou menos nessa mesma época, ele escreveu em seu diário: “A atmosfera lá é uma mistura de escola para moças com um asilo de lunáticos, e o que estamos fazendo no momento é inútil, ou um pouco pior do que isso.”⁹⁴

Em seu diário não há reclamações sobre edições pesadas ou censura a suas ideias. Em vez disso, ele se decepcionava com a incompetência generalizada da instituição, e por descobrir que ela contava com menos ouvintes no exterior do que imaginava. Foi isso que o fez questionar a utilidade de seu trabalho. “O que espanta no que se refere à BBC ... não é tanto a debilidade moral e, no fim das contas, a futilidade do que estamos fazendo, mas sim o sentimento de frustração, a impossibilidade de fazer qualquer coisa”, ele acrescentou, três meses depois. “Nada acontece por lá, a não ser uma contínua vacilação.”⁹⁵

O único momento em que ele realmente gostava de estar nos escritórios da BBC era no início da manhã, quando as mulheres da limpeza varriam as salas, cantando em coro. “Um vasto exército delas chega ao mesmo tempo, elas se sentam na recepção esperando que suas vassouras sejam providenciadas e fazendo mais barulho do que uma gaiola de papagaios, e então puxam coros maravilhosos, todas cantando juntas enquanto limpam

os corredores. O lugar ganha uma atmosfera bem diferente nessa hora, comparada à que terá no fim do dia.”⁹⁶

A única pausa de Orwell no tempo em que trabalhou na BBC foram umas férias em Worcestershire, onde ele pescou no rio Severn.⁹⁷ Em seu romance de juventude *Um pouco de ar, por favor!*, o narrador diz algo que pode ter sido autobiográfico: “Quando olho para trás na minha vida, não posso honestamente dizer que qualquer coisa que eu fiz tenha me dado tanto prazer quanto a pesca. Na comparação, tudo mais tem sido um fiasco relativo, até as mulheres.”⁹⁸ Orwell de fato amava pescar, mas pode não ter sido muito bom nisso – durante aquelas duas semanas à beira do Severn não pegou quase nada por cinco dias, e, quando finalmente fêz alguma coisa, era apenas robalinho, um peixe pequeno.⁹⁹

O que realmente importa, talvez, é que a temporada na BBC intensificou sua desconfiança em relação ao controle estatal da informação. “Toda propaganda é mentirosa, mesmo quando está falando a verdade”, ele escreveu em 1942, elaborando um paradoxo que estaria no centro de *1984*.¹⁰⁰ Sardônico, ele batizou a câmara de tortura do romance de “Sala 101”, o nome do espaço de conferências na sede da BBC em Londres, no número 55 da Portland Place, onde ele ficava sentado durante longas reuniões, mortalmente entediado.

Ele deve ter suspeitado que suas falas sobre Shakespeare e Gerard Manley Hopkins, por mais interessantes que fossem, não contribuíam realmente para o esforço de guerra.

Ele estava começando a conceber a natureza do mundo pós-guerra. Ela era, é claro, influenciada pelo que vira de Hitler e Stálin, e também em sua experiência na Espanha. No início do conflito, bem antes que os Estados Unidos tomassem parte, ele temia o mundo que iria surgir. Na primavera de 1941, suas especulações iam no sentido de uma proliferação do totalitarismo pelo mundo afora.

E é importante compreender que o controle do pensamento não é apenas negativo, mas positivo. Ele não apenas impede uma pessoa de expressar – ou mesmo de ter – certas ideias, mas dita o que ela deve pensar, cria uma ideologia para ela e tenta governar sua vida emocional.¹⁰¹

Dessas duas apavorantes meditações, dois de seus livros mais poderosos iriam surgir.

Enquanto contemplava deixar a BBC, Orwell conheceu David Astor, o terceiro filho de Nancy e Waldorf Astor. David mantinha distância de sua asfixiante mãe, que certa vez declarou sobre os cinco filhos que tivera com Waldorf: “Foram concebidos sem prazer e paridos com dor.”¹⁰² Um de seus descendentes lembrou que ela gostava de fazer as crianças chorarem. Nancy Astor tinha uma fibra independente, e tornou-se a primeira mulher a ser eleita parlamentar. Quando o jovem David estava em Oxford, rejeitou tanto a fé da mãe na Ciência Cristã quanto seu apoio à política de conciliação.

Mais liberal que a família em quase tudo, Astor estava trabalhando no *Observer*, jornal do qual seu pai era dono, e procurava bons escritores para apimentá-lo um pouco.¹⁰³ O antigo editor havia pedido demissão devido a discordâncias com os Astor sobre a forma como Churchill conduzia a guerra. Astor realmente deu mais vida ao jornal, que dobrou a circulação durante a primeira década de sua passagem por lá.¹⁰⁴

“Assim que o conheci, gostei imensamente dele”, lembrou-se Astor a respeito de Orwell. “Eu havia gostado de tudo o que tinha lido dele, mas ele não era de modo algum um nome conhecido. Era mais um ensaísta, e estava fazendo alguma coisa na BBC, mas não era uma figura estabelecida.”¹⁰⁵ Astor pensou em contratar Orwell como correspondente de guerra, mas um exame médico julgou a saúde do candidato “inadequada para o trabalho ultramarino devido a problemas pulmonares”.¹⁰⁶ Em vez disso, Orwell, depois de finalmente deixar a BBC, acabou escrevendo resenhas de livros no *Observer* por muitos anos. Sua amizade com o aristocrático Astor – rara no caso dele – duraria pelo resto da vida, e contribuiria para seu mais importante trabalho. Astor o ajudaria a encontrar onde escrever *1984*. Alguns anos depois, conseguiria um lugar para enterrá-lo.

9. Entram os americanos: 1941-42

QUANDO OS JAPONESES atacaram Pearl Harbor, no dia 7 de dezembro de 1941, a entusiasmada resposta de Churchill foi a de que a guerra mundial estava ganha.

Como era de se esperar, a reação de seu mais alto assessor militar, o general Brooke, foi mais prosaica. Em seu diário, o general reclamou que isso significava que as 48 horas anteriores de trabalho do seu pessoal tinham sido “jogadas fora!!”.

“Essa”, conclui Roy Jenkins, “era a diferença entre um bom oficial de estado-maior e um estadista de nível mundial.”¹

Para Churchill, o bombardeio de Pearl Harbor trouxe uma alegria que ele mal conseguia disfarçar, mesmo escrevendo sobre o episódio oito anos depois. A incontida passagem de suas memórias pode ser lida quase como um grito de aleluia:

A Inglaterra viveria; a Grã-Bretanha viveria; a Comunidade das Nações e o império viveriam. ... Não seríamos eliminados do mapa. Nossa história não chegaria ao fim. Talvez nem mesmo precisássemos morrer, no plano individual. O destino de Hitler estava selado. O destino de Mussolini estava selado. Quanto aos japoneses, seriam triturados até virar pó. Todo o resto foi apenas a aplicação adequada de uma força irresistível.²

De fato, nessa altura da guerra, Churchill havia realizado duas de suas mais importantes tarefas estratégicas: manter a Inglaterra firme na luta e atrair os Estados Unidos para o conflito. A missão que ele descrevera para o filho enquanto se barbeava, dezoito meses antes, fora completada.

Ainda assim, muito trabalho duro o aguardava no trato com os americanos ao longo dos quatro anos seguintes. O passo subsequente era garantir que os Estados Unidos mantivessem a estratégia “Europa Primeiro”, encarando a derrota de Hitler como o alvo mais importante. Ele precisava fazer isso sem que parecesse estar pressionando demais.

O discurso de Churchill na sessão conjunta do Congresso americano, em 26 de dezembro de 1941, foi brilhante em vários aspectos. O simples fato de ir ao Capitólio para falar já foi um gesto extremamente hábil. É quase certo que Neville Chamberlain, se ainda estivesse no poder, não teria feito isso, e, se tivesse, provavelmente teria sido visto pelos legisladores americanos como uma combinação de valete empertigado com uma versão sem graça de Charlie Chaplin.

O discurso feito ao Congresso após os incidentes em Pearl Harbor era o trabalho de um gênio político. Sua estrutura era artística, com quatro seções que poderiam ser denominadas:

Eu

Nós

Eles

Nós contra eles

Churchill começou gastando algumas centenas de palavras para se apresentar ao Congresso – e aos Estados Unidos. Os primeiros três parágrafos do discurso começam com a palavra “eu”. Ele se retratou quase como um de seus ouvintes, invocando sua origem metade americana. “Não posso deixar de pensar que se meu pai fosse americano e minha mãe britânica ... eu poderia ter chegado aqui por conta própria” – isto é, pelo voto, e não como convidado.³

E então enfrentou indiretamente a antipatia americana pelos aristocratas. “Eu sou um filho da Câmara dos Comuns. Fui criado na casa de meu pai acreditando na democracia.” Em seguida, jogou mais pesado, citando

Lincoln: “Eu sempre caminhei com segurança na direção dos ideais de Gettysburg, de ‘um governo do povo, pelo povo, para o povo’.”

Feitas as apresentações, ele voltou seus holofotes para a nova aliança de guerra, quase de forma poética. Passou do “eu” para o “nós”. Deu boas-vindas aos Estados Unidos na guerra e louvou a atmosfera de confiança que encontrou em Washington. “Nós, na Grã-Bretanha, tivemos o mesmo sentimento em nossos dias mais sombrios”, disse, aludindo com delicadeza ao fato de os ingleses já estarem no conflito há dezesseis meses. “Nós, também, estávamos certos de que no fim tudo daria certo.”⁴

Esse primeiro “nós”, sem dúvida, refere-se aos ingleses. Mas então, duas frases depois, a próxima ocorrência do pronome refere-se aos britânicos e aos americanos juntos: “As forças reunidas contra nós são enormes. Elas são amargas, impiedosas.”⁵ Daí em diante, quando ele fala sobre “o nosso lado”, tem em mente as duas nações. Elas fundiram-se uma à outra em seu discurso. “Nossos dois povos têm muito a aprender com a cruel arte da guerra. ... Devemos inclusive ser gratos pelo tempo que nos foi dado. ... Estamos fazendo o mais nobre trabalho do mundo. ... Somos senhores do nosso destino. ... Enquanto acreditarmos em nossa causa e em nossa inquebrantável força de vontade, a salvação não nos será negada.”

Em seguida ele fornece um panorama geral da guerra até ali, no ar e no mar. Nesse processo, Churchill conseguiu, com um certo passe de mágica, relacionar o futuro do Império Britânico com o futuro da liberdade, uma conexão que muitos americanos não fariam. “É fato que o Império Britânico – para muitos, dezoito meses atrás, derrotado e arruinado – está agora incomparavelmente mais forte, e ganhando força a cada mês. Por fim, se os senhores me perdoam dizê-lo, a melhor notícia de todas é que os Estados Unidos da América, mais unidos do que nunca, desembainharam a espada da liberdade.”⁶

Ele concluiu essa seção com uma ária sobre a tolice japonesa de ir à guerra, simultaneamente, contra o Reino Unido e os Estados Unidos. “Que tipo de gente eles pensam que nós somos?”, perguntou.⁷ Era um tipo de pergunta muito americano – *Eles sabem com quem estão mexendo?* E, em sua formulação, Churchill novamente tratou britânicos e americanos como uma só unidade. “Será possível que eles não percebam que jamais desistiremos de enfrentá-los até que tenham aprendido uma lição que eles e o mundo jamais irão esquecer?” Essa frase foi aplaudida de pé. Em suas memórias, Churchill registraria com satisfação que as perguntas retóricas receberam “a resposta mais sonora”.⁸ Tudo levado em conta, esse foi mais que um discurso, foi o equivalente diplomático de uma proposta de casamento.

Naquela noite, Churchill saiu da cama para abrir uma janela em seu quarto na Casa Branca. Subitamente, teve uma falta de ar, dizendo a seu médico, que viajava com ele, ter sentido “uma dor surda no coração. Ela desceu pelo meu braço esquerdo”. O médico soube na hora que o primeiro-ministro sofrera algum tipo brando de acidente cardíaco, mas minimizou o fato para Churchill, que a seus olhos já tinha coisas demais na cabeça.⁹

E tinha mesmo. Em uma semana, Churchill agia como se sua proposta aos americanos estivesse aceita e a parceria consumada. Em um despacho a seus ministros, relatou que, em determinado momento, julgou necessário aceitar pontos de vista americanos, e explicou: “Não somos mais solteiros, e sim casados.”¹⁰ Um homem que nunca esperava por ninguém tomou a iniciativa de empurrar pessoalmente a cadeira de rodas de Roosevelt quando partiram para os drinques da noite, preparados pelo presidente. Isso foi bem mais do que uma reunião de cúpula. Churchill ficou duas semanas inteiras na Casa Branca. Jantou com Roosevelt e Harry Hopkins em treze das catorze noites.¹¹

Criar intimidade com o presidente americano nunca foi algo tão natural quanto Churchill fez parecer, nem naquela oportunidade nem quando escreveu suas memórias. Em momentos anteriores de sua carreira, ele por vezes soara antiamericano, pelo menos no âmbito privado. Em 1928, depois que o presidente Calvin Coolidge falou sobre a necessidade de que os débitos de guerra europeus fossem pagos aos Estados Unidos, Churchill maldisse os americanos para alguns amigos. “Naquela noite, Winston falou com franqueza sobre os Estados Unidos”, registrou em seu diário um convidado, Henry James Scrymgeour-Wedderburn, o futuro barão de Dundee. “Ele os considera arrogantes, fundamentalmente hostis a nós, e crê que desejam dominar a política mundial.”¹²

Churchill escreveu para a esposa: “Meu sangue ferveu diante da proclamação de Coolidge. Por que eles não podem nos deixar em paz? Extraíram cada centavo devido pela Europa; dizem que não irão nos ajudar; certamente poderiam nos deixar cuidando dos nossos assuntos.” No mesmo dia, Clementine, que estava numa casa de campo, escreveu de volta para ele alertando-o sobre os rumores de que ele seria transferido do cargo de ministro das Finanças para o de chanceler. Ela escreveu, com presciência: “Creio que seria uma boa ideia se você fosse para o Ministério das Relações Exteriores, mas receio que sua conhecida hostilidade em relação aos americanos possa impedi-lo. Você precisaria experimentar e entender e dominar os Estados Unidos e fazer com que gostem de você.”¹³

Nos anos 1940, ele faria exatamente como a esposa o aconselhara. Talvez a frase mais verdadeira de suas memórias seja o seu comentário sobre o trabalho com Roosevelt: “Minhas relações com ele foram muito cuidadosamente cevadas por mim.”¹⁴

A bajulação não era algo natural para Churchill, mas ele fez o que precisava fazer. Era uma necessidade de guerra, mas, na Grã-Bretanha, seus pares perceberam e sentiram calafrios de desgosto. “Nós somos humildes demais perante os americanos”, atacou o cunhado do rei. “Telegramas recentes do primeiro-ministro para Franklin Roosevelt têm sido quase enjoativos de tanto sentimentalismo e adulação subserviente.”¹⁵

A reação de Orwell ao ataque de Pearl Harbor foi marcadamente mais cética no que tangia aos americanos. Enquanto os cidadãos londrinos estavam se tornando mais pró-Rússia, ele observou que “não há um aumento equivalente no sentimento pró-americano – pelo contrário”. A razão para isso, ele explicava, era que “nossa nova aliança apenas revelou o imenso antiamericanismo que existe na classe média supostamente humilde”.¹⁶

Qualquer que fosse o motivo, ao lidar com os Estados Unidos, Orwell trocou de lugar com Churchill. Ele se tornou o romântico que transcende os fatos, e Churchill o realista empedernido.

“A civilização dos Estados Unidos no século XIX foi a civilização capitalista no seu auge”, argumentou Orwell certa vez.¹⁷ No seu entender, os Estados Unidos do início da década de 1800 foram uma espécie de paraíso libertário para o homem trabalhador. “O Estado mal existia, as igrejas eram fracas e falavam por muitas vozes e a terra estava ali para ser ocupada. Caso não gostasse do seu trabalho, você simplesmente dava um soco no olho do patrão e seguia para o oeste.”¹⁸ Claro, a predileção de Orwell pelos dias selvagens da história americana obedecia, em grande parte, à perspectiva do homem branco. A liberdade e as oportunidades disponíveis para os negros, índios e mulheres eram bem menores do que suas afirmações dão a entender.

No início de sua carreira, em meados dos anos 1930, Orwell pensara em escrever uma biografia de Mark Twain, mas não conseguira achar um editor interessado no projeto.¹⁹ Churchill também contemplara um livro com tema americano em sua juventude – uma história da Guerra Civil Americana. Ainda jovem, em sua primeira turnê de palestras nos Estados Unidos, ele fora apresentado à plateia por Mark Twain.²⁰

Entre os autores preferidos de Orwell estavam três americanos – Twain, Walt Whitman e Jack London.²¹ Orwell realmente não parece ter sido muito influenciado pelo severo retrato do país no século XIX feito por outro de seus escritores favoritos, Charles Dickens. *Martin Chuzzlewit*, romance baseado na turnê de Dickens pelos Estados Unidos em 1842, mostrava o país como uma nação de “dólares, demagogos e bares”, violenta e profundamente hipócrita, pregando sobre honra, liberdade e igualdade enquanto escravizava milhões de pessoas.²²

Orwell não parecia muito interessado nos Estados Unidos de seu próprio tempo. “Ele demonstrava ter um estranho ponto cego” em relação ao país, observou o escritor Christopher Hitchens, no geral um adorador de Orwell. “Ele nunca visitou a América e demonstrou pouca curiosidade em fazê-lo. ... Os Estados Unidos, em outras palavras, são a grande exceção à presciência de Orwell no tocante ao século em que viveu.”²³

O antiamericanismo britânico apenas aumentaria com as hordas de soldados americanos que invadiram o país. Sessenta e seis comboios transportaram 681 mil deles para as ilhas britânicas em 1943. “Mais e mais americanos eram vistos nas ruas”, lembrou-se uma senhora londrina. “Eles chamavam uns aos outros com

estranhos gritos indígenas e organizavam jogos de beisebol no Green Park.”²⁴ A presença militar americana na Inglaterra chegaria ao pico em maio de 1944, na véspera do Dia D, com espantosos 1,6 milhão de soldados.

ORWELL, VOLTA E MEIA, estava mais afinado com a política interna do que Churchill, e esse parece ter sido o caso no início de 1942. O primeiro-ministro retornou de sua visita americana para encontrar a Câmara dos Comuns em ebulição, com seus membros questionando abertamente se algumas mudanças não eram necessárias na liderança da guerra. Foi um momento difícil para Churchill, porque as notícias eram em sua maior parte más, e ele suspeitava que ainda piores estavam por vir. Após mais de dois anos de guerra, os britânicos haviam sofrido uma sequência de reveses digna de atenção. As Forças Expedicionárias Britânicas (BEF) haviam sido expulsas do continente europeu a oeste (França e Bélgica), norte (Noruega), sudeste (Grécia) e também foram rechaçadas em Dakar, na África. A triste piada que circulava por Londres dizia que BEF na verdade significava “Back Every Fortnight”, isto é, “De volta a cada quinzena”.²⁵

Churchill desafiou a Câmara dos Comuns para um debate sobre a guerra e em seguida uma moção de confiança em sua liderança. “Tivemos muitas notícias ruins nos últimos dias, vindas do Extremo Oriente, e creio ser bastante provável, por razões logo a serem demonstradas, que devemos ter muitas outras”, ele iniciou, como que se precavendo.²⁶ “Embrulhadas nessas notícias ruins haverá muitas histórias de erros crassos, de deficiências em nossa capacidade de antecipação e de ação. Ninguém irá fingir, nem por um instante, que desastres como esses ocorrem sem que tenha havido falhas e deficiências.” Ele convidava seus adversários a fazerem o mais feio papel usando uma linguagem excepcionalmente casual: “Ninguém precisa encher a boca para debater ou tremer nas bases na hora de votar.”

Seguiram-se três dias de debates, boa parte deles bastante áspera. “Não adianta o primeiro-ministro se levantar e dizer que está satisfeito com sua equipe e que, se erros ocorrerem, toda a culpa deve recair sobre ele”, menosprezou Herbert Williams, um conservador, no primeiro dia. “Ele é a única pessoa neste país que está satisfeita com a sua equipe.”

Thomas Sexton, um membro do Partido Trabalhista, fez coro. “O povo deste país está alarmado. Não adianta fugirmos desse fato. O povo está alarmado devido às várias esperanças que lhe foram oferecidas durante a guerra – esperanças na Noruega, esperanças na Grécia, esperanças em Creta e esperanças na Malásia.”

Outro parlamentar acusou Churchill de liderar “o governo de um homem só”, dizendo que o dirigia “com uma combinação do que se poderia chamar de despotismo e paternalismo”.

Perto do fim, Edward Turnour, um velho partidário de Chamberlain, denunciou a votação como essencialmente inútil. “Há um patamar muito alto de inquietação nesta Câmara no momento, e nenhuma votação poderá mudar esse estado”, ele disse. “Apenas uma coisa fará isso: fatos e resultados mais favoráveis à nossa causa do que os ocorridos nos últimos meses.”

Ao final do discurso de Turnour, Churchill se levantou e dirigiu-se à Câmara novamente:

Não lhes peço desculpas, não lhes apresento subterfúgios, não lhes faço promessas.

De nenhuma forma suavizei a sensação de perigo e de infortúnios iminentes, maiores e menores, que ainda pairam sobre nós, mas ao mesmo tempo asseguro-lhes minha confiança, nunca tão forte quanto neste momento, de que chegaremos a um final para essa guerra de maneira satisfatória aos interesses de nosso país, e de maneira satisfatória ao futuro do mundo.

Não digo mais nada.

Nesse momento ele estendeu os braços ao longo do corpo, com as palmas das mãos viradas para a frente, “para receber o estigma”, comentou Harold Nicolson.²⁷ Churchill então disse à Câmara: “Que agora cada um aja de acordo com o que pensa ser seu dever, em harmonia com seu coração e sua consciência.”²⁸

Em meados de fevereiro de 1942, Singapura de fato se rendeu. O fim foi rápido e perturbador. Singapura era um grande símbolo, o bastião da potência imperial britânica no sudeste da Ásia, mas o comandante inglês sucumbiu a uma força japonesa inferior e com apenas uma semana de combate. Algo em torno de 85 mil

aliados foram feitos prisioneiros. O episódio, lamentou Churchill, foi “o pior desastre e a maior capitulação da história britânica”.²⁹

Orwell admirava Churchill, mas julgou a derrota tão perturbadora que duvidou de sua sobrevivência no cargo de primeiro-ministro. “Até a queda de Singapura teria sido verdade dizer que a massa do povo gostava de Churchill e desgostava de seu governo, mas nos últimos meses sua popularidade caiu muito. Além disso, ele tem contra si a direita do Partido Conservador (os Tories, em geral, sempre odiaram Churchill, embora tenham precisado engoli-lo por um longo período)”, ele escreveu. E concluiu: “Aposto que Churchill não vai durar muitos meses mais no poder.”³⁰

Orwell, após sentir-se empacado na BBC, tomou a firme decisão de sair. Sentira-se ocupado mas improdutivo por lá:

Agora faço entradas neste diário com frequência muito menor que de hábito, porque, literalmente, não tenho nenhum tempo livre. No entanto, não faço nada que não seja fútil, e tenho cada vez menos a mostrar graças ao desperdício de tempo. O mesmo parece acontecer com todo mundo – o mais horrível sentimento de frustração, de estar apenas perdendo tempo com ninharias e fazendo coisas idiotas, ... coisas que, na verdade, não ajudam em nada no esforço de guerra, mas que são consideradas necessárias pela imensa máquina burocrática em que todos estamos presos.³¹

Mesmo seu empenho para cultivar a própria comida fracassou, pois ele acreditara que as batatas iriam desaparecer do mercado. Em vez disso, a safra britânica em 1942, conforme registrou no diário, “é enorme”. Suas plantações haviam sido inúteis.

Orwell estava ciente de que deveria procurar um trabalho alternativo ao da BBC, mas não sabia muito bem o que poderia ser. Sua vida, contudo, não tinha azedado de vez. Seu sobrinho, Henry Dakin, que viera passar três meses com ele e Eileen, lembrou-se de ter sido levado por Orwell para assistir *Em busca do ouro*, de Charlie Chaplin, que fora editado e relançado como um filme sonorizado. “Ele se escangalhou de rir mais do que todo mundo no cinema”, disse Dakin.

Na rotina da casa, tanto Orwell quanto Eileen tomavam café e então saíam para o trabalho. À noite, ele normalmente ia para o quarto e escrevia. “A aparência de Eileen era bastante desleixada, mas ela era extremamente bonita e muito simpática”, lembrou-se Dakin. “Eles tinham uma vida agradável juntos e eram sempre amáveis um com o outro, e muito amistosos comigo.”³²

Dakin reparou que ela parecia sempre vestir um casaco preto, mesmo quando cozinhava ou comia. E talvez tenha enfrentado uma forte depressão nesse período. Lettice Cooper, uma colega de trabalho, lembra que após a morte do irmão de Eileen, em Dunquerque, “ela costumava dizer que não se importava se iria viver ou morrer. Dizia isso o tempo todo”.³³

Durante a guerra, os Orwell desistiram de viver em seu chalé no campo. Ambos estavam empregados em Londres, de modo que testemunharam centenas de bombardeios da Luftwaffe. Pularam de um apartamento para outro inúmeras vezes, em parte porque melhores habitações tornaram-se disponíveis com a mudança da classe mais abastada para o campo. Em dado momento, depois de se instalarem na Abbey Road, em St. John's Wood, alguns amigos ofereceram-lhes um jantar festivo, com direito a um belo frango e uma valiosa garrafa de clarete. Ao se sentarem para comer, uma bomba explodiu nas vizinhanças. “A explosão nos fez pular das cadeiras”, lembrou-se o anfitrião, Mark Benney, que ficou aliviado ao ver a garrafa de vinho, e os seus convidados, intactos.³⁴ Orwell rapidamente saiu-se com uma interpretação sociológica para a sobrevivência de todos: “Se estivéssemos na outra esquina, em um dos casebres da classe trabalhadora, agora estaríamos mortos feito carneirinhos.”

À MEDIDA QUE A GUERRA prosseguia, e enquanto defendia internamente sua posição como primeiro-ministro da Grã-Bretanha, Churchill também precisava cultivar suas relações com os americanos. Às vezes grandes realizações são subestimadas porque a pessoa que as concretiza faz com que pareçam mais fáceis do que realmente foram. A maneira como Churchill lidou com os americanos durante a Segunda Guerra Mundial talvez seja um desses casos. A aliança anglo-americana, em retrospecto, pode facilmente passar por

inevitável, mas foi conduzida através de um vasto e letal campo minado de questões que precisavam ser discutidas e neutralizadas. Os americanos não viam com bons olhos o apetite de Churchill na disputa com os alemães no Mediterrâneo e no norte da África, uma estratégia corretamente defendida por ele como necessária, ao menos em 1942 e 1943, para afastar as forças alemãs do front russo. Churchill, de sua parte, desdenhava o anticolonialismo americano e via como parte de sua tarefa em relação a eles “colocá-los a par de questões políticas nas quais tinham opiniões fortes e nenhuma experiência”, entre elas o futuro do Império Britânico – especialmente a Índia.³⁵ Churchill também apoiava De Gaulle, enquanto FDR permanecia reticente sobre o líder francês. E Churchill não se conformava que muitos americanos considerassem a China tão importante quanto a Inglaterra. Após a primeira visita a Roosevelt, ele escreveu: “Se posso resumir em uma palavra a lição que aprendi nos Estados Unidos, a palavra é ‘China’.”³⁶

A visão que os aliados ocidentais tinham do papel russo na guerra provaria ser especialmente problemática. FDR julgava poder manter Stálin na linha de um jeito que não era possível aos britânicos, dizendo a Churchill: “Espero que o senhor não se importe com minha brutal franqueza quando lhe digo que, pessoalmente, posso lidar com Stálin melhor do que o seu Ministério das Relações Exteriores e o meu Departamento de Estado. Stálin odeia todos os seus funcionários mais graduados.”³⁷ Nisso FDR superestimava grandemente suas habilidades. Stálin controlava o poder de forma implacável, na condução da guerra e na construção do mundo pós-guerra. Quando britânicos e americanos foram pegos de surpresa diante da atitude fria e suspeita de Stálin, Churchill aconselhou Roosevelt: “A máquina soviética acredita piamente que pode conseguir tudo na base da malcriação.”³⁸ Era um comentário que poderia ter vindo de Orwell.

Churchill frequentemente falava demais. Em abril de 1942, FDR enviou-lhe conselhos sobre como lidar com a Índia. Churchill rascunhou uma resposta furiosa, que começava assim: “Fiquei muito preocupado ao receber sua mensagem.”³⁹ E adiante ameaçava renunciar ao cargo de primeiro-ministro se o assunto não fosse tratado à sua maneira. Mas ele pôs de lado o rascunho irritado e escreveu uma nova mensagem: “Li com a maior atenção seus ponderadíssimos argumentos.” Sente-se na mudança uma carga elétrica e psicológica.

Embora fosse um dedicado anti-imperialista, Orwell tomava o partido de Churchill no que tangia aos conselhos americanos sobre a Índia, e escreveu em seu diário: “Um problema neste momento são as desastrosas interferências dos americanos, que há anos vêm falando sem parar sobre a ‘liberdade indiana’ e o imperialismo britânico, mas agora subitamente tiveram seus olhos abertos para o fato de que a intelligentsia indiana não quer a independência, leia-se, a responsabilidade.”⁴⁰

A relação entre o presidente e o primeiro-ministro foi reforçada na segunda visita de Churchill a Washington durante a guerra, ocorrida seis meses após a primeira, quando ele havia discursado no Congresso. Numa manhã de domingo, em 21 de junho de 1942, Churchill, então hospedado na Casa Branca, acordou em seu quarto, que ficava próximo àquele em que Harry Hopkins vivia. O primeiro-ministro leu os jornais na cama, comeu alguma coisa ali mesmo e em seguida desceu as escadas para encontrar Roosevelt em seu gabinete.

Quando Churchill e Roosevelt começaram a conversar, um telegrama rosa foi trazido e repassado ao presidente, que o leu rapidamente e, sem uma palavra, entregou-o a Churchill. A mensagem dizia: “Tobruk se rendeu, e 25 mil homens foram feitos prisioneiros.”⁴¹ Foi um soco no estômago para Churchill. De início ele não acreditou. Ainda na véspera, à noite, ele recebera um telegrama do Cairo assegurando-o de que as defesas da fortaleza, que enfrentava os alemães próximo à fronteira da Líbia e do Egito, estavam em bom estado. Ela encontrava-se bem abastecida, com três meses de suprimentos, incluindo um imenso estoque de gasolina. Não parecia haver nenhum bom motivo para seu comandante ter se rendido tão abruptamente.

Churchill solicitou uma confirmação da derrota. Quando ela veio, ele teve um baque. Assim como acontecera em Singapura, cinco meses antes, as forças aliadas, uma vez sitiadas, capitularam diante do ataque de um inimigo em desvantagem numérica.

Churchill ficou inconsolável, e talvez tenha mesmo chorado, embora não o diga com todas as letras em suas memórias. Em vez disso, ele afirma: “Não tentei esconder do presidente o meu estado de choque. Foi um momento doloroso. Perder é uma coisa; ser humilhado é outra.”

Os americanos perceberam que ele não deu falsas justificativas. “Ele disse que era pura e simplesmente um caso de má liderança”, escreveu em seu diário Henry Stimson, o secretário de Guerra. “Rommel havia superado seus generais, vencera-os no combate e fornecera armas melhores para suas tropas.”⁴²

“O que podemos fazer para ajudar?”, perguntou FDR, do outro lado da mesa.⁴³

Churchill tirou partido da situação. “Dê-nos o maior número de tanques Sherman que for possível, e envie-os ao Oriente Médio o quanto antes.”

O general George C. Marshall, chefe do estado-maior, foi chamado. Ele ponderou que fornecer os tanques significaria trazê-los de volta da 1ª Divisão de Blindados, onde haviam acabado de chegar. “É uma coisa terrível tirar armas das mãos dos soldados”, disse Marshall, de acordo com o relato de Churchill. Mas, ele continuou, “se os ingleses precisam tanto deles, devem recebê-los”. Marshall dispôs-se também a reunir e enviar cem peças motorizadas de artilharia de 105 milímetros, que lembram uma versão mais leve dos tanques. Cerca de trezentos tanques, além das armas, logo estavam a caminho. Mais importante que isso, Churchill ganhara a vantagem emocional na discussão sobre se o exército americano iria liderar a invasão do norte da África em 1942, medida a que tanto Marshall quanto Dwight Eisenhower se opunham enfaticamente, por julgarem-na uma distração do desembarque na França.

Naquela tarde, Churchill chamou o médico ao seu quarto. “Tobruk caiu”, ele disse. “Sinto vergonha. Não consigo entender por que Tobruk se rendeu. Mais de 30 mil dos nossos homens puseram as mãos ao alto. Se eles não querem lutar...”⁴⁴ Ele interrompeu o que dizia e desabou numa poltrona.

Fica evidente nas memórias de Churchill sua duradoura gratidão pelo socorro que os americanos lhe deram naquele momento. Ele volta a mencioná-la não uma, mas duas vezes no mesmo volume. Mas igualmente forte foi a dor causada por aquela segunda rendição em 1942.

A CRESCENTE AFEIÇÃO DE CHURCHILL pelos americanos não era inteiramente compartilhada, na Grã-Bretanha, pelos demais membros de sua classe, fosse na esquerda ou na direita. A rede de espionagem pró-soviética, formada por Anthony Blunt, Kim Philby, Donald Maclean, John Cairncross e Guy Burgess, teve como motivação, em parte, a rejeição de seus membros pelos Estados Unidos e sua cultura. Philby, em suas memórias, relata que Burgess se deliciava em, publicamente, “dar fortes indiretas contra o estilo de vida americano”.⁴⁵

O antiamericanismo era, por sua vez, ainda mais intenso na direita inglesa. “Sempre é melhor e mais seguro não depender em nada dos americanos, a não ser de suas palavras”, afirmara Neville Chamberlain em dezembro de 1937.⁴⁶ Quando lorde Halifax foi enviado por Churchill para ser o embaixador britânico em Washington, lorde Linlithgow, o vice-rei da Índia, escreveu-lhe uma nota de solidariedade pelo “duro trabalho de bajular a matilha de equilibristas e arrivistas”.⁴⁷

Uma boa definição de esnobe é a pessoa que, ao deparar com uma situação social inusitada, rapidamente conclui que a culpa é do outro. Nicolson personificava isso. Numa visita aos Estados Unidos, anterior à guerra, ele considerou seus habitantes bem-intencionados, mas deploráveis: “A maioria deles tem bons sentimentos, mas é tão ignorante e estúpida que não entende o meu ponto de vista.”⁴⁸ Ele também não confiava na tendência dos americanos para a franqueza. “Há alguma coisa na suposta honestidade dos americanos que me deixa louco de raiva ... a eterna superficialidade da raça americana.”⁴⁹ Essas questões persistiram ao longo da guerra. Em novembro de 1943, Nicolson escreveu para a esposa: “Somos muito mais avançados. Às vezes perco as esperanças em relação aos americanos.”⁵⁰

Também havia a suspeita de que os americanos, apesar de sorrirem com facilidade, não compartilhavam um objetivo crucial dos ingleses, a preservação do Império Britânico. “O presidente não é muito amigo do Império Britânico”, apontou Harold Macmillan, que se tornaria primeiro-ministro em 1957. “Esse anticolonialismo era uma parte importante da fachada de Roosevelt, mas ele parecia ter ideias muito rudimentares sobre como a independência poderia ser gradativamente introduzida, sem desordem, nos grandes

impérios coloniais.”⁵¹ Uma das teses de Roosevelt que os britânicos julgavam rudimentar era aquela segundo a qual o Vietnã deveria se tornar independente. A história poderia ter sido diferente se a defesa que FDR fazia da independência vietnamita não tivesse sido rechaçada por britânicos e franceses.

A condescendência levaria muitos oficiais britânicos a subestimar o poder crescente dos Estados Unidos, e depois a se chocar e enfurecer quando, em 1944, os americanos passaram a agir como parceiros dominantes na relação.

Todos esses preconceitos significavam que os encontros anglo-americanos iniciais eram como um primeiro encontro de namorados – uma mistura impulsiva de entusiasmo, desconhecimento e desastrada falta de jeito. “*Entourage* do presidente muito judeu”, salientou o diplomata Oliver Harvey,⁵² que também considerava a sociedade americana surpreendentemente conservadora, julgando-a “uns cem anos atrás de nós em evolução social”.⁵³

Harvey, um conselheiro de Anthony Eden, o ministro das Relações Exteriores britânico durante a maior parte da Segunda Guerra Mundial, não estava apenas sendo esnobe. Ele ficou pasmo diante do racismo americano, e reclamava da insistência do exército americano em seguir as regras de segregação enquanto baseado na Inglaterra. “É um escândalo considerável que os americanos, com isso, exportem seu problema interno. Não queremos ver os linchamentos adotados na Inglaterra. Não suporto a típica atitude sulista em relação aos negros. É um grande câncer da civilização americana e põe por terra metade de seus ideais.”⁵⁴ Isso, é claro, fora um tema dos Tories por mais de um século, desde a incômoda pergunta feita pelo escritor Samuel Johnson sobre os revolucionários americanos: “Como é possível que escutemos os mais altos gritos de liberdade entre os comerciantes de escravos?”⁵⁵

Quando enviado a Washington, em 1941, lorde Halifax teve uma reação similar. Ele creditava sua impopularidade junto aos americanos não a seu envolvimento com a fracassada política de conciliação, mas ao alcance sobre o público de “uma parte da imprensa afetada pela influência judaica”.⁵⁶ Sem demora, ele concluiu que os americanos eram “um povo feito de crianças – um pouco rudimentar, muito caloroso e governado sobretudo pela emoção”.

Havia também na imagem dos britânicos alguns fatores que devem ter levado os americanos à loucura, com destaque para a leviandade da aristocracia. Anthony Eden certa vez comentou que frequentemente, durante a Batalha da Grã-Bretanha, sangrentos combates aéreos ocorriam sobre sua casa de campo, “às vezes, enquanto jogávamos tênis”.⁵⁷ Em uma ocasião, um Messerschmitt caiu no bosque atrás da casa. Ele não diz se o incidente chegou a interromper suas práticas esportivas. Dezesseis anos depois, a extrema incompreensão de Eden no tocante aos americanos contribuiria para a crise do canal de Suez, que destruiu seu período como primeiro-ministro e reduziu ainda mais a presença britânica no mundo.

10. Visões desoladoras do mundo pós-guerra: 1943

A ESSA ALTURA, ORWELL, ainda uma figura menor na vida inglesa, estava a um passo da glória. Churchill, por sua vez, começava a despencar dos píncaros do poder à medida que encarava as duras realidades do mundo pós-guerra.

Diante dos dois estava a ascensão dos americanos, que de início causaram má impressão na guerra, o que levou os britânicos a subestimá-los. A indisciplina das tropas americanas preocupava suas contrapartes na Grã-Bretanha, mais experientes. “Enquanto nós montávamos guarda com toda a cerimônia, eles se apoiavam nos rifles, mascavam chicletes, fumavam e adotavam, no conjunto, uma atitude nada marcial”, recordou um oficial britânico não comissionado.¹

Orwell também torcia o nariz para a maneira como os americanos se apresentavam. No fim de 1942, ele escreveu que vira soldados do exército americano nas ruas de Londres. “Está estampado em seus rostos um ar de arraigado descontentamento.”² Não era uma imagem de que ele gostava.

O exército americano impressionava mal os ingleses também nos mais altos escalões. O general George C. Marshall e seu pessoal chegaram pouco preparados para a Conferência de Casablanca, em janeiro de 1943, na qual importantes decisões seriam tomadas, algumas das quais iriam determinar o ano seguinte do conflito, tais como a invasão da Sicília e então, talvez, da Itália continental. Roosevelt instruíra Marshall a levar apenas cinco assessores, e assim, como confessou Marshall a seu biógrafo, “a preparação do nosso pessoal estava bastante incompleta”.³ Os ingleses, ao contrário, antecipando as quase esquecidas delícias do sol, dos ovos e das laranjas do Marrocos, trouxeram a bordo do *HMS Bulolo*, de 6 mil toneladas, uma legião de oficiais bem preparados e de raciocínio rápido.⁴ Esses oficiais traziam consigo cenários esboçados de vários planos de

guerra, e também sacavam relatórios sobre qualquer tema relativo à guerra que surgisse na conversa dos líderes. Os americanos foram surpreendidos, pois, “cada vez que eles puxavam algum assunto, os britânicos já tinham um relatório pronto”, reclamou o almirante Ernest King, o ríspido líder da marinha americana, cujos serviços haviam começado na Guerra Hispano-Americana.⁵ Os americanos com frequência se viam incapazes de responder com propriedade. Por exemplo, sua comitiva não contava com nenhum especialista em transporte transatlântico, e, quando eles disseram aos britânicos que o plano de trabalho previa o traslado de 3,6 milhões de toneladas anuais de suprimentos até a Grã-Bretanha, estes retrucaram que o montante seria na verdade de 7 milhões de toneladas.⁶

Churchill, diferentemente dos americanos, estava como sempre enfiado nos detalhes. Quando seus próprios estrategistas-chefes insistiram que uma invasão na Sicília não poderia ter início antes de 30 de agosto de 1943, ele passou quase a tarde inteira perscrutando cada um de seus argumentos.⁷ E concluiu que o ataque, na verdade, poderia acontecer semanas antes, no fim de junho ou início de julho. O tempo provaria que ele estava certo, com os soldados britânicos e americanos desembarcando nas praias do sul da Sicília na madrugada do dia 10 de julho de 1943.

Os britânicos não sentiram firmeza nos planos apresentados pelos americanos. “Marshall é praticamente destituído de visão estratégica, seus pensamentos revolvem em torno da criação de forças, não em seu emprego”, escreveu em seu diário, durante as reuniões de Casablanca, o general Brooke, conselheiro militar de Churchill. “Ele chegou aqui sem uma única proposta estratégica verdadeira, e não deu início a nenhuma política para a futura condução da guerra. Sua contribuição até aqui limitou-se a algumas críticas mal-ajambradas aos planos que apresentamos.”⁸

Os americanos foram a Casablanca determinados a discutir o cronograma e a preparação do ataque em que atravessariam o canal da Mancha rumo ao norte da Europa, e que eles esperavam realizar em 1943. Voltaram de lá sem nada nessa linha, tendo em vez disso concordado nas reuniões com uma estratégia orientada para o Mediterrâneo, pelo menos naquele ano. Essa abordagem mais cautelosa era, talvez, a que FDR intimamente

desejava desde o início, e talvez tenha sido por isso que ele impediu Marshall de levar um número adequado de consultores e planejadores. De fato, Churchill dissera a seus consultores acreditar que FDR favorecia o plano do Mediterrâneo.⁹ Roosevelt não compartilhava o entusiasmo de Marshall diante do projeto de cruzar o canal em 1943, temendo que fosse muito arriscado, pois as forças americanas precisavam de mais experiência de combate, e acreditando que o atraso de um ano também reduziria os contingentes de infantaria dos alemães e ainda mais seu poderio aéreo.¹⁰ Marshall, apesar de advogar pelo desembarque na França já em 1943, dissera a Roosevelt que o general Mark Clark, que estivera mais próximo à linha de frente na África, concordava com os britânicos que “é preciso um longo período de treinamento antes que qualquer tentativa de desembarque seja feita diante de uma resistência obstinada”.¹¹ Roosevelt também deve ter gostado da transferência de recursos para o Pacífico que o atraso na invasão da Europa permitia.

Os americanos aprenderam com seus erros, e rápido. Marshall, de seu lado, quando voltou de Casablanca para Washington, ordenou uma reorganização do seu pessoal de planejamento.¹² “Fomos pegos de calças curtas”, reportou com tristeza um de seus planejadores, o general de brigada Albert Wedemeyer, a seu superior imediato em Washington. E acrescentou:

Vimos, ouvimos e fomos dominados. ... Eles caíram em cima de nós como gafanhotos, com vasta quantidade de planejadores e outros assistentes, com planos preparados não apenas para garantir a concretização de seu objetivo, mas para que o concretizassem com folga e com a doce promessa de continuarem no papel de diretores da estratégia durante todo o curso da guerra.¹³

Essa primeira e atrapalhada reunião de planejamento em larga escala atraiu para os americanos anos de condescendência por parte dos britânicos. “Os americanos ainda são amadorísticos em sua abordagem”, escreveu o diplomata Oliver Harvey em agosto de 1943. “Se for para vencer a guerra no Ocidente com rapidez, ela deve ser conduzida com a nossa estratégia e pelo nosso pessoal.”¹⁴

O que espanta é a pouca atenção que o general Brooke dedicou aos americanos em 1942 e 1943. Em seu diário, ele anotou os nomes de todos

os oficiais britânicos com quem se encontrou, e a maioria dos franceses também. Mas, afora Eisenhower e Walter Bedell Smith, com quem estabeleceu uma relação mais próxima e direta, seus companheiros na hora do jantar são listados simplesmente como “alguns oficiais americanos” ou coisa que o valha, como se fossem crianças que não deveriam ser vistas ou escutadas.¹⁵ Isso não era por acaso. Brooke “não ia com a cara dos americanos”, notou o médico de Churchill.¹⁶

Quando Brooke enfocava os militares americanos em seus diários, em geral o fazia com um toque de menosprezo. “Receio que as tropas americanas precisem de muito mais treinamento antes que tenham alguma utilidade”, ele lamentou para o diário, em fevereiro de 1943.¹⁷ Foi por volta dessa época que o exército americano enfrentou os alemães pela primeira vez, no passo de Kasserine, na Tunísia, e com resultados visivelmente ruins. “Digamos que os americanos fogem a cada vez que um tiro é disparado”, escarneceu Harold Nicolson em seu diário.¹⁸ Mesmo Churchill parou para pensar após o vacilante desempenho americano em Kasserine. “O II Exército americano sofreu uma pesada derrota, e ao que parece viu-se privado de quase metade de seu importante armamento, sem infligir qualquer perda substancial ao inimigo”, ele relatou ao rei.¹⁹ Mas concluiu com uma nota de embaixado otimismo: “São tropas corajosas, mas inexperientes, que não hesitarão em aprender com a derrota, e irão se aperfeiçoar no sofrimento até suas virtudes marciais mais fortes aparecerem.” Até maio de 1943, Brooke insistiria que o tipo de desembarque feito no Dia D não poderia ser realizado na França “antes de 1945 ou 1946”.²⁰

Brooke nem sempre compreendia, tampouco, quão crucial era manter a Rússia na guerra. Ele reclamou em seu diário sobre o envio de algumas centenas de tanques e aviões de combate para Stálin. “Pessoalmente, considero isso uma loucura completa”, ele escreveu sobre as doações à Rússia.²¹ Ele não percebia que qualquer equipamento que encorajasse a Rússia a permanecer no conflito valia seu peso em ouro. De fato, um traço comum entre os mais importantes subordinados de Churchill é a tendência a pensar pequeno. Eles não entendiam a guerra tão bem quanto ele. Assim, em outubro de 1942, enquanto a decisiva Batalha de Stalingrado pegava

fogo, e quando era essencial encorajar a Rússia, sir Alexander Cadogan, das Relações Exteriores, grasnava em seu diário: “Conseguí enfiar, numa carta ao comando, um baita corte para os russos.”²²

De Casablanca, Churchill partiu para o Egito. Ele continuava a se divertir em plena guerra. Tomando o desjejum na embaixada britânica do Cairo, às 7h30, e preparando-se para um estirão de planejamento de guerra, ele rejeitou a xícara de chá que lhe foi oferecida e, em vez disso, pediu um dedinho de vinho branco, que engoliu em uma talagada.²³ Quando sua anfitriã demonstrou surpresa, ele assegurou-a de que aquele era seu terceiro drinque do dia, tendo já consumido pela manhã duas doses de uísque com soda. A autoindulgência de Churchill, mantida mesmo durante as tensões da guerra, é uma obra de arte em si. Ele habitualmente usava cuecas feitas de seda, num tom pálido de rosa.²⁴

Churchill podia ser um comensal exigente – seus empregados sabiam que jamais deveriam colocar diante dele uma lista de comidas que ele desprezava, entre as quais linguiça, repolho, carnes em conserva e arroz-doce.²⁵ Um assessor de guerra chegou a vê-lo fumando por volta de dezesseis charutos em um dia.²⁶ “Eu ficava impressionada que alguém pudesse fumar tanto, beber tanto e ainda continuar perfeitamente normal”, lembrou-se Eleanor Roosevelt.²⁷

Um novo mundo nasce em Teerã

Em novembro de 1943, cerca de dez meses depois da Conferência de Casablanca, os líderes das três maiores potências aliadas – Churchill, Roosevelt e Stálin – de fato encontraram-se pela primeira vez. (A única outra ocasião seria em Ialta, quando a guerra se aproximava do fim.) Embora a Conferência de Teerã seja hoje pouco lembrada pelos americanos, suas reuniões influenciariam imensamente tanto Churchill quanto Orwell. Ela lançaria o primeiro-ministro num longo período de desassossego. E levaria o romancista e jornalista a escrever sua primeira grande obra de ficção.

Para Churchill, as rodadas em Teerã foram um momento de espanto. Em suas memórias, ele dedicou a elas quase o mesmo espaço que a Ialta. A Conferência de Teerã – os preparativos, os debates, os jantares e suas consequências – domina o quinto volume de sua história da Segunda Guerra Mundial. Nele, Churchill considera a reunião um sucesso retumbante, pelo menos do ponto de vista militar. Assim, escreveu: “Analisando o panorama militar como um todo, ao nos separarmos numa atmosfera de amizade e unidade em nosso objetivo imediato, eu pessoalmente estava bastante satisfeito.”²⁸ Essa é uma frase digna de Orwell, no sentido atual de usar a linguagem mais para esconder que para revelar.

Na verdade, Churchill ficou profundamente perturbado pelo encontro em Teerã. Ao chegar, sofria de uma forte dor na garganta. E as coisas só pioraram a partir daí. Após a primeira sessão de debates, seu médico perguntou-lhe se havia algo errado. “Muita coisa deu muito errado”, rosou Churchill.²⁹ Foi a primeira vez que Roosevelt agiu como se liderasse a parceria.³⁰ Foi no Irã que Churchill se deu conta de que o sonho de dominar uma duradoura aliança anglo-americana não iria se realizar.

Em suas memórias, ele revela os dois momentos que mais o perturbaram. O primeiro, quando o presidente Roosevelt recusou o convite para encontrar-se com ele reservadamente, embora tivesse acabado de fazê-lo

com Stálin.³¹ O comportamento do líder russo era o oposto do de Churchill. Nas reuniões formais dos três, ele parecia relaxado, fumando e rabiscando alegremente com um grosso lápis vermelho.

O segundo foi quando Stálin permitiu-se uma tirada de humor macabro num restrito jantar dos três líderes e apenas outros sete oficiais, ao dizer que 50 mil oficiais alemães precisariam ser executados ao terminar a guerra.³² Churchill ficou indignado com a sugestão, e respondeu: “O Parlamento e o público britânicos jamais irão tolerar execuções em massa. ... Os soviéticos não devem se iludir quanto a isso.”

Stálin continuou divagando sobre o tema da execução em massa do corpo de generais alemães. Churchill novamente rebateu a ideia, dizendo que preferiria ser fuzilado ele mesmo antes de “comprometer a minha honra, e a do meu país, com tamanha infâmia”. Roosevelt, provavelmente tentando minimizar a tensão com algum humor, por mais infeliz que fosse, propôs um acordo, segundo o qual apenas 49 mil oficiais alemães precisariam ser executados.

Nesse momento, o filho de FDR, Elliott Roosevelt, que participava do jantar sem estar oficialmente convidado, levantou-se de seu lugar na mesa. Ele rejeitou o argumento de Churchill e apoiou o sanguinário plano de Stálin. De acordo com o relato que nos foi deixado por Churchill, o jovem americano, notoriamente devasso e escandaloso – não muito diferente do próprio filho de Churchill, o problemático Randolph –, acrescentou estar certo de que o exército americano apoiaria a ideia. O jovem Roosevelt já fora hospedado duas vezes por Churchill na Inglaterra, e em 1943, aparentemente, já se sentia à vontade o bastante para falar na mesa dos grandes.

Churchill não podia mais suportar essa intrusão. “Levantei-me e deixei a mesa, indo para a sala adjacente, que estava com as luzes apagadas”, ele contou. Elliott Roosevelt, em suas próprias e prosaicas memórias, acrescenta que Churchill, ao passar, perguntou-lhe: “Você tem consciência do que está dizendo? Como tem coragem de dizer uma coisa dessas?”

Um instante depois, Churchill, em pé na penumbra do quarto ao lado, sentiu duas mãos segurarem seus ombros por trás. Era Stálin, seu anfitrião naquele jantar, vindo assegurar ao primeiro-ministro que estava “apenas brincando”.³³ Churchill, é claro, sabia muito bem que homicídios em massa não eram apenas piada para o líder russo. O primeiro-ministro fora informado, seis meses antes, de que Stálin, na primavera de 1940, quase certamente ordenara a execução de 20 mil oficiais poloneses na floresta de Katyn, próxima a Smolensk.³⁴ Essa descoberta tornava-se ainda mais excruciante porque nem Churchill nem Roosevelt estavam em condições de denunciar Stálin por aquela atrocidade; durante a guerra, na verdade, ambos iriam abafar as tentativas de se investigar o massacre.

Embaralhando ainda mais os sentimentos de Churchill naquela noite, havia o fato de que horas antes, no mesmo dia, ele presenteara Stálin com uma espada cerimonial, para comemorar a resistência russa em Stalingrado havia um ano, a batalha que para muitos foi o ponto de virada em toda a guerra. Esse presente inspirou o romancista Evelyn Waugh, que ficara chocado ao ver o Ocidente aliado a um monstro como Stálin, a batizar ironicamente de *A espada de honra* sua trilogia de romances sobre a Segunda Guerra Mundial. Numa sinopse que preparou para o início de *Rendição incondicional*, ele escreve que seu herói “acredita que a justa causa de ir para a guerra foi vilipendiada na aliança com a Rússia”.³⁵

Churchill, em Teerã, avistou no horizonte o declínio do poder britânico. Aquele era, percebeu o primeiro-ministro, um momento importante da história mundial. Alguns de seus consultores mais próximos não foram tão perceptivos. Sir Alexander Cadogan escreveu em seu diário, ainda em Teerã, que estava “entediado com essa conferência – tenho pouco a fazer e perco meu tempo”.³⁶

Churchill decolou de Teerã num sombrio estado de espírito, angustiado com o fim da supremacia britânica no mundo. Após essa conferência, sua personalidade pareceu mudar. O dínamo de 1940 tornou-se o indolente de 1944 – cada vez mais esquecido, menos eloquente e inúmeras vezes muito cansado, tirando sonecas mais frequentes e dormindo até tarde várias manhãs. Certa noite, em sua casa de campo, ele sentou próximo à lareira, tomou sua sopa e confessou ao general Brooke que nem ele nem Roosevelt

eram os homens que haviam sido. “Ele disse que ainda conseguia dormir bem, comer bem e sobretudo beber bem!, mas que já não era capaz de pular da cama com a disposição de antes, e achava que iria gostar um bocado de passar um dia inteiro deitado. Eu nunca o vira admitir que estava começando a fraquejar.”³⁷

Churchill começou a pensar na cúpula de Teerã em analogias animais. Logo após seu término, ele disse à velha amiga Violet Bonham Carter que, ao encontrar-se com Stálin e Roosevelt na capital iraniana, percebera quão insignificante era seu país comparado aos de seus confrades. “De um lado o grande urso russo, com suas patas erguidas, do outro o grande elefante americano; e entre eles o pobre burrico inglês, o único que sabe o caminho de casa.”³⁸

É claro, muita gente também pensava em Churchill em termos animais. No início da guerra, Colville, seu assistente, notara que, ao levar os despachos matinais para Churchill, encontrava o primeiro-ministro, rosa, careca e gorducho, “deitado na cama, parecendo um porco até que bonito, vestido num roupão de seda”.³⁹ Para lady Diana Cooper, com os macacões fechados com zíper que Churchill usava muito durante a guerra, “ele era a perfeita imagem do bom porquinho, construindo sua casa com tijolos”.⁴⁰ Seu médico, vendo-o nadar na Flórida, em janeiro de 1942, escreveu: “Winston relaxava com metade do corpo dentro d’água, feito um hipopótamo no lamaçal.”⁴¹

ORWELL ESTAVA NO mesmo caminho. A Conferência de Teerã seria central na sua compreensão do período, influenciando seus dois grandes romances, *A revolução dos bichos* e *1984*. O primeiro é uma alegoria sobre o presente, o segundo o retrato de uma distopia futura. Ambos têm algumas raízes no que ele viu acontecer em Teerã: o mundo sendo repartido entre os líderes das superpotências emergentes. Assim, em *1984*, o mundo consiste em três Estados totalitários: Oceânia, Lestásia e Eurásia.⁴² A Inglaterra, nesse meio-tempo, ia sendo reduzida à “Pista 1”.

Enquanto a Conferência de Teerã chegava ao fim, Orwell finalmente começou a dar os passos que o tornaram um grande escritor. Ele deixou a

Guarda Nacional em novembro daquele ano. Aparentemente, apenas por questões médicas, mas também era uma boa hora para sair da guarda, já que uma invasão alemã estava claramente fora de questão. A maré da guerra ia mudando, as forças aliadas estavam se reunindo e preparando para o desembarque na França no ano seguinte. Ao mesmo tempo, Orwell deixou a BBC, explicando, em uma polida carta de demissão: “Voltando ao meu trabalho normal de escritor e jornalista, eu me sentiria mais útil do que agora.”⁴³ Ele provaria estar absolutamente certo nessa afirmação. Nos seis anos seguintes, escreveria seus dois grandes romances e alguns dos seus melhores comentários políticos e culturais.

Também nessa época começaria a escrever uma coluna chamada “As I Please” para o *Tribune*, um semanário desimportante cuja postura socialista era mais afinada com ele que a do *Observer*, de David Astor. Para sua coluna inaugural, que saiu em dezembro de 1943, escolheu um olhar gozador sobre os soldados americanos. “Mesmo se você tenta evitar Piccadilly, com seus enxames frenéticos de bêbados e putas, é difícil ir a qualquer lugar em Londres sem ter a sensação de que a Inglaterra é agora um Território Ocupado. A opinião geral parece ser a de que os únicos soldados americanos com bons modos são os negros.”⁴⁴ Mais importante, ele começou a escrever *A revolução dos bichos*.

11. *A revolução dos bichos*: 1943-45

NÃO HÁ REGISTRO DE QUE Churchill tenha lido *A revolução dos bichos*, a grande fábula de Orwell sobre a revolta dos animais da fazenda contra seus donos humanos, mas que termina com os rebeldes sendo escravizados pelos porcos do lugar. É bem possível que o tenha feito, considerando que gostou de *1984*, vários anos depois. Mas ele poderia ter facilmente chegado às mesmas conclusões em relação aos líderes russos. Conversando com Malcolm Muggeridge a respeito de Stálin, em 1950, Churchill lamentou: “Que pena ele ter se mostrado um porco tão grande!”¹

Churchill também perceberia as sólidas raízes do livro em seu meio cultural. A tradição das fábulas com animais falantes é antiga, remontando a Esopo, mas parece ter tido especial exuberância durante o auge do Império Britânico, no fim do século XIX e início do XX, durante a adolescência e juventude de Churchill.

Rudyard Kipling liderava a tropa com os dois volumes de *Os livros da Selva*, na década de 1890. Não é de surpreender que Churchill admirasse Kipling e seu trabalho. “Ele teve grande influência sobre mim”, admitiu o primeiro-ministro em 1944.² Um pouco mais inesperado é saber que Orwell, cujo *Dias na Birmânia* era uma forte denúncia contra os efeitos do imperialismo britânico, também apreciava o poeta laureado do império. “Rudyard Kipling foi o único escritor popular deste século que não foi, ao mesmo tempo, um escritor completamente ruim”, ele escreveu em 1936, logo após a morte de Kipling. “Ainda era possível ser um imperialista e um cavalheiro, e a decência pessoal de Kipling não pode ser posta em dúvida.”³

Havia muito mais para acontecer nesse gênero particularmente britânico. *As aventuras de Pedro Coelho* surgiu em 1902, o ano entre a morte da rainha Vitória e o nascimento de Orwell, gozando de imensa popularidade, vendendo milhões de exemplares e resultando em inúmeras sequências. O livro tem um lado macabro, de que Orwell talvez gostasse. “‘Agora, meus queridos’, disse a velha sra. Coelho certa manhã, ‘vocês podem ir para os

campos ou perto da estrada, mas não se aproximem do jardim do sr. McGregor: seu pai teve um acidente lá; ele virou recheio de uma torta da sra. McGregor.””⁴ Talvez não seja totalmente por acaso que o chefe da comunidade britânica local, em *Dias na Birmânia*, chame-se “sr. Macgregor”.

As fábulas sentimentais de A.A. Milne sobre *O ursinho Pooh* e seus amigos animais vieram em 1920, e novamente foram grandes sucessos de público. Mas, em meio a toda essa ficção antropomórfica, poucos livros estavam tão completamente enraizados no mundo eduardiano da alta classe média como *O vento nos salgueiros*, de Kenneth Grahame, publicado em 1908. Esse clássico da literatura infantil começa com o sr. Toupeira fazendo a meticulosa faxina da primavera de “sua pequena casa”, onde estão pendurados os retratos de Garibaldi e da rainha Vitória, bem como uma gravura de *O infante Samuel*, o famoso quadro de sir Joshua Reynolds feito em 1776 e fartamente reproduzido na Inglaterra do século XIX. Mesmo o eduardiano sr. Toupeira, porém, tinha seus limites. Cansado das tarefas domésticas e atraído pelo dia ensolarado, ele joga de lado a vassoura e exclama: “Que chatice!”⁵ O sr. Toupeira sai da toca para explorar o dia primaveril e logo faz amizade com o Rato, que lhe diz: “Estou achando suas roupas terrivelmente velhas, companheiro ... Algum dia terei um smoking de veludo preto, assim que puder pagar.”⁶ A história acaba com o sr. Toupeira e o Rato, juntamente com seus amigos Texugo e Sapo, atacando e tomando de volta a casa do Sapo, ocupada por doninhas, arminhos e furões.

Esse livro, com sua memorável descrição das alegrias de “ir para cima e para baixo nos barcos” na porção norte do vale do Tâmesa, deve ter evocado em Orwell a sua juventude na mesma região, primeiro como criança em Henley-on-Thames, e mais tarde, poucos quilômetros a leste dali, como estudante em Eton, que margeia o rio, onde passou muito do seu tempo. Por toda a vida ele amou o mundo natural. Observava-o de perto, e maravilhava-se no contato direto com ele, plantando e colhendo, caçando e pescando. “Os sapos têm os olhos mais lindos de todas as criaturas vivas”, ele escreveu durante a primavera de 1946, após a Segunda Guerra Mundial. “São como ouro, ou mais exatamente como as pedras semipreciosas e douradas que vemos às vezes em anéis de sinete.”⁷ Sua

atenção para o mundo natural dava até mais força a seus escritos políticos. O político trabalhista Clement Attlee não era apenas um peixe frio, ele era para Orwell “um peixe morto recentemente, antes de ter tido tempo de endurecer”.⁸

Há ainda, é claro, *A história do dr. Dolittle*. Hugh Lofting era um sapador nas tropas irlandesas durante a Primeira Guerra Mundial que procurava em vão por sinais de humanidade na frente de batalha. *Dr. Dolittle* começou como uma série de cartas para seus filhos. Em um mundo onde os homens viviam como animais, nas trincheiras ou se escondendo em subterrâneos, cercados de ratos e infestados de piolhos, sendo mortos aos milhares, não seriam eles apenas animais falantes? A história infantil foi publicada apenas dois anos após o fim da Grande Guerra.

Todos esses autores pairavam sobre Orwell quando ele começou a escrever um dos livros mais memoráveis de todos os tempos a apresentar animais dotados de fala.

A fábula moral de Orwell

Orwell deu à *Revolução dos bichos* o subtítulo “Uma fábula”. E o livro é isso, mas é uma fábula adulta de (des)encantamento, de violência política e traição de ideais. Como no caso do pai de Pedro Coelho, a utopia encontra problemas quando se aventura jardim adentro. A história se passa na Granja do Solar, em Willingdon, na região leste do condado de Sussex, entre Hastings e Brighton, no sudeste do litoral inglês. A fazenda é gerida pelo sr. Jones, um velho bêbado e negligente com seus animais. Ele vai beber no Leão Vermelho – talvez não por acaso, em *O vento nos salgueiros*, assim se chama o lugar para onde vai o Sapo quando foge.⁹

Insatisfeitos por verem o fruto de seu trabalho usurpado, ao mesmo tempo que são maltratados, os animais começam a resmungar. Após ficarem sem comida por uma semana, eles expulsam Jones das terras, e seus empregados também. Em seguida, a primeira medida dos animais é dar aos presuntos pendurados na cozinha um enterro decente. Eles são liderados por uma figura à la Stálin, o porco Napoleão, que de início coopera com seu rival à la Trótski, Bola-de-Neve. Então, em uma cena que lembra a batalha do clímax de *O vento nos salgueiros*, os humanos fazem uma tentativa de reocupar a fazenda, mas os animais se unem e os derrotam.

Confiante e dedicada ao trabalho, a maioria dos animais demora a perceber quão rapidamente é explorada pelo novo regime suíno. “Os porcos na verdade não trabalhavam, mas dirigiam e supervisionavam os outros”, mandando-os colher feno para então beber todo o leite ordenhado pela manhã.¹⁰ Bola-de-Neve ensina aos animais o lema: “Quatro pernas bom, duas pernas ruim.”¹¹ As ovelhas gostam tanto do lema que o balem por horas a fio, “jamais se cansando dele”. Os porcos logo reservam as maçãs exclusivamente para si, dizendo aos outros que isso é necessário para que possam continuar com suas tarefas de supervisão. Orwell escreveu em seu diário que ele considerava essa cena “o momento de virada da história”.¹² Ele explicou a um amigo que “se os animais

tivessem enfrentado os porcos quando tomaram posse das maçãs, tudo teria dado certo”.¹³

Bola-de-Neve e Napoleão desentendem-se a respeito da possível construção de um moinho de vento, o que leva Napoleão a introduzir um novo elemento: nove enormes cachorros que trabalham só para ele. Os cachorros expulsam Bola-de-Neve da fazenda e voltam para junto de Napoleão. “Não passou despercebido”, relata o narrador anônimo, profeticamente, “que eles balançavam o rabo do mesmo jeito que os outros cachorros costumavam fazer para o sr. Jones.”¹⁴ Napoleão logo decreta terminado o debate público. Quando “quatro jovens porcos” guincham em desaprovação, os cachorros de Napoleão respondem com rosnados ameaçadores.¹⁵

Os porcos então deixam o chiqueiro e mudam-se para a sede da fazenda, onde antes morava o sr. Jones. Eles também começam a vender ovos aos humanos, provocando uma curta rebelião, liderada por três jovens galinhas poedeiras. O castigo das galinhas e suas seguidoras é ficar sem comer, e nove delas morrem. Então os quatro porcos que haviam protestado são acusados de secretamente sabotar a fazenda, em colaboração com o fugitivo Bola-de-Neve. Quando terminam de confessar, os cachorros rasgam suas gargantas. “E assim a história das confissões e execuções continuou, até que houvesse uma pilha de corpos defronte aos pés de Napoleão e o ar estivesse pesado com o cheiro de sangue.”¹⁶

Os porcos descobrem uma caixa de uísque na adega da sede da fazenda e seguem noite adentro cantando. Depois começam a fermentar cerveja, enquanto diminuem a ração dos outros animais, com exceção da guarda canina.

Passam-se os anos e os porcos começam a andar apenas com as patas traseiras. Com isso, as ovelhas mudam o seu canto para “quatro pernas bom, duas pernas melhor!”.¹⁷ Napoleão leva sempre um chicote consigo em seu cavalo trotador. Lá pelo fim do livro, em sua frase mais famosa, os membros da fazenda são avisados: “Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais do que os outros.”¹⁸ Esse é, efetivamente, o epitáfio da revolução dos bichos.

Num gesto que vai ao cerne das preocupações de Orwell sobre o Estado moderno, os porcos começam a revisar sua história. O fugitivo Bola-de-Neve é acusado de não ter jamais sido um herói, mas sim um covarde e aliado dos humanos. Orwell estava refletindo sobre essa tendência havia anos. “A peculiaridade do Estado totalitário é que, embora ele controle o pensamento, não o conserta”, no sentido de fazê-lo duradouro, conforme escrevera em 1941. “Ele estabelece dogmas inquestionáveis, e então os altera a cada dia.”¹⁹

Em tal regime, a realidade é o que quer que o Estado tenha escolhido para aquele dia. Os fatos aceitos mudam e tornam-se apenas uma ferramenta do poder. Assim, em *A revolução dos bichos*, os porcos regularmente revisam, em benefício próprio, as regras da fazenda, e junto com elas os fatos relativos à sua história. Para Orwell, tal comportamento, controlador do passado, do presente e do futuro, era um aspecto essencial do controle por parte do Estado. Mais tarde ele concluiria: “O totalitarismo exige, na verdade, a contínua alteração do passado, e a longo prazo provavelmente exige a descrença na própria existência de uma verdade objetiva.”²⁰ Tal conclusão tornar-se-ia um dos principais temas de seu último livro. Não apenas o futuro pertence aos todo-poderosos, mas o passado também.

Na última cena do livro, os porcos estão dentro da casa jogando cartas e bebendo com os humanos com quem fazem negócios. Napoleão e um dos homens estão roubando no jogo. Os outros animais estão do lado de fora, olhando pela janela. “As criaturas lá fora olhavam do porco para o homem, do homem para o porco, e do porco para o homem outra vez; mas era já impossível dizer quem era quem.”²¹

Trata-se de uma fábula moral, com o stalinismo sendo refletido no espelho distorcido de um parque de diversões. “Claro que, a princípio, eu o imaginava como uma sátira à Revolução Russa”, disse Orwell a seu amigo Dwight MacDonald. “Mas tive de fato a intenção de conceder-lhe uma aplicação mais ampla, na medida em que esse tipo de revolução (violenta, feita mediante conspiração, liderada por pessoas ávidas de poder) só pode resultar numa troca de opressores.”²²

Enquanto escrevia *A revolução dos bichos*, Orwell, à noite, lia seu trabalho em voz alta para a mulher.²³ Esse pode ser um dos motivos de a fábula fluir tão bem. *A revolução dos bichos* também funciona apenas como uma fábula: os porcos espertos que passam boa parte do seu tempo lendo, os cachorros que sabem ler mas acham que é perda de tempo, o gato individualista que, cinicamente, vota dos dois lados quando se está discutindo se as criaturas de duas pernas são o inimigo – uma questão que irritava os pássaros da fazenda. Relendo o livro, pode-se perguntar o quanto ele terá influenciado E.B. White, que, em 1949, quatro anos após *A revolução dos bichos* ser publicado e se tornar um best-seller internacional, começou a escrever *A teia de Charlotte*, sobre um porco muito mais carinhoso e gentil chamado Wilbur e sua amizade com uma aranha esperta chamada Charlotte.²⁴

Essas duas fábulas protagonizadas por suínos falantes constam entre os livros mais vendidos de todos os tempos, juntamente com o *Dr. Dolittle*, de Lofting.

NOS ANOS QUE ANTECEDERAM a escrita de *A revolução dos bichos*, Orwell vira repetidamente quão violento o regime soviético podia ser. O próprio Trótski fora assassinado no México, em agosto de 1940, por um comunista espanhol treinado no NKVD, a polícia secreta soviética.²⁵ O ataque, cometido com uma picareta para alpinismo, cujo cabo fora diminuído para torná-lo mais leve, seguira-se a uma tentativa fracassada de assassinar Trótski com rifles e uma bomba, três meses antes, por outro grupo de veteranos da Guerra Civil Espanhola, supervisionado pelos russos.

Um desertor russo, Walter Krivitski, morrera em circunstâncias misteriosas em fevereiro de 1941, num quarto de hotel em Washington, onde vinha fornecendo informações às autoridades americanas – entre elas, a de que um jornalista britânico na Espanha vinha trabalhando para o NKVD e recebera ordens de assassinar Franco.²⁶ Ele não sabia o nome do jornalista, mas, após o colapso da União Soviética, os arquivos da polícia secreta foram reabertos e confirmou-se que era Kim Philby. Antes de se tornar um diretor da inteligência britânica, Philby havia trabalhado como

correspondente de guerra para o *Times* de Londres durante a Guerra Civil Espanhola, e novamente em 1940, na França, em pleno ataque alemão.^{[27](#)}

Na Espanha, Philby operara por dois anos disfarçado de pró-fascista. Entretanto, quando efetivamente chegou a se encontrar com Franco, o interesse do NKVD havia mudado, e os soviéticos estavam mais preocupados em sufocar a esquerda anticomunista espanhola, incluindo o Poup e seus membros, entre os quais George Orwell.

Krivitski, o desertor soviético morto, fugira após um de seus amigos, Ignace Reiss, ser eliminado por agentes soviéticos na Suíça. O NKVD, havia anos, também mantinha uma campanha de sequestros e assassinatos contra ex-czaristas emigrados para a França. Mesmo hoje em dia, assinala o historiador Christopher Andrew, as pessoas tendem a não “reconhecer a prioridade dada aos assassinatos” na política externa soviética do fim dos anos 1930.^{[28](#)}

Orwell teve surpreendentes dificuldades para publicar *A revolução dos bichos*, em parte devido à intervenção de informantes soviéticos. Ele alertara Victor Gollancz, o editor de esquerda que lançara seus livros de 1933 a 1939, desde *Na pior em Paris e Londres* até *Um pouco de ar, por favor!*, de que ele não gostaria do livro e não o publicaria. Besteira, falara Gollancz, que só dissera não a Orwell uma vez, declinando de publicar *Lutando na Espanha*. Contudo, após ler o novo original, ele rapidamente o devolveu a Orwell, com um bilhete dizendo que o escritor, de fato, havia acertado. Então escreveu ao agente literário de Orwell: “Eu jamais poderia publicar ... um ataque generalizado dessa natureza.”^{[29](#)}

Pelo menos quatro outros editores recusaram o livro, inclusive T.S. Eliot, então editor da Faber, que julgou a história muito trotskista para o seu gosto.^{[30](#)} Ele também achou que os porcos “eram, de longe, mais inteligentes que os outros animais, e portanto mais qualificados para gerir a fazenda”. Outra casa editorial, a Jonathan Cape, inclinou-se pela publicação, mas decidiu abandonar a ideia após ser advertida por Peter Smollett, então o chefe da seção russa no Ministério da Informação britânico, que expressara a preocupação de que o livro pudesse prejudicar

as relações anglo-soviéticas.³¹ Smollett foi desmascarado, anos depois, como um agente soviético recrutado por Kim Philby.

Orwell ficou pasmo com tantas rejeições: “Estou comendo o pão que o diabo amassou para encontrar um editor, embora normalmente não tenha dificuldade em publicar minhas coisas, e os editores até implorem por originais”, escreveu a um amigo em maio de 1944.³² Os editores americanos também não foram solidários: cinco deles rejeitaram o livro antes que a Harcourt Brace comprasse os direitos de publicação nos Estados Unidos, em dezembro de 1945, por 250 libras, e mesmo assim apenas depois que o livro se provara um sucesso na Inglaterra.

Orwell terminou de escrever *A revolução dos bichos* em fevereiro de 1944, mas o livro não seria publicado até agosto de 1945. Ele passou parte desse intervalo escrevendo sua coluna no *Tribune*. Junto com a mulher, adotou uma criança, Richard, em junho de 1944. O bebê, nascido em Newcastle em maio, tinha apenas três semanas de vida e nenhuma roupa. A esposa de Orwell teve medo de não amar a criança, lembrou-se um amigo, mas “no fim Eileen ficou muito feliz em tê-lo, amando-o e orgulhando-se dele”.³³ Mais tarde, quando precisou comparecer diante de um juiz para tornar a adoção definitiva, ela se vestiu com capricho e até comprou um chapéu amarelo para a ocasião.

Não muito tempo após a adoção, o apartamento do casal tornou-se inabitável devido à explosão muito próxima de uma “bomba voadora” V-1, uma versão primitiva de míssil de cruzeiro desenvolvida pelos nazistas. Os dois mudaram-se uma vez mais, para Islington. Embora esteja na moda hoje em dia, servindo de cenário para romances como *Anotações sobre um escândalo*, de Zoë Heller, e *Um grande garoto*, de Nick Hornby, em 1944 o bairro estava bem maltratado e era, comenta um biógrafo, “o tipo de área marginal que Orwell adorava ..., um enclave da classe média baixa no território da classe trabalhadora”.³⁴

Em fevereiro de 1945, Orwell foi para o continente cobrir a fase final da Segunda Guerra para o *Observer*. David Astor lembrou-se: “Ele queria chegar à Alemanha junto com as primeiras tropas que lá entrassem, pois

estava ciente de que, embora tivesse escrito bastante sobre ditaduras, jamais estivera num país subjugado por uma.”³⁵

Não era muito inteligente tentar algo tão arriscado, e Orwell também não era um homem saudável. No fim de março, foi internado num hospital em Colônia. Lá, tratou de escrever “Notas para meu testamenteiro literário”, importante porque nele o escritor descartava dois de seus primeiros romances como “estúpidos novelões”.³⁶ Enquanto estava hospitalizado, Orwell recebeu a notícia de que sua esposa precisaria ser operada, para remover tumores uterinos. Em 29 de março de 1945, antes de ser levada para o centro cirúrgico, Eileen escreveu-lhe um bilhete assegurando-o de que seu quarto de hospital era agradável e tinha vista para o jardim. No dia seguinte, ele recebeu um telegrama informando-o de que Eileen havia morrido sob sedação. Seu enterro realizou-se no dia 3 de abril.³⁷ Esse pode ser o motivo de Orwell ter situado o início de *1984* no dia 4 de abril de 1984 – o início de sua nova e triste vida.

Após o enterro, ele deixou o filho aos cuidados de uma amiga e retornou para o jornalismo na Europa. Na verdade, parece ter produzido muito pouco enquanto estava lá, o que é compreensível. “Não creio que ele tenha visto qualquer coisa particularmente útil”, disse Astor.³⁸ De Paris, no dia 13 de abril, ele escreveu ao romancista Anthony Powell: “Eileen está morta. Ela morreu muito súbita e inesperadamente, em 29 de março, durante uma cirurgia que supostamente não era complicada. Eu estava aqui e não esperava que nada desse errado. ... Não vi os resultados da autópsia e na verdade nem quero vê-los, pois isso não irá trazê-la de volta.”³⁹ Seu silêncio, nesse período, é provavelmente um indício de sua dor. George Woodcock, um poeta e anarquista canadense com quem fizera amizade nos anos 1940, escreveu: “Ele só mencionou uma vez sua primeira esposa, Eileen.”⁴⁰

A revolução dos bichos apareceu na prateleira das livrarias inglesas cinco meses após a morte de Eileen, e apenas três dias após o fim da Segunda Guerra Mundial. Foi publicado por Fredric Warburg. A reação destoou daquela provocada por qualquer livro anterior de Orwell. “Imprimimos tantos exemplares quanto nos permitia a quantidade de papel disponível,

isto é, 5 mil, e eles foram vendidos em um ou dois meses”, disse Warburg. “E então saímos mendigando e conseguimos mais papel, e imprimimos mais e mais e mais. E desde então o livro nunca parou de vender.”⁴¹

Pela primeira vez na vida Orwell sentiu-se um sucesso literário e financeiro. Pôde então pagar, através de um amigo, o benfeitor anônimo que lhe enviara trezentas libras em 1938, e graças a quem pudera passar o inverno no Marrocos, descansando os pulmões. Em um bilhete que acompanhou a primeira parcela, ele pediu desculpas. “Sei que estou começando a pagar depois de muito tempo, mas até este ano eu não era mesmo capaz de fazê-lo”, escreveu. “Apenas recentemente comecei a ganhar dinheiro.”⁴²

Mas estava longe de sentir-se feliz. Não muito tempo depois de *A revolução dos bichos* vir a público, Orwell comprou uma pistola de um amigo, dizendo-lhe recear um atentado comunista contra sua vida.⁴³ Dois especialistas em Orwell, John Rodden e John Rossi, escrevem que seu medo era mais real do que ele podia imaginar. O exame dos arquivos soviéticos após a Guerra Fria revelou que, caso fosse capturado na Espanha, ele estava de fato incluído na lista de execuções.⁴⁴ Dito isto, fora da Espanha, a maioria das vítimas da polícia secreta soviética eram desertores ou russos anticomunistas, então pode ter havido um pouco de paranoia na cabeça de Orwell.

Viúvo recente, ele foi se retirando do mundo, gastando o máximo de tempo que podia no extremo norte da remota ilha de Jura, na costa oeste da Escócia, um lugar longínquo e sem estradas. Mas Orwell sabia que estava solitário, e em suas visitas a Londres propôs casamento a várias jovens, que frequentemente mal conhecia. Ele também sabia que estava doente, e queria garantir que alguém iria cuidar de seu filho, Richard, depois que morresse. Uma amiga, Celia Kirwan, rejeitou sua proposta com gentileza, mas continuou encontrando-se com ele.⁴⁵ Em outro episódio, ele convidou Anne Popham, uma vizinha praticamente desconhecida, para tomar chá.⁴⁶ Ela lembra que ele a convidou a se sentar na cama, abraçou-a e disse: “Você é muito atraente. ... Acha que poderia vir a gostar de mim?” Ela achou aquela estranha abordagem “constrangedora” e saiu de lá, e de perto dele, assim que pôde.

“A política e a língua inglesa”

Orwell também estava refletindo sobre a destruição da linguagem, que seria um dos temas centrais de seu próximo (e último) livro, *1984*. Em dezembro de 1945, após a publicação de *A revolução dos bichos*, enquanto ainda concebia *1984*, ele terminou aquele que é hoje, possivelmente, o seu ensaio mais conhecido, “A política e a língua inglesa”.

A escrita de Orwell normalmente é feita de observação, mas aqui é feita de prescrição. Ele apresenta regras e oferece conselhos. Um escritor cuidadoso, ensina ele, deve se indagar sobre cada frase uma série de perguntas, tais como o que está querendo dizer e que palavras melhor o expressam. Ele deve ser especialmente cuidadoso em relação a imagens insípidas e gastas, incapazes de realmente evocar uma imagem na mente do leitor.

Ele faz uma lista, oferecendo seis regras “elementares”:^{[47](#)}

1. Nunca use uma metáfora, símile ou outra figura de linguagem que esteja acostumado a ver impressa.
2. Nunca use uma palavra longa quando uma curta for suficiente.
3. Se é possível cortar uma palavra, opte sempre pelo corte.
4. Nunca use a voz passiva onde puder usar a voz ativa.
5. Nunca use uma expressão estrangeira, uma palavra científica ou um jargão se puder pensar num equivalente cotidiano.
6. É melhor quebrar alguma dessas regras que falar alguma completa barbaridade.

Qualquer escritor contemporâneo faria bem se colasse essas regras na parede do seu local de trabalho.

Algo menos comentado nesse ensaio é que ele não apenas combate a prosa de má qualidade, ele suspeita de suas motivações. Orwell argumenta que o texto obscuro, enfadonho e cheio dos latinórios é feito dessa forma por um motivo – geralmente, para mascarar o que de fato está acontecendo. “A

linguagem política ... é elaborada de modo a que suas mentiras soem verdadeiras e o assassinato respeitável, e a dar uma aparência de solidez ao que é puro vento.”⁴⁸ Assim, ele escreve, numa das melhores e mais memoráveis passagens em toda a sua obra:

Aldeias indefesas são bombardeadas por aviões, os habitantes são expulsos para o campo, o gado é metralhado, as casas incendiadas por bombas incendiárias: a isso chamam *pacificação*. Milhões de camponeses têm suas fazendas roubadas e são jogados nas estradas apenas com o que podem carregar: a isso chamam *transferência de população* ou *retificação de fronteiras*. Pessoas são aprisionadas por anos sem julgamento, fuziladas pelas costas ou enviadas para a morte em campos gelados de trabalho forçado: a isso chamam de *eliminação de elementos não confiáveis*.⁴⁹

Esse parágrafo funciona bem como uma versão resumida da época vivida por Orwell. Isso é Orwell no auge de seu talento.

CHURCHILL VIA AS COISAS de forma bastante parecida. Ele também ganhava a vida com as palavras, e percebia quando eram mal usadas. “O homem que não sabe dizer o que tem a dizer numa linguagem clara não pode ter nada que valha muito a pena ser escutado”, comentou certa vez.⁵⁰

Como Orwell, Churchill manteve por toda a vida uma vigília contra a má prosa. “Ele mantinha uma guerra contínua contra a verborragia nos documentos oficiais, especialmente os comunicados do Ministério das Relações Exteriores”, lembrou um assistente dos tempos de guerra, sir John Martin.⁵¹ Certa vez, no Natal, presenteou um exemplar do *Dictionary of Modern English Usage*, de Fowler, a um membro da família real, provavelmente a jovem princesa Elizabeth, que logo se tornaria rainha.⁵² E reclamou com seu chanceler sobre como os diplomatas britânicos repetidamente erravam a ortografia de “inadmissível”.⁵³ Quando Anthony Eden propôs, no início da guerra, que as milícias locais se chamassem “Voluntários da Defesa Local”, Churchill mudou o nome para Guarda Nacional, uma forma mais simples e direta.⁵⁴ Churchill também não gostou do nome dado aos “Centros de Alimentação Comunitária”, parte do bem-intencionado plano do Ministério da Alimentação para os tempos de guerra, que julgou longo demais e com um toque socialista. Eles foram rebatizados de “Restaurantes Britânicos”.

Mesmo enquanto supervisionava uma guerra generalizada pela sobrevivência, Churchill parava para dar instruções de redação a seus subordinados. Ele encontrou tempo, no dia 19 de agosto de 1940, em plena Batalha da Grã-Bretanha, para emitir uma diretriz relativa à concisão. “O que se deseja são relatórios que cheguem direto ao ponto em parágrafos curtos e secos”, começou. E então, num trecho que poderia ser tirado de um ensaio de Orwell, forneceu alguns exemplos de irritante verborragia:

Vamos abandonar de vez frases como “É também importante ter em mente as seguintes considerações...”, ou “Deve ser dada atenção à possibilidade de levar a cabo...”. A maioria dessas formulações confusas são apenas recheio, e podem ser deixadas de fora completamente ou substituídas por uma única palavra. Não devemos temer o uso da frase curta e expressiva, ainda que mais informal.^{[55](#)}

Ele até se arriscou a dar conselhos de redação para FDR, dizendo-lhe, em fevereiro de 1944, que “quase sempre é melhor cortar os advérbios, e os adjetivos também”.^{[56](#)} Ao escrever suas memórias, Churchill continuaria sensível ao uso inadequado da língua. Em dada altura, ao citar um memorando da época da guerra sobre os combates no Saara, ele se justifica com o leitor por usar a palavra “impotável”. “Essa era a infeliz palavra que se usava então para ‘contaminada’.” Por isso, ele acrescenta, “peço desculpas”.^{[57](#)}

12. Churchill (e a Grã-Bretanha) em declínio e triunfo: 1944-45

NA FASE FINAL DA GUERRA, tanto Churchill quanto Orwell estavam enfraquecidos.

Churchill passou um almoço inteiro com o compositor e showman Irving Berlin achando que falava com o historiador e filósofo Isaiah Berlin, então servindo na embaixada britânica de Washington. Naquela oportunidade, Irving Berlin encontrava-se em Londres para lançar seu espetáculo *This is the Army*.¹ O primeiro-ministro discutiu o panorama da guerra e as perspectivas de reeleição do presidente Roosevelt com o compositor dos hits “White Christmas”, “Puttin’ on the Ritz” e “God Bless America”. Irving Berlin começou a desconfiar de que havia algum problema de identificação quando o primeiro-ministro dirigiu-se a ele como “professor”, e então ficou taciturno. Depois que o compositor foi embora, Churchill desdenhou: “Berlin é como a maioria dos burocratas. Maravilhosos no papel mas decepcionantes quando você os encontra cara a cara.”²

Foi por volta dessa época que Orwell reparou no enfraquecimento de Churchill. “Churchill, a julgar por sua voz, está bastante envelhecido”, ele escreveu em abril de 1944, quando o Dia D se aproximava.³

A oratória de Churchill tornou-se vaga. O volume com seus “grandes discursos”, organizado por David Cannadine, não traz nenhum do período posterior a fevereiro de 1942 até seus comentários sobre as mortes de Lloyd George e FDR, na primavera de 1945. Há uma lacuna de três anos. A primeira aparição de Churchill no Congresso americano, em dezembro de 1941, havia sido eletrizante; seu segundo discurso, dezessete meses depois, foi correto, minucioso e nada brilhante.

Na segunda metade da participação dos Estados Unidos na guerra, entre 1944 e 1945, a aliança anglo-americana só poderia decair. Churchill

captara essa tendência em Teerã, e isso daria o tom de sua percepção dos últimos dois anos de conflito.

Três pontos de tensão prejudicaram sua relação com os aliados. Os americanos reagiram mal à relutância de Churchill em abrir um segundo front na Europa. Roosevelt pareceu deixá-lo de lado ao longo de 1944, às vezes demorando a responder as mensagens do primeiro-ministro. Isso, em parte, acontecia porque ele era um homem doente. Duff Cooper, que fora ministro da Informação e depois embaixador britânico em Paris, reclamou com a esposa, numa carta de abril de 1944, que as políticas britânicas estavam “algemadas a um velho aleijado e teimoso”, ou seja, ao presidente Roosevelt.⁴ Mas isso acontecia também porque a distância crescia entre os dois. Os americanos simplesmente não precisavam mais tanto dos britânicos. Eles, com efeito, iriam vencer a guerra e conquistar o mundo.

Churchill também sabia que a Grã-Bretanha estava decadente, e recorreu a um truque de ilusionismo retórico quando jurou: “Não me tornei o primeiro-ministro de Sua Majestade para supervisionar o desmantelamento do Império Britânico.”⁵ Ele muito provavelmente sabia que a Grã-Bretanha sairia da guerra como uma sombra do que já havia sido.

Os truques de Churchill estavam desgastados. Em 1944, o general Brooke já não o suportava mais. Em janeiro daquele ano, ele escreveu: “Meu Deus, como estou cansado de trabalhar para ele.”⁶ Um mês depois, deixou escapar: “Muitas vezes me pergunto se estou ficando louco ou se ele é realmente são.”⁷ Em março: “Ele está definitivamente desequilibrado e num estado de espírito perigoso.”⁸ Nesse mesmo mês: “Sinto-me um homem acorrentado à carruagem de um lunático.”⁹

Em junho de 1944, após os desembarques do Dia D na Normandia, Brooke escreveu: “Tivemos uma longa e dolorosa noite ouvindo os delírios estratégicos de Winston.”¹⁰ Em seu diário, ele acusava Churchill de ser “um completo amador em estratégia [que] ... se afunda num pântano de detalhes, com os quais nunca deveria se preocupar, e por conta disso é incapaz de ver o problema estratégico em sua real perspectiva”.¹¹ Sua

derradeira conclusão sobre Churchill foi a seguinte: “Nunca admirei e desprezei tanto, e ao mesmo tempo, um único homem.”¹²

A exasperação de Brooke talvez tenha chegado ao auge após uma reunião em 6 de julho de 1944, quando Londres era atingida por uma enxurrada de bombas V-1 alemãs – que, como já foi dito, chegaram a fazer do apartamento dos Orwell uma de suas vítimas.

Ele estava muito cansado devido ao discurso que havia feito na Câmara dos Comuns, sobre as bombas voadoras, e tentara se recuperar bebendo. Por conta disso, perdeu o controle das emoções, ficou irascível e bêbado, pronto para se ofender com qualquer coisa, suspeitando de todos, e com uma índole vingativa em relação aos americanos. Tão vingativa, de fato, que toda a sua visão estratégica estava viciada. Iniciei uma discussão feia com ele. Ele começou a descontar em Monty pela demora nas operações, e aparentemente Eisenhower também o havia acusado de ser excessivamente cauteloso. Não me contive e perguntei-lhe se não poderia confiar em seus generais por cinco minutos, em vez de maltratá-los e menosprezá-los continuamente. Ele disse que jamais fizera tal coisa. ... Então apresentou uma série de propostas inúteis.¹³

Muito do que Brooke escreveu em seu diário, e que outros denunciariam após a guerra – frequentemente em resposta às autocentradas memórias de Churchill sobre o conflito –, era verdadeiro. O primeiro-ministro britânico demonstrou muitas falhas como líder de guerra.¹⁴ Ele negligenciava a logística. Era incapaz de entender o papel da aviação naval e vários outros aspectos da guerra. Como muitos na Grã-Bretanha, continuava a ver os porta-aviões como os olhos da esquadra, elementos destacados que ajudavam na orientação de cruzadores e encouraçados, e não como o novo braço de ataque da esquadra, substituindo os encouraçados.¹⁵ Ele subestimou o impacto que os submarinos alemães teriam na guerra.¹⁶ Como seus generais, tinha em má conta o poderio militar do Japão, ao mesmo tempo que confiava demais no poder militar britânico na Ásia, especialmente no bastião de Singapura. Em geral, escreveu um pesquisador, “não é injusto dizer que Churchill tinha vários bloqueios de compreensão, se não delírios, sobre o Extremo Oriente, e eles afetavam suas decisões como estadista e sua escrita como historiador”.¹⁷

No início da guerra, ele insistiu em acreditar que a vitória poderia ser alcançada sobretudo bombardeando a Alemanha, e não a invadindo, provavelmente porque era a única teoria plausível de como a Grã-

Bretanha, antes da entrada americana no confronto, poderia vencer. “Quando procuro um jeito de conseguirmos vencer a guerra, só vejo um caminho”, ele escreveu em julho de 1940, “e esse é o ataque absolutamente devastador, exterminador, de nossos bombardeiros pesados sobre a pátria nazista. Precisamos derrotá-los usando esse recurso, sem o qual não vejo outra saída.”¹⁸

Ele tinha sua atenção frequentemente desviada por investidas menores e ataques indiretos, muitas vezes em detrimento do objetivo maior. “Winston adorava estripulias militares”, comentou seu conselheiro para questões de inteligência, sir Desmond Morton.¹⁹ Ele superestimou os benefícios a serem obtidos com a invasão da Itália. Era o principal incentivador por trás do desembarque em Anzio, a sudoeste de Roma, um dos piores atoleiros da guerra para os aliados.²⁰ Fiando-se demais em sua experiência na Primeira Guerra Mundial, não dimensionava o quanto a mecanização das forças militares durante a Segunda Guerra diminuía a importância da infantaria e aumentava a da artilharia e a dos tanques.²¹ Esse ponto cego provavelmente o levou a subestimar quão eficazes os americanos seriam do ponto de vista militar em 1944-45. Seria razoável supor que isso o fazia adiar o desembarque na França, enquanto defendia com vigor mais ataques na periferia do Eixo.

Contudo, nos grandes temas, ele costumava estar mais certo do que errado. Ele sem dúvida acertou mais do que a maioria dos seus subordinados, o que explica o grande valor de seu contínuo questionamento a estes. Olhando em retrospectiva para os dilemas estratégicos da guerra, Churchill filosofava: “O certo é sondar sempre.”²² Ele tinha razão, e muita. Sua persistente inquirição a seus subordinados equivalia a “uma contínua auditoria das decisões dos militares”, escreveu Eliot Cohen, historiador e estrategista americano.²³ Outros líderes em tempo de guerra fariam bem em imitar sua abordagem inquisitiva. Eles não deveriam procurar o consenso, mas examinar as diferenças entre os assessores, pedindo-lhes que explicassem suas divergências. Seria um jeito de revelar inferências que os subordinados talvez tivessem feito sem perceber. Se as reuniões não são contenciosas, provavelmente não são produtivas – em especial as de planejamento. Isso com frequência é desagradável, sobretudo para os assessores, mas é a melhor forma de desenvolver uma

estratégia e de descobrir as fraquezas de alguém antes que o inimigo o faça. A essência da estratégia é fazer escolhas difíceis, decidindo, como disse certa vez Dwight Eisenhower, entre o essencial e o importante. Churchill era excelente nessa tarefa.

Resumindo o pensamento estratégico de Churchill, Cohen concluiu: “Ele via a condução da guerra como grandes blocos de construção, que juntos criavam a estrutura da vitória. São raras as pessoas que pensam dessa forma ou sequer são capazes disso.”²⁴ Mais impressionante, acrescentou Cohen, era o *timing* estratégico de Churchill – primeiro ganhando tempo para fortalecer as forças armadas britânicas e esperar a entrada americana na guerra, então aceitando invadir a Europa em 1944.

A favor de Churchill, é preciso dizer que ele entendia a utilidade de ter alguém como o general Brooke para discutir com ele. Afinal de contas, havia sido Churchill que reparara primeiro em Brooke e o promovera a líder das forças armadas britânicas, função na qual o manteve durante anos. Quando os severos diários de Brooke foram publicados, o médico de Churchill perguntou-lhe se em algum momento pensara em demitir o general. “Nunca”, respondeu Churchill, então fez uma pausa, e repetiu a palavra, “com total convicção”.²⁵

Certa vez, durante a guerra, Churchill disse ao general Ismay, seu assessor militar, ter chegado à conclusão de que Brooke o odiava. “Tenho certeza. Posso ver nos olhos dele.”²⁶

Ismay respondeu: “O chefe do estado-maior geral não odeia o senhor! Ele o ama! Mas nunca lhe dirá que concorda com uma coisa quando não concordar.” Isso era, é claro, essencial para alguém no seu posto.

Nesse momento, Churchill ficou com os olhos marejados. “Querido Brooke!”

À MEDIDA QUE CRESCIA o domínio americano, crescia o ressentimento britânico em relação aos recém-chegados. Enoch Powell é hoje lembrado como um político reacionário anti-imigração dos anos 1960, mas ele teve duas carreiras diferentes e bem-sucedidas antes disso. Quando a Segunda

Guerra Mundial ainda não havia começado, ele fora um dos mais brilhantes especialistas em cultura clássica de seu tempo, famoso sobretudo por seu trabalho sobre Tucídides. Então, durante a guerra, tornou-se um oficial da inteligência militar de grande sucesso, sendo promovido de recruta a brigadeiro. Ao mesmo tempo, desenvolveu um forte antiamericanismo. Em fevereiro de 1943, ele escreveu aos pais: “Vejo crescendo no horizonte um perigo maior do que a Alemanha e o Japão jamais foram ... nosso terrível inimigo, os Estados Unidos.”²⁷ A dada altura, durante a guerra, ele foi treinado em segurança de campo por Malcolm Muggeridge, então servindo como sargento-instrutor, e que mais tarde faria amizade com Orwell, vendo-o com frequência durante os meses em que o escritor definhava na cama.²⁸

Orwell relatou o crescente antiamericanismo que via na Inglaterra. “Tem havido um óbvio crescimento da animosidade contra os Estados Unidos, e isso agora se estende a pessoas que eram antes pró-americanas, como a intelligentsia literária”, ele escreveu.²⁹ A esquerda, acrescentou, começava a entender que “os Estados Unidos são potencialmente imperialistas e politicamente muito atrasados em relação à Grã-Bretanha. Um ditado muito popular hoje diz que se Chamberlain fazia uma política de conciliação com a Alemanha, Churchill a faz com os Estados Unidos.”

No fim de 1944, a revista *The Economist* reaproveitou essa frase, acusando Churchill de perseguir “uma política de conciliação” com os Estados Unidos.³⁰ Em março de 1945, quando já se aproximava a vitória na Europa, John Colville, assessor de Churchill, escreveu em seu diário: “Os americanos tornaram-se muito impopulares na Inglaterra.”³¹

Também os americanos ficaram agastados com a relutância de Churchill em invadir a França e derrotar os alemães diretamente. Como disse Ralph Ingersoll, então um jornalista de esquerda, “os cínicos achavam que, de 1942 em diante, os britânicos estavam gastando vidas russas e dólares americanos, e ficando com os juroos em ambos os casos. Então, qual é a pressa?”³²

Os Estados Unidos dominam a Inglaterra

Mas os ingleses enganavam a si mesmos ao contar com as deficiências americanas, o que os impedia de ver o incrível ritmo de aprimoramento das tropas de seus aliados. Ao final de 1943, o exército britânico já lutava havia quatro anos. Estava cansado. O estoque nacional de soldados se aproximava do fim. Já as forças americanas estavam apenas começando a atingir seu verdadeiro potencial.

No início de 1943, Churchill dissera ao general Brooke que ele, um britânico, seria o comandante supremo da invasão aliada na Europa. Mas, em agosto do mesmo ano, Churchill já aceitara que a força a derrotar os alemães no front ocidental seria predominantemente americana, e então concedeu a FDR o direito de escolher um comandante de seu país.³³ “Temos condições de equiparar o contingente americano com uma força de divisões britânicas em mesmo número, mas, após o ataque inicial, o reforço das tropas terá de vir inteiramente dos Estados Unidos, pois estou no fim extremo de meus recursos humanos”, ele escreveu algumas semanas depois.³⁴

No início de 1944 veio o atoleiro de Anzio, o desembarque nas praias do sudoeste de Roma inspirado por Churchill, mas liderado pelos americanos. A operação logo entrou num impasse, iniciando uma nova rodada de trocas de acusações entre os dois aliados. Os americanos denunciaram a fadiga das tropas britânicas (com razão). Os britânicos, por sua vez, responsabilizaram o excesso de cautela e a incompetência dos comandantes americanos, John Lucas e Mark Clark (novamente, com razão), e a covardia das tropas americanas (nesse caso, sem razão alguma). Na verdade, se havia algum responsável a culpar, esse alguém era Churchill, que concebera a ideia de saltar pela costa italiana e pegar os alemães desprevenidos. A energia e paciência de Eisenhower, que impediu que o fracasso de Anzio azedasse ainda mais as relações no interior da aliança, são testemunhos de sua habilidade.

Os americanos estavam cruzando o Atlântico com uma enxurrada de homens, máquinas e energia. Em meados de 1944, iam ultrapassando os britânicos na eficácia em combate. Os americanos mecanizavam aceleradamente suas forças, tornando-as muito mais ágeis que os soldados britânicos que se locomoviam a pé. Na França, em 1944, quando o marechal de campo britânico Bernard Montgomery duvidou dos planos logísticos do general americano Lawton Collin, dizendo que um corpo militar (isto é, um grupo composto geralmente por três divisões, totalizando mais ou menos 50 mil homens) não poderia ser abastecido usando-se apenas uma estrada, Collins, com alguma arrogância, respondeu: “Bem, Monty, talvez vocês britânicos não consigam, mas nós conseguimos.”³⁵

Os britânicos foram ultrapassados pelos americanos em parte porque superestimaram seus recursos tecnológicos, enquanto subestimaram a agilidade americana. As fábricas britânicas não estavam mais respondendo, e uma das causas para isso era o desdém da aristocracia britânica para com a ciência aplicada. Por muito tempo, observou Orwell, a Grã-Bretanha fora “governada por pessoas de pensamento estreito e profundamente irresponsáveis”, que viam a ciência como algo “vagamente inferior”, pelo qual até “sentiam desprezo”.³⁶

Churchill também percebia essa falha. Em dezembro de 1944, ele escreveu ao seu ministro da Produção sobre a penicilina, então uma nova droga miraculosa. “É desanimador descobrir que, embora ela seja uma descoberta britânica, os americanos já estão muito a nossa frente, não apenas na produção mas também na técnica.”³⁷ E no entanto mesmo Churchill, com toda a sua admiração pelo radar, as armas nucleares e outros engenhos do seu tempo, tendia a negligenciar a ciência britânica em seus escritos históricos. Neles, observou o historiador Ronald Lewin, “a Revolução Industrial mal parece ter acontecido. Tampouco os cientistas, comparados aos soldados e estadistas, recebem menção honrosa. Newton, Faraday, Rutherford e seus pares são ou deixados de lado em silêncio ou ganham umas poucas palavras fortuitas”.³⁸

Em sua negligência, Churchill nem de longe estava sozinho entre os historiadores. Quando vêm da aristocracia, os acadêmicos tendem a

refletir os preconceitos desse pequeno grupo. Os historiadores britânicos, ao longo dos anos, tenderam a um certo ressentimento pela turbulência social provocada pela Revolução Industrial. George Trevelyan, um dos historiadores mais influentes de sua época – ele nasceu dois anos depois de Churchill e, como este, era filho de um político britânico proeminente –, chegou perto de retratar a ciência e a tecnologia como coisas antibritânicas, um ponto de vista estranho para uma nação que duas décadas antes havia aberto caminho para a Revolução Industrial. “A mudança industrial, já na metade do século XIX, estava criando a vulgaridade de massa que em pouco tempo iria fatalmente emporcalhar nosso alto padrão de cultura literária com o advento do jornalismo, a decadência da vida rural e a mecanização da vida”, ele escreveu em *História social da Inglaterra*.³⁹ “A educação científica, quando finalmente chegou, tirou o lugar do humanismo; era inevitável.”

O historiador Correlli Barnett afirmou que, como resultado de tais atitudes entre as elites, a morosidade na aplicação prática das inovações da ciência tornou-se um problema generalizado na Grã-Bretanha do século XX. Examinando a produção dos tanques britânicos durante a Segunda Guerra Mundial, ele concluiu que suas deficiências mecânicas eram “em grande medida culpa de empresas incompetentes em matéria de concepção, desenvolvimento e manufatura”, com os tanques sendo vítimas de “um desenvolvimento apressado, mal feito e rasteiro, carecendo de rigorosa concepção e testes preliminares; exatamente o mesmo padrão calamitoso dos novos modelos britânicos de automóveis após a guerra”.⁴⁰ Essa foi uma razão, ele aponta, de os Estados Unidos, entre 1939 e 1944, terem construído mais tanques para os britânicos do que os próprios britânicos. O desalentador padrão se repetia em uma ampla gama de produtos – caminhões, equipamentos de radar, rádios e, na verdade, quase todas as áreas que envolvessem tecnologia, à exceção da propulsão a jato, em que os britânicos continuavam a ser os melhores. Mesmo nessa área, porém, eles precisavam contar com os Estados Unidos para o fabrico de lâminas e impulsores de turbina que não falhassem sob pressão.

Alguns acadêmicos questionaram a tese de Barnett, mas de forma não muito convincente. O historiador David Edgerton, por exemplo, em um ensaio de 1991, refutou Barnett – mas deixou de responder à sua afirmação

mais importante, segundo a qual o declínio britânico em ciências aeroespaciais, automóveis e tecnologia da informação, evidente e inegável nos anos 1950, já se manifestava durante a guerra, uma década antes.⁴¹

Os ganhos dos Estados Unidos foram humanos, além de tecnológicos. A eficiência do soldado americano em combate melhorou ao longo da guerra, muito mais que a de seus colegas britânicos. Bernard Lewis, mais tarde um famoso historiador, especialista em Oriente Médio, mas que durante a Segunda Guerra Mundial serviu como oficial da inteligência do exército, disse ter duas impressões preponderantes sobre os militares americanos.⁴² A primeira era que eles, de maneira arrogante, recusavam-se a estudar a experiência de combate britânica e, por isso, insistiam em cometer seus próprios erros. A segunda, e mais importante, ele disse, “era a velocidade com que reconheciam esses erros, e concebiam e aplicavam os meios para corrigi-los. Isso ia muito além de qualquer experiência que pudéssemos ter”. Uma das razões para acreditar que os britânicos tinham pouco a ensinar, assinalou Raymond Lee, o adido militar americano, era a petulância dos americanos em pensar, já em 1942: “Os britânicos não tiveram grande sucesso na guerra até aqui; por que deveriam nos dizer o que fazer?”⁴³ Quanto às suas habilidades técnicas, Lee era condescendente: “Os britânicos não são realmente uma raça inclinada à mecânica, e usarão qualquer desculpa para não ter de lidar com alguma coisa nova. Isso, é claro, não é verdadeiro apenas no caso de tanques e aviões, mas no de qualquer outro recurso que ofereçamos a eles.”

Os generais britânicos foram obrigados a prestar mais atenção aos americanos durante os meses que se seguiram ao Dia D, quando estavam sem tropas de reserva e os americanos levavam ao front forças de combate que chegavam a ser três vezes maiores que as britânicas.⁴⁴ Os americanos começaram a reivindicar mais peso nas decisões de guerra, e algumas vezes simplesmente as tomavam sozinhos, sem consultar a Grã-Bretanha.

Churchill “subjugado”

Como de hábito, em 1944, à medida que o fim da guerra se aproximava, Orwell parou para rever sua produção jornalística durante o conflito. “A primeira coisa que tenho de admitir é que, até o fim do ano de 1942, eu estava redondamente enganado em minha análise da situação”, escreveu. “Enfatizei demais o caráter antifascista da guerra, exagerei as mudanças sociais que estavam acontecendo e subestimei o enorme poder das forças de reação.”⁴⁵ Ele não podia saber, ao registrar essas impressões, que apenas sete meses mais tarde um governo trabalhista tomaria o poder e começaria a implementar algumas das grandes mudanças sociais que ele apoiava.

Churchill já não era capaz dessa flexibilidade intelectual, em parte porque estava cansado, mas também porque se via emparedado pelos americanos. No fim do verão de 1944, enquanto os aliados avançavam em direção à Alemanha, os ianques às vezes mudavam de atitude, polidamente considerando os conselhos britânicos, para então descartá-los. “Até julho de 1944, a Grã-Bretanha tinha uma voz importante em todos os assuntos”, Churchill admitiu uma década mais tarde. “Depois disso tenho consciência de que foram os Estados Unidos que tomaram as grandes decisões.”⁴⁶

Churchill compreendeu isso da pior maneira possível naquele verão, quando os americanos repetidamente ignoraram sua enfática oposição à Operação Dragão,⁴⁷ um plano para invadir o sul da França e tomar a direção nordeste a fim de se juntar aos exércitos desembarcados na Normandia. Mais cedo na guerra, ele estivera certo em usar diversionismos, pois a razão mais importante para atacar a periferia nazista era dar aos russos um motivo para continuar na guerra. Em meados de 1944, porém, os aliados estavam fortes o bastante para invadir o coração da Europa. O tempo das ações periféricas havia passado.

Churchill sempre preferira trabalhar com os fatos concretos, pois eles tendiam a fortalecer suas visões estratégicas. Mas agora os fatos estavam contra ele, e aparentemente o primeiro-ministro não sabia o que fazer.

Ele abordou o assunto em suas memórias dizendo que o tema da operação no sul da França “motivou a primeira divergência importante, entre nós e nossos amigos americanos, em questões de alta estratégia”.⁴⁷ Em grande medida, ele não gostava do plano porque este exigia o desvio de tropas do norte da Itália. Isso era irracional de sua parte, pois o front italiano já se provaria um beco sem saída. Mesmo que as linhas alemãs fossem rompidas, o avanço aliado enfrentaria outros alemães, muito bem entrincheirados, nas passagens dos Alpes. Na verdade, Stálin dissera exatamente isso oito meses antes, na Conferência de Teerã, e uma das suas primeiras intervenções foi no sentido de se posicionar fortemente contra o plano. Na visão soviética, ele disse, a Itália “não era um lugar apropriado para se atacar a Alemanha; os Alpes continuam sendo uma barreira quase insuperável”.⁴⁸ Claro, Stálin também talvez preferisse que as tropas aliadas não se deslocassem na região leste da Europa, que ele cobiçava – e logo ocuparia e subjugaria.

Churchill fez uma longa e árdua campanha contra a operação no sul da França, escrevendo tanto a Roosevelt quanto aos assessores do presidente. “Não há dúvida”, ele argumentou, “de que um avanço pelo vale do Reno iniciado no fim de agosto poderia ser facilmente bloqueado e revertido.”⁴⁹ Algumas semanas mais tarde, ele mandou outro telegrama para FDR. “Eu lhe imploro” que cancele a operação, escreveu. Ele também tentou convencer Eisenhower, profetizando que a Operação Dragão se provaria um fiasco semelhante aos desembarques em Anzio, onde as forças aliadas ficaram presas por meses na costa italiana, no início de 1944. “Ike disse não, continuou dizendo não a tarde toda, e terminou dizendo não de todas as maneiras que conhecia na língua inglesa”, escreveu em seu diário o ajudante de campo de Eisenhower.⁵⁰ Churchill então passou a acusar os americanos de terem uma atitude “fanfarrona”, e ameaçou renunciar ao cargo de primeiro-ministro por conta da operação.

Ele nunca chegaria a admitir que a operação no sul da França foi um sucesso. Ela prometia ser um importante ataque ao flanco dos alemães, complicando-os militarmente na França e na Itália. Na verdade, quando os desembarques aconteceram, em meados de agosto de 1944, os americanos enfrentaram uma resistência surpreendentemente pequena, pelo exato motivo de os alemães estarem ocupados longe dali. Em um mês, os

americanos perseguiram as forças alemãs em retirada, da Riviera francesa quase até a interseção das fronteiras da França, Suíça e Alemanha, e então se reuniram ao exército de Patton. Churchill, como Montgomery, talvez ainda precisasse assimilar quão rápido o mecanizado exército americano era capaz de avançar.

Ao contrário da cabeça aberta que tivera no início da guerra, ele agora era petulante e impicante. “Até o momento [a operação] teve efeitos opostos aos pretendidos por aqueles que a conceberam”, ele teimou, equivocadamente, após os desembarques.⁵¹

Mesmo em suas memórias, escrevendo anos depois, ele se recusava a aceitar os fatos concretos. Assegurou que, mesmo a operação logrando abrir portos como Marselha, “eles viriam tarde demais para ajudar. Isso, de fato, foi o que aconteceu, e efetivamente já parecia provável que aconteceria no início de 1944”.⁵²

Na verdade, como os historiadores Williamsom Murray e Allan Millett assinalariam em sua magistral história da Segunda Guerra Mundial, “os americanos estavam certos”.⁵³ Sobretudo, dizem eles, porque a captura dos grandes portos ao sul, de Marselha e Toulon, “provou-se uma bênção logística para o abastecimento das forças americanas em combate na fronteira alemã no outono e no inverno de 1944-45, ainda mais com os aliados não podendo usar o porto de Antuérpia antes de dezembro”. As instalações portuárias de Marselha estavam bastante preservadas, assim como a rede ferroviária até ela, que não fora saturada de bombas na preparação do Dia D, ao contrário das ferrovias do norte da França. Um quarto de todos os recursos aliados na Europa ocidental, em 1944-45, viriam pelo sul da França, chegando então rapidamente ao front, em estradas de ferro em bom estado.⁵⁴ Por volta de dezembro de 1944, os aliados deslocavam 501 mil toneladas britânicas de carga por mês, por Marselha e portos vizinhos, duas vezes a tonelagem total dos portos franceses ao norte.⁵⁵ Claro, Churchill tendia a fraquejar nos cálculos logísticos, talvez uma razão a mais para a Antuérpia ter continuado em poder alemão por tanto tempo.

Sua implicância com a Operação Dragão também pode ter lhe custado uma oportunidade. O verão de 1944 foi uma época em que sua grande inteligência poderia ter passeado por outros vastos pedaços do mundo pós-guerra. Por exemplo, havia alguma coisa a ser feita para enfrentar o provável domínio russo da Europa Oriental? Ou um ponto mais específico: o que podia ser feito para ajudar os poloneses? Essas eram perguntas dignas de suas capacidades. Mas talvez fossem tão vastas, tão difíceis, que em vez disso ele escolheu focar suas energias no tema secundário do desembarque na França.

À medida que o mundo pós-guerra se esboçava, Churchill se entristecia, caindo numa de suas fases sombrias que ele tornou célebre ao batizar de “o cão negro”.⁵⁶ O primeiro-ministro disse à amiga Violet Bonham Carter, num almoço em 1944, que no seu entender “um mundo horrível nos espera à frente”.⁵⁷ Ela refletiu em seu diário aquela noite: “W. deu-me a impressão de ser um homem muito cansado. ... Acima de tudo, não vi a euforia que esperava diante da vitória iminente.”

Algumas semanas depois, ele anunciou ao médico: “Não acredito nesse admirável mundo novo.”⁵⁸

O homem que antes mergulhara nos detalhes da guerra, e fundo, agora parecia às vezes entediado com o assunto. Na Conferência de Quebec, em setembro de 1944, ele estava no banho enquanto um de seus assistentes tentava pô-lo a par dos planos para as zonas de ocupação da Alemanha. O assistente ficou surpreso em vê-lo escorregar para dentro d’água algumas vezes, ficando “surdo para algumas informações”.⁵⁹

Os britânicos frequentemente reagem à sua perda de poder com mau humor. Numa reação infeliz, o general Brooke, no outono de 1944, defendeu a tese de que o esforço aliado foi limitado por “dois fatores principais ... a) estratégia americana e b) organização americana”.⁶⁰ Isso não era apenas implicância, era uma visão distorcida das realidades no campo de batalha. Para resolver os problemas que enxergava, sua recomendação era que “nós precisamos tirar o controle das mãos de Eisenhower”.⁶¹ O próprio fato de acreditar que tal lance fosse possível já mostra que Brooke simplesmente não entendia a balança de poder entre os

dois países. Outro sinal de quão pouco ele entendia os americanos é uma anotação sobre Eisenhower que Brooke escreveu para si mesmo por volta dessa época. O sucesso na ofensiva aliada sobre a Alemanha, ele acreditava, “só depende de como Monty irá manobrá-lo”.⁶² Brooke parecia ignorar completamente que Eisenhower desprezava Montgomery, não confiava em seu julgamento militar, ressentia-se de seu fracasso em abrir o porto de Antuérpia, achava que ele não entendia o modo de operar dos americanos e logo contemplaria seriamente sua remoção – uma medida que estava ao alcance de Eisenhower. No fim, foi Ike que manobrou Monty, e não o contrário.

Tal acidez não era incomum nas semanas e meses que se seguiram ao Dia D. Em outubro de 1944, o tenente-general sir Henry Pownall, um oficial britânico sênior na Ásia, escreveu em seu diário que os Estados Unidos eram “uma nação muito rústica, imatura e sem educação, sem código de boas maneiras”.⁶³ Significativamente, Pownall mais tarde ajudaria Churchill a escrever os seis volumes de suas memórias da guerra, mas não parece ter mudado muito sua descrição das relações anglo-americanas.

Lá pelo início de 1945, Brooke, o principal assessor militar de Churchill, julgou-o “muito envelhecido, divagando em seus pensamentos e com os olhos sempre úmidos”.⁶⁴ Churchill, de fato, estava exausto física e mentalmente.

A velha ordem chegava ao fim. Em fevereiro, Churchill encontrou-se com Roosevelt pela última vez, a bordo do *USS Quincy*, no porto de Alexandria, no Egito, logo após a Conferência de Ialta. “Senti que seu contato com a vida estava frágil”, escreveu Churchill.⁶⁵ Dois meses depois, FDR estava morto.

Inexplicavelmente, Churchill, que viajara tanto e com tanta mobilidade durante a guerra, decidiu não participar dos funerais de Roosevelt, citando como razão as demandas do trabalho governamental. A explicação não é crível, dada a sua milhagem global durante a guerra. Ele parece ter pensado que, após cinco anos prestando reverência aos americanos, era a hora de eles virem render suas homenagens. “Creio que seria uma boa ideia se o presidente Truman viesse até aqui”, ele escreveu em sua

justificativa ao rei por ter desistido da viagem.⁶⁶ Então, a despeito das alegadas urgências de trabalho, partiu para um fim de semana no campo, e dançou uma valsa vienense com a filha com tanto entusiasmo que ficou tonto, disse “Pare” e cambaleou até uma cadeira.⁶⁷ Nessa época, um membro do Parlamento que se encontrou com Churchill achou-o “espantosamente pouco emocionado” com a morte de FDR.⁶⁸

O médico de Churchill, Charles Wilson, suspeitava que, na verdade, Churchill desde sempre julgara FDR um pouco chato. “As preocupações constitutivas de Roosevelt – refiro-me à sua preocupação com os problemas sociais e os direitos do homem comum – não encontravam ressonância em Churchill. A guerra era tudo que tinham em comum.”⁶⁹ Segundo Wilson, era Stálin que despertava a curiosidade de Churchill, “um tipo que Winston nunca encontrara antes; ele o interessava, embora fosse impiedoso e rude. ... O homem capturou sua imaginação”. Churchill disse a Wilson, em 1947, que Roosevelt era um homem “completamente vazio de ideias”.⁷⁰

Roy Jenkins, em sua biografia de Churchill, chegou a uma conclusão similar. “É provável que a ligação emocional entre Churchill e Roosevelt nunca tenha sido tão grande quanto se imaginou”, ele disse. “Era mais uma parceria de circunstância e conveniência que uma amizade entre dois indivíduos.”⁷¹

Tal avaliação pode ser um pouco injusta. A relação entre os dois não era uma amizade comum, e não deve ser julgada nesses termos. Ao contrário, era uma ligação surpreendentemente próxima entre dois líderes mundiais durante anos de crise. Eles devem ter enxergado algum ponto em comum. O que acontece quando dois monologistas colossais se encontram? Talvez eles parem e prestem atenção um no outro. Como escreveu Robert Sherwood, o biógrafo de Harry Hopkins: “Churchill era uma das poucas pessoas que faziam Roosevelt ouvir com atenção, e vice-versa.”⁷²

Alguns no círculo de Churchill chegaram a concluir que, na verdade, o primeiro-ministro subestimava o presidente, e por isso acabaria sendo manobrado por ele. Sir Desmond Morton, um consultor de longa data de Churchill, acreditava que sua parcial ascendência americana “cegara-o

para o fato de que Roosevelt desejava derrubar o Império Britânico – tarefa em que teve sucesso”.⁷³

Tal visão tem pouca base histórica. O Império Britânico começara a declinar muitas décadas antes de FDR entrar em cena. A Grã-Bretanha perdera sua hegemonia industrial no fim do século XIX, tornara-se carente de mão de obra graças às lutas na Primeira Guerra Mundial, e então gastou o resto de seu dinheiro na Segunda Guerra.

Além disso, suas indústrias iam lentamente estrangulando a si mesmas. Administradas por herdeiros mais preocupados em raspar os dividendos que investir em maquinário e outros recursos, “as empresas britânicas eram incapazes de adotar a tecnologia moderna e de comprovada eficiência”, concluiu o historiador do setor empresarial Alfred D. Chandler Jr.⁷⁴ Por consequência, a excelente pesquisa universitária britânica não fazia a passagem para dentro das fábricas. A Grã-Bretanha liderara a primeira Revolução Industrial, movida a carvão e vapor, mas ficou de fora da “Segunda Revolução Industrial”, no final do século XIX e início do século XX, movida a petróleo, indústria química, eletricidade, eletrônicos e maquinário leve, como os automóveis. Ao final da década de 1940, ela não teria nem um império nem uma economia capazes de competir com as outras duas maiores potências. Como afirma Correlli Barnett, a realidade era que, ao fim da Segunda Guerra Mundial, os britânicos “já haviam montado o pano de fundo para a queda da Grã-Bretanha no pós-guerra para o quinto lugar entre as potências industriais do mundo livre, com uma produção de manufaturados que representava apenas dois quintos da obtida na Alemanha Ocidental”.⁷⁵ Curiosamente, Barnett foi, de 1977 a 1995, o guardião dos arquivos de Churchill na Universidade de Cambridge.

A única coisa que energizava Churchill nesse momento da guerra eram suas visitas ao front. Em março de 1945, ele ficou exultante por estar numa ponte sobre o Reno, na Alemanha. O general William Simpson, um discreto texano que tem sido injustamente esquecido entre os comandantes americanos mais graduados, alarmou-se: “Primeiro-ministro, há franco-atiradores à sua frente, eles estão atirando nos dois lados da ponte, e agora começaram a atingir a estrada atrás do senhor. Não posso aceitar a

responsabilidade da sua presença aqui e devo pedir-lhe que venha se proteger.”⁷⁶ Churchill reagiu com petulância, agarrando-se a uma ferragem danificada da ponte e olhando para Simpson com raiva. Mas, após se permitir essa bravata, deu o braço a torcer e afastou-se do perigo sem reclamar. Como indicam episódios assim, havia nele, observou Violet Bonham Carter, uma “infância eterna”.⁷⁷ Podemos também nos perguntar se Churchill, de alguma forma, reconhecia haver pouco mais neste mundo que ele pudesse fazer, de modo que talvez ser morto nas linhas de combate ao final da guerra fosse uma bela maneira de partir.

Churchill tropeça no fim da guerra

Mas até que ponto foi a decadência de Churchill? Bem considerável, na época em que teve de ser retirado daquela ponte. Como confirmação, basta seu último grande discurso durante a guerra europeia, feito em 13 de maio de 1945. Seu desempenho nunca fora tão ruim. Fazia exatamente cinco anos desde que ele pronunciara o maravilhoso discurso “sangue, luta, lágrimas e suor”. Ele não conseguia mais atingir os píncaros da oratória que havia alcançado antes.

No discurso de maio de 1945, ele começou: “Após a ocorrência de vários episódios, tornou-se claro na semana passada que, até aqui, as coisas funcionaram bem.” Ele soava muito distante.

Então, nessa ocasião histórica tão importante, ele faz uma digressão desnecessária sobre o governo neutro da Irlanda e o presidente Éamon de Valera. “Com uma contenção e um equilíbrio para os quais, eu digo, a história encontrará poucos paralelos, o governo de Sua Majestade jamais usou de violência sobre eles [os irlandeses], embora em certos momentos isso pudesse ter sido bem fácil e natural, e deixamos o governo de De Valera flertar livremente com os alemães e, mais tarde, com os representantes japoneses.”⁷⁸

Ao longo da guerra, um dos trunfos de Churchill fora estar sempre à altura da situação, moral e emocionalmente, mas nessa significativa ocasião ele falhou por completo nisso. Seu amargo parêntese sobre um pequeno vizinho neutro, tão violentamente oprimido pela Inglaterra, não era material para o discurso de um grande líder britânico, ao celebrar a vitória europeia que iria determinar o futuro do mundo. Suas palavras erráticas sugerem que estava improvisando. Na verdade, Churchill talvez tenha tido motivos íntimos para agradecer De Valera. Os britânicos haviam desejado, no início da guerra, montar bases de caça a submarinos, com aviões e navios, na Irlanda. Alguns historiadores calculam que, se tivesse negociado melhor, o governo irlandês talvez conseguisse o controle da Irlanda do Norte em troca de permitir a existência das bases e aderir ao

esforço de guerra inglês. Naquele momento, Churchill provavelmente estava irritado com De Valera, que, respeitando as gentilezas diplomáticas, duas semanas antes, enviara as condolências do governo irlandês à Alemanha, pela morte de Hitler.

Ao se aproximar da conclusão desse estranho discurso e olhar para o futuro, Churchill recuperou algum equilíbrio. Em uma passagem que soa um pouco como George Orwell, ele fez um alerta: “No continente europeu, ainda temos de nos certificar de que os simples e honrosos propósitos pelos quais entramos na guerra não sejam postos de lado ou ignorados nos meses seguintes à nossa vitória, e que palavras como ‘liberdade’, ‘democracia’ e ‘liberação’ não sejam desviadas de seu verdadeiro sentido, tais como sempre as entendemos.”⁷⁹ Ele logo retornaria a esse tema em seus discursos em Londres e no Missouri, nos quais alertou sobre “uma cortina de ferro” dividindo a Europa, atrás da qual as pessoas eram obrigadas a temer “as batidas da polícia em suas portas”.⁸⁰

A digressão sobre a Irlanda também mostrava o quanto o enquadramento mental de Churchill estava mudando com a aproximação do fim da guerra. Ele parecia sentir que podia, mais uma vez, soltar as rédeas de seus instintos divisivos. No mês seguinte, avisando sobre os perigos de um novo governo do Partido Trabalhista, ele se permitiu uma retórica mais extravagante. “Nenhum governo socialista, na condução de toda a vida e indústria de um país, poderia permitir expressões públicas de descontentamento que se manifestem com palavras livres, agudas ou violentas. Eles teriam de regressar a alguma forma de Gestapo.”⁸¹ Esse era um jeito inesperado e tolo de questionar os líderes do Partido Trabalhista, com quem ele passara a guerra num governo de coalizão e que, no fundo, o ajudaram a se tornar primeiro-ministro em 1940, quando negaram apoio a Neville Chamberlain. Eles o haviam tratado melhor do que muitos Tories. Nas eleições seguintes, Muggeridge escreveu, “Churchill descartou a condição de liderança nacional, que ele tão merecidamente conquistara, em troca da liderança partidária, à qual não se ajusta tão bem, e que caiu tão mal nele”.⁸²

Ainda assim, Orwell achava que Churchill iria vencer as eleições. “Eu predisse todo o tempo que os conservadores iriam vencer por uma estreita

maioria”, ele escreveu algumas semanas antes da votação, “e mantenho minha opinião, embora não com a segurança de antes, pois a onda está crescendo muito na direção contrária. É inclusive concebível que os trabalhistas vençam as eleições a despeito da vontade de seus líderes.”^{[83](#)}

As lágrimas de Winston Churchill

Para Churchill, a guerra terminaria, como começou, com lágrimas. Em maio de 1945, com Hitler morto e a Alemanha subjugada, Churchill apertou a mão de cada um dos membros de seu Conselho de Guerra. “Ele agradeceu a todos nós polidamente, e com lágrimas nos olhos, por tudo que tínhamos feito durante a guerra e pela montanha de trabalho que havíamos feito ‘de El Alamein até o momento a que logramos chegar’”, escreveu Brooke.

Depois de oferecer, em maio de 1940, sangue, luta, lágrimas e suor, Churchill certamente honrou a promessa nos três últimos quesitos. É provável que nenhum outro líder do mundo moderno tenha chorado em público com a mesma frequência com que Churchill chorou enquanto era primeiro-ministro. Isso é notável, sobretudo, por ter ocorrido, como destacou Simon Schama, numa “cultura que encarava a demonstração de tais sentimentos como uma grave deselegância”.⁸⁴ Ele chorava com frequência – não apenas em cerimônias melancólicas ou momentos de dor pessoal, mas em conversas e discursos públicos. É possível dizer que isso era um elemento essencial de seu estilo de liderança, espetacularmente antibritânico e portanto mais espantoso num líder britânico. É claro, isso também refletia sua curiosa falta de separação entre os âmbitos público e o privado.

Certa vez, voltando do Marrocos à Grã-Bretanha ainda convalescente de uma pneumonia, Churchill mal havia sentado em sua amada Câmara dos Comuns “quando duas grossas lágrimas desceram pelo seu rosto”.⁸⁵ Ele podia até emocionar a si próprio enquanto discursava. “Ele ficava alguns minutos andando pelo ambiente e testando o impacto das frases em si mesmo”, lembrou-se um de seus secretários. “Às vezes sua voz ficava embargada de emoção, e eventualmente uma lágrima acabava escapando.”⁸⁶ Outra vez, ao explicar para o general Brooke o quanto era estressante ser primeiro-ministro em tempo de guerra, Churchill começou a chorar. “As lágrimas rolavam pelo seu rosto”, registrou Brooke.⁸⁷

Sua tendência a chorar em público talvez fosse um sinal da pressão sob a qual se encontrava. Ainda assim, não era uma fraqueza política, mas uma força. O povo da Inglaterra sofreu durante a guerra. Algo em torno de 67 mil civis britânicos foram mortos no conflito, por bombas e mísseis, e pelos incêndios e desabamentos que provocavam, no que era, genuinamente, um “front doméstico”.⁸⁸ Ao olhar para Churchill, todos podiam ver que seu líder era um homem emotivo. Isso não era algo banal em uma nação com tanta distância e desconfiança entre as classes.

Dito isto, muitas das lágrimas de Churchill podem ter sido derramadas tendo ele próprio em mente, ou seus próprios objetivos. Ele sabia que, sem sentir a emoção, não emocionaria aqueles à sua volta. “O orador é a encarnação das paixões da massa”, ele afirmou num ensaio de juventude, não publicado, intitulado “Os andaimes da retórica”, escrito em 1897.⁸⁹ “Antes que faça rolar as lágrimas alheias, as suas próprias devem correr. Para convencer os outros, ele mesmo deve acreditar.”

O que todas essas lágrimas significavam? Sir Desmond Morton, que foi próximo de Churchill durante a guerra e depois se tornou um ácido crítico, acabou se convencendo de que o homem amava muito mais o poder do que o povo, e na verdade era absolutamente destituído de empatia. “Winston simplesmente jamais parou para pensar no esforço que os outros faziam por ele”, escreveu. “Era incapaz de entrar na mente de qualquer pessoa diferente.”⁹⁰ Um aliado e ajudante chegou a uma conclusão parecida, escrevendo que “‘não terás outros deuses além de mim’ foi sempre o primeiro, e mais importante, de seus mandamentos”.⁹¹ Mas essa não era uma característica de todo ruim para Churchill, acrescentou. “Nenhum homem sem uma dose de despotismo em seu caráter conseguiria enfrentar Hitler.”

Aprofundando o paradoxo, o egoísmo essencial de Churchill pode ter sido um vício necessário para um líder em tempo de guerra. Um homem com mais empatia poderia ser triturado pelas emoções e pressões, durante anos seguidos, da guerra global.

Duas visões da morte em Potsdam

Em julho de 1945, Churchill deixou Londres para participar da última conferência conjunta da guerra, em Potsdam, na Alemanha. Lá os americanos informaram aos britânicos que haviam testado, com sucesso, a bomba atômica. Churchill, abismado, começou a meditar em voz alta sobre como a nova arma podia alterar o fim da guerra, e até ajudar a conter os russos. Brooke, tipicamente, desmereceu as notícias, vendo-as apenas como novos “exageros americanos”.⁹² Ele temia, em seu diário, que Churchill fosse longe demais ao avaliar as implicações da nova era nuclear. “Tremo só de pensar que ele esteja permitindo que os resultados ainda crus de uma experiência ditem toda a sua perspectiva diplomática!” Essa era a visão de um homem convencional, incapaz de discernir o significado de longo alcance das súbitas mudanças. O talento de Churchill era fazer justamente isso.

No mesmo dia da explosão nuclear americana, 16 de julho, Churchill viajou até Berlim para conhecer o bunker de Hitler, inclusive o quarto onde o Führer supostamente morreu.⁹³ Oito dias depois, num pesadelo, ele próprio se viu jogado num necrotério. E disse a seu médico: “Eu vi – era muito real – meu corpo sob um lençol branco, numa mesa, em um quarto vazio. Reconheci meus pés descalços saindo pela outra ponta do lençol.”⁹⁴

O sonho premonitório foi preciso. No dia seguinte, Churchill sofreu uma morte política, quando ele e seu partido perderam as eleições nacionais de lavada. Era um espantoso repúdio, ser expulso do governo mesmo antes de a Segunda Guerra Mundial chegar ao fim no Pacífico. “Churchill representava o Império Britânico, a independência britânica e uma visão ‘antissocialista’ da Inglaterra”, conclui o historiador John Charmley.⁹⁵ “Por volta de julho de 1945, o primeiro estava perdido, a segunda dependia somente dos Estados Unidos e a terceira foi apagada do mapa com a vitória trabalhista nas eleições.”

E assim, pela primeira vez em seis anos, Churchill precisou encontrar um lugar para morar em Londres. Foi uma virada de mesa devastadora para

quem havia acabado de liderar seu país em uma vitória. A Grã-Bretanha não fora conquistada e continuava sendo uma democracia. Isso equivale, até hoje, a um memorável triunfo duplo. Como concluiu o historiador Williamson Murray: “Sob a liderança de Churchill, a Grã-Bretanha sobrevivera com seus valores quase intactos, uma realização monumental considerando a situação que o país enfrentara em junho de 1940.”⁹⁶

^h No original, “Operation Dragoon”. Entendida como um substantivo, a palavra *dragoon* refere-se a um tipo de soldado da cavalaria montada europeia, o “dragão”; contudo, entendida como um verbo, significa “render”, “dominar” ou “subjugar”. No subtítulo, o autor faz um jogo de palavras, usando “Churchill ‘Dragooned’”, aqui traduzido como “Churchill ‘subjugado’”. A operação militar é tradicionalmente chamada de “dragão” em português. (N.T.) ↵

13. A vingança de Churchill: as memórias da guerra

FERIDO E ENERVADO PELAS eleições de 1945, Churchill, como Orwell, recolheu-se no campo. Mas ele não foi para as Hébridas Interiores. Em vez disso, entocou-se em sua casa de campo nas suaves montanhas verdejantes ao sul de Londres, para escrever seu relato da guerra.¹ Pelos oito anos seguintes, ele e sua equipe de pesquisadores e escritores produziram uma montanha de um 1,9 milhão de palavras, impressas nas 4.823 páginas de seis volumes. Nelas, Churchill arrogaria para si o centro do palco no maior conflito que o mundo jamais vira. E, diferentemente de tantos outros memorialistas políticos, daria livre curso a suas poderosas emoções, um dos motivos de os livros serem legíveis na época – e até hoje.

Isso não quer dizer que elas fossem inteiramente precisas. Na verdade, livros inteiros já foram escritos detalhando seus erros, exageros e omissões. No entanto, as memórias continuam sendo cativantes por vários motivos. Elas são, antes de tudo, o único relato da Segunda Guerra Mundial feito por um de seus líderes mais importantes.² Nelas, Churchill se coloca como um antigo rei grego relatando seu papel central numa guerra homérica. “Eu estava agora bastante satisfeito com as principais decisões que o Almirantado ia tomando”, ele se lembra em dada altura, evitando o crime de lesa-majestade apenas pelo uso da primeira pessoa do singular.³ Ele às vezes empregava essa fórmula régia durante a guerra, como certa vez, ao escrever para a Marinha Real, “Estou muito inquieto diante desses fatos”, referindo-se às perdas britânicas causadas pelos ataques dos U-boats.⁴ Sua prosa até adquire um toque de Homero aqui e ali, como quando descreve o general Bedell Smith, o chefe de gabinete de Eisenhower, chegando “com asas velozes de seu quartel-general”.⁵

Mas há uma tensão crucial entre os eventos da guerra e o relato que faz deles. A performance de Churchill durante a guerra fora triunfante, e ele terminara, é claro, vencedor. No entanto, ao sentar-se para escrever suas

memórias, ele o fez com o crescente entendimento de que a Inglaterra já não era um império, e talvez nem mesmo uma grande potência. Ela estava cansada, relativamente pobre e sendo surrada na competição econômica. Suas melhores esperanças estavam em ocupar uma desagradável segunda fila, atrás dos arrivistas que sentavam na frente, os políticos desastrados e os generais arrogantes do novo-riquismo americano, e tentar guiá-los pelo caminho da sabedoria.

Volume 1: *A aproximação da tempestade*

Os historiadores podem questionar a confiabilidade de suas memórias, e devem fazê-lo. É importante saber, por exemplo, que Churchill não recordava ter conhecido Franklin Roosevelt num jantar em Londres, em 1918, mas no volume *A aproximação da tempestade* ele alega que nesse encontro “eu ficara impactado com sua magnífica presença”.⁶ (FDR tinha uma lembrança bem diferente; certa vez, amaciando Joe Kennedy, contou-lhe que jamais “gostara dele [Churchill], desde que fui à Inglaterra em 1918. Ele agiu como um estraga-prazeres no jantar de que participei, querendo mandar em todo mundo”).⁷

As memórias de Churchill podem não ser história no sentido tradicional, mas são uma leitura memorável. Especialmente seus primeiros volumes. A voz de Churchill, perceptível, atravessa as brumas da guerra. Ele é capaz de condensar uma imagem em uma frase curta, como quando se refere às “asas rasgadas”⁸ da derrota, que batiam sobre a Alemanha no período entreguerras. Ele escreve com aguda noção de ritmo, às vezes tão grande que sua prosa pode adquirir o tom reconfortante de um adulto lendo em voz alta para uma criança: “O Reno, o largo, fundo, correção Reno, uma vez dominado e fortificado pelo exército francês, serviria de barreira e escudo, atrás do qual a França poderia viver e respirar por gerações. Muito diferentes eram os sentimentos e a visão do mundo anglófono.”⁹ Seus erros estilísticos são aqueles do excesso. Com floreios, ele escreve que, durante os anos 1930, os ingleses satisfaziam-se com “etéreas e pias platitudes, enquanto os inimigos forjavam suas armas”.¹⁰ Ele nunca emprega uma palavra onde duas poderão produzir alguma aliteração melíflua, escrevendo, por exemplo, que o período anterior à guerra fornecia “um retrato da presunção e da frouxidão britânicas”.¹¹

Mas, na maior parte do tempo, a mão de Churchill é resoluta e firme ao escrever, especialmente no primeiro e mais pessoal dos seis volumes. A ascensão de Hitler foi ajudada pela “truculenta e onipresente figura de

[Alfred] Hugenberg, o magnata dos negócios”.¹² A Alemanha dos anos 1930 seria “liderada por um punhado de bandoleiros triunfantes”.¹³

Ele não se apressa em desenrolar o pergaminho de sua saga. Enquanto um historiador acadêmico talvez se limitasse a dizer que a indústria alemã entrou em compasso de guerra em 1936, Churchill pinta o quadro completo, escrevendo: “As fábricas de munição alemãs trabalhavam a todo vapor. As rodas giravam e os martelos desciam dia e noite na Alemanha, tornando seu parque industrial um arsenal e fundindo toda a população em uma disciplinada máquina de guerra.”¹⁴

Ele delineia bem seus personagens principais. Como primeiro-ministro, Neville Chamberlain “era alerta, opiniático, tinha um estilo empresarial e níveis muito elevados de autoconfiança. ... Sua ambição, mais do que tudo, era passar para a história como o Grande Pacificador; e por isso ele estava preparado para lutar sempre ao arrepio dos fatos, e a correr os riscos por si próprio e pelo país”.¹⁵ Adolf Hitler, que espatifou tal ambição, é mostrado como “um gênio demoníaco, catapultado dos abismos da pobreza, inflamado pela derrota, devorado pelo ódio e o desejo de vingança, e convulsionado por seu plano de transformar a raça germânica em senhora da Europa e, quiçá, do mundo”.¹⁶

Ele tem boa verve para descrições, injetando-lhes uma poderosa fisicalidade. Não apenas escreve que pela primeira vez desde Guilherme, o Conquistador, a Inglaterra corria o risco de ser invadida, como diz: “Havia quase mil anos desde que a Grã-Bretanha vira as fogueiras de um exército estrangeiro em seu território.”¹⁷

Ele descreve os homens dos esquadrões UXB britânicos – soldados especializados em se enfiar em buracos para desarmar bombas alemãs que não haviam explodido – como tendo rostos diferentes dos outros homens. “Eles eram esqueléticos, emaciados, seus rostos tinham algo de azul, com olhos claros e brilhantes, e uma excepcional compressão dos lábios. ... Ao escrever sobre nossos momentos mais difíceis, corremos o risco de abusar da palavra ‘soturnos’. Ela deveria ser reservada para os esquadrões UXB antibombas.”¹⁸

Como escritor, Churchill tinha uma vantagem a que poucos historiadores podem almejar: ele sentira na carne a emoção de cada evento, e assim é capaz de trazer o leitor para dentro deles. Por exemplo em seu relato do almoço com Von Ribbentrop, já discutido no capítulo 4, o então embaixador alemão em Londres. Ele conclui sua evocação do homem recordando que, pouco tempo depois, teve outro almoço com o diplomata. Aquela vez, observa ironicamente, “foi a última em que vi Ribbentrop antes de ele ser enforcado”.^{[19](#)}

Também ao contrário dos historiadores, Churchill com frequência é um escritor emocionado, sobretudo nos primeiros dois volumes, os melhores dos seis. À participação polonesa no desmembramento da Tchecoslováquia em 1939 – um papel vergonhoso hoje bastante esquecido – ele chama de um ato digno de “hienas”.^{[20](#)}

Volume 2: *Seu melhor momento*

Os sete meses de 1940 em que foi primeiro-ministro, começando a partir de maio, foram o ponto mais alto da vida de Winston Churchill, como já vimos. O primeiro volume é talvez mais bem escrito, mas a história no segundo é igualmente cativante, e até mais intensa. Pode-se dizer que, durante 1940, Churchill salvou a Inglaterra. Sem dúvida, ele liderou o esforço de breca a dominação nazista da Europa. Era uma época em que a Alemanha aliara-se à Itália e ao Japão e estava em paz com a Rússia. “Nada supera 1940”, ele escreve nesse volume, ao qual intitulou *Seu melhor momento*.²¹ Mas, é claro, esse foi também o melhor momento dele.

Embora nunca o diga explicitamente, a queda da França foi um choque que o deixou quase sem palavras, e mais chocada ainda ele ficou diante do comportamento dos líderes franceses. No entanto, o pior ainda estava por vir. “A Batalha da França estava perdida. A Batalha do Atlântico agora precisaria ser travada.”²² Em uma das expressões mais memoráveis de emoção pessoal nas memórias, ele afirma: “A única coisa que realmente me deu medo durante a guerra foi a ameaça dos U-boats” – que a navegação transatlântica pudesse ser varrida do mapa pelos submarinos alemães, forçando a Inglaterra a se ajoelhar ao privá-la de alimentos, energia e munições.²³ Seu medo foi mais agudo quando, de um comboio canadense de 34 navios, no fim de 1940, nada menos que vinte deles acabaram no fundo do mar.²⁴

Volume 3: *A grande aliança* e Volume 4: *A articulação do destino*

Após as duas primeiras partes, a escrita se torna menos pessoal e mais burocrática. A produção das memórias da guerra foi um trabalho de equipe, no qual Churchill supervisionou um processo colaborativo. Seus assistentes reuniam os documentos, tomavam notas do que ele dizia e rascunhavam seções inteiras para ele. O resultado foi uma obra de que ele é parte autor, parte tema, parte supervisor e parte editor. David Reynolds, um historiador de Cambridge que escreveu um belo livro sobre como as memórias foram produzidas, concluiu que Churchill “estava administrando um grande e bem financiado grupo de pesquisa, assim como os líderes da ciência moderna. Ele não fez todo o trabalho sozinho, mas estabeleceu parâmetros, guiou seus rumos e sustentou seu dinamismo”.²⁵

Como resultado desse processo, as memórias gradualmente adquirem um tom semioficial, como o de um recitativo obrigatório ou uma redação da ata de um comitê, por exemplo no trecho: “Ao sul do setor britânico, o 19º corpo militar francês ocupava Djebel Fkirine, enquanto ao norte o 2º corpo militar americano, atacando no dia 23, progredia com firmeza em direção a Mateur.”²⁶ Isso, é claro, é de se esperar num trabalho com mais de 4 mil páginas.

Às vezes a equipe de redatores escorregava em simples descuidos. O capítulo sobre as vitórias iniciais dos Estados Unidos no Pacífico chega ao fim com uma exaltação da marinha e da força aérea americanas.²⁷ Em determinada página, ele fornece como a data de seu segundo discurso no Congresso o dia 19 de maio de 1943.²⁸ Seis parágrafos mais tarde, ele o situa no dia 20 de maio.

Alguns desses escorregões são compreensíveis. Há uma força psicológica em sua narrativa dos primeiros anos da guerra que não pode ser mantida indefinidamente. Em 1940, Churchill fora encostado na parede. Ele

trabalhava para manter a Inglaterra viva e por sua própria sobrevivência. Afastara a turma “do contra” e colocara a máquina de guerra britânica funcionando a mil por hora. Nos anos finais da guerra, de 1942 em diante, ele apenas precisava manter a máquina trabalhando, e guiar os americanos nas direções que considerava mais acertadas.

Dito isto, alguns dos erros cometidos pela fábrica de redação de memórias são constrangedores. Mais notadamente, o capítulo XIV do volume 4 fornece um rápido relato de cruciais “vitórias navais americanas”. É um bom texto histórico, mas não era realmente de Churchill. Por isso o título do capítulo traz um peculiar sinal gráfico: “Capítulo XIV. Vitórias navais americanas*²⁹”. Esse asterisco não tem a ver com a natureza dessas vitórias no Pacífico em 1943, e sim com a origem das impressões de Churchill sobre elas. “Muito pouco de ‘Vitórias navais americanas’ foi escrito por Churchill”, observa Reynolds.²⁹ “Ele reescreveu a abertura e poliu algumas frases, mas, no geral, fiou-se no rascunho de Gordon Allen, que por sua vez parafraseara em grande medida o volume 4 da história das operações navais americanas na Segunda Guerra Mundial, escrito por Samuel Eliot Morison. Isso se revelou problemático, pois a história naval de Morison, embora escrita com cooperação oficial, não era uma publicação do governo; na verdade era uma obra protegida por direitos autorais, ao contrário da história da guerra publicada pelo exército americano, que era oficial e não tinha copyright.

O próprio Morison tropeçou nesse empréstimo.³⁰ Antes de aparecer em livro, o capítulo de Churchill foi publicado como um excerto no *New York Times*. Lendo o jornal em outubro de 1950, Morison ficou perplexo ao ver seus próprios pensamentos e conclusões publicados sob a autoria de Churchill. Morison, por exemplo, escrevera: “A Batalha do Mar de Coral será para sempre lembrada como o primeiro combate naval que opôs apenas porta-aviões contra porta-aviões, no qual todas as perdas foram infligidas pela ação aérea e nenhum navio, de nenhum dos lados, jamais vislumbrou navios de superfície inimigos.”³¹ O relato de Churchill afirmava, sobre a batalha: “Nada como aquilo jamais havia acontecido. Foi a primeira batalha marítima em que navios de superfície jamais atiraram um no outro.”³²

Morison telefonou para seu advogado, que por sua vez contactou os editores americanos de Churchill. O resultado dessas conversas foi o estranho asterisco no título do capítulo, acrescentado às pressas como um velado reconhecimento da dívida. No pé da página, o leitor é instruído a “*Ver S.E. Morison, *Coral Sea, Midway, and Submarine Actions*”. Uma frase contendo elogios ao livro foi também acrescentada. Nela, Churchill dizia: “Gostaria de reconhecer meu débito com o capitão Samuel Eliot Morison, da reserva da marinha americana, cujos livros sobre operações navais apresentam um quadro claro das ações da esquadra americana.” Essa referência ao trabalho de outro historiador, acrescenta Reynolds, era “a única nos volumes de Churchill, mas foi essencial para afastar uma embaraçosa acusação de plágio”. Morison, elegantemente, deixou o assunto morrer, e jamais o tornou público.

Num último arroubo, no final do volume 3, Churchill lembra-se de si próprio, triunfante, discursando para 3 mil soldados ingleses e americanos no imenso anfiteatro romano em Cartago, perto de Túnis. “Toda a plateia bateu palmas e gritou, como haviam feito seus predecessores, sem dúvida, 2 mil anos antes, enquanto assistiam ao combate dos gladiadores.”

Volume 5: *Fechando o círculo* e Volume 6: *Triunfo e tragédia*

Nem todos os líderes são analistas perspicazes de suas guerras. Eles sabem o que fizeram, mas não necessariamente por que as coisas aconteceram, ou como as partes da guerra se encaixaram. Churchill, ao contrário, era muito bom nessa tarefa, numa escala grandiosa. Ele tinha fascínio pelos mecanismos da guerra e, talvez mais do que qualquer outro líder do século XX, entendia a misteriosa arte de criar o que chama no volume 5 de “uma harmonia geral do esforço de guerra, com cada peça em seu lugar”.³³

Essa qualidade de Churchill dá vida ao relato que faz dos imensos e complexos preparativos para o Dia D, que constituem o clímax da guerra no Ocidente, bem como de suas memórias. É a última vez na obra que ele parece escrever com alma. Mesmo aí, a intensidade emocional é apenas uma fração daquela exibida em 1939-41, demonstrando novamente que, na acelerada organização para o Dia D, eram os americanos que estavam dando as cartas.

As perguntas no início de 1944 abarcavam do nível estratégico (Como lidar com De Gaulle?) e operacional (Como evitar que os U-boats alemães afundem os comboios com as tropas durante a travessia do canal?) até o pessoal (Churchill e o rei Jorge deveriam viajar para assistir à invasão aliada?). Como ele disse à Câmara dos Comuns no dia do desembarque, “essa vasta operação é, sem dúvida, a mais complicada e difícil que jamais foi feita. Ela envolve marés, ventos, ondas, visibilidade, tanto do ponto de vista aéreo quanto marítimo, e o emprego conjunto de forças terrestres, aéreas e marítimas no mais alto grau de sintonia, e em contato com condições que não poderiam e ainda não podem ser previstas com exatidão absoluta”.³⁴

A força dos livros então diminui consideravelmente. Em meados de 1950, Malcolm Muggeridge, então supervisionando a serialização do quinto volume de Churchill no *Daily Telegraph*, foi à casa de campo do ex-

primeiro-ministro, Chartwell, para discutir alguns pequenos problemas de produção. Ele encontrou o grande homem inquieto. Muggeridge, em seu diário, alega ter percebido rapidamente qual era a grande e mais profunda dificuldade:

Na verdade, o que aconteceu com suas memórias, e o motivo de sua inquietação, é que ele havia perdido o interesse nelas; vinha apenas emendando documentos uns nos outros, todos escritos durante a guerra. Os americanos, que pagaram uma fortuna pela publicação em série e pelos direitos do livro, protestaram. No decorrer da conversa sobre os volumes, escapou que certos capítulos simplesmente não tinham sido escritos por ele, e eu suspeito que viesse fazendo muito pouco.³⁵

No sexto volume, que cobre o fim da guerra na Europa, mas não no Pacífico, há uma mudança peculiar: Churchill se torna menos o autor, e mais o assunto. Muito desse último volume foi rascunhado pela equipe que estivera ao seu lado, durante anos, produzindo as memórias. Ao chegar a hora de terminá-las, ele estava preocupado outra vez, vivendo um retorno medíocre à condição de primeiro-ministro, a partir de outubro de 1951. Pior ainda, ele sofreu um pequeno derrame enquanto estava no cargo, em fevereiro de 1952, e outro, mais grave, em junho de 1953.

O que sairia como o volume 6 “ainda era o livro de Churchill”, conclui Reynolds, o historiador das memórias. “Ele pode não ter escrito a maior parte daquelas palavras, mas com certeza definiu o tom e decidiu quando – e mesmo se – deveria ser publicado.”³⁶

Em particular, Churchill precisava ser mais diplomático em suas duras críticas à maneira como o general Eisenhower conduziu a guerra europeia, pois, quando o livro saiu, Ike já se tornara presidente da República. Churchill confessou a um assistente ter tido de eliminar a parte em que dizia: “Ele não podia mais contar toda a história de como os Estados Unidos, para agradar aos russos, haviam cedido vastas porções de território ocupado, e de como desconfiavam de seus alertas contra isso.”³⁷ O resultado não é um mau livro, apenas um livro muito diferente dos cinco anteriores. Ele se apoia mais em documentos da época, usando curtos e rápidos comentários para amarrá-los. Com frequência, não há mais que uma frase entre as cartas oficiais citadas, do tipo “Telegrafei a Stálin no mesmo dia”, ou “No mesmo dia recebi a seguinte carta”.³⁸

Afora a agitação dos preparativos para o Dia D, o tom do volume se torna cada vez mais morno. A grande surpresa é sentir esse último volume impregnado de tristeza. É uma contradição, mas a iminência da vitória foi, para Churchill, “um tempo de suprema infelicidade”. Ele havia enxergado o futuro, e tinha medo.^{[39](#)}

A chave da questão é que Churchill estava enferrujado no fim da guerra e depois. As provas indiscutíveis do declínio britânico iam se tornando difíceis de ignorar. Sua oratória, nessa época, “corria o risco de degenerar em meros sopros bombásticos”, escreve Simon Schama.^{[40](#)}

Contudo, no geral, os seis volumes das memórias tiveram um grande sucesso. Saíram com regularidade quase anual, entre 1948 e 1953-54, com o último saindo nos Estados Unidos cinco meses antes de a edição britânica ser publicada, em abril de 1954. A essa altura, Churchill já conseguira destaque e holofotes para sua versão da guerra, na qual se colocara no papel principal. Jamais alguém poderá avaliar a história da Segunda Guerra Mundial sem referir-se ao relato de Churchill.

14. Orwell em triunfo e declínio: 1945-50

ASSIM COMO CHURCHILL, Orwell terminaria a guerra parcialmente derrotado. Sua deterioração provaria ser mais evidente que a de Churchill, e mais devastadora. O escritor ficaria cada vez mais doente à medida que trabalhava em seu último livro, o mais duradouro de todos eles.

Além disso, o socialista tuberculoso se tornaria ainda mais pessimista que o ex-primeiro-ministro. Churchill passou seus anos de pós-guerra recordando o triunfo que ficara para trás. Orwell, por sua vez, olhava com horror para o futuro.

“A primavera chegou, mesmo aqui em Londres N1, e nada pode impedir que a aproveitemos”, ele escreveu em abril de 1946.¹ “As bombas atômicas estão sendo empilhadas nas fábricas, a polícia patrulha as cidades, as mentiras jorram de alto-falantes potentes, mas a Terra continua girando em torno do Sol, e nem os ditadores, nem os burocratas, por mais que desaprovem esse processo, são capazes de impedir.” Ele gostava desse aspecto extraoficial da natureza.

Orwell começou a pensar em seu último livro quando a Segunda Guerra Mundial já ia terminando. Em 1946, ao começar a escrevê-lo, Londres era “um lugar castigado, cinza e de aspecto cansado”, relatou seu amigo Tosco Fyvel.² O racionamento de pão fora evitado pela Grã-Bretanha ao longo de toda a guerra, mas foi imposto em 1946, a fim de eliminar a fome na Europa, sobretudo na Alemanha.³ Em maio daquele ano, Orwell registrou:

Para qualquer um de fora das forças armadas, a vida desde o armistício vinha sendo tão fisicamente desagradável quanto era durante a guerra, talvez até mais, pois a escassez de certos produtos têm efeitos cumulativos. A escassez de roupas, por exemplo, torna-se mais e mais intolerável, à medida que nossas roupas ficam mais e mais gastas, e durante o último inverno a crise do combustível foi pior do que em qualquer período da guerra.⁴

A revolução dos bichos havia sido uma brincadeira política com a tradição das fábulas. A ficção seguinte de Orwell seria uma segunda volta no parafuso da política, agora em outro gênero: a história de terror. Seu monstro não era algo nascido da ciência do século XIX, como Frankenstein, ou das armas do século XX, como seria Godzilla; ele nasceria da política do século XX, que produziu o Estado absolutamente invasivo, às vezes perverso e sempre mais desastrado do que inteligente.

Orwell, como Churchill, passaria o período imediatamente após a guerra alertando contra os grandes perigos que ainda existiam apesar da derrota dos nazistas. Churchill, em seu discurso sobre a Cortina de Ferro, em março de 1946, mencionou um mundo no qual “o poder do Estado é exercido sem limites, seja por ditadores ou por oligarquias compactas, operando através de um partido privilegiado e uma polícia política”.⁵ Ele acreditava que “uma sombra caiu nos lugares ainda há pouco iluminados pela vitória aliada. ... De Estetino, no Báltico, até Trieste, no Adriático, uma cortina de ferro desceu sobre todo o continente”.

Orwell também enxergava a sombra dessa cortina se alongando em direção ao Ocidente. Ele tinha visto o futuro e queria alertar que este não funcionava, pelo menos para pessoas como ele, que prezavam o direito à privacidade individual e à liberdade de expressão. Fazia muitos anos que o escritor refletia sobre a opressão na Europa do pós-guerra, tendo alertado em 1941: “Estamos na era do Estado totalitário, que não permite, e talvez não possa permitir, qualquer tipo de liberdade. Quando alguém menciona o totalitarismo, pensa imediatamente na Alemanha, na Rússia, na Itália, mas eu acho que se deve encarar o risco de esse fenômeno se tornar mundial.”⁶ O Estado todo-poderoso não apenas proibiria as pessoas de expressar certos pensamentos, temia Orwell, como daria o próximo passo e lhes diria o que pensar.

Temendo as distrações, e talvez tornando-se mais introvertido, Orwell passava cada vez mais tempo na ilha de Jura, tentando terminar seu livro. Era “apenas o lugar mais remoto que se poderia encontrar nas ilhas britânicas”, disse seu amigo David Astor, que encontrou a casa para ele.⁷ “Nunca o imaginei lá por muito tempo. Apenas sugeri que tirasse umas pequenas férias, pois ele obviamente precisava delas.” Astor acrescentou

que, “para uma pessoa de saúde frágil, era uma escolha de lugar bastante louca”.⁸

Na fria e tempestuosa ilha onde Orwell se refugiou, o telefone mais próximo estava quarenta quilômetros ao sul, na outra ponta de uma estrada que, em certos trechos, não era muito melhor do que uma trilha no meio de um brejo.⁹ Em 21 de julho de 1946, quando o verão deveria estar no auge, fazia “frio o bastante para se desejar uma lareira em cada cômodo”.¹⁰ No mês de janeiro seguinte, o vento era “tão violento que era difícil ficar em pé”.¹¹

Ao se mudar para lá, Orwell não pretendia se relacionar com as pessoas, como descobriu um visitante. “Ele estava numa espécie de fase autodestrutiva, e reclamava de tudo. Tinha um ferimento na garganta [do tiro que levara na Espanha] que costumava assobiar, e esse triste assobio se fazia presente enquanto ele andava para lá e para cá, com seu bigode caído. E, em vez de uma mente ágil e interessante, havia um chato deprimido e hostil a quem precisávamos aturar.”¹² A vida era difícil, não por falta de dinheiro, mas devido ao racionamento. Ele pediu a um amigo, vindo de Londres para visitá-lo, que trouxesse farinha de trigo. “O pão e a farinha estão quase sempre em falta desde o racionamento”, explicou.¹³

Sua tendência a se expor demais ainda emergia ocasionalmente. Em agosto de 1947, Orwell decidiu, apesar da saúde cada vez mais frágil, passar outro inverno em Jura. “Parte do inverno pode ser bastante úmida, e às vezes fica-se sem contato com o continente por uma ou duas semanas, mas não importa, desde que se tenha farinha de trigo à mão para preparar uns pãezinhos”, ele tranquilizou um amigo.¹⁴

Naquele mesmo mês, o escritor levou o filho e alguns visitantes, entre eles seu sobrinho Henry Dakin, num passeio de barco que os conduziu para os famosos redemoinhos de Corryvreckan, no extremo norte da ilha. Orwell, com arrogância, garantiu a seus convidados que havia lido sobre os perigos daquelas armadilhas marítimas, das piores em águas europeias. Contudo, subestimara demais os poderes do mar. “Fomos jogados para lá e para cá”, lembrou-se Dakin.¹⁵ “Ouvimos um barulho de algo se partindo, e o motor caiu na água e desapareceu.” Eles remaram até um penhasco, e o

barco ainda virou quando Dakin o puxava para terra. O pequeno grupo ficou sentado numa ilha rochosa, ensopado e desconsolado, com exceção de Orwell, que se meteu pela ilha adentro para estudar a população de papagaios-do-mar. Duas horas mais tarde, foram resgatados por um barco lagosteiro que ia passando. No dia seguinte, Orwell foi pescar em dois lagos próximos e voltou com doze trutas.¹⁶

Durante quase todo esse período em Jura, Orwell foi um homem gravemente doente. Ele disse ao senhorio, um amigo, que torcia para conseguir terminar o livro antes de morrer.¹⁷ Em maio de 1947, escreveu um bilhete para o editor: “Comecei bastante bem e creio ter escrito quase um terço da primeira versão. Não fui tão longe quanto gostaria, pois minha saúde tem estado péssima desde janeiro (meu pulmão, como sempre), e não consigo me recuperar.”¹⁸ Ele nunca se recuperou, como fica evidente nas entradas de seu diário pelos dois anos seguintes:

- 5 de setembro de 1945: “Mal [pulmão], mal saí de casa.”¹⁹
- 13 de outubro de 1947: “Mal, não saí.”²⁰
- 16 de setembro de 1948: “Muito mal, temperatura 39° todas as noites.”²¹
- 13 de outubro de 1948: “Dor muito forte. Mar calmo.”²²
- 19 de dezembro de 1948 [nessa data, há uma anotação feita muito tempo depois de ele ter terminado a revisão do livro]: “Não tenho tido forças para escrever no diário.”²³

Duas semanas depois, ele foi internado em um sanatório para tuberculosos, e por fim transferido para um hospital em Londres, onde seu médico era Andrew Morland, que também tratara de D.H. Lawrence.²⁴ Acamado, ele morria lentamente enquanto *1984* ia para a gráfica. Seria seu último livro, publicado em junho de 1949, mesmo mês em que *Seu melhor momento*, o segundo volume das memórias de Churchill, saiu na Grã-Bretanha. O tempo estava acabando para Orwell, que teria menos de sete meses de vida.

1984

O protagonista de *1984* é um inglês infeliz, de meia-idade, chamado Winston Smith. Ele mora no edifício Victory Mansions, que lembra aquele em que Orwell viveu durante a Segunda Guerra Mundial, ao lado de Abbey Road. O pequeno estúdio de dois andares que nos anos 1960 ficaria famoso por abrigar os Beatles e as gravações de seus discos, a partir de 1963, e que acabaria virando o título de um de seus álbuns, ficava três quarteirões a sudoeste do edifício de Orwell.²⁵

O romance começa com uma afirmação prosaica, mas perturbadora: “Era um dia frio e luminoso de abril, e os relógios soavam treze horas.”²⁶ Ou seja, ao chegar ao fim da frase o leitor está sendo levado a um mundo diferente, e que com grande probabilidade saiu bastante do eixo.¹ Orwell sendo Orwell, o segundo parágrafo começa assim: “O corredor cheirava a repolho cozido e colchões velhos.” A sensação angustiante é então confirmada no fim do parágrafo, quando o protagonista – identificado duas vezes como “Winston” – passa por pôsteres que dizem “O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ”, com enfáticas letras maiúsculas no texto.

Lá pelo fim da primeira página do livro, está claro que o autor sabe o que quer dizer e como dizê-lo. Somos apresentados a um mundo no qual a realidade objetiva não existe, ou ao menos é considerada ilegal pelo Estado que tudo vê. Há uma vigilância universal, conduzida pela “Polícia das Ideias”, que usa “teletelas” que transmitem e recebem simultaneamente, e são sensíveis a ponto de registrar uma batida do coração.²⁷ “Não era impossível imaginar que eles vigiassem todo mundo o tempo todo”, escreve Orwell, profetizando o Estado como é hoje, eletronicamente onisciente. Winston olha pela janela de seu apartamento e vê, a um quilômetro dali, no prédio do Ministério da Verdade, os três intimidatórios *slogans*²⁸ do Partido:

GUERRA É PAZ

LIBERDADE É ESCRAVIDÃO

IGNORÂNCIA É FORÇA

O autor descreve então os outros órgãos governamentais: o Ministério da Paz, “que se ocupa da guerra”, o Ministério da Pujança e o Ministério do Amor, que cumprem funções policiais. Este último “era o que realmente dava medo. Seu prédio não tinha nenhuma janela”.²⁹ Esses são os braços do monstro, na história de horror criada por Orwell.

Apesar do nome, o personagem de Winston tem muito mais a ver com seu criador do que com Churchill.³⁰ Como Orwell, Winston fuma cigarros de tabaco vagabundo e malcheiroso; tendo por volta de quarenta anos, ele geme quando se abaixa para pegar alguma coisa. E, como Orwell, ele se lembra apenas “vagamente” do próprio pai. Claro, sendo Orwell o autor, muito do caráter desagradável do mundo é transmitido através dos cheiros. A cafeteria no trabalho de Winston exala “um cheiro azedo, composto de gim e café de má qualidade, vapor metálico e roupas sujas”.³¹

Para Winston, como para o autor, o ato mais significativo na vida não é expressar sua opinião em voz alta ou ser publicado, é simplesmente observar sem distorções o mundo à sua volta. Coletar fatos é um ato revolucionário. Insistir no direito de fazê-lo é talvez o ato mais subversivo de todos. Sublinhando a conexão, Winston faz isso e então escreve enfaticamente no diário: “ABAIXO O GRANDE IRMÃO.”³² Winston reage especialmente mal à insistência do Partido de que apenas ele próprio podia definir o que era real e o que não era. “O Partido lhe disse para rejeitar as evidências diante de seus olhos e ouvidos”, ele reflete em dado momento. “Essa é a sua última ordem, e a mais essencial.” Mas Winston, perigosamente, está começando a pensar por si mesmo, escrevendo em seu diário: “Liberdade é a liberdade de dizer que dois mais dois é igual a quatro. Se isso for admitido, tudo o mais é decorrência.”³³

Winston não sabe, e Orwell não diz, mas ele está claramente raciocinando segundo a tradição da maioria dos filósofos britânicos, o empirismo de John Locke e David Hume. Mais especificamente, o Estado totalitário levou-o a pensar como John Stuart Mill, o intelectual herdeiro de Locke e Hume.

Uma das obras mais conhecidas de Mill, *Sobre a liberdade*, publicada em 1859, é uma meditação sobre como a liberdade individual pode se manter à medida que o poder do Estado cresce. O ensaio, profético, começa com Mill afirmando que seu tema é “a natureza e os limites do poder que pode ser legitimamente exercido pela sociedade sobre o indivíduo”.³⁴ Isso, ele acrescenta, é “uma questão pouco enunciada, e quase nunca discutida em termos gerais, mas que ... provavelmente logo será reconhecida como a questão crucial do futuro”. O âmago mais profundo da liberdade é o espaço do indivíduo, “o domínio interior da consciência ... liberdade de consciência ... liberdade de pensamento e sentimento”.

Em 1984, a pergunta de Mill de fato tornou-se vital. O domínio interior está sob ataque do Estado.³⁵ Orwell explicita a conexão filosófica mais adiante no romance, escrevendo que a sociedade do Grande Irmão falhou em obter ganhos de produtividade porque “o progresso científico e técnico dependiam do pensamento

como um hábito empírico, que não podia sobreviver a uma sociedade rigidamente organizada”.³⁶ Uma sociedade na qual o progresso tecnológico pode coexistir com a vigilância estatal estava além da compreensão de Orwell.

Winston percebe que está se tornando um dissidente, com grandes chances de ser descoberto e caçado pelo Estado. “Ele era um fantasma solitário murmurando uma verdade que ninguém jamais ouviria”, escreve Orwell. “Mas enquanto a murmurasse, de alguma forma obscura a continuidade não era quebrada. Não era por se fazer ouvido e sim por permanecer lúcido que levaria adiante a herança da humanidade.”³⁷ Nessa passagem, Orwell pressagia os dissidentes como Soljenítsin, Sakharov e Amalrik, que, ao testemunhar sobre os fatos que viam, ajudaram a derrubar a União Soviética apenas alguns anos depois do verdadeiro ano de 1984. Em ambos os mundos – o imaginário de *1984* e o real da União Soviética –, era uma vitória moral simplesmente questionar a versão oficial da verdade e apresentar uma alternativa ao documentar a realidade observável. O Estado, em ambos os casos, sabia disso e encarava tal gesto como sedicioso.

No romance, Winston trabalha reescrevendo a história. Ele despreza essa tarefa, e sua rebeldia é impulsionada pela repugnância generalizada que ela lhe inspira. No início do livro, ele reflete: “Se o Partido pudesse alcançar o passado com as mãos e dizer que esse ou aquele evento nunca aconteceu ... isso, com certeza, seria mais terrível que a simples tortura ou a morte.”³⁸ Ele trabalha numa baia, e sua vizinha é uma mulher cujo trabalho é apagar de todos os registros “os nomes das pessoas vaporizadas e que, portanto, foram consideradas inexistentes. Fazia certo sentido tê-la ali, uma vez que seu próprio marido fora vaporizado dois anos antes”.³⁹ Winston trabalha com uma máquina chamada ditógrafo, que pode trazer à mente um *software* de processamento de texto dos anos 1980, o WordPerfect. Na ponta de sua mesa fica o “buraco da memória”, no qual documentos que tragam fatos excluídos devem ser jogados.

O único brilho de esperança que Orwell enxerga está no proletariado. Winston escreve em seu diário: “Se há esperança, ela está nos proletas.”⁴⁰ Esse é o tema do livro, sobretudo da primeira metade. Winston divaga sobre a frase repetidamente, sem entendê-la muito bem, pensando nela mais como uma questão de fé. Orwell nunca chega a explicar a ideia no livro, mas o fez num ensaio de 1942, no qual medita sobre algumas “visões do futuro totalitário”.⁴¹ Nesse texto, ele explicou por que achava que a classe trabalhadora seria mais resistente ao intrusivo Estado de direita:

Para dominar definitivamente a classe trabalhadora, os fascistas teriam de aumentar o padrão de vida geral, o que são incapazes de fazer, e provavelmente nem desejam. A luta da classe trabalhadora é como

o crescimento de uma planta. A planta é cega e estúpida, mas ela sabe o bastante para continuar subindo em direção à luz, e fará isso mesmo enfrentando infinitos desencorajamentos.

Orwell retrata os proletários como essencialmente incontroláveis. O Estado não tenta controlá-los, contenta-se em simplesmente distraí-los. “Trabalho físico pesado, o cuidado com a casa e os filhos, pequenas disputas com vizinhos, futebol, cerveja e, acima de tudo, o jogo, enchiam os horizontes daquelas mentes”, pensa Winston.⁴² “Eles estavam abaixo de qualquer suspeita.” Mas retinham a capacidade de sentir, que não os deixava obedientes ao Partido e ao país, mas sim “uns aos outros”.⁴³ Essa parece ser a essência da esperança que Winston e seu criador depositavam neles. Mas nenhum dos dois parece saber como isso lhes permitiria fugir do mundo de pesadelos de *1984*. Thomas Pynchon, um romancista moderno solidário a Orwell, reparou que “Winston Smith não parece conhecer pessoalmente nenhum proleta”.⁴⁴

A SEGUNDA METADE do livro é dominada pelo desastrado caso de amor entre Winston e uma mulher chamada Julia. Orwell nunca foi muito afeito a escrever sobre mulheres em geral, e sobre sexo em particular. Às vezes ele parece julgar a relação sexual um ato que os homens realizam e ao qual as mulheres apenas se submetem. Winston e Julia fazem amor pela primeira vez após entrarem num bosque denso, durante um passeio pelo campo. “Ele a fizera se deitar no chão, ela não oferecia a menor resistência, ele podia fazer o que quisesse com ela”, escreve.⁴⁵ Smith é incapaz de consumir o sexo, mas rejuvenesce quando Julia diz o quanto gosta de sexo.

Para os amantes condenados, a relação sexual é a mais completa forma de rebelião contra o Estado. “Seu abraço fora uma batalha; o clímax, uma vitória. Foi um golpe no Partido. Foi um ato político.”⁴⁶ De início, isso pode parecer uma certa variação do pensamento hippie, porém pode ser algo mais. Orwell está certo ao dizer que há algo casto, e castrador, nos Estados totalitários. Pensemos na dura imagem pública da esposa de Mao Tsé-Tung, ou, mais recentemente, na rebeldia sexualizada da banda punk russa Pussy Riot contra o Estado oligárquico de Vladimir Putin. Mesmo assim, Orwell faz do sexo algo estranho. Winston mais tarde diz a Julia, aparentemente como um elogio: “Você só é rebelde da cintura para baixo.”⁴⁷

Claro, a polícia já vigiava o casal. Os dois são detidos e encarcerados sem acusação formal, sem passar por um júri imparcial.

Como se pode ver, Orwell e Churchill tinham exatamente a mesma visão da singular importância de não se prender ninguém sem o devido processo judicial.

Churchill, na verdade, explicitou isso num memorando oficial, em novembro de 1942:

O poder do Executivo de isolar um homem na prisão sem formular contra ele uma acusação com base legal, e sobretudo o de negar-lhe um julgamento justo por período indefinido, é odioso no mais alto grau, e é o fundamento de todos os Estados totalitários, sejam nazistas ou comunistas. ... Nada pode ser mais abominável à democracia do que prender uma pessoa, ou mantê-la presa, por ela ser malquista. Esse é o verdadeiro teste da civilização.⁴⁸

Churchill fez essa declaração sucinta ao instruir seus subordinados a libertarem o líder fascista Oswald Mosley, detido desde 1940, quando havia perigo de que, se os alemães invadissem, ele liderasse colaboradores. Orwell apoiara Churchill em ambas as situações. “Em 1940 era um ato perfeitamente apropriado isolar Mosley, e na minha opinião teria sido muito apropriado fuzilá-lo se os alemães botassem os pés na Grã-Bretanha. Quando se trata da existência da nação, nenhum governo pode seguir a letra da lei.”⁴⁹ Mas em 1943, ele acrescentou, Mosley já não representava uma ameaça, era apenas “um político fracassado e ridículo, com veias varicosas. Mantê-lo sob custódia sem julgamento seria infringir todos os princípios pelos quais supostamente estamos lutando”.

Enquanto estão presos, Winston e Julia são devastados pela tortura e forçados a delatar um ao outro. O chefe da tortura em Winston chama-se O’Brien. O porquê do nome, se há algum, não é esclarecido. É pouco provável que Orwell soubesse, mas Hugh O’Donnell, o representante do Partido Comunista na Espanha – e que Orwell conhecera –, havia recebido do aparato soviético naquele país o codinome O’Brien.⁵⁰ O’Brien diz a Winston, com algum desprezo: “Você acredita que a realidade é algo objetivo, eterno, que existe por si só. Você também acredita que a natureza da realidade é autoevidente. ... Mas eu lhe digo, Winston, que a realidade não é externa. ... O que o Partido diz ser a verdade, seja o que for, é a verdade. É impossível ver a realidade se não for pelos olhos do Partido.”⁵¹

A história termina com os dois amantes se encontrando anos mais tarde, exauridos, igualmente desolados. Eles confessam mutuamente suas traições, e cada um toma seu rumo. Não há esperança à vista.

PUBLICADO EM JUNHO DE 1949, o livro foi bem-sucedido na Inglaterra, mas causou seu maior impacto longe dali. Foi uma “sensação” na Europa continental, lembrou-se o editor Frederic Warburg. Na Europa da época, disse Warburg, “era um gesto político da maior importância. Porque você deve se lembrar que a Rússia, depois da guerra, tendo feito tanto pela vitória, era incrivelmente poderosa e em alguma medida admirada, e aquele livro era – como *A revolução dos bichos*, mas de outro jeito – o maior tratado contra o comunismo soviético que você poderia encontrar,

fosse onde fosse. E os europeus no continente entenderam isso”.⁵² O livro chegou a vender milhões, e tem sido louvado como “o romance definitivo do século XX”.⁵³

Enquanto o livro começava sua ascensão, Orwell declinava. Ele estava acabado, e sabia disso. “Tenho passado muito mal, cuspiendo muito sangue”, contou ao amigo Richard Rees no início de 1949.⁵⁴ Algumas semanas depois, acrescentou, em outro bilhete para Rees: “Ainda não consigo trabalhar. Certos dias eu pego caneta e papel, tento escrever umas poucas linhas, mas é impossível.”⁵⁵

Ele definhava. Como Churchill nos dois volumes finais de suas memórias, os escritos de Orwell durante e depois de 1984 são monótonos. Sua prosa perde energia e seus argumentos tornam-se menos agudos. Em meados de 1948, ele lutava com o futuro do socialismo dessa forma:

Mesmo se espremermos os ricos para fora do mundo, a massa do povo deve ou consumir menos ou produzir mais. Ou estou exagerando a confusão em que nos metemos? Posso estar, e teria prazer em descobrir que estou errado. Mas o meu ponto é que essa pergunta, entre os fiéis da ideologia de esquerda, não pode ser discutida para valer.⁵⁶

Essa é uma passagem que não seria produzida por um Orwell ainda saudável, um homem que apenas dois anos antes escrevera “A política e a língua inglesa”.

Orwell passou hospitalizado a maior parte dos seus últimos dois anos de vida, escorregando em direção à morte. Deitado na cama, ouvia vozes de visitantes aristocráticos invisíveis (a quem chama de “classe alta”). Ele as descreve com devastadora precisão:

E que vozes! Uma espécie de fastio, de uma autoconfiança esnobe, um constante ha-ha-ha de gargalhadas sobre coisa alguma, e acima de tudo uma espécie de pesar e riqueza combinados a uma inclinação para o mal – pessoas que, pode-se instintivamente perceber, mesmo sem se poder vê-las, são inimigas de qualquer coisa inteligente, sensível ou bela.⁵⁷

Mas lembrem-se de que esse também era o sotaque do Orwell educado em Eton, e ele era um escritor honesto demais para ignorá-lo, por isso encerra a anotação do diário incluindo-se na maldição: “Não espanta que todos nos odeiem tanto.”⁵⁸

Seus diários terminam nessa entrada, feita no dia 7 de abril de 1949.

Em setembro daquele ano, Malcolm Muggeridge – que em 1933 também caíra em desgraça com a esquerda inglesa por fazer matérias jornalísticas sinceras sobre a fome na Ucrânia, enquanto a omissão do *New York Times* ficou famosa – foi visitar Orwell no hospital em Londres. Naquela noite, anotou em seu diário que o escritor “parece absurdamente esvaído, e tem, devo dizer, o aspecto de alguém que não

viverá por muito tempo: um tipo estranho de clareza em sua expressão e alongamento de suas feições”.⁵⁹

O último artigo que Orwell iria terminar e publicar foi uma resenha do segundo volume das memórias de Churchill, *Seu melhor momento*. Ele admirava o político, apesar das profundas diferenças em suas posições:

As reminiscências políticas que ele tem publicado de quando em quando foram sempre muito acima da média, em franqueza bem como em qualidade literária. Churchill é, entre outras coisas, um jornalista, com um real embora não muito apurado talento literário, e ele ainda tem uma mente incansável e inquisidora, interessada tanto nos fatos concretos quanto na análise de suas causas, às vezes até de suas motivações pessoais. Em geral, a escrita de Churchill é mais como a de um ser humano do que a de uma figura pública.⁶⁰

Vindo de Orwell, isso era um grande elogio.

Orwell prosseguia revisitando a performance de Churchill em 1940. Um feito de Churchill havia sido entender, por volta da época de Dunquerque, que, embora a França estivesse derrotada, isso não significava que a Inglaterra também estivesse. Mas Orwell cobra de Churchill não ter percebido que os soviéticos “odeiam mais os socialistas do que os conservadores”, e que o fascismo de Mussolini “seria por natureza hostil à Inglaterra”.

Essas foram praticamente as últimas palavras de Orwell a serem publicadas:

Por mais que se possa discordar dele [de Churchill], por mais que se possa agradecer o fato de ele e seu partido não terem vencido a eleição de 1945, deve-se admirar nele não apenas a coragem, mas também uma certa grandeza e genialidade, que emergem mesmo em memórias formais desse tipo.⁶¹

Após essa resenha, e um punhado de cartas, ele silenciou.

No dia 13 de outubro de 1949, Orwell casou-se com Sonia Browell, uma jovial integrante da cena literária londrina que, como ele, nascera na Índia britânica. Ela havia recusado quando ele a pedira em casamento pela primeira vez, mas depois aceitou. “Ninguém tinha a ilusão de que ela amasse George”, comenta um de seus biógrafos.⁶² Um amigo de Orwell, que conheceu suas duas esposas, lembrou que “Sonia era esperta, muito chegada na bebida, divertida, perigosa, raciocinava com rapidez – tudo que Eileen não era”.⁶³ Outra pessoa que conviveu com a segunda esposa de Orwell enxergou em Sonia, “basicamente, uma infelicidade inacreditável”.⁶⁴

Não há entradas no diário de Orwell sobre Sonia, pois ele parara de escrever seis meses antes. Orwell sentou-se na cama para a cerimônia, mas já não conseguia ficar

em pé.⁶⁵ O padrinho, naquele macabro casamento no leito de morte, foi David Astor.⁶⁶ Para a cerimônia, sobre a camisa do pijama, Orwell vestiu um paletó de smoking cor de malva.

Ele passou boa parte do outono na cama, lendo *A divina comédia*, de Dante.⁶⁷ No dia 14 de novembro, Muggeridge percebeu que Orwell “começou a perder peso novamente, e no geral tem um aspecto bastante miserável”.⁶⁸ Suas varas de pesca estavam apoiadas na quina da parede, mas jamais voltariam a ser usadas.⁶⁹

Orwell e os Estados Unidos

Durante uma das visitas de Muggeridge ao hospital, Orwell contou-lhe ter cinco livros em mente que gostaria de escrever.⁷⁰ Uma possibilidade era um estudo sobre o sentimento antibritânico nos Estados Unidos. A visão de Orwell sobre o tema certamente mudaria se ele tivesse viajado aos paí­, mas não podemos saber em que sentido. Ele já havia começado a reconsiderar sua antipatia pelos Estados Unidos no século XX. “Ser antiamericano, hoje em dia, é unir-se aos gritos da multidão”, ele escreveu cerca de dois anos depois da guerra, num ensaio que não foi publicado na época.⁷¹ Mas, ele continuava, se os integrantes da multidão tivessem de escolher entre a Rússia e os Estados Unidos, “apesar de todo o blá-blá-blá conjuntural, todo mundo, no fundo do coração, sabe que nós devemos escolher os americanos”.

Se tivesse tido a oportunidade de conhecer os Estados Unidos, Orwell provavelmente teria se sentido repellido por muita coisa – além do gigantesco tamanho, o que ele teria considerado impressionantes níveis de consumismo, arrogância e presunção. Mais do que tudo, ele jamais se identificaria com o individualismo determinado e autocentrado dos americanos. O que ele mais gostava na Inglaterra era seu forte espírito comunitário. Em “O leão e o unicórnio”, ele escreveu dos ingleses: “Toda cultura que é mais verdadeiramente nativa está centrada em torno de coisas que, mesmo quando são comunitárias, não são oficiais – o pub, o jogo de futebol, o jardim nos fundos da casa, a lareira e a ‘xícara de chá quentinho’.”⁷²

A autoimagem americana é muito menos coletiva que isso. Ela tem mais a ver com o indivíduo solitário. Isso começa com *The Deerslayer* e *The Virginian*, e dá origem a uma variedade de pistoleiros, como *O cavaleiro solitário*.^j Todos os faroestes de segunda categoria dos anos 1940 e 1950 parecem começar ou terminar com um cavaleiro solitário chegando ou saindo da cidade. A imagem continua viva, por exemplo quando o motociclista acelera sozinho numa autoestrada vazia, ou o alpinista se arrisca sozinho nas Montanhas Rochosas, ambos temas comuns nos

comerciais de TV hoje em dia. Os americanos, muito mais do que os ingleses, se identificam com o rebelde e o solitário, como Clint Eastwood em *O estranho sem nome*. Uma canção de sucesso gravada pelo cantor pop Dion, em 1961, reduziu tais fenômenos a uma essência adolescente e simplista: “*Yeah, I’m a wanderer, yeah, a wanderer/ I roam around, around, around.*”⁷³ Nos Estados Unidos, esse era um exemplo a ser seguido, não um destino a ser lamentado.

Se tivesse visitado o país, Orwell também teria tido a chance de ver o capitalismo de uma forma diferente, mais vigorosa e adaptativa.

MAS, DEFINITIVAMENTE, não era para acontecer. Orwell estava afundando. Em 21 de dezembro, Muggeridge escreveu em seu diário: “Ele parece de cera, de um jeito estranho, apenas pele e osso. De forma um tanto mordaz, disse que estava tomando injeções de penicilina e que tinham dificuldade de encontrar alguma carne em que pudessem espetar a agulha.”⁷³

No dia de Natal, Muggeridge o viu e registrou que “seu rosto parece morto. ... O mau cheiro da morte estava no ar, como o outono em um jardim”.⁷⁴ Em 19 de janeiro de 1950, após outra visita, ele escreveu em seu diário que duvidava que veria Orwell com vida novamente. Ele estava certo. Orwell morreu por volta das 2h30 do dia 21 de janeiro de 1950. Tinha 46 anos de idade.

Orwell expirou quando começava a era que ele ajudara a batizar de “Guerra Fria”.⁷⁵ Ele usara o termo pela primeira vez na resenha de um livro em dezembro de 1943, e novamente em 1945 – dois meses após o fim da Segunda Guerra Mundial –, e ainda uma terceira vez em 1946. Muggeridge providenciou seu funeral, que aconteceu no dia 26 de janeiro e foi uma ocasião “bastante melancólica e fria”, numa igreja sem aquecimento, anotou Muggeridge.⁷⁶ Outro amigo de Orwell, Anthony Powell, escolheu para ser lido no sermão o último livro do Eclesiastes.⁷⁷ Adequado à morte de um escritor, em uma cerimônia organizada por outros escritores, tendo ainda muitos outros na plateia, esse capítulo contém a frase “não há limite para fazer livros”.

O último desejo de Orwell foi, novamente, um sinal de seu duradouro apreço pela vida pastoril. Ele queria ser enterrado no cemitério de uma igreja britânica. Tomando conhecimento disso, seu amigo David Astor comprou dois túmulos.⁷⁸ Um foi ocupado por Orwell. Quando chegou a vez de Astor, em 2001, ele ocupou o segundo. Enterrado ali perto está Herbert Asquith, o pai de Violet (Asquith) Bonham Carter, amiga íntima de Churchill.

Lendo *1984* pela segunda vez, em 1953, Churchill disse a seu médico: “Esse livro é realmente admirável.”⁷⁹

ⁱ O “estranhamento” do leitor inglês adviria do fato de, na Inglaterra, sobretudo naquela época, ser mais comum a divisão do dia em dois períodos de doze horas – *ante meridiem* (antes do meio-dia) e *post meridiem* (depois do meio-dia), ou AM e PM. (N.T.) ↵

^j Dois romances – *The Deerslayer* (1841), de James Fenimore Cooper (1789-1851); e *The Virginian* (1902), de Owen Wister (1860-1938) – e uma série de rádio posteriormente transformada em filme, chamada no original *The Lone Ranger*. (N.T.) ↵

^k Em tradução livre: “Sim, eu sou um errante, sim, um errante/ Eu ando por aí, por aí, por aí.” (N.T.) ↵

15. A prematura vida pós-morte de Churchill: 1950-65

NO ANO SEGUINTE ao da morte de Orwell, Churchill cometeu um dos piores e mais tristes erros de sua vida: ocupou o cargo de primeiro-ministro pela segunda vez. Pode-se concluir que ele tenha sentido necessidade de vingar a dolorosa derrota eleitoral sofrida em julho de 1945. Aquela havia sido a primeira vez que disputara uma eleição para o posto – em 1940, chegara à condição de chefe de governo por nomeação –, e fora rejeitado pública e estrepitosamente.

Os historiadores tendem a não prestar muita atenção em sua segunda temporada no topo da carreira política, que começou em outubro de 1951. Ele estava muito velho, enfraquecido por derrames e um infarto relativamente fraco. Tampouco estava particularmente interessado ou pronto para as duas tarefas mais importantes à sua frente: reconstruir a economia doméstica e adequar a política externa do país ao status diminuído da Grã-Bretanha no pós-guerra. Se os anos 1930 foram seus anos de ostracismo, os anos 1950 foram seus anos de perplexidade.

Como um primeiro-ministro em tempos de paz, ele também sentiria falta da simplicidade de sua missão na Segunda Guerra Mundial, isto é, sobreviver e então se impor sobre os alemães. Agora não havia um Hitler para enfrentar. Churchill era, como o pai, um oposicionista natural.¹ “É impossível reler os detalhes da vida de Churchill como primeiro-ministro em seu segundo governo sem a sensação de que ele era, gloriosamente, inadequado para o cargo”, comenta Roy Jenkins, em geral bastante leniente com os gestos políticos de Churchill.² Em abril de 1955, mesmo Churchill, ainda mais debilitado por uma série de derrames, precisou admitir que estava na hora de renunciar.

E assim, fora do governo, Churchill perdeu-se em suas indulgências. Dois anos após deixar o cargo, Evelyn Waugh avistou-o num restaurante em

Monte Carlo “engolindo imensas quantidades de comida”.³ O romancista descreveu o rosto do velho de forma não muito generosa, numa carta para a esposa de Ian Fleming, como “um elefante cinza e quase sem expressão”. Durante a mesma viagem a Monte Carlo, enquanto esperava do lado de fora do cassino pelo seu carro, Churchill foi assediado por Frank Sinatra,⁴ o cantor americano, que correu até ele e apertou sua mão, dizendo: “Há vinte anos que eu queria fazer isso.” Depois que o cantor se foi, um Churchill perplexo perguntou a seu acompanhante: “Quem diabos era esse?”

Churchill continuou a levar uma boa vida. Para um único voo transatlântico, em 1961, sua comitiva pediu, muito acima das usuais amenidades da primeira classe, sete garrafas de vinho, duas de conhaque e um quilo de queijo Stilton.⁵

No entanto, enquanto o homem e sua mente se enfraqueciam, a reputação de Churchill ficava mais forte, alavancada em parte pela popularidade mundial de suas memórias, cujo último volume foi publicado nos Estados Unidos em 1953, mesmo ano em que ele recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.

Após a série de memórias, ele concluiu e publicou *Uma história dos povos de língua inglesa*, livro que começara a escrever ainda nos anos 1930 e então pusera de lado ao se tornar primeiro-ministro. Essa história, às vezes romântica, com frequência irregular, é o equivalente literário de seu segundo mandato como primeiro-ministro. Ronald Lewin, um historiador britânico simpático a Churchill, considera-a “um conto de fadas”, acrescentando que “nenhum historiador profissional o usaria ... como uma introdução ao assunto”.⁶ Outro crítico simpático considerou partes do trabalho “incorrigivelmente amadoras”.⁷ Mais do que as memórias da Segunda Guerra Mundial, esses novos quatro volumes foram um trabalho de equipe, mas supervisionados por um homem que vivera além das suas energias.

No final dos anos 1950, quando Churchill declinava mental e fisicamente, vários de seus filhos também começaram a ficar doentes. Dois deles morreram antes do pai: Marigold, a quarta na ordem de nascimento, havia

falecido em 1921 de uma septicemia. Diana, a mais velha, cometeu suicídio em 1963, com uma overdose de barbitúricos. Randolph, o segundo a nascer, tendo herdado todos os vícios do pai e quase nenhuma de suas virtudes, concorreu seis vezes ao Parlamento, perdendo todas as vezes em que enfrentou algum oponente. (Ele integrara a Câmara dos Comuns entre 1940 e 1945, após uma eleição em que não teve adversário, graças a um acordo temporário entre os dois partidos, válido durante a guerra.) Após o fracasso de seu segundo casamento, ele, tipicamente, difamou a esposa como “uma vagabunda perversa de classe média, sempre ansiosa pela aprovação alheia e sempre frustrada nesse intento por conta de sua lamentável falta de educação”.⁸ Quando se assustou com um diagnóstico de câncer, mas teve apenas um tumor benigno retirado, seu ex-amigo Evelyn Waugh observou que era típico da ciência moderna encontrar e remover a única parte dele que não era maligna. Randolph foi alcoólatra durante a maior parte da vida adulta, e morreu apenas três anos após o pai. (Waugh, a essa altura com a mente confusa devido às drogas, precedeu-o, morrendo em abril de 1966, apenas quinze meses depois de Churchill.)

A terceira filha de Churchill, Sarah, uma atriz frustrada, precipitou-se em três casamentos e seguiu o irmão na decadência alcoólica. A quinta e última filha, Mary, foi a única a ter uma vida que se pode chamar de feliz. Esse retrospecto sugere que Churchill tinha grandes deficiências como pai. Por outro lado, ele não tivera bons exemplos a seguir.

Na dimensão pública, a reputação de Churchill sofreu um grande golpe quando, no final dos anos 1950, começou a ser bombardeado por uma série de livros que o denegriam, um ataque em parte provocado por suas próprias memórias. Dessas publicações, a mais notável foram as memórias transcritas do marechal de campo Alan Brooke, publicadas em 1957. Depois vieram os imperialistas empedernidos, alegando que Churchill “vendera” a Grã-Bretanha. “A tragédia de Churchill foi seu sangue misturado”, disparou R.W. Thompson, um jornalista e historiador, parceiro do teórico militar Basil Liddell Hart. “Seu pai inglês e mãe americana foram os responsáveis pela nada auspiciosa divisão de suas lealdades”, ele escreveu.⁹

Mais recentemente, um pequeno grupo de acadêmicos apareceu com interpretações revisionistas sobre Churchill, em livros com títulos sensacionalistas como *Churchill desmascarado*. Mas eles parecem ter pouco impacto no grande público, ou mesmo em professores de maior sensibilidade estratégica, como Eliot Cohen. Essencialmente, esses livros consistem em pedir ao leitor que esqueça a floresta da vida de Churchill e foque apenas em algumas poucas árvores que seus autores julgam merecer mais atenção.

HOJE CHURCHILL É VISTO como uma figura folclórica, uma fonte de sabedoria, o equivalente internacional de Yogi Berra, o jogador de beisebol do New York Yankees, quase tão célebre pelas frases equivocadamente atribuídas a ele (tais como: “Ninguém mais vai lá. Está sempre muito cheio”) quanto pelas que realmente disse.¹⁰ As falsas citações tornaram-se tão abundantes que o Churchill Centre tem na internet uma seção de citações normalmente atribuídas a ele que, na verdade, o homem nunca pronunciou. Por exemplo, a famosa história em que lady Astor diz a Churchill que, se fosse casada com ele, colocaria veneno em seu café, e Churchill responde que, se fossem mesmo casados, beberia o café. Essa troca de gentilezas, agora já se sabe, tem sua origem numa piada publicada por um jornal americano em 1900...

Uma citação tem sido com frequência falsamente atribuída a Churchill e a Orwell.¹¹ Ela diz que “nós dormimos um sono profundo em nossas camas porque homens brutos estão a postos durante a noite para levar a violência àqueles que nos fariam mal”. Na verdade, a frase não foi dita por nenhum dos dois. Ela foi escrita primeiro por um crítico de cinema em 1991, no *Washington Times*, um jornal conservador. O crítico, Richard Grenier, deixou claro no artigo que estava parafraseando Orwell. Especificamente, ele parece estar aludindo ao comentário de Orwell em seu ensaio sobre Kipling: “Ele vê com clareza que os homens só podem ser muito civilizados se outros homens, fatalmente menos civilizados, estiverem lá para protegê-los e alimentá-los.”¹² Grenier não usou as aspas, mas, alguns anos depois, outros dois escritores conservadores americanos o fizeram ao repetir o comentário – Kate O’Brien, da revista *National Review*, e o colunista George Will. Então o historiador conservador britânico Andrew

Roberts pegou a citação emprestada. Por fim, em 2006, a *National Review* fechou a roda, atribuindo-a, por engano, a Churchill.¹³

Mas Churchill é invocado acertadamente em outros lugares, alguns inesperados. Em 1964, Fidel Castro revelou que estava lendo suas memórias da Segunda Guerra Mundial. “Se Churchill não tivesse feito o que fez para destruir os nazistas, vocês não estariam aqui, nenhum de nós estaria”, disse o líder cubano à multidão que se juntara ao seu redor quando ele esteve em uma livraria de Havana.¹⁴ “E mais, devemos ter especial interesse por Churchill, pois ele também liderou uma pequena ilha contra um grande inimigo.”

Outra surpreendente demonstração de admiração veio de Keith Richards, o guitarrista dos Rolling Stones, que defendeu sua vida de dissipação citando corretamente um comentário de Churchill: “Eu tirei muito mais do álcool do que o álcool tirou de mim.” Richards, nascido em 1943, durante o primeiro mandato de Churchill como primeiro-ministro, acrescentou: “Eu meio que sinto a mesma coisa sobre as drogas e o resto. Eu tirei muita coisa daí.”¹⁵ Às vezes, genuínas frases de Churchill têm um elemento paradoxal que faz com que se pareçam com algo dito por Yogi Berra, tais como “há uma terrível quantidade de mentiras espalhadas pelo mundo, e o pior é que metade delas são verdadeiras”.¹⁶

Mas houve um custo para a mistificação de Churchill. Em particular, ele iconizou de tal maneira uma “relação especial” entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos que alguns de seus sucessores a seguiram aparentemente sem perceber que ela fora cunhada para iluminar com uma luz favorável uma aliança de guerra cheia de atritos, e por vezes sofrida. Como diz o historiador Max Hastings: “Os governos britânicos preocupam-se com os Estados Unidos, e com a maneira como os governos americanos nos veem, a ponto de eles se tornarem uma obsessão.”¹⁷

O ponto mais baixo dessa busca por uma relação especial veio quando ela encorajou a imprudente invasão ao Iraque, em 2003, liderada pelos americanos. “Fui fiel aos Estados Unidos quando foi necessário ser fiel”, afirma em suas memórias Tony Blair, primeiro-ministro britânico de 1997 a 2007.¹⁸ Seria mais preciso dizer que, quando os Estados Unidos

precisaram dos sábios conselhos de um amigo sincero, Tony Blair agiu como um animador de torcida. Tentando atingir um tom churchilliano, ele disse, imediatamente após os ataques do 11 de Setembro: “Nós ... aqui na Inglaterra estamos lado a lado com os amigos americanos nessa hora trágica, e nós, como eles, não descansaremos até que esse mal seja expulso do mundo.” Ele ainda subiu um ponto na nostalgia retórica ao visitar Nova York mais tarde aquele mês e dizer erroneamente que, durante os primeiros dias da Segunda Guerra Mundial, “houve um país e um povo que estiveram conosco”. É de se imaginar o que as pessoas historicamente bem informadas do Canadá, da Austrália, da Nova Zelândia e da África do Sul – nações que auxiliaram a Inglaterra durante a Blitz – acharam dessa afirmação sobre quem de fato ajudou a Grã-Bretanha entre 1939 e 1940, momento em que o embaixador americano em Londres anunciava, em alto e bom som, a vitória alemã. Como escreve o historiador australiano Robin Prior, “os defensores da democracia liberal entre 1940 e 1941 não foram a Grã-Bretanha e os Estados Unidos; foram a Grã-Bretanha e seus domínios. Eles lutaram a batalha da liberdade enquanto a maior democracia do planeta limitava-se a jogar algumas migalhas de vez em quando”.¹⁹

Em julho de 2002, Blair enviou a Bush um memorando segundo o qual, no caso de um conflito com o Iraque, “estarei com você, seja como for”.²⁰ Esse documento foi trazido a público num inquérito oficial feito na Inglaterra sobre as decisões do governo Blair durante os preparativos para a Guerra do Golfo. A promessa, ou cheque em branco, de Blair tornou “muito difícil para o Reino Unido, no desenrolar dos acontecimentos, retirar seu apoio” à invasão de março de 2003, concluiu o inquérito.

Se Blair fosse estrategicamente tão hábil quanto Churchill, poderia muito bem ter se oposto à invasão americana do Iraque, o que no fim teria dificultado muito ao governo americano optar pela guerra. Claro que, no curto prazo, o desacordo explícito em relação ao Iraque teria tensionado os laços através do Atlântico, mas, no longo prazo, a recusa britânica teria sido um ato de genuína amizade – e também de visão estratégica.

Em vez disso, no verão de 2003, Blair discursou para o Congresso americano enquanto as perguntas se multiplicavam sobre o que os Estados Unidos estavam fazendo no Iraque, e estimulou os americanos a seguirem

em frente. “Não se preocupem com as lições da história”, ele aconselhou, de maneira inconsequente. “Nunca houve um tempo em que ..., a não ser no sentido mais amplo, o estudo da história nos forneça tão poucas instruções para os dias presentes.”²¹ Ao enfatizar a ideia de uma relação especial sem aparentemente perceber sua complexidade, e pondo de lado a história quando deveria tê-la consultado, Blair paradoxalmente causou um grande estrago nas relações anglo-americanas.

DE SUA PARTE, CHURCHILL manteve sua aliança pública com os Estados Unidos até morrer, em janeiro de 1965, e mesmo depois. Em seu funeral, que ele estipulou como seria, bandeiras americanas tremularam ao lado de britânicas. Durante a cerimônia, “The Battle Hymn of the Republic” ecoou por entre as cúpulas e os arcos brancos e dourados que dominam o interior da catedral de St. Paul.²² E, no entanto, o presidente americano Lyndon Johnson, talvez devolvendo o menosprezo de Churchill ao enterro de FDR vinte anos antes, declinou de comparecer, ou mesmo de enviar o vice-presidente.

16. A extraordinária ascensão de Orwell: 1950-2016

“ERA UM DIA FRIO e luminoso de abril, e os relógios soavam treze horas.”¹ Assim começava o texto de uma coluna de Zahra Salahuddin escrita em abril de 2015 para o jornal paquistanês *Dawn*. Seu protesto era contra os novos poderes que o governo do Paquistão estava se concedendo para monitorar a internet. O Grande Irmão, ela concluía, estava presente, e por isso ela evocava as linhas iniciais de *1984*.

Por meio de referências, alusões e tributos como esse, aparecendo diariamente na mídia ao redor do mundo, George Orwell é uma figura contemporânea em nossa cultura. Nos últimos anos, pode ter ultrapassado Churchill, não em termos de importância histórica, mas de influência permanente. Seu desempenho póstumo tem sido um dos mais extraordinários na história da literatura britânica.

O status de que Orwell desfruta hoje teria chocado seus contemporâneos. Durante a maior parte de sua vida, ele foi uma figura obscura, mesmo na cena literária de Londres. Não muito depois de *A revolução dos bichos* ter sido publicado, Logan Pearsall Smith, ele próprio um escritor anglo-americano de menor importância, leu o livro e então telefonou ao velho amigo Cyril Connolly, um editor influente, para saber mais sobre o autor. Orwell, disse Pearsall Smith, parecia ter saído do nada para “deixar vocês todos para trás”.²

Talvez Pearsall Smith estivesse num dia profético, uma vez que morreu menos de 24 horas depois desse telefonema. Seu comentário capturou corretamente a trajetória do status de Orwell. Ele estava perto de ser um desconhecido na década de 1930, e um autor secundário, no máximo, até meados da década de 1940. Desde a sua morte, no início de 1950, seu status cresceu de forma consistente e até inexorável. “Sua influência e

exemplo tornam-se mais radiantes a cada ano que passa”, escreveu um colaborador do *Financial Times* em 2014.³

Quando ele estava vivo, as vendas de seus livros eram medidas em centenas e milhares. Desde sua morte, estima-se em 50 milhões o número de exemplares vendidos.⁴

Teses acadêmicas inteiras foram escritas apenas sobre os detalhes da ascensão póstuma de Orwell, como a de John Rodden, *George Orwell: The Politics of Literary Reputation*. Não há nenhuma garantia de que Orwell veria essas obras com bons olhos, especialmente quando elas contêm frases opacas como essa: “Tipicamente, a senha primária é o ponto de partida para a evolução das variantes, mas as variantes também podem servir de base para estabelecer a senha primária. O que distingue certas senhas como ‘primárias’ não é a prioridade temporal, mas a centralidade e a frequência de sua ocorrência na história da recepção.”⁵ Ficamos nos perguntando como alguém que já leu “A política e a língua inglesa” poderia escrever tal frase. Mas o estilo é reflexo de algo maior, o fato de que Orwell não tem sido bem tratado pela academia, frequentemente atraindo a atenção de um pessoal de terceiro time. O sociólogo Neil McLaughlin argumenta que Orwell tem sido “relativamente ignorado” pelos departamentos universitários por ser enquadrado “na cultura popular” – e talvez porque há muito sua obra é cooptada pelos conservadores.⁶ Em contraste, nas últimas sete décadas, ele tem sido promovido e analisado com cuidado por intelectuais de alto nível, sobretudo fora dos muros acadêmicos, como Irving Howe, Norman Podhoretz e Christopher Hitchens.

Apenas alguns escritores se interessaram por Orwell durante sua vida, com destaque para Muggeridge e Arthur Koestler, que foi à Espanha sendo, ao mesmo tempo, espião comunista e jornalista a trabalho, terminando preso pelos nacionalistas. Assim como ocorreu com Orwell, a experiência na Guerra Civil Espanhola deixou Koestler profundamente desapontado tanto com a esquerda quanto com a direita. Sua ruptura pública com o Partido Comunista deu-se depois que voltou à Inglaterra para fazer discursos sobre a Espanha, recusando-se neles a denunciar o Poum, o qual, ele se lembrava, era “na época tratado pelos comunistas como inimigo número

um”.⁷ Em vez disso, falou sobre o que acreditava ser verdade, que os líderes do Poum operavam de boa-fé e que era estúpido e condenável chamá-los de traidores.

Koestler e Muggeridge são exceções, entretanto, homens que repararam em Orwell porque estavam na mesma estrada acidentada que ele. Todos os três faziam oposição ao comunismo dominado pelos stalinistas.

O nome de Orwell não aparecia na edição britânica do *Who's Who* enquanto ele estava vivo.⁸ Ele tem apenas uma entrada na edição de 1955 das *Bartlett's Quotations*, a primeira a sair após sua morte.⁹ Em 1956, Victor Gollancz, que publicou as obras iniciais de Orwell mas desistiu do escritor por suas críticas ao stalinismo, escreveu em uma carta para a filha: “Considero Orwell imensamente superestimado.”¹⁰

Ainda em 1963, o poeta e intelectual Stephen Spender podia considerar Orwell um bom estilista mas, mesmo assim, descartá-lo como uma figura decididamente menor, de pouco ou nenhum impacto duradouro.¹¹ Curiosamente, ele fez isso num livro dedicado à viúva de Orwell, Sonia. Quando perguntado em uma entrevista sobre Orwell, Spender emitiu o mais canhestro dos elogios: “Se você lê as obras dele com cuidado, muitas vezes acaba pensando que ele chega às conclusões certas pelas razões mais inadequadas.”¹² Em sua atroz autobiografia, Spender omite qualquer menção a Orwell. Entretanto, ele escreve com entusiasmo, como um aprendiz de Hemingway, sobre o tempo que ele próprio passou na Espanha: “Havia sempre ... a sensação de se estar vivendo tão dramaticamente o momento que tudo o mais era esquecido, e portanto era-se atravessado pelo sentimento de algo peculiarmente espanhol.”¹³ Ele também afirma, sem muita lógica, que “meus poemas da Espanha são poemas de um pacifista que, não obstante, apoia a ação militar”.¹⁴ Não surpreende que Koestler, discutindo política com Spender certa vez, no Café Royal de Londres (como já referido, um lugar frequentado por Orwell), tenha lhe dito, com desprezo: “Não fale mais nada, não fale mais nada, pois consigo adivinhar cada coisa que você irá dizer nos próximos vinte minutos.”¹⁵

Poucos críticos subsequentes de Orwell o teriam em tão baixa conta quanto Spender. Nos anos 1960, mais ou menos na mesma época em que Spender denegria sua imagem por escrito, a reputação de Orwell começou uma trajetória de firme ascensão, que se manteve por décadas.¹⁶ Pela primeira vez coletâneas dos ensaios de Orwell foram publicadas.

Desde então, a reputação de Orwell decolou. Ele agora é visto como uma figura central de sua época, às vezes descrito como um dos mais importantes escritores do século. Várias retrospectivas da história intelectual do século XX enfocam sua figura.

No livro *The Modern Mind*, de Peter Watson, publicado originalmente em 2000, Orwell é elevado à categoria de figura central, ponto de referência.¹⁷ A primeira das quatro partes do livro é intitulada “De Freud a Wittgenstein”, e a segunda é “De Spengler à *Revolução dos bichos*”. Orwell também é destacado, embora não tanto, no último livro do historiador Tony Judt, *Pensando o século XX*. Uma história da Grã-Bretanha no pós-guerra publicada em 2015 foi intitulada *Orwell’s Faded Lion*. Como mencionado anteriormente, quando a *National Review*, uma revista conservadora americana, compilou uma lista dos livros de não ficção mais importantes do século XX, Orwell ocupava dois lugares entre os dez primeiros – o único escritor a gozar dessa honra –, com *Lutando na Espanha* e *Collected Essays*.¹⁸ No alto da lista estavam as memórias de Churchill da Segunda Guerra Mundial. Robert McCrum, editor de literatura do *Observer* de Londres, chamou Orwell de “um dos mais influentes escritores ingleses do século XX”. O crítico Philip French, do *Guardian*, aumentou o elogio e considerou Orwell “talvez o maior escritor do século XX”, sem considerações de nacionalidade.¹⁹ Mais recentemente, o mesmo jornal descreveu *1984* como “talvez o romance inglês mais famoso do século XX”.²⁰ Em opiniões emitidas pelos atuais membros da Suprema Corte americana, Orwell era o terceiro autor mais citado, perdendo para Shakespeare e Lewis Carroll.²¹

Em sua ascensão, Orwell tem sido objeto de algumas análises e comentários muito pobres, porém mesmo isso talvez seja adequado, uma vez que poucos grandes autores produziram tantas obras ruins quanto ele.

Orwell no bloco soviético

Uma das molas mestras da escalada de Orwell foi o efeito que ele teve sobre a Europa Oriental e sobre os intelectuais russos dispostos a entender e descrever seus novos governantes comunistas. “Mesmo aqueles que conhecem Orwell apenas de ouvir falar ficam impressionados com o fato de que um escritor que nunca morou na Rússia tenha tido uma percepção tão aguda de como é a vida por lá”, observou o poeta e diplomata polonês Czesław Miłosz, em *Mente cativa*, escrito em 1953. Em certos momentos, seu livro pode ser lido como uma explicação de *1984*: “O Partido luta contra qualquer movimento de descida às profundezas de um ser humano, especialmente na literatura e na arte”, observou Miłosz.²² “O que não é expressado não existe. Assim, se os homens são proibidos de explorar as profundezas da natureza humana, consegue-se destruir neles o desejo de fazer tais explorações; e as profundezas neles próprios tornam-se, aos poucos, irreais.” O resultado, ele alertou, era que “aqui no Leste não há separação entre o homem e a sociedade”.

Numa reverência consciente a Orwell, o dissidente soviético Andrei Amalrik, em 1970, assim intitulou sua crítica do poder soviético: *1984: chegará a URSS até lá?* No livro, ele prevê, com razão, que, “obrigado a devotar tanta energia ao controle físico e psicológico de milhões de seus cidadãos, nenhum Estado poderá sobreviver indefinidamente”.²³

A ESTRELA DE ORWELL SUBIU tão alto na década de 1980 que teve início uma disputa intelectual para saber qual campo ideológico poderia reivindicá-lo, tivesse ele chegado a uma idade avançada. “Acredito que, se estivesse vivo hoje, ele seria um neoconservador”, afirmou Norman Podhoretz, o padrinho desse movimento, em 1983.²⁴

Ao dizer isso, Podhoretz baseou-se em sua visão, enfaticamente defendida, de que o tema essencial de Orwell eram os fracassos da intelligentsia de esquerda. Mas uma das armadilhas da crítica literária é atribuir suas próprias opiniões ao objeto de análise. Criticar a esquerda a partir de sua

perspectiva recém-descoberta de direita pode ter sido o que guiou Podhoretz, mas para Orwell as coisas não funcionavam assim. Na verdade, o tema que atravessa poderosamente todos os seus escritos, das obras de juventude, como *Dias na Birmânia*, até o fim dos anos 1930, e então indo dos grandes ensaios até *A revolução dos bichos* e *1984*, é o abuso do poder no mundo moderno pela esquerda e pela direita. Às vezes ele se manifesta no exame das negociações entre senhor e empregado na Birmânia colonial, em outras entre garçons e lavadores de pratos em Paris na época da Depressão, porém, com mais frequência, em seus ensaios e nas obras de 1937 em diante, é na relação entre o Estado e o indivíduo. Foi por esse motivo, por exemplo, que o movimento sindical polonês adotou Orwell na década de 1980, emitindo selos com sua imagem para o serviço de correios não estatal.²⁵ (Deve-se questionar, também, como Podhoretz pode ter negligenciado a oposição de Orwell ao Estado de Israel. Tosco Fyvel, amigo de Orwell e sionista ele próprio, lembrou que, para Orwell, “os sionistas eram colonizadores brancos como os britânicos na Índia ou na Birmânia, e os árabes eram como os birmaneses nativos. ... Ele era contra o nacionalismo judaico – contra todo nacionalismo”.²⁶ Fyvel, em contrapartida, evita lidar com a aparente contradição de que Orwell, em seus escritos, era um empenhado defensor da vida rural inglesa, o que não deixa de ser uma forma de regionalismo, se não de nacionalismo.)

O efeito mais duradouro da cooptação conservadora de Orwell é que a esquerda moderna nunca ficou inteiramente à vontade com o Orwell do pós-guerra. Aqueles que acreditam na liberdade de expressão mas veem com desconfiança o capitalismo exacerbado devem guardar um lugar para ele em seus corações e mentes, em vez de deixar que seja reivindicado apenas pelos conservadores. Só porque uma facção ou ala de escritores políticos citam um autor, isso não significa necessariamente que este concordaria com eles. Qualquer um que manifeste curiosidade sobre as concepções políticas de Orwell faria bem em lembrar que, em novembro de 1945, ele escreveu: “Pertencço à esquerda e devo trabalhar dentro dela, por mais que odeie o totalitarismo russo.”²⁷ Ele não era uma pessoa que, como observou sobre outro escritor, se deixaria ser “conduzida a um tipo perverso de pensamento Tory pelas loucuras do partido progressista do momento”.²⁸

Dito isto, durante o final da década de 1960 Orwell provavelmente ficaria agastado com parte do narcisismo hippie, e com muitos aspectos da Nova Esquerda, a julgar por seus escritos. “Sociedades hedonistas não duram”, ele escreveu certa vez.²⁹ Mas há boas chances de que teria criticado a década de 1960 não como conservadora, mas da perspectiva de seu socialismo agrário e de vilarejo. Mas talvez ele abraçasse outros aspectos dos anos 1960 e 1970, como a volta do contato com a terra e outras reações contra a agricultura praticada por grandes empresas, em favor dos alimentos orgânicos cultivados por pequenos produtores. Com efeito, em sua própria vida ele foi mais ou menos um adepto desse posicionamento, tentando pescar e plantar sua própria comida na Escócia, apesar da saúde frágil. Dado esse amor pela natureza e sua suspeita das grandes corporações, ele provavelmente também se engajaria na questão do aquecimento global.

O SEGUNDO GRANDE BOOM de Orwell ocorreu 34 anos após sua morte, com a chegada do ano de 1984 propriamente dito. Naquele ano, *1984* voltou a ser um best-seller, com 50 mil exemplares vendidos por dia no início do ano.³⁰ Steve Jobs e a Apple deram a Orwell uma nova turbinada, com um comercial de grande alcance, televisionado durante a final do Super Bowl. A peça publicitária, que apresentava o computador Macintosh, invocava imagens de *1984*, com uma figura *à la* Grande Irmão em uma imensa tela cinza que era espatifada por um martelo voador, jogado por uma mulher jovem e colorida, de camiseta branca e shortinho vermelho.³¹ Embora transmitido uma única vez, ele se tornou um dos comerciais mais famosos de todos os tempos.

Se tivesse conseguido fazer seu maltratado sistema respiratório sobreviver até o ano de 1984, data em que completaria 81 anos, Orwell quase certamente continuaria sendo um não conformista britânico, e um tanto prepotente, adotando uma vida agrícola fechada como a que tentou nas Hébridas Interiores, quando começava a morrer. Stephen Spender, acertando uma vez em relação a Orwell, observou: “O que ele valorizava era o velho conceito de uma Inglaterra lastreada na vida rural, na qual ser conservador é ser contra as mudanças que ocorrem, especialmente aquelas

que vão na direção de uma desigualdade produtiva. Ele se opunha a toda a classe média industrial e sem coração que nasceu durante o século XIX.”³²

E se tivesse de alguma forma sido capaz de ver o mundo de hoje, Orwell provavelmente teria endossado as críticas à crescente desigualdade econômica nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Rússia e na China. Dada a linha de raciocínio de sua *Revolução dos bichos*, ele não teria se surpreendido diante da odisseia da China moderna, de sua transformação pela Revolução Cultural até a perversa aliança contemporânea entre o Partido Comunista e os novos oligarcas bilionários. Pode-se apenas imaginar o que Orwell poderia escrever se tivesse passado um ano ou dois na China dos novos tempos.

OS ÚNICOS ABALOS SÉRIOS no engrandecimento de sua reputação foram duasavas de descobertas, em 1998 e 2003, mostrando que no fim da vida ele preparara uma lista de possíveis comunistas para o governo britânico.³³ Esse ato de delação, feito da cama do hospital em maio de 1949, torna-se mais compreensível diante do contexto da época.³⁴ Orwell vira amigos presos e executados sem justiça pelos soviéticos na Espanha, e tinha alguma razão para temer pela própria segurança após o lançamento de *A revolução dos bichos* – o qual, como foi dito, enfrentara obstáculos pré-publicação criados por Peter Smollett, uma autoridade britânica que trabalhava secretamente para os soviéticos. Smollett fora recrutado por Kim Philby, que àquela altura ainda não havia sido descoberto e permanecia ativo na vida inglesa, e respeitado, juntamente com outros agentes soviéticos como Guy Burgess e sir Anthony Blunt. Em setembro de 1949, quando Orwell já estava no leito de morte, foi dado a Philby o posto crucial de chefe da inteligência na embaixada britânica em Washington.

Não obstante, existe um importante consenso entre os pensadores modernos, tanto de direita quanto de esquerda, de que o trabalho de Orwell tornou-se indispensável para nossa compreensão do século passado, e também do nosso século. A direita neoconservadora o incensa com frases como “considerado por alguns o mais importante escritor do século XX”.³⁵ O esquerdista Hitchens foi mais longe, afirmando: “Ele tomou

posse do século XX, escrevendo sobre o fascismo, o comunismo e o imperialismo, de um jeito que nenhum outro escritor inglês pode reivindicar ter conseguido.” Em um texto publicado na revista *New Republic*, em 2013, um escritor aproximou Orwell de Montaigne e Shakespeare, chamando-o de o “sábio do século”.^{[36](#)}

A ressurreição de Orwell pós-11 de Setembro

Esse ponto leva ao terceiro, e talvez menos esperado, boom póstumo de Orwell. Alguns críticos especularam se Orwell cairia no esquecimento após o ano de 1984, ou pelo menos após a queda da União Soviética. Harold Bloom predisse, em 1987, que *1984* acabaria visto como “uma obra de época, como *A cabana do pai Tomás*”.³⁷ Mesmo o crítico literário Irving Howe, antigo defensor de Orwell, pensou ser possível que, após a Guerra Fria, “*1984* talvez desperte apenas um ‘interesse histórico’”.³⁸

No entanto, uma nova geração pós-Guerra Fria encontrou ressonância em suas palavras. Orwell tem gozado de uma nova onda de popularidade. A passagem do contexto histórico de *1984* parece ter libertado o romance e permitido que sua mensagem seja reconhecida como algo endereçado a um problema universal da humanidade moderna.

Prova disso é que, nos últimos anos, leitores e escritores do mundo todo têm se identificado com a representação que Orwell faz de um Estado quase onisciente. “Vivemos em uma nova era da vigilância, na qual o conceito de George Orwell, da vida numa sociedade em que cada cidadão está sob constante observação, mostra-se alarmantemente verdadeiro”, escreveu um blogueiro sem meias palavras, em julho de 2015.³⁹ Um escritor iraquiano, Hassan Abdulrazzak, disse em 2015: “Estou certo de que George Orwell, quando escreveu *1984*, não pensou: ‘Preciso escrever uma fábula instrutiva para um menino no Iraque.’ Mas esse livro me explicou o Iraque sob Saddam melhor do que qualquer outra coisa antes.”⁴⁰ Em 2015, *1984* entrou na lista dos dez livros mais vendidos na Rússia aquele ano.⁴¹

Em 2014, *1984* se tornou muito popular na Tailândia, como símbolo entre os manifestantes antigoverno, a ponto de a Philippine Airlines decidir avisar seus passageiros, em meio a uma lista de outras dicas, que carregar um exemplar do livro poderia causar problemas com oficiais do serviço de

imigração e outras autoridades.⁴² “Emma Larkin”, pseudônimo de uma jornalista americana morando a trabalho no sudeste da Ásia, registrou: “Na Birmânia há uma piada segundo a qual Orwell escreveu não apenas um romance sobre o país, e sim três: *Dias na Birmânia*, *A revolução dos bichos* e *1984*.”⁴³

Orwell parece ter ecoado com ainda mais força na China atual. Desde o ano de 1984, algo em torno de treze traduções de *1984* foram publicadas. Tanto este livro quanto *A revolução dos bichos* foram traduzidos para o tibetano. Explicando a relevância de Orwell para a China, um de seus tradutores, Dong Leshan, escreveu: “O século XX logo irá terminar, mas o terror político ainda sobrevive, e é por isso que *1984* continua sendo válido hoje.”⁴⁴

As meditações iniciais de Orwell sobre os abusos do poder político também encontraram novas plateias. Um radical islâmico, lendo *A revolução dos bichos* enquanto estava preso no Egito, entendeu que Orwell falava às suas dúvidas íntimas.⁴⁵ “Comecei a ligar os pontos e pensei: ‘Meu Deus, se esses caras com quem estou aqui algum dia chegarem ao poder, ele serão o equivalente islâmico à *Revolução dos bichos*’”, disse Maajid Nawaz. No Zimbábue, um jornal de oposição publicou uma versão serializada de *A revolução dos bichos* na qual era ressaltada a ideia de uma revolução sendo traída por meio de ilustrações que mostravam o porco Napoleão usando armações de óculos avantajadas, como gostava de fazer o presidente-eterno do país, Robert Mugabe.⁴⁶ Em resposta, alguém destruiu a prensa do jornal com uma mina antitanque. Um artista cubano, em 2014, foi preso sem julgamento ao montar uma versão teatral de *A revolução dos bichos*.⁴⁷ Para ter certeza de que as autoridades entenderiam a mensagem, ele pintara os nomes “Fidel” e “Raúl” em dois porcos.

Na era pós-11 de Setembro, *1984* em particular encontrou uma nova relevância, e uma nova geração de leitores ocidentais, devido a três aspectos interconectados.

Para os americanos de hoje, o pano de fundo de *1984*, o da guerra permanente, funciona como um aviso arrepiante. No livro, como na vida americana atual, o conflito está fora do palco, é ouvido apenas quando um

ou outro foguete explode à distância. “Winston definitivamente não conseguia se lembrar de um tempo em que seu país não estivesse em guerra”, Orwell escreveu em 1984.⁴⁸ (O mesmo é verdadeiro para todos os americanos hoje na casa dos vinte anos ou menos. No romance, alguns até suspeitam que o governo finja estar em guerra, alegando que há uma em curso para manter-se no poder.)

Numa época em que as guerras americanas são travadas com mísseis de alta precisão, disparados por drones, e com poucos SEALs e outras forças de operações especiais em partes remotas do Oriente Médio, com ocasionais atentados a bomba em cidades como Londres, Paris, Madri e Nova York, essa passagem do romance é assustadoramente presciente:

É uma luta de objetivos limitados entre combatentes incapazes de destruir um ao outro, e sem causa material para lutar. ... a guerra envolve um número muito pequeno de pessoas, sobretudo peritos de alta especialização, e causa relativamente poucas vítimas. O combate, quando há, é travado em fronteiras distantes, cuja localização o homem comum pode apenas imaginar. Nos centros da civilização, a guerra não significa mais que ... a queda ocasional de uma bomba-foguete, que talvez cause algumas dezenas de mortes.⁴⁹

O segundo impulsionador do boom de Orwell nos dias de hoje é o surgimento, após o 11 de Setembro, do Estado baseado no serviço de inteligência. Vivemos na época do Estado intrusivo, tanto no Oriente quanto no Ocidente. No início dos anos 2000, era rotina para o governo dos Estados Unidos matar pessoas em países com os quais não estava oficialmente em guerra, tais como o Paquistão e o Iêmen, usando aviões guiados por controle remoto. Muitos dos mortos nem sequer eram identificados, apenas apresentavam padrões de comportamento que o governo americano considerava ameaçadores. O assassinato de tais pessoas ficou conhecido como “ataques por assinatura”⁵⁰ – tomando como alvos, por exemplo, um homem em idade militar que apresentasse um padrão de comportamento associado ao de terroristas, como ter contato por telefone com terroristas conhecidos ou participar de uma reunião com eles. Muitas centenas desses ataques foram executados no Paquistão, no Iêmen e na Somália. (Os americanos, invocando o legalismo, chamaram a atenção para o fato de esses homens estarem armados, mas isso é apenas uma maneira de tergiversar, pois eles viviam em áreas como a fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, onde os homens adultos com frequência

andam armados.) Os “metadados” – a manipulação de bilhões de bits de informação, a fim de identificar padrões até então invisíveis – permitem aos governos compilar silenciosamente dossiês sobre o comportamento de milhões de indivíduos.

É claro, o governo americano adotou esses métodos intrusivos e letais em resposta aos ataques do 11 de Setembro. Não seria de espantar se Orwell denunciasses frontalmente tanto os ataques quanto a resposta apavorada do governo americano. Lembrem-se de sua observação, citada no final da introdução deste livro: “Se a liberdade significa alguma coisa, é o direito de dizer às pessoas o que elas não querem ouvir.”⁵¹ Nessa linha de raciocínio, é significativo que a maior ameaça à liberdade detectada pelo Winston de Orwell, em *1984*, não venha do exterior, mas de seu próprio governo.

Um terceiro motivo para o boom de Orwell, e talvez o mais chocante, é a maneira como a tortura em *1984* prenuncia seu uso no Estado contemporâneo, envolvido numa infinita “guerra contra o terror”. Após o 11 de Setembro, pela primeira vez na história americana a tortura se tornou uma política oficial. (Antes disso, havia sido usada ocasionalmente, mas sempre em desrespeito à lei, e às vezes sendo reprimida.) Agentes da CIA admitiram ter feito uso de tortura, quase que desafiando algum promotor a indiciá-los – o que não aconteceu.

Por vezes, vemos debates ocasionais entre especialistas sobre qual escritor de meados do século XX, ao fazer previsões, acertou mais coisas sobre o futuro – Aldous Huxley, com sua visão em *Admirável mundo novo*, no qual as pessoas eram controladas pelo Estado através do prazer, ou Orwell, com sua visão mais pessimista de um Estado construído e mantido pelo uso da dor. (Huxley, com efeito, foi por pouco tempo um dos professores de francês de Orwell em Eton.) Na verdade, trata-se de uma falsa diferenciação – os dois estão certos. A grande maioria das pessoas, se entretida, fica satisfeita e não desafia o Estado. Mas uma dissidência minoritária costuma emergir, e suprimi-la geralmente parece exigir métodos mais severos. Como Orwell escreve já quase no final de *1984*, “a escolha colocada ao gênero humano é entre a liberdade e a felicidade, e ... para a grande massa da humanidade, a felicidade era preferível”.⁵² Mais

do que isso, a maioria dos americanos parece mais ou menos confortável com a ideia de ter suas conversas privadas monitoradas por um aparato de segurança estatal. Tanto nesse ponto quanto no uso da tortura, o povo americano tacitamente consentiu em abandonar de maneira radical suas tradições nacionais.

Outros Estados estão seguindo o exemplo americano, ao explorar as possibilidades intrusivas das escutas eletrônicas de última geração. Durante a revolta na Ucrânia, em 2014, o governo pró-Rússia, pressionado pelos manifestantes, enviou-lhes o mais orwelliano dos recados. Ele monitorou a localização dos telefones celulares próximos aos protestos e disparou uma mensagem de texto coletiva. “Querido assinante”, ela alertava, “você está registrado como participante dos distúrbios populares.”⁵³ Esse “querido” inicial é particularmente evocativo do estilo Grande Irmão.

ORWELL, É CLARO, não via tudo. Ele temia a força bruta do totalitarismo, mas, como vimos, nunca visitou os Estados Unidos, e por isso talvez não tenha apreendido a resiliência do capitalismo. Assim como fez um juízo equivocado da adaptabilidade do soldado americano durante a Segunda Guerra Mundial, da mesma forma Orwell subestimou a natureza robusta e adaptativa da sociedade que os criou. Ele escreveu, em outro contexto, em 1943, que “uma economia regulada pelo objetivo do lucro simplesmente não é igual a se rearmar numa escala moderna”.⁵⁴ Tal afirmação pode ter sido verdadeira na Grã-Bretanha dos anos 1930, que tinha uma economia decadente e falhara em financiar adequadamente a inovação. Mas, nas últimas oito décadas, os Estados Unidos provaram três vezes que tal afirmação estava incorreta – primeiro na Segunda Guerra Mundial, depois durante o armamentismo da era Eisenhower e finalmente no pós-Vietnã, quando os investimentos de Reagan combinaram-se com o Vale do Silício para criar no país uma máquina militar poderosa e computadorizada.

Como consequência disso, Orwell também subestimou quão intrusivos os governos e as empresas poderiam se tornar. Ele previu, incorretamente, em *O caminho para Wigan Pier*, que “o ritmo do progresso mecânico será muito mais rápido uma vez que o socialismo seja estabelecido”.⁵⁵ Sua

visão pode ter ficado restrita à sua localização. Suas crenças sobre as limitações do capitalismo nasciam do que ele via na Grã-Bretanha – isto é, o capitalismo estagnado de uma era industrial ultrapassada. Seu principal objetivo era a eficiência, o que significa que o sistema dependia de gerentes arrancando qualquer dinheirinho a mais dos sistemas e dos trabalhadores existentes. “Os processos envolvidos em fazer um avião, por exemplo, são tão complexos que só podem ocorrer numa sociedade centralizada e planejada, com todo o aparato repressivo que isso implica”, ele escreveu em 1945.⁵⁶ “A não ser que alguma mudança imprevisível ocorra na natureza humana, a liberdade e a eficiência devem puxar em direções opostas.”

Ele não poderia adivinhar que, na aurora da era da informação, várias décadas depois, a eficiência se tornou muito menos importante economicamente do que a inovação e a adaptabilidade. Apple, Microsoft, Google e uma miríade de outras empresas, todas criadas no fim do século XX, não produziram novas máquinas de escrever, mas criaram produtos inteiramente novos, tais como computadores que cabem na palma da mão e utilidades específicas para eles. Elas não foram eficientes nessa tarefa, pois a inovação é um processo que necessariamente gera desperdício, produzindo muito mais fracassos do que sucessos. Na verdade, essas empresas só puderam competir oferecendo muito dinheiro e benefícios a trabalhadores capazes de criar produtos inovadores. Orwell não poderia adivinhar tampouco que tais empresas, paradoxalmente inspiradas por uma ideologia californiana de libertação pessoal, logo iriam produzir artefatos que se imiscuiriam ainda mais na vida privada do que haviam feito os titãs da era industrial, com empresas monitorando infinitamente os indivíduos a fim de lhes vender mais produtos. Há um ditado no Vale do Silício segundo o qual não há aplicativo grátis – se o aplicativo é grátis, então o indivíduo que o utiliza é o produto. Em outras palavras, as corporações do Vale do Silício veem as pessoas hoje como recursos a serem encontrados e explorados, não muito diferente, por assim dizer, de como era visto o carvão no século XIX.

A nova relevância de Orwell, ao que parece, fez dele nos últimos anos, pela primeira vez, uma espécie de celebridade, com presença frequente na cultura popular. Um “Alerta Google” relativo ao nome “Orwell”, mantido

durante a escrita deste livro, produziu um fluxo constante, diário, de vinte ou trinta citações sobre ele em jornais, revistas, websites e outras mídias ao redor do mundo. Invariavelmente, pelo menos uma entrada tinha início com o seguinte pensamento: “Se Orwell fosse vivo hoje...” A isso seguia-se, em geral, a denúncia contra alguma coisa que seu autor desaprovava. Nos comentários políticos, Orwell é simplificado a ponto de se tornar um porrete com o qual se pode bater no adversário. Eis um uso típico, saído da página de opinião do conservador *Wall Street Journal*: “Adaptando o lema da Oceânia escrito por George Orwell: Sob o governo Obama, amigos são inimigos, negação é sabedoria, capitulação é vitória.”⁵⁷ E eis aqui outro, escrito poucas semanas depois por um universitário liberal: “Os Estados Unidos ainda não são uma distopia orwelliana. ... Mas se suas políticas públicas continuam merecendo o ‘ainda’, um voto para um candidato republicano é um voto que empurra o país na direção de 1984.”⁵⁸ É fácil achar graça nessas invocações de Orwell, mas isso seria perder de vista o aspecto mais importante e benéfico delas: as obras de Orwell instruíram muita gente sobre como se vacinar contra a retórica hipnótica dos pronunciamentos governamentais, da onipresente vigilância oficial e, acima de tudo, da intrusão do Estado na vida particular do indivíduo.

Também há um fluxo interessante de referências a Orwell no mundo das artes e do entretenimento. Cumulativamente, essas referências fazem dele, para todos os efeitos, uma figura cotidiana em nossa cultura. Em 2013, quando preparou uma lista com seus cem livros favoritos, o cantor David Bowie incluiu três de Orwell.⁵⁹ O técnico do time de futebol do Birmingham City elegeu *1984* como seu livro preferido.⁶⁰ Uma banda de Chicago chamada The Orwells, adepta de um rock alegremente barulhento, ganhou fama internacional com a força de canções como “Who Needs You?” e “Dirty Sheets”, dois títulos que George Orwell, se tivesse vocação para a música, poderia ter inventado. Uma dupla indie canadense chamada Town Heroes lançou um álbum inspirado no conselho orwelliano de tentarmos enxergar o que está bem diante do nosso nariz.⁶¹

Talvez o mais bem-sucedido tributo recente a George Orwell seja *O Círculo*, um agitado romance de Dave Eggers que transporta *1984* para o atual Vale do Silício. A história se passa em uma empresa chamada O Círculo, que parece ter absorvido as três gigantes – Apple, Google e

Facebook –, e talvez várias outras companhias da área de informação. O enredo segue a descida de uma jovem chamada Mae até o mundo da total vigilância voluntária. Provavelmente não é coincidência que a nova sede que vem sendo gestada e construída pela Apple há vários anos seja um círculo perfeito, revestido por folhas curvas de vidro.⁶² No design da Apple há um eco inconsciente da prisão ideal concebida pelo filósofo e jurista Jeremy Bentham, o panóptico circular, no qual um só guarda vigiaria, sem revelar sua presença, todos os presos ao mesmo tempo, obrigando-os a ter um bom comportamento pela simples ideia da vigilância.⁶³ Mas, como Eggers reconheceria, o edifício da Apple não é construído para a observação interna dos prisioneiros, mas para bisbilhotar nossas vidas aqui fora.

O romance é potencializado pela combinação de um retrato realista da mentalidade no Vale do Silício com a própria visão de Eggers de que os esforços corporativos do Vale irão, no fim das contas, prejudicar nossas liberdades pessoais. “Todos deveriam ter o direito de saber tudo”, diz um dos três chefes da empresa, e, se todos fossem vigiados, continua ele, “isso nos levaria a um estilo de vida com valores morais mais fortes. ... Mae, nós finalmente estaríamos obrigados a ser a melhor versão de nós mesmos.” Eggers, com habilidade e malícia, embrulha esse pensamento horrível em “dialeto californiano”: “*Finalmente realizaríamos nosso potencial.*”

Os supervisores de Mae descobrem que ela não compartilhou todos os dados sobre suas experiências. Então a interrogam em público, numa sessão vista por aqueles à sua volta como sendo de crescimento espiritual. Ela resume, com a concordância dos seus pares, o que foi obrigada a aprender:

SEGREDOS SÃO MENTIRAS

COMPARTILHAR É AMAR

PRIVACIDADE É ROUBO

Talvez não surpreenda que a *Digital Trends*, uma publicação especializada em tecnologia, tenha considerado partes do livro “quase ofensivas”.⁶⁴

Enquanto isso, na academia, professores reviravam tudo atrás de minúcias da carreira de Orwell, por exemplo o fato de ele, enquanto trabalhava em *Na pior em Paris e Londres*, ter sido preso por uma noite, em 1931, dando à polícia o nome de “Edward Burton”.⁶⁵ Um jornalista, ao investigar o período de Orwell como comerciante em Hertfordshire, descobriu, previsivelmente, que pelo menos um de seus vizinhos o considerava “uma negação” na empreitada.⁶⁶

Hoje, é claro, Orwell poderia ter uma boa renda simplesmente ficando sentado em sua loja e autografando livros. Seu testamenteiro literário contou a uma publicação britânica em 2014 que a receita do espólio de Orwell havia crescido dez pontos percentuais nos últimos três anos – superando de longe a estagnação da economia.⁶⁷ A BBC inaugurou em novembro de 2017 uma estátua de seu antigo funcionário, Orwell, postada na entrada do prédio da emissora. Diante de tantos elementos, em termos de influência contemporânea, Orwell disparou na frente de Churchill.

TANTOS TRIBUTOS EXAGERAM no valor de Orwell hoje? Talvez, sobretudo nas referências cotidianas que fazem dele o absoluto profeta no que diz respeito ao totalitarismo. Apesar disso, na maior parte das vezes, as evidências atuam a seu favor. Uma razão de os contemporâneos de Orwell não o incluírem em seus panoramas críticos é que o escritor entendia sua época melhor do que eles. Não era possível provar isso então, mas essa certeza brotou diante do conjunto de fatos ocorridos nas seis décadas que se passaram desde que ele parou de escrever.

No entanto, a contribuição mais duradoura de Orwell para a cultura ocidental pode passar quase despercebida. Muitos ressaltam que ele é um dos poucos escritores que acrescentaram à língua palavras e expressões novas – “duplipensar”, “Grande Irmão”, “buraco da memória”. “Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais do que os outros.”

Menos realçado é que seu estilo inconfundível, sobretudo ao falar de política e cultura, tornou-se o padrão nas discussões modernas desses assuntos. Em publicações como o *Times Literary Supplement* e a *New York Review of Books*, e nos editoriais de centenas de veículos, a abordagem

predominante tende a ser como a dele, ou ao menos tenta: clara e opiniática, amparando tais opiniões em fatos concretos, conhecidos porém menosprezados. Essa é uma das razões de seus ensaios e resenhas parecerem tão atuais. Tomemos, por exemplo, essas duas frases do escritor americano e especialista em política Ta-Nehisi Coates: “Mas todas as nossas expressões – *relações raciais*, *cisma racial*, *justiça racial*, *perfilamento racial*, *privilégio branco* e mesmo *supremacia branca* – servem para esconder que o racismo é uma experiência visceral, que tira o cérebro do lugar, tapa as vias respiratórias, rasga os músculos, extrai órgãos, quebra ossos e arranca dentes. Não devemos jamais desviar o olhar de algo assim.”⁶⁸ O vocabulário, o ritmo e, acima de tudo, a recomendação fundamental de prestar atenção à maneira como o poder realmente se expressa são a quintessência de Orwell.

É um risco, mas talvez não muito grande, dizer que Churchill e Orwell – junto com muitos outros – podem ter ajudado a criar as condições do boom econômico do fim do século XX. Churchill achava que seus atos como líder em tempos de guerra tornaram possível o mundo pós-guerra. A Guerra Fria foi a consequência da Segunda Guerra Mundial, e a conclusão desse conflito foi definida pelos acontecimentos de 1940, que tiveram Churchill como figura central. A Rússia e os Estados Unidos, então ainda fora da guerra, acabariam sendo os vitoriosos, mas, em 1940, Churchill foi importante como “aquele que não fraquejou”,⁶⁹ como observou o historiador John Lukacs, nascido na Hungria e ele próprio um prisioneiro dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. O escritor britânico Paul Johnson provavelmente expressa melhor a ideia quando diz: “Qualquer pessoa que valorize a liberdade no Estado de direito e o governo pelo, para e emanando do povo pode encontrar conforto e segurança na história de sua vida.”⁷⁰

O crescimento econômico criou um espaço para o indivíduo, e a oportunidade dentro dele para a autoexpressão criativa. É pouco provável que o fascismo e o comunismo fossem capazes de fomentar o boom econômico do final do século XX. Apesar de sua natureza intrusiva, a internet permanece mais benéfica do que danosa, uma vez que encoraja a expressão individual. Na maior parte dos últimos duzentos anos, normalmente era necessário algum capital para se tornar um editor. Isso já

não acontece. Agora qualquer um com acesso a um computador pode transmitir opiniões, fatos e imagens do mundo. O efeito colateral é que os governos e as corporações podem amealhar dados em larga escala e fazer a internet parecer a teletela de *1984*, porém ainda mais abrangente, um gigantesco mecanismo que combina vigilância estatal com comércio capitalista.

Orwell viu que as pessoas poderiam ser escravizadas pelo Estado, mas não previu que elas poderiam se tornar algo diferente, que também lhe pareceria horrível: produtos de corporações, informações digitais a serem infinitamente exploradas e revendidas. Ele com certeza seria um crítico poderoso disso tudo.

Posfácio

A trajetória de Churchill e Orwell

QUANDO SE DEPARARAM com um momento crucial da história, Churchill e Orwell primeiro responderam procurando os dados objetivos da questão. E então agiram de acordo com seus princípios. Eles enfrentaram uma situação genuinamente apocalíptica, na qual seu estilo de vida estava ameaçado de extinção. Muita gente em volta deles esperava que o mal triunfasse e tentou se ajustar a isso. Churchill e Orwell, não. Eles responderam com coragem e lucidez. Se há alguma coisa que devemos a eles, é a sabedoria de empregar esse processo de duas etapas, sobretudo em tempos de crises dilacerantes: fazer um esforço para discernir os dados objetivos da questão, e então usar seus princípios para respondê-la.

Eles com frequência erravam em seus julgamentos, mas estavam determinados a continuar tentando chegar à raiz do problema, o que é igualmente importante.¹ Orwell, em especial, jamais desistiu de tentar ver as coisas de maneira clara, através de todas as mentiras, embromações e distrações. Em vez de moldar os fatos para se encaixarem nas suas opiniões, ele se dispunha a deixar que os fatos moldassem suas opiniões.

No momento em que lidamos com o terrorismo, o aquecimento global, a desigualdade econômica e o racismo, e também com políticos apavorados e líderes demagógicos, faríamos bem em lembrar que esse dois homens reagiram aos mais avassaladores eventos de sua época. Foram especialmente bem-sucedidos em identificar os delírios de seus respectivos meios sociais – sempre uma ferramenta importante, ainda que um empecilho para se fazer ou manter amizades.

Devemos lembrar que a maioria de nós, na maior parte do tempo, rejeita vozes como as de Orwell e Churchill quando as encontra pela frente. A maioria de nós, quando confrontada com uma crise, não mergulha no problema. Em vez disso, praticamos a negação. A política de conciliação,

em 1930, era isso – um jeito de não lidar com a questão, de virar as costas para alguns fatos duros e inevitáveis.

O termo “fuga psicológica” é usado por Taylor Branch repetidas vezes, no primeiro volume da biografia de Martin Luther King Jr., para descrever a reação inicial predominante na população branca, quando confrontada com o movimento dos direitos civis.² O maior desafio dos ativistas dos direitos civis nos Estados Unidos dos anos 1950 e 1960 não era o preconceito em si, nem sempre estava no sul do país. Era, isso sim, uma relutância, mesmo entre aqueles bem-intencionados, a encarar um mal que apodrecia e cujo enfrentamento já não podia esperar.

Em abril de 1963, o dr. King estava sentado em uma cela de Birmingham, Alabama, acusado de violar a lei ao conduzir marchas e piquetes como parte da campanha pelos direitos civis. Seu advogado, no dia 13 de abril, levou-lhe a edição do *Birmingham News*. Na página 2, King leu a manchete: CLÉRIGOS BRANCOS ESTIMULAM NEGROS LOCAIS A SE RETIRAREM DAS PASSEATAS. No texto da matéria, sete figuras religiosas proeminentes do município, brancas e declaradamente a favor da integração racial, eram citadas rejeitando a campanha de King, considerando-a “pouco inteligente e fora de hora”.³ A coisa certa a fazer, recomendavam os clérigos moderados, era que os extremistas de ambos os lados esfriassem a cabeça e dessem um tempo às pessoas.

King começou a escrever sua resposta nas margens do jornal, o único papel de que dispunha. Terminou de escrevê-la quatro dias depois. Nessa “Carta da prisão de Birmingham”, King, como Orwell e Churchill, simplesmente pedia às pessoas que vissem o que estava diante de seus narizes. Ele começa com uma descrição do que estava fazendo em sua campanha e do motivo de o estar fazendo. O primeiro passo, ele instrui os clérigos, é “reunir os fatos para determinar se as injustiças se mantêm”. Os três outros, ele continuava, eram “2) negociação; 3) autopurificação; 4) ação direta”.

Orwell defenderia a tese de que o primeiro passo, reunir os fatos, era o mais revolucionário dos gestos, como foi para Winston em 1984. King argumentava que, em um mundo lastreado pelos fatos, no qual o indivíduo

tem o direito de informar-se e julgá-los por sua conta, o Estado precisa conquistar o direito de liderar seus cidadãos. Quando ele fica aquém da própria retórica, começa a trair a lealdade de todos. Essa é uma reflexão ao mesmo tempo profundamente revolucionária e muito americana.

King, a seguir, expõe os fatos:

É provável que Birmingham seja a cidade americana com a mais completa segregação. Sua ficha corrida de brutalidade policial é conhecida em todo o país. O injusto tratamento que os negros recebem em suas cortes é uma realidade notória. Aqui têm ocorrido mais atentados a bomba nas casas e igrejas dos negros, sem que se encontrem os culpados, do que em qualquer outra cidade desta nação. Esses são os fatos duros, brutais e inacreditáveis.

Não é uma contradição que ele advogue pela quebra da lei como forma de obrigar o Estado a tratar seus cidadãos decentemente? Nem um pouco, ele responde, invocando o tradicional direito do indivíduo de chegar às suas próprias conclusões. “Qualquer lei que eleve a personalidade humana é justa”, ele afirmou. “Qualquer lei que degrade a personalidade humana é injusta.”

É bem possível que Orwell aderisse a essa distinção. Ele também iria concordar com o pensamento seguinte de King: “Se eu vivesse num país comunista hoje, onde certos princípios caros à fé cristã são suprimidos, creio que defenderia abertamente a desobediência a essas leis antirreligiosas.”

Algumas páginas adiante, King, expressando sua confiança na vitória futura do movimento pelos direitos civis, afirma que “o direito derrotado é mais forte que o mal triunfante”.⁴ Nessas palavras, há um eco da posição de Churchill na primavera de 1940.

A negação que Churchill e Orwell enfrentaram, relativa à ascensão de Hitler e aos defeitos do comunismo, demonstra como essa alienação pode enfraquecer nos homens a capacidade de responder à tirania. Mesmo diante de uma ameaça militar iminente, a classe dirigente inglesa foi incapaz de reunir forças para defender o estilo de vida das democracias liberais. Confrontar a União Soviética após a Segunda Guerra Mundial era um desafio mais complexo, mas exigia no mínimo que o comunismo stalinista fosse visto pelo que era: uma ideologia totalitária assassina que

extinguia a liberdade do povo não apenas de falar, mas de pensar, hipótese que equivalia à pior das torturas para dois pensadores poderosos e idiossincráticos como Churchill e Orwell.

À medida que o tempo passa, vamos identificando os verdadeiros heróis do passado recente. Sabemos agora que Martin Luther King Jr., Bayard Rustin, Malcolm X e outros recusaram-se a ter paciência. Fora dos Estados Unidos podemos encontrar, entre aqueles que ajudaram a tirar a Europa Oriental e a Rússia das mãos funestas do comunismo, Václav Havel, Czesław Miłosz, Lech Wałęsa, o papa João Paulo II, Aleksandr Soljenítsin, Andrei Sakharov e outros dissidentes.

A maioria de seus contemporâneos optaram por outro caminho. A maioria, em tais situações, está quase sempre errada, pelo menos no início. O escritor Milan Kundera, tcheco de nascimento, lembra-nos, em seu *O livro do riso e do esquecimento*, que na primavera de 1948, quando os soviéticos impuseram o comunismo stalinista na Tchecoslováquia, eles foram saudados com entusiasmo pelos “mais dinâmicos, mais inteligentes, os melhores. Sim, diga o que quiser, os comunistas eram mais inteligentes. Eles tinham um programa imbatível. O plano para um mundo inteiramente novo, onde todos teriam lugar. Os oponentes não tinham um grande sonho, apenas alguns princípios morais cansativos e remendados, com os quais tentavam esconder os rasgos nas calças da ordem estabelecida”.⁵

Após tomarem o poder, os comunistas da Tchecoslováquia puseram em prática um programa que não teria pego Orwell de surpresa, o de sistematicamente apagar o passado. Um dos personagens de Kundera, um historiador prestes a ser preso por muitos anos, coloca a questão nos seguintes termos: “Você começa a liquidar as pessoas ... tirando delas sua memória. Você destrói seus livros, sua cultura, sua história.” O próprio Kundera também partiu para o exílio.⁶

Recusar-se a correr com a manada é, em geral, mais difícil do que parece. Romper com o mais poderoso entre os membros da manada requer inusual profundidade de caráter e clareza mental. Mas é um caminho que todos devemos procurar, se quisermos preservar nosso direito de pensar, falar e agir com independência, obedecendo aos ditames não do Estado ou do

pensamento da moda, mas de nossas próprias consciências. Na maioria dos lugares e na maior parte do tempo, a liberdade não é produto da ação militar. Ao contrário, é algo vivo que cresce ou diminui todos os dias, em como pensamos e nos comunicamos, em como tratamos uns aos outros em público, no que valorizamos e recompensamos como sociedade, e em como fazemos tudo isso. Churchill e Orwell nos mostram o caminho. King, seguindo-o, encontrou um jeito de redimir os Estados Unidos, como Lincoln fizera em Gettysburg cem anos antes.

Todos nós podemos almejar o mesmo, perseguindo os dados objetivos, especialmente sobre o passado de nossos respectivos países.⁷ Os fatos têm efeitos incrivelmente duais. Encontros de “verdade e reconciliação” na Argentina, na África do Sul e em partes do País Basco, na Espanha, já demonstraram que os fatos são instrumentos maravilhosamente efetivos – eles são capazes de demolir as mentiras, mas também de implantar as fundações para que possamos seguir em frente. Para que as democracias prosperem, a maioria deve respeitar os direitos da minoria de discordar, em voz alta. A visão mais perspicaz quase sempre será, de início, oriunda da minoria. Aqueles no poder com frequência tentarão desviar as pessoas dos fatos objetivos de um determinado assunto, seja na Rússia, na Síria ou mesmo nos Estados Unidos. Por que levou tanto tempo até os americanos brancos compreenderem que a polícia volta e meia trata os americanos negros como um inimigo a ser intimidado, mesmo nos dias de hoje? Por que permitimos a certos líderes políticos, desprovidos da fidelidade de Churchill às instituições tradicionais, que se apresentem como “conservadores”?

A luta para ver as coisas como elas são talvez seja o principal vetor da civilização ocidental. Há uma linha longa e direta de Aristóteles e Arquimedes até Locke, Hume, Mill e Darwin, e deles até Orwell e Churchill e a “Carta da prisão de Birmingham”. Trata-se do consenso de que a realidade objetiva existe, de que as pessoas de boa-fé podem vê-la e de que outras pessoas irão mudar seu ponto de vista quando conhecerem os fatos objetivos.



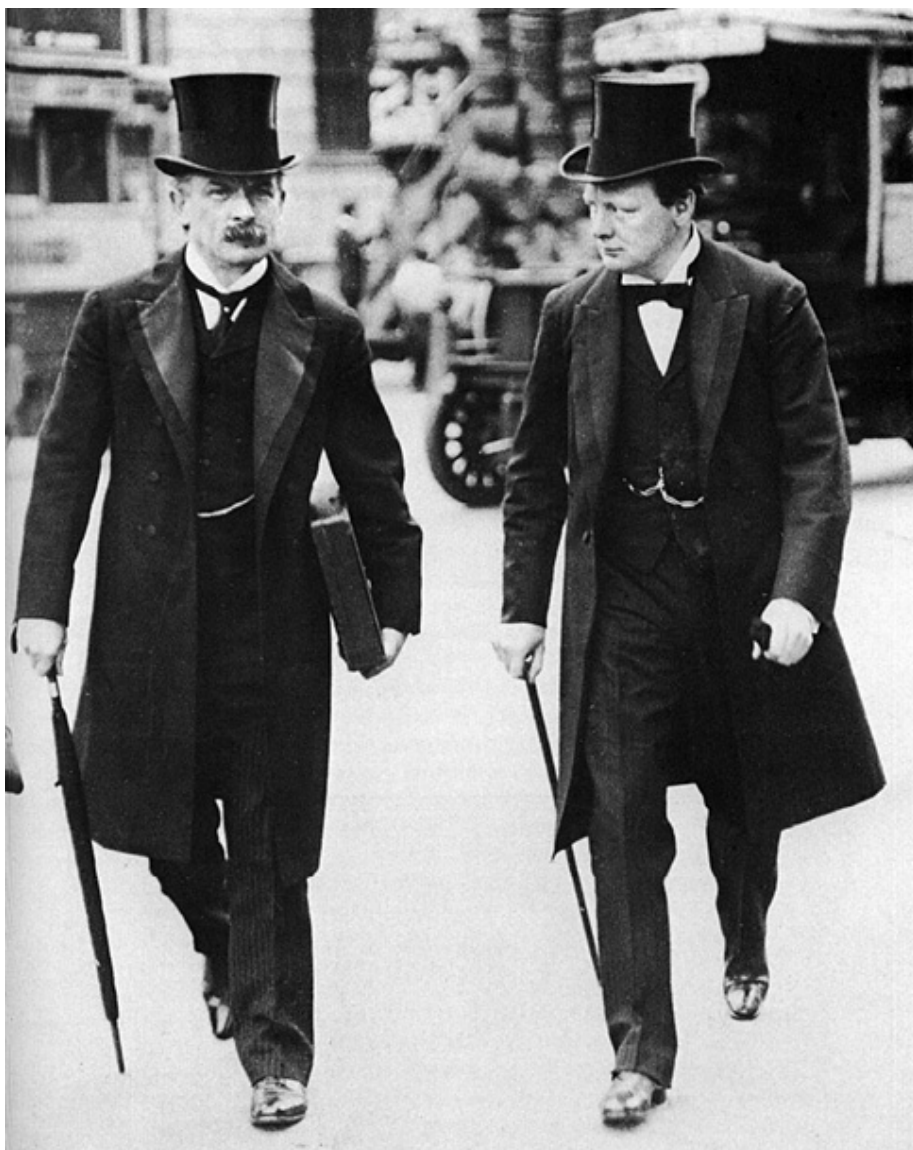
Quando a Marinha Real simbolizava o poder global da Grã-Bretanha, os meninos eram fotografados com roupas de marinheiro. Winston Churchill aos sete anos de idade, já com ar imperial.



Quando a Marinha Real simbolizava o poder global da Grã-Bretanha, os meninos eram fotografados com roupas de marinheiro. Eric Blair (George Orwell) aos três anos.



Em 1895, Churchill era segundo-tenente no 4º Esquadrão de Hussardos da Rainha.



Churchill, em 1911, como primeiro lorde do almirantado.



Churchill (à direita) após cair prisioneiro dos bôeres na África do Sul, em novembro de 1899.



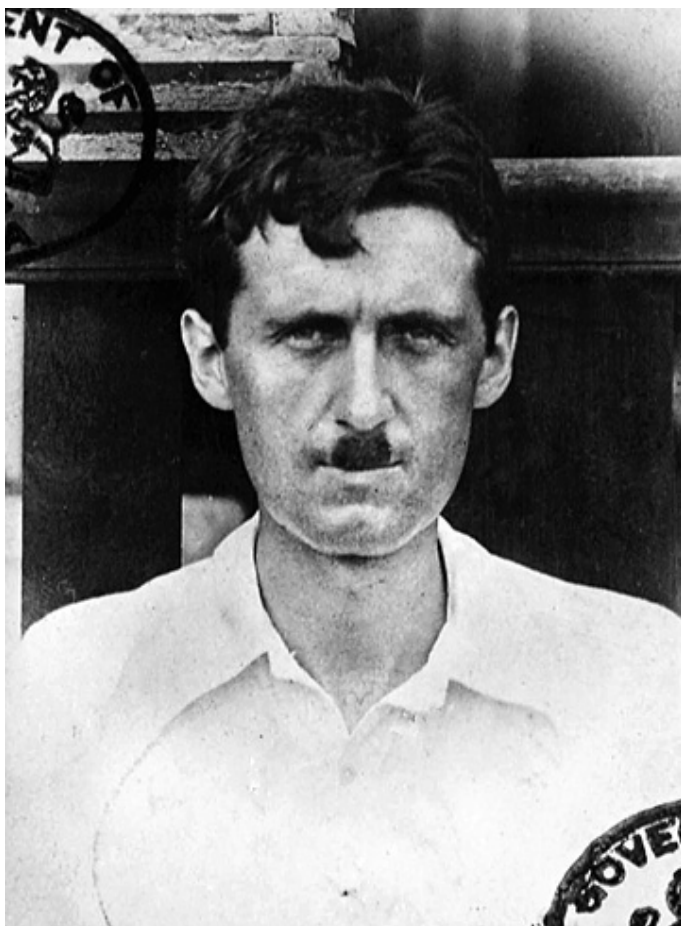
George Orwell (fileira de trás, primeiro à esquerda) com seus parceiros no Eton Wall Game, jogo parecido com o rúgbi, em 1921.



George Orwell aos dezessete anos.



Wigan Pier como Orwell possivelmente o conheceu. Duas crianças conversam com um desempregado numa esquina de Wigan. Fotografia de 1939.



Fotografia do passaporte de George Orwell, do período em que viveu na Birmânia.



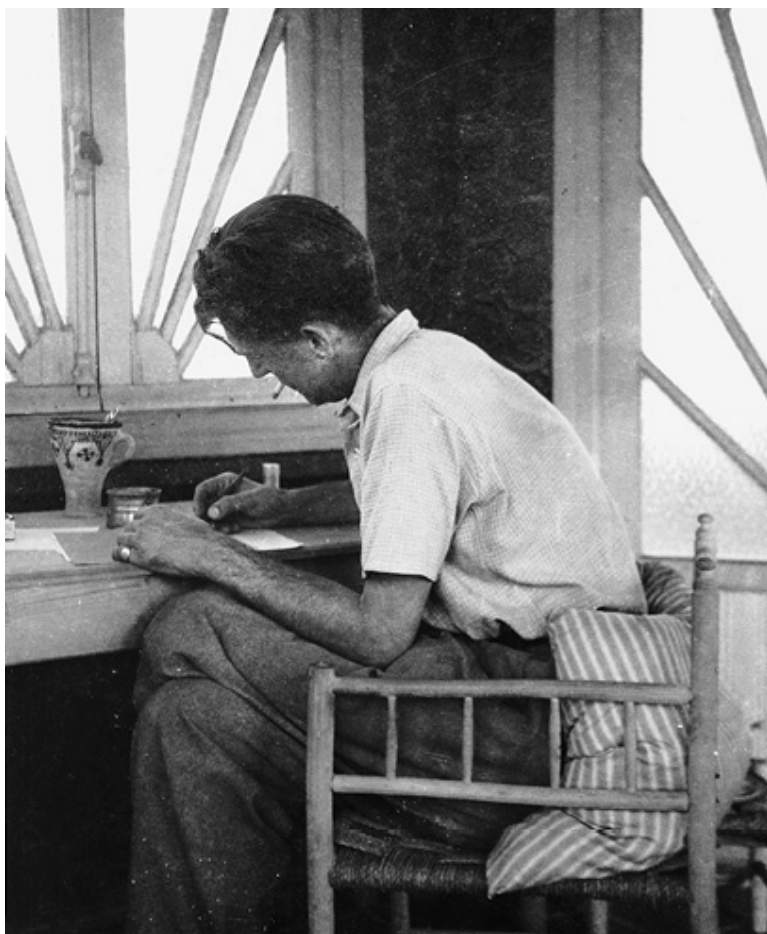
Orwell (fileira de trás, terceiro da esquerda para a direita) num evento de policiais na Birmânia, 1923.



O primeiro-ministro Neville Chamberlain e Hitler, em Munique, setembro de 1938. Ele voltaria a Londres declarando que havia garantido a “paz para a nossa época”.



Membros da guarda miliciana do Partido Obrero de Unificación Marxista (Poum) em frente ao quartel-general da organização em Barcelona durante a Guerra Civil Espanhola, 1936. Orwell é o último rosto ao fundo (à esquerda).



Orwell escrevendo no Marrocos, durante uma temporada de recuperação no inverno de 1938-39.



Churchill, agora primeiro-ministro da Grã-Bretanha, inspeciona os estragos causados pelas bombas na região portuária de Malta, 1943.



Orwell (fileira de trás, primeiro à direita) com a Guarda Nacional durante a Segunda Guerra Mundial.



Entre 1941 e 1943, Orwell trabalhou como locutor no Serviço Ultramarino da rádio BBC, produzindo comentários destinados a apoiar o esforço de guerra.



Churchill acena para a multidão em Londres em 8 de maio de 1945, anunciando a vitória na guerra contra a Alemanha.



Churchill conversa com o presidente Franklin D. Roosevelt na Conferência de Casablanca, 1943.



Churchill está sentado com Roosevelt e Josef Stálin durante a Conferência de Teerã, realizada mais tarde naquele ano. Churchill deixaria Teerã atormentado, ao perceber que os Estados Unidos e a União Soviética colocavam a Grã-Bretanha de lado. A conferência foi também uma importante fonte de inspiração para *A revolução dos bichos*, de Orwell.



Churchill nos Estados Unidos: acima, com a família em uma limusine, em 1946.



Sensivelmente envelhecido, em um encontro na Casa Branca com o presidente Harry Truman, em 1952.



Churchill e Orwell como figuras contemporâneas: acima, mais de meio século após sua morte, o retrato de Churchill aparece em um cartaz político que estimula a Grã-Bretanha a permanecer na União Europeia.



Uma manifestação contra um golpe militar na Tailândia, em 2014, invoca o famoso livro de Orwell.



Na Alemanha, em 2013, um manifestante segura um cartaz com o rosto de Orwell durante um dia de passeatas por todo o país contra as escutas irregulares efetuadas em território alemão pela Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos.



Dois escritores (e fumantes): Orwell em sua mesa de trabalho.



Churchill em sua cadeira na sala de reuniões da residência do primeiro-ministro, no número 10 de Downing Street, em Londres.

Notas

1. Os dois Winstons

1. Martin Gilbert, *Churchill and America* (Nova York: Free Press, 2005), p.132. [↵](#)
2. “Bullet in the Neck”, in Audrey Coppard e Bernard Crick, *Orwell Remembered* (Nova York: Facts on File Publications, 1984), p.158. [↵](#)
3. Conversas com Steven Wright, University College London, Special Collections, Orwell Archive, 14 jul 2015, e com Louise Watling, arquivista, Churchill Archives Centre, Churchill College, Universidade de Cambridge, Cambridge, 15 jul 2015. [↵](#)
4. Sir Charles Wilson, posteriormente lorde Moran, *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.426. [↵](#)
5. Violet Bonham Carter, *Winston Churchill: An Intimate Portrait* (Nova York: Harcourt, Brace & World, 1965), p.416. [↵](#)
6. Isaiah Berlin, “Winston Churchill in 1940”, in *Personal Impressions*, 2ª ed. (Princeton: Princeton University Press, 2001), p.5. [↵](#)
7. Winston Churchill, *Painting as Pastime* (Greensboro: Unicorn Press, 2013), p.64. [↵](#)
8. Winston Churchill, debate parlamentar de 3 set 1939, acessado online em *Hansard, Parliamentary Debates*. Doravante, *Hansard*. [↵](#)
9. George Orwell, “Literature and Totalitarianism”, *The Listener*, 19 jun 1941, in *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell, Vol.2: My Country Right or Left, 1940-1943*, org. Sonia Orwell e Ian Angus (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968), p.134. Doravante, Orwell, *CEJL*, vol.2. [↵](#)
10. Discutido nesses termos em John Rodden e John Rossi, *The Cambridge Introduction to George Orwell* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012), p.105. [↵](#)
11. Simon Schama, “The Two Winstons”, na série de televisão da BBC *A History of Britain*, 3ª temporada, com apresentação de Simon Schama (2002; A&E Home Video). [↵](#)
12. Roy Jenkins, *Churchill* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2001), p.849. [↵](#)
13. Ver Simon Read, *Winston Churchill Reporting: Adventures of a Young War Correspondent* (Boston: Da Capo, 2015). [↵](#)
14. Rodden e Rossi, *Cambridge Introduction to George Orwell*, p.107. [↵](#)

2. Churchill, o aventureiro

1. Winston Churchill, *My Early Life: 1874-1904* (Nova York: Touchstone, 1996), p.8. [↵](#)
2. Peregrine Churchill e Julian Mitchell, *Jennie: Lady Randolph Churchill, a Portrait with Letters* (Nova York: Ballantine, 1976), p.128-9. [↵](#)
3. Churchill, *My Early Life*, p.31. [↵](#)
4. Randolph S. Churchill, *Winston S. Churchill: Youth, 1874-1900* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.79. Ver também Martin Gilbert, *Churchill: A Life* (Nova York: Henry Holt, 1991), p.9. [↵](#)
5. R. Churchill, *Winston S. Churchill: Youth*, p.119. [↵](#)
6. William Manchester, *The Last Lion: Visions of Glory, 1874-1932* (Nova York: Bantam, 1984), p.137. [↵](#)
7. Roy Jenkins, *Churchill* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2001), p.8. [↵](#)
8. Palestra de Con Coughlin na Fundação New America, Washington, D.C., 5 fev 2014. [↵](#)
9. Michael Shelden, *Young Titan: The Making of Winston Churchill* (Nova York: Simon & Schuster, 2013), p.34. [↵](#)
10. Paul Johnson, *Churchill* (Nova York: Penguin, 2010), p.7. [↵](#)
11. R. Churchill, *Winston S. Churchill: Youth*, p.99. [↵](#)
12. Churchill, *My Early Life*, p.12. [↵](#)
13. Ibid., p.13. [↵](#)
14. R. Churchill, *Winston S. Churchill: Youth*, p.63. [↵](#)

15. Ibid., p.109. [↵](#)
16. Churchill, *My Early Life*, p.17. [↵](#)
17. David Freeman, “Putting Canards to Rest”, *Finest Hour: The Journal of Winston Churchill* (Downers Grove: The Churchill Centre, primavera de 2010), p.38. [↵](#)
18. Churchill, *My Early Life*, p.39. [↵](#)
19. Ibid., p.25. [↵](#)
20. Ibid., p.35. [↵](#)
21. Idem. [↵](#)
22. R. Churchill, *Winston S. Churchill: Youth*, p.188-9. [↵](#)
23. Ibid., p.191. [↵](#)
24. Ibid., p.202. [↵](#)
25. Sir Charles Wilson, posteriormente lorde Moran, *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.281. [↵](#)
26. Winston S. Churchill, *Painting as Pastime* (Greensboro: Unicorn Press, 2013), p.20. [↵](#)
27. Churchill, *My Early Life*, p.109. [↵](#)
28. Jonathan Rose, *The Literary Churchill* (New Haven: Yale University Press, 2015), p.24. [↵](#)
29. Churchill, *My Early Life*, p.111. [↵](#)
30. Edward Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol.III, org. J.B. Bury (Nova York: Heritage Press, 1946), p.2042. [↵](#)
31. Churchill, *My Early Life*, p.186. [↵](#)
32. Con Coughlin, *Churchill's First War: Young Winston at War with the Afghans* (Nova York: St. Martin's, 2014), p.112. [↵](#)
33. George Orwell, “Why I Write”, reimpresso em *Orwell and Politics*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin Books Limited, 2001), p.463. [↵](#)
34. Moran, *Churchill*, p.9. [↵](#)
35. Isaiah Berlin, “Winston Churchill in 1940”, in *The Proper Study of Mankind: An Anthology of Essays* (Londres: Pimlico, 1998), p.6. [↵](#)
36. John Howard Wilson, “‘Not a Man for Whom I Ever Had Esteem’: Evelyn Waugh on Winston Churchill”, in *Waugh Without End: New Trends in Evelyn Waugh Studies*, org. Carlos Villar Flor e Robert Murray Davis (Berna: Peter Lang, 2005), p.251. [↵](#)
37. Ethel Barrymore, *Memories* (Nova York: Harper, 1955), p.126. [↵](#)
38. Violet Bonham Carter, *Champion Redoubtable* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1999), p.21. [↵](#)
39. Violet Bonham Carter, *Winston Churchill: An Intimate Portrait* (Nova York: Harcourt, Brace & World, 1965), p.4. [↵](#)
40. Moran, *Churchill*, p.559; e Rose, *The Literary Churchill*, p.132. [↵](#)
41. R.W. Thompson, *Churchill and Morton* (Londres: Hodder & Stoughton, 1976), p.71. [↵](#)
42. Bonham Carter, *Winston Churchill*, p.383. [↵](#)
43. Moran, *Churchill*, p.324-35. [↵](#)
44. Churchill, *My Early Life*, p.212. [↵](#)
45. Idem. [↵](#)
46. Winston Churchill, *The Story of the Malakand Field Force* (Mineola: Dover, 2010), p.131. [↵](#)
47. Coughlin, *Churchill's First War*, p.204. [↵](#)
48. R. Churchill, *Winston S. Churchill: Youth*, p.342, 353-4. [↵](#)
49. Ralph Martin, *Jennie: The Life of Lady Randolph Churchill*, vol.2 (Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1971), p.125-6, 130. [↵](#)

50. Churchill, *The Story of the Malakand Field Force*, p.29. [↵](#)
51. Ibid., p.128. [↵](#)
52. R. Churchill, *Winston S. Churchill: Youth*, p.365. [↵](#)
53. Simon Read, *Winston Churchill Reporting* (Boston: Da Capo, 2015), p.90. [↵](#)
54. R. Churchill, *Winston S. Churchill: Youth*, p.439. [↵](#)
55. Churchill, *My Early Life*, p.244. [↵](#)
56. Ibid., p.259. [↵](#)
57. Ibid., p.274. [↵](#)
58. Ibid., p.298. [↵](#)
59. R. Churchill, *Winston S. Churchill: Youth*, p.514. [↵](#)
60. Bonham Carter, *Winston Churchill*, p.6. [↵](#)
61. John Ramsden, *Man of the Century: Winston Churchill and His Legend Since 1945* (Nova York: Columbia University Press, 2002), p.39. [↵](#)
62. Violet Bonham Carter, *Lantern Slides: The Diaries and Letters of Violet Bonham Carter*, org. Mark Bonham Carter e Mark Pottle (Londres: Phoenix, 1997), p.162. [↵](#)
63. Bonham Carter, *Winston Churchill*, p.210. [↵](#)
64. Jenkins, *Churchill*, p.133. [↵](#)
65. Boris Johnson, *The Churchill Factor: How One Man Made History* (Nova York: Riverhead, 2014), p.118. [↵](#)
66. Mary Soames (org.), *Winston and Clementine: The Personal Letters of the Churchills* (Boston: Houghton Mifflin, 2001), p.198. [↵](#)
67. Sonia Purnell, *Clementine: The Life of Mrs. Winston Churchill* (Nova York: Viking, 2015), p.40, e também p.11, 18 e 26. [↵](#)
68. Churchill, *Painting as Pastime*, p.36. [↵](#)
69. Soames, *Winston and Clementine*, p.116. [↵](#)
70. Essa afirmação foi feita a mim numa conversa, em 9 mar 2016, com Peter Apps, autor de *Churchill in the Trenches* (Amazon, 2015). [↵](#)
71. Soames, *Winston and Clementine*, p.164, 177. [↵](#)
72. Ibid., p.195. Peter Apps chamou minha atenção para esta passagem. [↵](#)
73. Christopher Ogden, *Life of the Party: The Biography of Pamela Digby Churchill Hayward Harriman* (Nova York: Little, Brown, 1994), p.121. [↵](#)
74. Martin Gilbert, *Winston S. Churchill: The Prophet of Truth, Vol.V: 1922-1939* (Londres: Minerva, 1990), p.41. [↵](#)
75. Mary Lovell, *The Churchills in Love and War* (Nova York: W.W. Norton, 2011), p.344. [↵](#)
76. Lord Beaverbrook, *Politicians and the War, 1914-1916* (Londres: Collins, 1960), p.25. [↵](#)

3. Orwell, o policial

1. Sarah Deming, “The Economic Importance of Indian Opium and Trade with China on Britain’s Economy, 1843-1890”, Whitman College, Economic Working Papers 25, primavera de 2011, p.4. [↵](#)
2. “Mrs. Ida Blair’s Diary for 1905”, in Audrey Coppard e Bernard Crick, *Orwell Remembered* (Nova York: Facts on File Publications, 1984), p.19. [↵](#)
3. Gordon Bowker, *George Orwell* (Londres: Abacus, 2004), p.15. [↵](#)
4. “The Brother-in-Law Strikes Back”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.128. [↵](#)
5. George Orwell, “Why I Write”, in *Orwell and Politics*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin, 2001), p.457. [↵](#)
6. George Orwell, “Such, Such Were the Joys”, in *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell, Vol.4: In Front of Your Nose, 1945-1950*, org. Sonia Orwell e Ian Angus (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968), p.360. Doravante, Orwell, *CEJL*, vol.4. [↵](#)

7. Ibid., p.359. [↵](#)
8. Ibid., p.333-4. [↵](#)
9. Ibid., p.339. [↵](#)
10. Ibid., p.362. [↵](#)
11. Bowker, *George Orwell*, p.91-2. [↵](#)
12. George Orwell, *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell, Vol.1: An Age Like This, 1920-1940*, org. Sonia Orwell e Ian Angus (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968), p.45. Doravante, Orwell, *CEJL*, vol.1. [↵](#)
13. Orwell, *CEJL*, vol.4, p.114. [↵](#)
14. George Orwell, “Shooting an Elephant”, in *Orwell and Politics*, p.18. [↵](#)
15. George Orwell, *Burmese Days* (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1974), p.16-7. [↵](#)
16. Ibid., p.17. [↵](#)
17. Idem. [↵](#)
18. Ibid., p.22-3. [↵](#)
19. Ibid., p.29. [↵](#)
20. Ibid., p.208. [↵](#)
21. Ibid., p.39. [↵](#)
22. Ibid., p.43. [↵](#)
23. Ibid., p.40. [↵](#)
24. Orwell, “Why I Write”, in *Orwell and Politics*, p.459. [↵](#)
25. Orwell, *Burmese Days*, p.12. [↵](#)
26. Ibid., p.118. [↵](#)
27. Ibid., p.280. [↵](#)
28. Orwell, *CEJL*, vol.1, p.142. [↵](#)
29. Orwell, “Shooting an Elephant”, in *Orwell and Politics*, p.22. [↵](#)
30. “The Brother-in-Law Strikes Back”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.127. [↵](#)
31. “An Old Burma Hand”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.64. Também Emma Larkin, *Finding George Orwell in Burma* (Nova York: Penguin, 2005), p.249. [↵](#)
32. George Orwell, *The Road to Wigan Pier* (Nova York: Harvest, 1958), p.148. [↵](#)
33. Citado em Michael Shelden, *Orwell: The Authorized Biography* (Nova York: HarperCollins, 1991), p.126. [↵](#)
34. Harold Nicolson, *The War Years: 1939-1945* (Nova York: Atheneum, 1967), p.234. [↵](#)
35. Stephen Dorril, *Black Shirt: Sir Oswald Mosley and British Fascism* (Harmondsworth: Penguin, 2007), p.522. Ver também, passim, Michael Bloch, *Closet Queens: Some 20th Century British Politicians* (Nova York: Little, Brown, 2015). [↵](#)
36. Nicolson, *The War Years*, p.57. [↵](#)
37. Ibid., p.325. [↵](#)
38. Ibid., p.433, 435. [↵](#)
39. Orwell, *Down and Out in Paris and London* (Nova York: Mariner Books, 1972), p.120. [↵](#)
40. Ibid., p.14. [↵](#)
41. “A Philosopher in Paris”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.211. Estranhamente, muitos anos depois, em 1987, Ayer estava em uma festa em Nova York quando espiou num quarto e viu o boxeador Mike Tyson assediando a modelo Naomi Campbell. Ele interveio, provocando em

Tyson a seguinte reação: “Você sabe com quem está falando? Eu sou o campeão mundial dos pesos-pesados.” Ayer respondeu: “E eu sou o ex-professor Wykeham de Lógica [em Oxford]. Somos ambos proeminentes em nossos campos de atuação: sugiro que conversemos como duas pessoas racionais.” Ben Rogers, *A.J. Ayer: A Life* (Nova York: Grove, 2000), p.344. Ayer era o padrasto da *chef* televisiva Nigella Lawson. Durante a guerra, ele também havia sido colega de Malcolm Muggeridge, amigo de Orwell. Muggeridge, *Like It Was: The Diaries of Malcolm Muggeridge*, org. John Bright-Holmes (Londres: Collins, 1981), p.364. [↵](#)

42. Orwell, *Down and Out*, p.18. [↵](#)

43. Ibid., p.70-1. [↵](#)

44. Ibid., p.168. [↵](#)

45. Ibid., p.174. [↵](#)

46. Ibid., p.89. [↵](#)

47. George Orwell, *Diaries*, org. Peter Davison (Nova York: W.W. Norton, 2012), p.141. [↵](#)

48. Orwell, *Down and Out*, p.130. [↵](#)

49. Ibid., p.132. [↵](#)

50. Ibid., p.36. [↵](#)

51. Ibid., p.73. [↵](#)

52. George Orwell, “Antisemitism in Britain”, in *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell, Vol.3: As I Please, 1943-1945*, org. Sonia Orwell e Ian Angus (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968), p.332-41. Doravante, Orwell, *CEJL*, vol.3. [↵](#)

53. John Newsinger, “Orwell, Anti-Semitism and the Holocaust”, in *The Cambridge Companion to George Orwell*, org. John Rodden (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), p.124. [↵](#)

54. Muggeridge, *Like It Was*, p.376. [↵](#)

55. Orwell, *Down and Out*, p.55-6. [↵](#)

56. Ibid., p.68. [↵](#)

57. Ibid., p.120-1. [↵](#)

58. George Orwell, *Keep the Aspidistra Flying*, in George Orwell omnibus (Londres: Secker & Warburg, 1976), p.578. [↵](#)

59. Mary McCarthy, “The Writing on the Wall”, *New York Review of Books*, 30 jan 1969, acessado online. [↵](#)

60. Orwell omnibus (Londres: Secker & Warburg, 1976), p.255. [↵](#)

61. Bernard Crick, “Orwell: A Photographic Essay”, in *Reflections on America, 1984: An Orwell Symposium*, org. Robert Mulvihill (Athens e Londres: University of Georgia Press, 1986), p.76. [↵](#)

62. “Jack Common’s Recollections”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.142. [↵](#)

63. “A Memoir by Anthony Powell”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.244. [↵](#)

64. Orwell, *CEJL*, vol.4, p.205. [↵](#)

65. Orwell, *Down and Out*, p.154. [↵](#)

66. Orwell, *Diaries*, p.29. [↵](#)

67. Ibid., p.37. [↵](#)

68. Orwell, “In Front of Your Nose”, in *CEJL*, vol.4, p.125. [↵](#)

69. Shelden, *Orwell*, p.236. [↵](#)

70. Orwell, *Diaries*, p.80. [↵](#)

71. Stephen Wadham (org.), *Remembering Orwell* (Harmondsworth: Penguin, 1984), p.115. [↵](#)

72. Orwell, *Wigan Pier*, p.95-6. [↵](#)

73. Ibid., p.104. [↵](#)

74. Ibid., p.21. [↵](#)
75. Ibid., p.35. [↵](#)
76. Peter Stansky e William Abrahams, *Orwell: The Transformation* (Palo Alto: Stanford University Press, 1994), p.186. [↵](#)
77. Orwell, *Wigan Pier*, p.174. [↵](#)
78. Ibid., p.182. [↵](#)
79. Ênfase de Orwell. Ibid., p.127. [↵](#)
80. Ibid., p.128. [↵](#)
81. “Hampstead Friendship”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.102. [↵](#)
82. Victor Gollancz, prefácio a Orwell, *Wigan Pier*, p.xix. [↵](#)
83. Ibid., p.x. [↵](#)
84. A última frase baseia-se na linguagem usada pelo escritor Timothy Noah em um bilhete que me enviou sobre esse parágrafo. [↵](#)
85. Bernard Crick, *George Orwell: A Life* (Nova York: Penguin, 1980), p.295. [↵](#)
86. Ibid., p.204. [↵](#)
87. Shelden, *Orwell*, p.246. [↵](#)
88. Crick, *George Orwell*, p.312. [↵](#)

4. Churchill: na pior na década de 1930

1. Stephen Spender, *The Thirties and After* (Nova York: Random House, 1978), p.4. [↵](#)
2. Este parágrafo apoia-se bastante na pesquisa apresentada por Richard Overby em seu ótimo livro *The Twilight Years: The Paradox of Britain Between the Wars* (Nova York: Penguin, 2009), p.273. Os comentários de Toynbee estão nas p.38 e 43; a citação de Rowse, na p.273; a observação de Fischer, na p.316; e o comentário de Woolf aparece na p.345. [↵](#)
3. Harold Lasswell, *Essays on the Garrison State* (New Brunswick: Transaction, 1997), p.43. [↵](#)
4. Harold Nicolson, *Diaries and Letters, 1930-1939*, org. Nigel Nicolson (Londres: Collins, 1966), p.41. [↵](#)
5. Stanley Weintraub, *Shaw's People: Victoria to Churchill* (University Park e Londres: Penn State University Press, 1996), p.229. [↵](#)
6. Martin Gilbert, *Winston Churchill: The Wilderness Years* (Boston: Houghton Mifflin, 1984), p.33. [↵](#)
7. Ver Winston Churchill, *Blood, Toil, Tears and Sweat: The Great Speeches*, org. David Cannadine (Harmondsworth: Penguin, 1990), p.xxxiv. [↵](#)
8. William Manchester, *The Caged Lion: Winston Spencer Churchill, 1932-1940* (Londres: Abacus, 1994), p.88. [↵](#)
9. David Reynolds, *In Command of History: Churchill Fighting and Writing the Second World War* (Nova York: Random House, 2005), p.xxx. [↵](#)
10. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm* (Boston: Houghton Mifflin, 1948), p.667. [↵](#)
11. Ver, por exemplo, Stuart Ball, “Churchill and the Conservative Party”, in *Winston Churchill in the Twenty-First Century*, org. David Cannadine e Roland Quinault (Cambridge: Cambridge University Press, 2004), p.78. [↵](#)
12. Jonathan Rose, “England His Englands”, in *The Cambridge Companion to George Orwell*, org. John Rodden (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), p.37. [↵](#)
13. George Orwell, “Looking Back at the Spanish War”, in *Orwell in Spain*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin, 2001), p.358. [↵](#)
14. Henry Channon, *Chips: The Diaries of Sir Henry Channon*, org. Robert Rhodes James (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1967), p.62. [↵](#)
15. Ian Kershaw, *Making Friends with Hitler: Lord Londonderry, the Nazis and the Road to World War II* (Nova York: Penguin, 1965), p.141, 177, 222. [↵](#)
16. Ibid., p.xvii, 175, 258, 319. [↵](#)
17. Randolph S. Churchill, *Twenty-One Years* (Boston: Houghton Mifflin, 1965), p.27. [↵](#)
18. Charlotte Mosley (org.), *The Mitfords: Letters Between Six Sisters* (Nova York: Harper-Collins, 2007), p.28. [↵](#)

19. Ibid., p.87, 89. Ver também David Cannadine, *Aspects of Aristocracy: Grandeur and Decline in Modern Britain* (New Haven: Yale University Press, 1994), p.142. [↵](#)
20. Mosley, *The Mitfords*, p.103. [↵](#)
21. Ibid., p.68. [↵](#)
22. David Faber, *Munich, 1938* (Nova York: Simon & Schuster, 2010), p.88-9. [↵](#)
23. John Ramsden, *Man of the Century: Winston Churchill and His Legend Since 1945* (Nova York: Columbia University Press, 2002), p.44. [↵](#)
24. Thomas Jones, *A Diary with Letters, 1931-1950* (Oxford: Oxford University Press, 1954), p.181. Ver também William McNeill, *Arnold J. Toynbee: A Life* (Oxford: Oxford University Press, 1989), p.172. [↵](#)
25. Jones, *A Diary with Letters*, p.390. [↵](#)
26. Nicolson, *Diaries and Letters, 1930-1939* (Londres: Collins, 1966), p.342-3. [↵](#)
27. Jonathan Freedland, “Enemies Within”, *The Spectator*, 11 fev 2012. [↵](#)
28. Prefácio de lorde Halifax a John Wrench, *Geoffrey Dawson and Our Times* (Londres: Hutchinson, 1955), p.12. [↵](#)
29. Sem autor, *The History of The Times, Vol.IV, The 150th Anniversary and Beyond, Part II: 1921-1948* (Londres: Office of *The Times*, 1952), p.887. [↵](#)
30. Wrench, *Geoffrey Dawson and Our Times*, p.361. [↵](#)
31. *History of The Times, Vol.IV, part II*, p.946, 1009. [↵](#)
32. Citado em Anthony Cave Brown, *C: The Secret Life of Stewart Menzies, Spymaster to Winston Churchill* (Nova York: Macmillan, 1987), p.183. [↵](#)
33. Keith Feiling, *The Life of Neville Chamberlain* (Londres: Macmillan, 1946), p.323. [↵](#)
34. Kershaw, *Making Friends with Hitler*, p.243. [↵](#)
35. Jones, *A Diary with Letters*, p.247. [↵](#)
36. Citado em Gilbert, *Churchill: The Wilderness Years*, p.60. [↵](#)
37. *Hansard*, 20 nov 1934. [↵](#)
38. Faber, *Munich, 1938*, p.16. [↵](#)
39. Gilbert, *Churchill: The Wilderness Years*, p.78. [↵](#)
40. *Hansard*, 11 mar 1935. [↵](#)
41. Gilbert, *Churchill: The Wilderness Years*, p.215. [↵](#)
42. Martin Gilbert, *Winston S. Churchill: The Prophet of Truth, Vol.V: 1922-1939* (Londres: Minerva, 1990), p.889. [↵](#)
43. *Hansard*, 24 mar 1938. [↵](#)
44. Carta de Thomas Jones para Abraham Flexner, in Jones, *A Diary with Letters*, p.125. [↵](#)
45. Ibid., p.175. [↵](#)
46. Ibid., p.208. [↵](#)
47. Ibid., p.219. [↵](#)
48. Tony Judt e Timothy Snyder, *Thinking the Twentieth Century* (Nova York: Penguin Press, 2012), p.68. [↵](#)
49. *Hansard*, 13 mar 1930. [↵](#)
50. Gilbert, *Churchill: The Wilderness Years*, p.113. [↵](#)
51. Ibid., p.106. [↵](#)
52. W.P. Crozier, *Off the Record: Political Interviews 1933-1943*, org. A.J.P. Taylor (Londres: Hutchinson, 1973), p.32. [↵](#)
53. *Hansard*, 2 mai 1935. [↵](#)

54. Gilbert, *Churchill: The Wilderness Years*, p.146. [↵](#)
55. Ibid., p.171. [↵](#)
56. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.219. [↵](#)
57. *Hansard*, 18 dez 1934. [↵](#)
58. As informações sobre os antepassados de Ponsonby estão em Overy, *The Twilight Years*, p.237. [↵](#)
59. *Hansard*, 4 out 1938. [↵](#)
60. Brian Gardner, *Churchill in Power: As Seen by His Contemporaries* (Boston: Houghton Mifflin, 1970), p.11. [↵](#)
61. Gilbert, *Churchill: Prophet of Truth*, p.822. [↵](#)
62. Iona Opie e Peter Opie, *The Lore and Language of Schoolchildren* (Oxford: Oxford University Press, 1959), p.6. [↵](#)
63. Nicolson, *Diaries and Letters*, p.280. [↵](#)
64. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.222-4. [↵](#)
65. *Hansard*, 14 abr 1937. [↵](#)
66. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.258. [↵](#)
67. *Hansard*, 24 mar 1938. [↵](#)
68. Faber, *Munich, 1938*, p.177. [↵](#)
69. Gilbert, *Churchill: Prophet of Truth*, p.925. [↵](#)
70. Citado em A.L. Rowse, *Appeasement: A Study in Political Decline, 1933-1939* (Nova York: W.W. Norton, 1963), p.83. [↵](#)
71. Gilbert, *Churchill: Prophet of Truth*, p.978-9. [↵](#)
72. Todas citações vêm de *Hansard*, 3 out 1938. [↵](#)
73. *Hansard*, 5 out 1938. [↵](#)
74. *Hansard*, 6 out 1938. [↵](#)
75. Roy Jenkins, *Churchill* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2001), p.530, 534. [↵](#)
76. Harold Nicolson, *The War Years: 1939-1945* (Nova York: Atheneum, 1967), p.355. [↵](#)
77. Faber, *Munich, 1938*, p.432. [↵](#)
78. Jones, *A Diary with Letters*, p.411. [↵](#)
79. Gilbert, *Churchill: Prophet of Truth*, p.1016. [↵](#)
80. Faber, *Munich, 1938*, p.432. [↵](#)
81. Robert Self, *Neville Chamberlain: A Biography* (Londres e Burlington: Ashgate, 2006), p.344-5. [↵](#)
82. Crozier, *Off the Record*, p.120. [↵](#)
83. Simon Schama, *A History of Britain, Vol.3: The Fate of Empire: 1776-2000* (Londres: BBC, 2003), p.384. [↵](#)
84. Jenkins, *Churchill*, p.535. [↵](#)
85. Ibid., p.1041. [↵](#)
86. L.S. Amery, *My Political Life, Vol.3: The Unforgiving Years, 1929-1940* (Londres: Hutchinson, 1955), p.279. [↵](#)
87. Williamson Murray, “Innovation: Past and Future”, in *Military Innovation in the Interwar Period*, org. Williamson Murray e Allan Millett (Cambridge: Cambridge University Press, 2006), p.307. [↵](#)
88. “Bericht ueber Besprechung am 23.5.1939” [Minutos de uma conferência em 23 mai 1939], Documento Probatório Código 79, Documentos de Nuremberg, acessado online no Projeto Julgamentos de Nuremberg da Faculdade de Direito de Harvard. [↵](#)

89. Gerhard Weinberg, *A World at Arms: A Global History of World War II*, 2ª ed. (Cam-bridge: Cambridge University Press, 2006), p.239 e passim.

[↵](#)

90. *Hansard*, 8 jun 1939. [↵](#)

91. Wrench, *Geoffrey Dawson and Our Times*, p.394. [↵](#)

92. *Hansard*, 24 ago 1939. [↵](#)

5. Orwell se torna “Orwell”: Espanha, 1937

1. George Orwell, *Homage to Catalonia* (Nova York: Harvest, 1980), p.6. [↵](#)

2. David Boyd Haycock, *I Am Spain: The Spanish Civil War and the Men and Women Who Went to Fight Fascism* (Londres: Old Street, 2012), p.67. [↵](#)

3. *Ibid.*, p.69. [↵](#)

4. Orwell, *CEJL*, vol.1., p.459. [↵](#)

5. *Ibid.*, p.37. [↵](#)

6. *Ibid.*, p.256. [↵](#)

7. “Jennie Lee to Margaret M. Goalby”, in George Orwell, *Orwell in Spain*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin, 2005), p.5. [↵](#)

8. Adam Hochschild, *Spain in Our Hearts: Americans in the Spanish Civil War, 1936-1939* (Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2016), p.65. [↵](#)

9. “With the ILP in Spain”, in Audrey Coddard e Bernard Crick, *Orwell Remembered* (Nova York: Facts on File Publications, 1984), p.146-7. [↵](#)

10. Orwell, *Homage to Catalonia*, p.16. [↵](#)

11. *Ibid.*, p.20. [↵](#)

12. Bernard Crick, *George Orwell: A Life* (Nova York: Penguin, 1992), p.322. [↵](#)

13. Christopher Andrew e Vasili Mitrokhin, *The Sword and the Shield: The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB* (Nova York: Basic Books, 1999), p.76. [↵](#)

14. Orwell, *Homage to Catalonia*, p.18. [↵](#)

15. Gordon Bowker, *George Orwell* (Londres: Abacus, 2004), p.230. [↵](#)

16. Orwell, *Homage to Catalonia*, p.72. [↵](#)

17. “In the Spanish Trenches”, in Audrey Coddard e Bernard Crick, *Orwell Remembered* (Nova York: Facts on File Publications, 1984), p.149. [↵](#)

18. *Idem.* [↵](#)

19. Stephen Wadhams (org.), *Remembering Orwell* (Harmondsworth: Penguin, 1984), p.79. [↵](#)

20. *Ibid.*, p.85. [↵](#)

21. Michael Shelden, *Orwell: The Authorized Biography* (Nova York: HarperCollins, 1991), p.258. [↵](#)

22. Orwell, *CEJL*, vol.1, p.266. [↵](#)

23. Orwell, *Homage to Catalonia*, p.109. [↵](#)

24. *Ibid.*, p.110. [↵](#)

25. Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield*, p.74. [↵](#)

26. Orwell, *Homage to Catalonia*, p.117. [↵](#)

27. *Ibid.*, p.121. [↵](#)

28. Geert Mak, *In Europe: Travels Through the Twentieth Century* (Nova York: Vintage, 2008), p.321. Ver também Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm* (Boston: Houghton Mifflin, 1948), p.185. Churchill não identifica o hotel em suas memórias, mas cartas e telegramas no Churchill Archives Centre, enviados para ele em meados de dezembro de 1935, estavam endereçados ao Colón. Ver Churchill Papers, Churchill College, Cambridge, documento CHAR 2/238/131.\. [↵](#)

29. Orwell, *Homage to Catalonia*, p.131. [↵](#)
30. Ibid., p.64. [↵](#)
31. Ibid., p.147. [↵](#)
32. Ibid., p.51. [↵](#)
33. Ibid., p.65. [↵](#)
34. Este e vários parágrafos anteriores refletem minhas conversas com a escritora Karin Chenoweth. [↵](#)
35. Ibid., p.160. [↵](#)
36. Wadhams, *Remembering Orwell*, p.88-9. [↵](#)
37. Orwell, *Homage to Catalonia*, p.185. [↵](#)
38. Shelden, *Orwell*, p.267. [↵](#)
39. Orwell, *Homage to Catalonia*, p.186. [↵](#)
40. “Bullet in the Neck”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.159. [↵](#)
41. Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield*, p.73. [↵](#)
42. Shelden, *Orwell*, p.270. [↵](#)
43. Orwell, *Homage to Catalonia*, p.204. [↵](#)
44. Ibid., p.198, 205. [↵](#)
45. Ibid., p.198. [↵](#)
46. Ibid., p.208. [↵](#)
47. Ibid., p.224. [↵](#)
48. Haycock, *I am Spain*, p.256. [↵](#)
49. Ernest Hemingway, *For Whom the Bell Tolls* (Nova York: Scribner, 1993), p.229. [↵](#)
50. Ibid., p.247. [↵](#)
51. Malcolm Muggeridge, *Chronicles of Wasted Time* (Vancouver: Regent College, 2006), p.488. [↵](#)
52. “Escape from Spain”, in *Orwell in Spain*, p.26. Para uma tradução ligeiramente diferente, ver Bowker, *George Orwell*, p.227. [↵](#)
53. O fim deste parágrafo é baseado em uma série de e-mails trocados com Karin Chenoweth. [↵](#)
54. Orwell, *Homage to Catalonia*, p.231-2. [↵](#)
55. George Orwell, “Review of *The Tree of Gernika* by G.L. Steer; *Spanish Testament* by Arthur Koestler”, *Time and Tide*, 5 fev 1938, em Orwell, *CEJL*, vol.1, p.296. [↵](#)
56. George Orwell, *Orwell and Politics*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin, 2001), p.26. [↵](#)
57. Hugh Kenner, “The Politics of the Plain Style”, in *Reflections on America, 1984: An Orwell Symposium*, org. Robert Mulvihill (Athens e Londres: University of Georgia Press, 1986), p.63. [↵](#)
58. George Orwell, “Spilling the Spanish Beans”, in *CEJL*, vol.1, p.270. [↵](#)
59. George Orwell, “Why I Write”, in *Orwell and Politics*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin, 2001), p.461. [↵](#)
60. George Orwell, “Unsigned Editorial”, *Polemic*, 3 mai 1946, p.455. [↵](#)
61. Orwell, *CEJL*, vol.2., p.257. [↵](#)
62. Shelden, *Orwell*, p.281. [↵](#)
63. Lionel Trilling, introdução a Orwell, *Homage to Catalonia*, p.v. [↵](#)
64. “The 100 Best Non-Fiction Books of the Century”, *National Review*, 3 mai 1999. [↵](#)

65. Bowker, *George Orwell*, p.237. [↵](#)
66. Orwell, *Orwell and Politics*, p.104. [↵](#)
67. Orwell, *Homage to Catalonia*, p.181. [↵](#)
68. Orwell, *Orwell in Spain*, p.171. [↵](#)
69. Citado em Dorothy Boyd Rush, “Winston Churchill and the Spanish Civil War”, *Social Science* (primavera de 1979), p.90. Este parágrafo se apoia nas conclusões desse artigo. [↵](#)
70. Orwell, *CEJL*, vol.1, p.539. [↵](#)
71. O fim deste parágrafo é baseado em outra série de e-mails trocados com Karin Chenoweth. [↵](#)
72. Orwell, *Orwell in Spain*, p.269-73. [↵](#)
73. Robert Graves e Alan Hodge, *The Long Week-End: A Social History of Great Britain, 1918-1939* (Londres: Faber & Faber, 1940; Nova York: W.W. Norton, 1963). Ver sir Charles Wilson, posteriormente lorde Moran, *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.319. [↵](#)
74. Shelden, *Orwell*, p.359. [↵](#)
75. George Orwell, *Diaries*, org. Peter Davison (Nova York: W.W. Norton, 2012), p.224-5. [↵](#)
76. *Ibid.*, p.230. [↵](#)
77. *Ibid.*, p.232. [↵](#)

6. Churchill se torna “Churchill”: primavera de 1940

1. Martin Gilbert, *Winston S. Churchill: The Prophet of Truth, Vol.V: 1922-1939* (Londres: Minerva, 1990), p.1013. [↵](#)
2. Walter Thompson, *Beside the Bulldog: The Intimate Memoirs of Churchill's Bodyguard* (Londres: Apollo, 2003), p.76. [↵](#)
3. Neville Chamberlain, debate parlamentar, 3 set 1939, acessado online em *Hansard, Parliamentary Debates*. [↵](#)
4. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm* (Boston: Houghton Mifflin, 1948), p.409. [↵](#)
5. *Hansard*, 3 set 1939. [↵](#)
6. George Orwell, “Orwell's Proposed Preface to *Animal Farm*”, in *Orwell and Politics*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin, 2001), p.311. [↵](#)
7. Orwell, *CEJL*, vol.3, p.199. [↵](#)
8. Charlotte Mosley (org.), *The Mitfords: Letters Between Six Sisters* (Nova York: HarperCollins, 2007), p.143. [↵](#)
9. Warren F. Kimball (org.), *Churchill & Roosevelt: The Complete Correspondence, Vol.1: Alliance Emerging, October 1933-November 1942* (Princeton: Princeton University Press, 1987), p.24. [↵](#)
10. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.440. Ver também a discussão sobre Kennedy in Norman Gelb, *Dunkirk: The Complete Story of the First Step in the Defeat of Hitler* (Nova York: William Morrow, 1989), p.46-7. [↵](#)
11. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour* (Boston: Houghton Mifflin, 1949), p.23. [↵](#)
12. David Nasaw, *The Patriarch: The Remarkable Life and Turbulent Times of Joseph P. Kennedy* (Nova York: Penguin Press, 2012), p.315. [↵](#)
13. *Ibid.*, p.373. [↵](#)
14. *Ibid.*, p.331. [↵](#)
15. David Dilks (org.), *The Diaries of Sir Alexander Cadogan, 1938-1945* (Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1972), p.37. [↵](#)
16. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.255. [↵](#)
17. *Ibid.*, p.433. Detalhes adicionais em Martin Gilbert, *Winston S. Churchill: Finest Hour, Vol.VI: 1939-1941* (Londres: Heinemann, 1983), p.32. [↵](#)
18. Paul Johnson, *Churchill* (Nova York: Penguin, 2010), p.104. [↵](#)
19. Robert Self, *Neville Chamberlain: A Biography* (Londres e Burlington: Ashgate Publishing, 2006), p.388. [↵](#)

20. Roy Jenkins, *Churchill* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2001), p.553. [↵](#)
21. John Colville, *The Fringes of Power: 10 Downing Street Diaries, 1939-1955* (Nova York: W.W. Norton, 1985), p.143. [↵](#)
22. Citado em Harold Nicolson, *The War Years: 1939-1945* (Nova York: Atheneum, 1967), p.186. [↵](#)
23. Ibid., p.251. [↵](#)
24. Sir Ian Jacob, in John Wheeler-Bennett (org.), *Action This Day: Working with Churchill* (Nova York: St. Martin's, 1969), p.183. [↵](#)
25. As duas páginas seguintes apoiam-se fortemente em Gilbert, *Churchill: Finest Hour*, p.306-17. Logo em seguida a esta fonte está o relato do próprio Churchill ao final de *The Gathering Storm*, o primeiro volume de suas memórias da Segunda Guerra Mundial. Várias outras fontes foram usadas para aspectos específicos dessa crucial transição. Sobre a preferência do rei Jorge por Halifax, ver Joseph Lash, *Roosevelt and Churchill, 1939-1941: The Partnership That Saved the West* (Nova York: W.W. Norton, 1976), p.110-1, e também Brian Gardner, *Churchill in Power: As Seen by His Contemporaries* (Boston: Houghton Mifflin, 1969), p.39. No tocante a como Halifax teria lidado com a Alemanha caso fosse o primeiro-ministro, ver Dennis Showalter, "Phony and Hot War, 1939-1940", in Dennis Showalter e Harold Deutsch (orgs.), *If the Allies Had Fallen: Sixty Alternate Scenarios of World War II* (Londres e Nova York: Frontline/Skyhorse, 2010). Após a guerra, Clementine Churchill viu-se, num jantar na embaixada da França, sentada ao lado de Halifax, que reclamou então com ela que Churchill ia se tornando um peso para o Partido Conservador. Clementine respondeu asperamente: "Se o país tivesse dependido do senhor, podíamos ter perdido a guerra" – Sir Charles Wilson, posteriormente lorde Moran, *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.472. É quase certo que ela tinha razão. Como afirma o historiador Sebastian Haffner, "não fosse por Churchill em 1940 e 1941, é muito provável que Hitler tivesse vencido a guerra e fundado um grande Estado policial alemão, que se estenderia do Atlântico aos Urais ou até além deles" – Sebastian Haffner, *Churchill* (Londres: Haus, 2003), p.104. [↵](#)
26. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.662. [↵](#)
27. Idem. [↵](#)
28. Thompson, *Beside the Bulldog*, p.84. [↵](#)
29. Colville, *The Fringes of Power*, p.122. [↵](#)
30. Joshua Levine, *Forgotten Voices of the Blitz and the Battle for Britain* (Londres: Ebury, 2007), p.37. [↵](#)
31. Anthony Cave Brown, C: *The Secret Life of Sir Stewart Menzies, Spymaster to Winston Churchill* (Nova York: Macmillan, 1987), p.263. [↵](#)
32. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.667. [↵](#)
33. Gilbert, *Churchill: Finest Hour*, p.327. [↵](#)
34. Andrew Roberts, *Eminent Churchillians* (Londres: Phoenix, 1995), p.159. [↵](#)
35. Robert Rhodes James (org.), *Chips: The Diaries of Sir Henry Channon* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1967), p.252. Ver também Richard Toye, *The Roar of the Lion: The Untold Story of Churchill's World War II Speeches* (Oxford: Oxford University Press, 2013), p.42. A citação de Churchill está em Churchill, *The Second World War, Vol.I: Their Finest Hour*, p.10. [↵](#)
36. Nicolson, *The War Years*, p.85. [↵](#)
37. *Hansard*, 13 mai 1940. [↵](#)
38. Michael Shelden, *Young Titan: The Making of Winston Churchill* (Nova York: Simon & Schuster, 2013), p.7. [↵](#)
39. *Hansard*, 13 mai 1940. [↵](#)
40. George Orwell, "Letter to the Editor of *Time and Tide*", in *CEJL*, vol.2, p.28. [↵](#)
41. Gilbert, *Churchill: Finest Hour*, p.358. [↵](#)
42. Stephen Roskill, *Churchill and the Admirals* (Nova York: William Morrow, 1978), p.126. [↵](#)
43. Nasaw, *The Patriarch*, p.447. [↵](#)
44. Ibid., p.350. [↵](#)
45. Orville Bullitt (org.), *For the President: Personal and Secret: Correspondence Between Franklin D. Roosevelt and William C. Bullitt* (Boston: Houghton Mifflin, 1972), p.428. [↵](#)
46. Hastings Ismay, *The Memoirs of Lord Ismay* (Londres: Heinemann, 1960), p.116. [↵](#)
47. Gelb, *Dunkirk*, p.316. [↵](#)
48. Alistair Horne, *To Lose a Battle: France 1940* (Harmondsworth: Penguin, 2007), p.610. [↵](#)

49. Hans von Luck, *Panzer Commander: The Memoirs of Colonel Hans von Luck* (Nova York: Dell, 1989), p.42. [↵](#)
50. Stephen Bungay, *The Most Dangerous Enemy: A History of the Battle of Britain* (Londres: Aurum Press, 2001), p.31. Ver também Levine, *Forgotten Voices of the Blitz*, p.19-20. [↵](#)
51. John Lukacs, *Five Days in London: May, 1940* (New Haven: Yale University Press, 2001), p.42, 192. Ver também Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.76. [↵](#)
52. Carlo D'Este, *Warlord: A Life of Winston Churchill at War, 1874-1945* (Nova York: HarperCollins, 2008), p.425. [↵](#)
53. Earl Ziemke, "Rundstedt", in Correlli Barnett (org.), *Hitler's Generals* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1989), p.191. [↵](#)
54. B.H. Liddell Hart, *The German Generals Talk* (Nova York: Berkley, 1958), p.113, 115. [↵](#)
55. Ian Kershaw, *Fateful Choices: Ten Decisions That Changed the World, 1940-1941* (Nova York: Penguin, 2007), p.27; Gerhard Weinberg, *A World at Arms: A Global History of World War II*, 2ª ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 2006), p.131. [↵](#)
56. Horne, *To Lose a Battle*, p.610. [↵](#)
57. Michael Shelden, *Orwell: The Authorized Biography* (Nova York: HarperCollins, 1991), p.330. [↵](#)
58. Ibid., p.331. [↵](#)
59. Idem. [↵](#)
60. Kershaw, *Fateful Choices*, p.41. [↵](#)
61. Colville, *Fringes of Power*, p.141. [↵](#)
62. Boris Johnson, *The Churchill Factor: How One Man Made History* (Nova York: Riverhead, 2014), p.22. [↵](#)
63. Jenkins, *Churchill*, p.602. [↵](#)
64. Dilks, *Diaries of Sir Alexander Cadogan*, p.291. [↵](#)
65. Jenkins, *Churchill*, p.604. [↵](#)
66. Lukacs, *Five Days in London*, p.149, 155, 182-3. [↵](#)
67. Hugh Dalton, *The Fateful Years* (Londres: Frederick Muller, 1957), p.336. [↵](#)
68. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.90. [↵](#)
69. John Charmley, *Churchill: The End of Glory* (Nova York: Harcourt Brace, 1993), p.400. [↵](#)
70. Simon Schama, *A History of Britain, Vol.3: The Fate of Empire: 1776-2000* (Londres: BBC, 2003), p.398. [↵](#)
71. W.P. Crozier, *Off the Record: Political Interviews, 1933-1943*, org. A.J.P. Taylor (Londres: Hutchinson, 1973), p.221. [↵](#)
72. Richard Overy, *The Battle of Britain: The Myth and the Reality* (Nova York: W.W. Norton, 2001), p.17. [↵](#)
73. Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p.13. [↵](#)
74. Ibid., p.112. Ver também Roberts, *Eminent Churchillians*, p.137-8. [↵](#)
75. *Hansard*, 4 jun 1940. [↵](#)
76. Anthony Storr, *Churchill's Black Dog, Kafka's Mice, and Other Phenomena of the Human Mind* (Nova York: Ballantine, 1990), p.9. [↵](#)
77. *Hansard*, 4 jun 1940. [↵](#)
78. Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p.22. [↵](#)
79. Nicolson, *The War Years*, p.93. [↵](#)
80. Levine, *Forgotten Voices of the Blitz*, p.43-4. [↵](#)
81. C.P. Snow, "Winston Churchill", in *Variety of Men* (Londres: Macmillan, 1967), p.111. [↵](#)
82. Gelb, *Dunkirk*, p.213. [↵](#)
83. Cathal Nolan, *The Allure of Battle: A History of How Wars Have Been Won and Lost* (Oxford: Oxford University Press, 2017), p.445. [↵](#)

84. Harold Macmillan, *The Blast of War, 1939-1945* (Nova York: Harper & Row, 1968), p.81. Ver também Geld, *Dunkirk*, p.311. [↵](#)
85. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.256. [↵](#)
86. Len Deighton, *Battle of Britain* (Nova York: Coward, McCann & Geoghegan, 1980), p.84. [↵](#)
87. Pronunciamento feito para e citado por Crozier em *Off the Record*, p.184. [↵](#)
88. Daniel Todman, *Britain's War: Into Battle, 1937-1941* (Oxford: Oxford University Press, 2016), p.379. [↵](#)
89. Levine, *Forgotten Voices of the Blitz*, p.57-8. [↵](#)
90. Geld, *Dunkirk*, p.301. [↵](#)
91. Ismay, *Memoirs of Lord Ismay*, p.127. [↵](#)
92. Gardner, *Churchill in Power*, p.47. [↵](#)
93. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.47. [↵](#)
94. Winston S. Churchill, *Painting as Pastime* (Greensboro: Unicorn Press, 2013), p.48. [↵](#)
95. Gardner, *Churchill in Power*, p.47. [↵](#)
96. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.243. [↵](#)
97. Ibid., p.217. [↵](#)
98. Walter Mills, *Arms and Men: A Study in American Military History* (New Brunswick: Rutgers University Press, 1981), p.275. [↵](#)
99. *Hansard*, 18 jun 1940. [↵](#)
100. Jenkins, *Churchill*, p.611. Nesse mesmo sentido, há um website devotado a comparar Churchill com Lincoln: www.lincolinandchurchill.com. [↵](#)
101. George Orwell, "London Letter", *Partisan Review*, jul/ago 1942, in *Orwell and Politics*, p.162. [↵](#)
102. Winston Churchill, "Never Give In" (discurso, Harrow School, 29 out 1941), acessado online no website da Churchill Society. [↵](#)
103. George Orwell, *Diaries*, org. Peter Devison (Nova York: W.W. Norton, 2012), p.286. [↵](#)
104. Ibid., p.292. [↵](#)
105. Gilbert, *Churchill: Finest Hour*, p.642. [↵](#)
106. Sir Ian Jacob, in Wheeler-Bennett, *Action This Day*, p.159. [↵](#)
107. Todman, *Britain's War*, p.225. [↵](#)
108. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.650. [↵](#)
109. Lukacs, *Five Days in London*, p.190. [↵](#)
110. Lorde Normanbrook, in Wheeler-Bennett, *Action This Day*, p.22. [↵](#)
111. Sir Ian Jacob, *ibid.*, p.168. [↵](#)
112. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.158. [↵](#)
113. R. W. Thompson, *Churchill and Morton* (Londres: Hodder & Stoughton, 1976), p.95. [↵](#)
114. Churchill, *The Second World War, Vol.I: Their Finest Hour*, p.243. [↵](#)
115. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.IV: The Hinge of Fate* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.934. [↵](#)
116. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.681. [↵](#)
117. David Jablonsky, *Churchill: The Making of a Grand Strategist* (Carlisle: Strategic Studies Institute, US Army War College, 1990), p.72. [↵](#)
118. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.459. [↵](#)
119. Ibid., p.662. [↵](#)

120. Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p.101. [↵](#)

7. Enfrentando os alemães, pedindo ajuda aos americanos: 1940-41

1. Ronald Lewin, *Ultra Goes to War* (Londres: Hutchinson, 1978), p.86. [↵](#)

2. Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p.111, 152. [↵](#)

3. Martin Gilbert, *Churchill and America* (Nova York: Free Press, 2005), p.200-1. [↵](#)

4. Richard Overy, *The Battle of Britain: The Myth and the Reality* (Nova York: W.W. Norton, 2001), p.45. [↵](#)

5. George Orwell, *Diaries*, org. Peter Davison (Nova York: W.W. Norton, 2012), p.282. [↵](#)

6. Thomas Jones, *A Diary of Letters, 1931-1950* (Oxford: Oxford University Press, 1954), p.460. [↵](#)

7. Ibid., p.466. [↵](#)

8. Sem autor, *The History of The Times, Vol.IV, The 150th Anniversary and Beyond, Part II: 1921-1948* (Londres: Office of The Times, 1952), p.1022. [↵](#)

9. Orwell, *CEJL*, vol.3, p.132. O Café Royal, para ficar apenas em um exemplo, foi onde Frank Harris encontrou Oscar Wilde em 1895 e instou-o a encerrar o processo que movera contra o marquês de Queenberry, dizendo: “Você não sabe o que irá lhe acontecer.” Wilde recusou-se a fazê-lo, irritado, e continuou a arruinar a própria vida – Stanley Weintraub, *Shaw's People: Victoria to Churchill* (University Park e Londres: State University Press, 1996), p.46. Harris, um cavalheiro vitoriano muito bem relacionado, e com mais de um esqueleto no armário, anos depois ajudaria Winston Churchill a negociar um lucrativo contrato de publicação – Peter Clarke, *Mr. Churchill's Profession: The Statesman as Author and The Book That Defined the “Special Relationship”* (Londres: Bloomsbury Press, 2012), p.27. Harris é lembrado hoje em dia, acima de tudo, como o autor de *My Life and Lovers*, um relato de quatro volumes sobre suas aventuras sexuais. [↵](#)

10. *Hansard*, 20 ago 1940. [↵](#)

11. Joshua Levine, *Forgotten Voices of the Blitz and the Battle for Britain* (Londres: Ebury, 2007), p.302. [↵](#)

12. *Hansard*, 20 ago 1940. [↵](#)

13. Overy, *The Battle of Britain*, p.91. [↵](#)

14. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.657. [↵](#)

15. Harold Nicolson, *The War Years: 1939-1945* (Nova York: Atheneum, 1967), p.111. [↵](#)

16. Levine, *Forgotten Voices of the Blitz*, p.91. [↵](#)

17. Peter Stansky, *The First Day of the Blitz* (New Haven: Yale University Press, 2007), p.1. [↵](#)

18. David Nasaw, *The Patriarch: The Remarkable Life and Turbulent Life of Joseph P. Kennedy* (Nova York: Penguin Press, 2012), p.474. [↵](#)

19. Ibid., p.477. [↵](#)

20. Peter Ackroyd, introdução a Levine, *Forgotten Voices of the Blitz*, p.2. [↵](#)

21. Neil Wallington, *Firemen at War: The Work of London's Fire Fighters in The Second World War* (Huddersfield: Jeremy Mills Publishing, 2007), p.91. [↵](#)

22. Martin Gilbert, *Winston S. Churchill: Finest Hour, Vol.VI: 1939-1941* (Londres: Heine-mann, 1983), p.775. [↵](#)

23. Esse relato da visita de Churchill ao quartel-general do grupo de combate, em 15 set 1940, baseia-se primordialmente em Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.332-6. Também se apoia em várias outras fontes: Sir Charles Wilson, posteriormente lorde Moran, *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.320-1; Levine, *Forgotten Voices of the Blitz*, p.289; e a entrada do dia 15 set 1940 no website “Fighter Command Operational Diaries”, da Força Aérea Real. [↵](#)

24. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.332. [↵](#)

25. Ibid., p.336. [↵](#)

26. Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p.330. [↵](#)

27. Gilbert, *Churchill: Finest Hour*, p.729. [↵](#)

28. Len Deighton, *Battle of Britain* (Nova York: Coward, McCann & Geoghegan, 1980), p.174. [↵](#)

29. Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p.371. [↵](#)

30. James Leutze (org.), *The London Journal of General Raymond E. Lee, 1940-1941* (Boston: Little, Brown, 1971), p.62. [↵](#)
31. Moran, *Churchill*, p.348. [↵](#)
32. Marechal de campo lorde Alan Brooke, *The War Diaries: 1939-1945*, org. Alex Danchev e Daniel Todman (Berkeley: University of California Press, 2002), p.107. [↵](#)
33. John Colville, *The Fringes of Power: 10 Downing Street Diaries, 1939-1955* (Nova York: W.W. Norton, 1985), p.370, 364, 394, 403, 442, 509. [↵](#)
34. A referência a Hornblower está em Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.III: The Grand Alliance* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.429. A referência a Austen está em Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.V: Closing the Ring* (Boston: Houghton Mifflin, 1951), p.425. [↵](#)
35. Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p.376-84. [↵](#)
36. Robin Prior, *When Britain Saved the West: The Story of 1940* (New Haven: Yale University Press, 2015), p.181. [↵](#)
37. Levine, *Forgotten Voices of the Blitz*, p.137. [↵](#)
38. Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p.125. [↵](#)
39. Ibid., p.162. [↵](#)
40. John Lukacs, *The Duel: The Eighty-Day Struggle Between Churchill and Hitler* (Boston: Ticknor & Fields, 1991), p.158. [↵](#)
41. Levine, *Forgotten Voices of the Blitz*, p.137. [↵](#)
42. Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p.244. [↵](#)
43. Levine, *Forgotten Voices of the Blitz*, p.199, 239. [↵](#)
44. Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p.292, 371-4. [↵](#)
45. Tom Harrison, *Living through the Blitz* (Harmondsworth: Penguin, 1990), p.105. [↵](#)
46. Bungay, *The Most Dangerous Enemy*, p.115. [↵](#)
47. Ibid., p.368. [↵](#)
48. Orwell, *Diaries*, p.319. [↵](#)
49. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.675. [↵](#)
50. Nasaw, *The Patriarch*, p.498. [↵](#)
51. Michael Beschloss, *Kennedy and Roosevelt: The Uneasy Alliance* (Nova York: W.W. Norton, 1980), p.229. [↵](#)
52. Charles Lindbergh, *The Wartime Journals of Charles A. Lindbergh* (Harcourt Brace Jovanovich, 1970), p.420. [↵](#)
53. Churchill, *The Second World War, Vol.III: The Grand Alliance*, p.22. [↵](#)
54. George McJimsey, *Harry Hopkins: Ally of the Poor and Defender of Democracy* (Cam-bridge: Harvard University Press, 1987), p.316. [↵](#)
55. A descrição de Hopkins como o assessor mais próximo de Roosevelt está em Warren Kimball, *The Juggler: Franklin Roosevelt as Wartime Statesman* (Princeton: Princeton University Press, 1991), p.9. [↵](#)
56. “Instável” é a palavra usada em Roy Jenkins, *Churchill* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2001), p.573; “bêbado metade do tempo”, em David Reynolds, *The Creation of the Anglo-American Alliance 1937-41: A Study in Competitive Co-operation* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1982), p.114. [↵](#)
57. Robert E. Sherwood, *Roosevelt and Hopkins: An Intimate History* (Nova York: Harper & Brothers, 1948), p.232, 234, 302. Detalhes das etapas da viagem estão em Thomas Parish, *To Keep the British Isles Afloat: FDR's Men in Churchill's London, 1941* (Londres: Collins, 2009). [↵](#)
58. A importância de Bracken ter recebido Hopkins está enfatizada em Parish, *To Keep the British Isles Afloat: FDR's Men in Churchill's London, 1941* (Londres: Collins, 2009). [↵](#)
59. Citações neste e no parágrafo subsequente estão em Sherwood, *Roosevelt and Hopkins*, p.238. [↵](#)
60. Gilbert, *Churchill: Finest Hour*, p.985-6. [↵](#)
61. Idem. [↵](#)

62. Martin Gilbert, *The Churchill War Papers: The Ever-Widening War, 1941* (Nova York: W.W. Norton, 1995), p.59, 61, 76. [↵](#)
63. David Dilks (org.), *The Diaries of Alexander Cadogan, 1938-1945* (Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1972), p.348. [↵](#)
64. Moran, *Churchill*, p.6. O tom sussurrante da voz de Hopkins é lembrado em Hastings Ismay, *The Memoirs of Lord Ismay* (Londres: Heinemann, 1960), p.216. Aproximadamente 26 anos depois, Bob Dylan, em sua polêmica turnê pelo Reino Unido, na qual tocou uma guitarra elétrica e foi chamado de Judas, ficou hospedado no mesmo hotel em Glasgow, e durante sua estadia gravou várias canções. Uma delas tinha um título que Hopkins talvez tivesse apreciado: "What Kind of Friend is This?" ["Que tipo de amigo é esse?"] – Steve Hendry, "The King in Queen Street", *Glasgow Daily Record*, 4 out 2015, acessado online. [↵](#)
65. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.690. [↵](#)
66. Parrish, *To Keep the British Isles Afloat*, p.188. [↵](#)
67. Winston Churchill, *Blood, Toil, Tears and Sweat: The Great Speeches*, org. David Cannadine (Harmondsworth: Penguin, 1990), p.213. [↵](#)
68. Leutze, *The London Journal of General Raymond E. Lee*, p.258. [↵](#)
69. Richard Toye, *The Roar of the Lion: The Untold Story of Churchill's World War Speeches* (Oxford: Oxford University Press, 2013), p.91. [↵](#)
70. Christopher Thorne, *Allies of a Kind: The United States, Britain, and the War Against Japan, 1941-1945* (Oxford: Oxford University Press, 1979), p.111. [↵](#)

8. Churchill, Orwell e a luta de classes na Grã-Bretanha: 1941

1. George Orwell, "The Lion and the Unicorn", in Orwell, *CEJL*, vol.2, p.88. [↵](#)
2. Orwell, *CEJL*, vol.1, p.410. [↵](#)
3. Michael Shelden, *Orwell: The Authorized Biography* (Nova York: HarperCollins, 1991), p.289. [↵](#)
4. Bernard Crick, *George Orwell: A Life* (Nova York: Penguin, 1980), p.391-2. [↵](#)
5. George Orwell, "Letter to John Lehmann", in *CEJL*, vol.2, p.29. [↵](#)
6. George Orwell, *Diaries*, org. Peter Davison (Nova York: W.W. Norton, 2012), p.325. [↵](#)
7. John Rodden e John Rossi, *The Cambridge Introduction to George Orwell* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012), p.26. [↵](#)
8. Orwell, *CEJL*, vol.1, p.516. [↵](#)
9. Orwell, *CEJL*, vol.2, p.24. [↵](#)
10. Orwell, *Diaries*, p.308. [↵](#)
11. Shelden, *Orwell*, p.237. [↵](#)
12. George Orwell, "Letter to the Editor of *Time and Tide*", in *CEJL*, vol.2, p.27. [↵](#)
13. Cyril Connolly, *The Evening Colonnade* (Londres: David Bruce & Watson, 1973), p.383. [↵](#)
14. Shelden, *Orwell*, p.330. [↵](#)
15. Orwell, *Diaries*, p.312. [↵](#)
16. Ibid., p.313. [↵](#)
17. Ibid., p.316. [↵](#)
18. Orwell, *CEJL*, vol.2, p.54. [↵](#)
19. John Rossi, "'My Country, Right or Left': Orwell's Patriotism", in *The Cambridge Companion to George Orwell*, org. John Rodden (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), p.94. [↵](#)
20. Orwell, "The Lion and the Unicorn", in *CEJL*, vol.2, p.67. [↵](#)
21. Ibid., p.78. [↵](#)

22. George Orwell, “Wells, Hitler and the World State”, *ibid.*, p.142. [↵](#)
23. Gordon Bowker, *George Orwell* (Londres: Abacus, 2004), p.293. Ver também Orwell, *Diaries*, p.366. [↵](#)
24. Stephen Wadhams (org.), *Remembering Orwell* (Harmondsworth: Penguin, 1984), p.xii. [↵](#)
25. Orwell, *Diaries*, p.344. [↵](#)
26. *Ibid.*, p.295. [↵](#)
27. Daniel Todman, *Britain's War: Into Battle, 1937-1941* (Oxford: Oxford University Press, 2016), p.478. [↵](#)
28. Joshua Levine, *Forgotten Voices of the Blitz and the Battle for Britain* (Londres: Ebury, 2007), p.345-8, e Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.351. [↵](#)
29. Citado em Robert Hewison, *Under Siege: Literary Life in London, 1939-45* (Oxford: Oxford University Press, 1977), p.39. [↵](#)
30. Orwell, “The Lion and the Unicorn”, in Orwell, *CEJL*, vol.2, p.90. [↵](#)
31. Levine, *Forgotten Voices of the Blitz and the Battle for Britain*, p.377. [↵](#)
32. James Leutze (org.), *The London Journal of General Raymond E. Lee, 1940-1941* (Boston: Little, Brown, 1971), p.339. [↵](#)
33. *Ibid.*, p.463. [↵](#)
34. Orwell, “The Lion and the Unicorn”, in *CEJL*, vol.2, p.71. [↵](#)
35. Len Deighton, *Battle of Britain* (Nova York: Coward, McCann & Geoghegan, 1980), p.32. [↵](#)
36. Evelyn Waugh, *Officers and Gentlemen* (Nova York: Dell, 1961), p.255. [↵](#)
37. Hugh Dundas, *Flying Start: A Fighter Pilot's War Years* (Nova York: St. Martin's Press, 1989), p.6. [↵](#)
38. *Forgotten Voices of the Blitz*, p.226. [↵](#)
39. George Orwell, “London Letter, 8 May 1942”, in *Orwell and Politics*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin, 2001), p.167. [↵](#)
40. Orwell, “The Lion and the Unicorn”, in *CEJL*, vol.2, p.109. [↵](#)
41. John Colville, *The Fringes of Power: 10 Downing Street Diaries, 1939-1955* (Nova York: W.W. Norton, 1985), p.282. [↵](#)
42. Deighton, *Battle of Britain*, p.93. [↵](#)
43. Anthony Cave Brown, *C: The Secret Life of Sir Stewart Menzies, Spymaster to Winston Churchill* (Nova York: Macmillan, 1987), p.113. [↵](#)
44. Colville, *The Fringes of Power*, p.278. [↵](#)
45. *Ibid.*, p.278, 433. [↵](#)
46. John Ramsden, *Man of the Century: Winston Churchill and His Legend Since 1945* (Nova York: Columbia University Press, 2002), p.575 [↵](#)
47. Margaret Thatcher, *The Path to Power* (Nova York: HarperCollins, 1995), p.27. [↵](#)
48. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.760-3. [↵](#)
49. Martin Gilbert, *Winston S. Churchill: Finest Hour, Vol.VI: 1939-1941* (Londres: Heine-mann, 1983), p.148. [↵](#)
50. Marechal de campo lorde Alanbrooke, *The War Diaries: 1939-1945*, org. Alex Danchev e Daniel Todman (Berkeley: University of California Press, 2002), p.347. [↵](#)
51. Eliot Cohen, *Supreme Command: Soldiers, Statesmen, and Leadership in Wartime* (Nova York: Anchor, 2003), p.127. [↵](#)
52. Churchill, *The Second World War, Vol.IV: The Hinge of Fate* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.916. [↵](#)
53. Orwell, “The Lion and the Unicorn”, in *CEJL*, vol.2, p.67. [↵](#)
54. *Ibid.*, p.85. [↵](#)
55. George Orwell, “The English People”, in *The Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell, Vol.3: As I Please, 1943-1945*, org. Sonia Orwell e Ian Angus (Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1968), p.21. Doravante, Orwell, *CEJL*, vol.3. [↵](#)
56. Bowker, *George Orwell*, p.123. [↵](#)

57. Há quem defenda que *britisher* [“britanicista”] não é uma palavra real, mas George Marshall usava-a em sua correspondência com os oficiais britânicos. Veja, por exemplo, seu bilhete de 25 out 1950 para lorde Louis Mountbatten in *The Papers of George Catlett Marshall, Vol.7: “The Man of the Age”*, org. Mark Stoler e Daniel Holt (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2016), p.26. [↵](#)
58. Isso aparece na discussão sobre a Segunda Guerra Mundial em James Bowman, *Honor: A History* (Nova York: Encounter, 2006), p.157. [↵](#)
59. Crick, *George Orwell*, p.431. [↵](#)
60. Sobre o estilo das roupas de Orwell: George Woodcock, *The Crystal Spirit: A Study of George Orwell* (Boston: Little, Brown, 1966), p.23. Ver também Audrey Coppard e Bernard Crick, *Orwell Remembered* (Nova York: Facts on File Publications, 1984), p.23. [↵](#)
61. George Orwell, “London Letter”, *Partisan Review*, jul/ago 1943, in *Orwell and Politics*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin, 2001), p.181. [↵](#)
62. Martin Gilbert, *Churchill and America* (Nova York: Free Press, 2005), p.157. [↵](#)
63. Max Hastings, *Winston’s War: Churchill 1940-1945* (Nova York: Vintage, 2011), p.40. [↵](#)
64. C.P. Snow, *Variety of Men* (Londres: Macmillan, 1967), p.112-3. [↵](#)
65. Orwell, *Diaries*, p.333. [↵](#)
66. Ibid., p.345. [↵](#)
67. Ibid., p.316. [↵](#)
68. Ibid., p.317. [↵](#)
69. Ibid., p.339. [↵](#)
70. Ibid., p.342. [↵](#)
71. Ibid., p.358. [↵](#)
72. Michael Simpson, *A Life of Admiral of the Fleet Andrew Cunningham* (Abingdon e Nova York: Routledge, 2012), p.62. [↵](#)
73. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.III: The Grand Alliance* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.242. Os grifos são meus. [↵](#)
74. Citado em Ronald Lewin, *Churchill as Warlord* (Londres: Scarborough, 1973), p.72. [↵](#)
75. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.207. [↵](#)
76. Ibid., p.226. [↵](#)
77. Idem. [↵](#)
78. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour* (Boston: Houghton Mifflin, 1949), p.443. [↵](#)
79. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.207, 273. [↵](#)
80. A.L. Rowse, *The Churchills: The Story of a Family* (Nova York: Harper & Row, 1966), p.471. [↵](#)
81. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.III: The Grand Alliance*, p.372. [↵](#)
82. Winston Churchill, *Painting as Pastime* (Greensboro: Unicorn Press, 2013), p.45-6. [↵](#)
83. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.548. [↵](#)
84. Orwell, *Diaries*, p.354. [↵](#)
85. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.III: The Grand Alliance*, p.372. [↵](#)
86. Orwell, *Diaries*, p.353. [↵](#)
87. George Orwell, “Notes on Nationalism”, in Orwell, *CEJL*, vol.3, p.370. [↵](#)
88. George Orwell, *The War Commentaries*, org. W.J. West (Nova York: Schoken Books, 1986), p.40. [↵](#)
89. Ibid., p.213-4. [↵](#)
90. Ibid., p.138. [↵](#)
91. “That Curiously Crucified Expression”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.171. [↵](#)

92. George Orwell, “*Macbeth*”, 17 out 1943, in *Orwell: The Lost Writings*, org. W.J. West (Nova York: Arbor House, 1985), p.160-1. [↵](#)
93. Bowker, *George Orwell*, p.294. [↵](#)
94. Orwell, *Diaries*, p.361. [↵](#)
95. Ibid., p.390-1. [↵](#)
96. Ibid., p.386. [↵](#)
97. Bowker, *George Orwell*, p.294. [↵](#)
98. George Orwell, *Coming Up for Air*, in George Orwell omnibus (Londres: Secker & Warburg, 1976), p.476. [↵](#)
99. Orwell, *Diaries*, p.392. [↵](#)
100. Ibid., p.361-2. [↵](#)
101. George Orwell, “Literature and Totalitarianism”, in *CEJL*, vol.2, p.135. [↵](#)
102. Jeremy Lewis, *David Astor* (Londres: Jonathan Cape, 1980), cap.2. A versão para Kindle não tinha as páginas numeradas. [↵](#)
103. Stephen Pritchard, “Astor and the *Observer*”, *Observer*, 8 dez 2001. [↵](#)
104. Roger Lewis, “How the *Observer*’s Celebrated Owner-Editor Coped with Being So Rich”, *Guardian*, 18 fev 2016. [↵](#)
105. “David Astor and the *Observer*”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.184. [↵](#)
106. Crick, *George Orwell*, p.421. [↵](#)

9. Entram os americanos: 1941-42

1. Marechal de campo lorde Alan Brooke, *The War Diaries: 1939-1945*, org. Alex Danchev e Daniel Todman (Berkeley: University of California Press, 2002), p.209; Roy Jenkins, *Churchill* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2001), p.800. [↵](#)
2. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.III: The Grand Alliance* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.607. [↵](#)
3. Winston Churchill, *Blood, Toil, Tears and Sweat: The Great Speeches*, org. David Cannadine (Harmondsworth: Penguin, 1990), p.226. [↵](#)
4. Ibid., p.227. [↵](#)
5. Ibid., p.228-9. [↵](#)
6. Ibid., p.230. [↵](#)
7. Ibid., p.232. [↵](#)
8. Sir Charles Wilson, posteriormente lorde Moran, *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.16. Ver também Churchill, *The Second World War, Vol.III: The Grand Alliance* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.671. [↵](#)
9. Moran, *Churchill*, p.17. [↵](#)
10. Churchill, *The Second World War, Vol.III: The Grand Alliance* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.686. [↵](#)
11. Robert E. Sherwood, *Roosevelt and Hopkins: An Intimate History* (Nova York: Harper & Brothers, 1948), p.444. [↵](#)
12. Martin Gilbert, *Winston S. Churchill: The Prophet of Truth, Vol.V: 1922-1939* (Londres: Minerva, 1990), p.301. [↵](#)
13. Mary Soames (org.), *Winston and Clementine: The Personal Letters of the Churchills* (Boston: Houghton Mifflin, 2001), p.331-2. [↵](#)
14. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour* (Boston: Houghton Mifflin, 1949), p.553. [↵](#)
15. Andrew Roberts, *Eminent Churchillians* (Londres: Phoenix, 1995), p.49. [↵](#)
16. Orwell, *CEJL*, vol.2, p.177. [↵](#)
17. George Orwell, “As I Please”, 22 nov 1946, in *CEJL*, vol.4, p.247. [↵](#)
18. George Orwell, “Mark Twain – The Licensed Jester”, in *CEJL*, vol.2, p.326. [↵](#)
19. Bernard Crick, *George Orwell: A Life* (Nova York: Penguin, 1980), p.247. [↵](#)

20. Randolph S. Churchill, *Winston S. Churchill: Youth, 1874-1900* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.396, 525. [↵](#)
21. Bowker, *George Orwell*, p.62. Ver também “Quixote on a Bicycle”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.256. [↵](#)
22. Charles Dickens, *The Life and Adventures of Martin Chuzzlewit* (Nova York: Penguin, 1986), p.338, também p.336-7, 346-7, 592, 607. [↵](#)
23. Christopher Hitchens, *Why Orwell Matters* (Nova York: MJF Books, 2002), p.104. [↵](#)
24. Norman Longmate, *The G.I.'s: The American in Britain, 1942-1945* (Nova York: Scribner, 1975), p.228, 43, 36. [↵](#)
25. John Chamley, *Churchill: The End of Glory* (Nova York: Harcourt Brace, 1993), p.449. [↵](#)
26. *Hansard*, 27, 28 e 29 jan 1942. [↵](#)
27. Harold Nicolson, *The War Years: 1939-1945* (Nova York: Atheneum, 1967), p.209. [↵](#)
28. *Hansard*, 27, 28 e 29 jan 1942. [↵](#)
29. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.IV: The Hinge of Fate* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.92. [↵](#)
30. Orwell, *CEJL*, vol.2, p.209. [↵](#)
31. George Orwell, *Diaries*, org. Peter Davison (Nova York: W.W. Norton, 2012), p.396-7. [↵](#)
32. Stephen Wadhams (org.), *Remembering Orwell* (Harmondsworth: Penguin, 1984), p.129-30. [↵](#)
33. *Ibid.*, p.130. [↵](#)
34. Crick, *George Orwell*, p.432. [↵](#)
35. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.IV: The Hinge of Fate* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.209. [↵](#)
36. *Ibid.*, p.134. [↵](#)
37. *Ibid.*, p.201. [↵](#)
38. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.V: Closing the Ring* (Boston: Houghton Mifflin, 1951), p.270. [↵](#)
39. Warren F. Kimball (org.), *Churchill & Roosevelt: The Complete Correspondence, Vol.1: Alliance Emerging, October 1933-November 1942* (Princeton: Princeton University Press, 1987), p.447-8. [↵](#)
40. Orwell, *Diaries*, p.371. [↵](#)
41. *Hansard*, 2 jul 1942. [↵](#)
42. Simon Berthon e Joanna Potts, *Warlords: An Extraordinary Re-creation of World War II Through the Eyes and Minds of Hitler, Churchill and Roosevelt, and Stalin* (Cambridge: Da Capo, 2006), p.150. [↵](#)
43. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.IV: The Hinge of Fate* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.382-3. A versão aqui fornecida também se apoia em Hastings Ismay, *The Memoirs of Lord Ismay* (Londres: Heinemann, 1960), p.254-5; Sherwood, *Roosevelt and Hopkins: An Intimate History* (Nova York: Harper & Brothers, 1948), p.204; e US Department of State, *Foreign Relations of the United States, The Second Washington Conference* (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1968), p.437. [↵](#)
44. Moran, *Churchill*, p.41. [↵](#)
45. Kim Philby, *My Silent War* (Nova York: Modern Library, 2002), p.174. Ver também Andrew Smart, *A History of Modern Britain* (Londres: Pan Macmillan, 2009), p.141. [↵](#)
46. John Charmley, “Churchill and the American Alliance”, in *Winston Churchill in the Twenty-First Century*, org. David Cannadine e Roland Quinault (Cambridge: Cambridge University Press, 2004), p.146. [↵](#)
47. Max Hastings, *Winston's War: Churchill 1940-1945* (Nova York: Vintage, 2011), p.149. [↵](#)
48. Harold Nicolson, *Diaries and Letters, 1930-1939*, org. Nigel Nicolson (Londres: Collins, 1966), p.205. [↵](#)
49. *Ibid.*, p.189. [↵](#)
50. Harold Nicolson, *The War Years: 1939-1945* (Nova York: Atheneum, 1967), p.328. [↵](#)
51. Harold Macmillan, *The Blast of War, 1939-1945* (Nova York: Harper & Row, 1968), p.121, 359. [↵](#)
52. Oliver Hardy, *War Diaries, 1941-1945*, org. John Harvey (Nova York: HarperCollins, 1978), p.37. [↵](#)

53. Ibid., p.85. [↵](#)
54. Ibid., p.141. [↵](#)
55. James Boswell, *The Life of Samuel Johnson, Vol.III* (Oxford: Talboys and Wheeler, 1826), p.180. [↵](#)
56. Andrew Roberts, *"The Holy Fox": A Biography of Lord Halifax* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1991), p.281-2. [↵](#)
57. Anthony Eden, *The Reckoning: The Memoirs of Anthony Eden* (Boston: Houghton Mifflin, 1965), p.158-9. [↵](#)

10. Visões desoladoras do mundo pós-guerra: 1943

1. Norman Longmate, *The G.I.'s: The American in Britain, 1942-1945* (Nova York: Scribner, 1975), p.62. [↵](#)
2. Orwell, *CEJL*, vol.2, p.236. [↵](#)
3. George C. Marshall: *Interviews and Reminiscences for Forrest C. Pogue*, org. Larry I. Bland (Lexington: George C. Marshall Foundation, 1996), p.608. [↵](#)
4. Martin Gilbert, *Winston S. Churchill: Road to Victory, Vol.VII: 1941-1945* (Londres: Heinemann, 1989), p.293. [↵](#)
5. Eric Larrabee, *Commander in Chief: Franklin Delano Roosevelt, His Lieutenants, and Their War* (Nova York: Harper & Row, 1987), p.184. [↵](#)
6. Ronald Lewin, *Churchill as Warlord* (Londres: Scarborough, 1973), p.184. [↵](#)
7. Hastings Ismay, *The Memoirs of Lord Ismay* (Londres: Heinemann, 1960), p.288. [↵](#)
8. Marechal de campo lorde Alan Brooke, *The War Diaries: 1939-1945*, org. Alex Danchev e Daniel Todman (Berkeley: University of California Press, 2002), p.364. [↵](#)
9. Gilbert, *Churchill: Road to Victory*, p.296. [↵](#)
10. "Joint Chiefs of Staff Minutes of a Meeting at the White House, January 7, 1943", *Foreign Relations of the United States: The Conferences at Washington, 1941-1942, and Casablanca, 1943* (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1968), p.510. [↵](#)
11. "Meeting of Roosevelt with the Joint Chiefs of Staff, January 15, 1943, 10 A.M., President's Villa", *Foreign Relations of the United States, Washington and Casablanca Conferences*, p.559. [↵](#)
12. Steven Rearden, *Council of War: A History of the Joint Chiefs of Staff, 1942-1991* (Washington, D.C.: NDU Press, 2012), p.13-4. [↵](#)
13. Albert Wedemeyer, *Wedemeyer Reports!* (Nova York: Henry Holt, 1958), p.191-2. Muito tempo depois da guerra, Marshall escreveria para Churchill: "Não conheço ninguém com quem tenha tido mais discussões do que você, e não conheço ninguém que admire mais" – *The Papers of George Catlett Marshall, Vol.7: "The Man of the Age"*, org. Mark Stoler e Daniel Holt (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2016), p.986. [↵](#)
14. Oliver Hardy, *War Diaries, 1941-1945*, org. John Harvey (Nova York: HarperCollins, 1978), p.287. [↵](#)
15. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.419. [↵](#)
16. Sir Charles Wilson, posteriormente lorde Moran, *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.767. [↵](#)
17. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.384. [↵](#)
18. Harold Nicolson, *The War Years: 1939-1945* (Nova York: Atheneum, 1967), p.347. [↵](#)
19. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.IV: The Hinge of Fate* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.733-4. [↵](#)
20. "Meeting of the Combined Chiefs of Staff, May 13, 1943, 10:30 A.M., Board of Governors Room, Federal Reserve Building", *Foreign Relations of the United States: The Conferences at Washington and Quebec, 1943* (Washington, D.C.: Government Printing Office, 1970), p.45. [↵](#)
21. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.233. [↵](#)
22. David Dilks (org.), *The Diaries of Sir Alexander Cadogan, 1938-1945* (Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1972), p.484. [↵](#)
23. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.370. [↵](#)
24. Violet Bonham Carter, *Winston Churchill: An Intimate Portrait* (Nova York: Harcourt, Brace & World, 1965), p.172. [↵](#)
25. William Manchester, *The Caged Lion: Winston Spencer Churchill, 1932-1940* (Londres: Abacus, 1994), p.25. [↵](#)
26. G.S. Harvie-Watt, *Most of My Life* (Londres: Springwood, 1980), p.53. [↵](#)

27. Eleanor Roosevelt, “Churchill at the White House”, *Atlantic Monthly*, mar 1965, acessado online. [↵](#)
28. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.V: Closing the Ring* (Boston: Houghton Mifflin, 1951), p.405. [↵](#)
29. Moran, *Churchill*, p.145. [↵](#)
30. Warren F. Kimball (org.), *Churchill & Roosevelt: The Complete Correspondence, Vol.2: Alliance Forged, November 1942-February 1944* (Princeton: Princeton University Press, 1987), p.596. [↵](#)
31. Robert E. Sherwood, *Roosevelt and Hopkins: An Intimate History* (Nova York: Harper & Brothers, 1948), p.781. A cor do lápis encontrei em Richard Overy, *Why the Allies Won* (Nova York: W.W. Norton, 1996), p.246. [↵](#)
32. Warren F. Kimball (org.), *Churchill & Roosevelt: The Complete Correspondence, Vol.1: Alliance Emerging, October 1933-November 1942* (Princeton: Princeton University Press, 1987), p.206, 642; Elliott Roosevelt, *As He Saw It* (Nova York: Duell, Sloan and Pearce, 1946), p.190. Stálin é dado como o anfitrião do jantar em John Meachan, *Franklin and Winston: An Intimate Portrait of an Epic Friendship* (Nova York: Random House, 2004), p.258. Uma versão um tanto edulcorada desse jantar, que nem mesmo sob a rubrica de sigilo mencionou a intervenção de Elliott Roosevelt, pode ser encontrada também U.S. Department of State, *Foreign Relations of the United States: The Conferences at Cairo and Tehran* (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, 1961), p.552-5. [↵](#)
33. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.V: Closing the Ring* (Boston: Houghton Mifflin, 1951), p.374. [↵](#)
34. Benjamin Fischer, “The Katyn Controversy: Stalin’s Killing Field”, *Studies in Intelligence*, CIA (inverno de 1999-2000), acessado online. [↵](#)
35. Essa sinopse, extraída de edições da trilogia completa, está disponível em: www.abbotshill.freemove.co.uk/USIntro.htm. [↵](#)
36. David Dilks (org.), *The Diaries of Sir Alexander Cadogan, 1938-1945* (Nova York: G.P. Putnam’s Sons, 1972), p.580. [↵](#)
37. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.544. [↵](#)
38. Violet Bonham Carter, *Champion Redoubtable* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1999), p.312-3. [↵](#)
39. John Colville, *The Fringes of Power: 10 Downing Street Diaries, 1939-1955* (Nova York: W.W. Norton, 1985), p.158. [↵](#)
40. Diana Cooper, *Trumpets from the Steep* (Londres: Century, 1960), p.154. [↵](#)
41. Moran, *Churchill*, p.22. [↵](#)
42. Orwell, “Letter to Roger Senhouse”, in *CEJL*, vol.4, p.132. [↵](#)
43. Orwell, “Letter to L.F. Rushbrook-Williams”, in *CEJL*, vol.2, p.316. [↵](#)
44. Orwell, *CEJL*, vol.3, p.54. [↵](#)

11. A revolução dos bichos: 1943-45

1. Muggeridge, *Like It Was: The Diaries of Malcolm Muggeridge*, org. John Bright-Holmes (Londres: Collins, 1981), p.410. [↵](#)
2. Sir Charles Wilson, posteriormente lorde Moran, *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.199. [↵](#)
3. George Orwell, “On Kipling’s Death”, in *CEJL*, vol.1, p.159-60. [↵](#)
4. Beatrix Potter, *The Tale of Peter Rabbit*, acessado online no Projeto Gutenberg. [↵](#)
5. Kenneth Grahame, *The Wind in the Willows* (Nova York: Grosset & Dunlap, 1913), p.3. [↵](#)
6. *Ibid.*, p.11-2. [↵](#)
7. George Orwell, “Some Thoughts on the Common Toad”, in *CEJL*, vol.4, p.142. [↵](#)
8. George Orwell, *Diaries*, org. Peter Davison (Nova York: W.W. Norton, 2012), p.380. [↵](#)
9. Essa dupla aparição do Leão Vermelho, ou Red Lion, foi percebida por Jeffrey Meyers em *Orwell: Life and Art* (Champaign: University of Illinois Press, 2010), p.112. Entretanto, Red Lion é um nome comum para pubs na Inglaterra, com mais de quinhentos funcionando atualmente, de acordo com uma contagem do website Pubs Galore. Entre eles, há um Red Lion em Willingdon. [↵](#)
10. George Orwell, *Animal Farm* (Nova York: New American Library, 1974), p.35. [↵](#)
11. *Ibid.*, p.40-1. [↵](#)
12. Orwell, *Diaries*, p.471. [↵](#)
13. Citado em Gordon Bowker, *George Orwell* (Londres: Abacus, 2004), p.358-9. [↵](#)

14. Orwell, *Animal Farm*, p.58. [↵](#)
15. Ibid., p.59. [↵](#)
16. Ibid., p.83. [↵](#)
17. Ibid., p.122. [↵](#)
18. Ibid., p.123. [↵](#)
19. George Orwell, “Literature and Totalitarianism”, *The Listener*, 19 jun 1941, in *CEJL*, vol.2, p.134. [↵](#)
20. George Orwell, *Orwell and Politics*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin Books Limited, 2001), p.384. [↵](#)
21. Orwell, *Animal Farm*, p.128. [↵](#)
22. N.3128, “To Dwight MacDonald”, 5 dez 1946, in Peter Davison (org.), *The Complete Works of George Orwell, Vol.18* (Londres: Secker & Warburg, 1998), p.507. [↵](#)
23. Stephen Wadhams (org.), *Remembering Orwell* (Harmondsworth: Penguin, 1984), p.131. [↵](#)
24. E.B. White, “A Letter from E.B. White”, no website da HarperCollins. [↵](#)
25. Christopher Andrew e Vasili Mitrokhin, *The Sword and the Shield: The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB* (Nova York: Basic Books, 1999), p.87. [↵](#)
26. Anthony Cave Brown, *Treason in the Blood: H. St. John Philby, and the Spy Case of the Century* (Boston: Houghton Mifflin, 1994), p.222. [↵](#)
27. Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield: The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB* (Nova York: Basic Books, 1999), p.67. Ver também *Treason in the Blood*, p.79. [↵](#)
28. Andrew e Mitrokhin, *The Sword and the Shield*, p.74-5. [↵](#)
29. Bernard Crick, *George Orwell: A Life* (Nova York: Penguin, 1980), p.454 [↵](#)
30. Ibid., p.458. Ver Também Alison Flood, “‘It Needs More Public-Spirited Pigs’: T.S. Eliot’s Rejection of Orwell’s *Animal Farm*”, *Guardian*, 26 mai 2016. Para o número total de rejeições por editores: John Rodden e John Rossi, *The Cambridge Introduction to George Orwell* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012), e Crick, *George Orwell*, p.452-62. [↵](#)
31. Rodden e Rossi, *The Cambridge Introduction to George Orwell*, p.77. [↵](#)
32. Orwell, *CEJL*, vol.3, p.141. [↵](#)
33. Wadhams, *Remembering Orwell*, p.131. [↵](#)
34. Crick, *George Orwell*, p.465. [↵](#)
35. Audrey Coppard e Bernard Crick, *Orwell Remembered* (Nova York: Facts on File Publications, 1984), p.186-7. [↵](#)
36. Bowker, George Orwell, p.472. Curiosamente, esse memorando não está incluído em *Collected Essays, Journalism and Letters*. [↵](#)
37. Bowker, *George Orwell*, p.329. [↵](#)
38. Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.197. [↵](#)
39. Orwell, *CEJL*, vol.4, p.104. [↵](#)
40. George Woodcock, *The Crystal Spirit* (Nova York: Schocken Books, 1984), p.31. [↵](#)
41. Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.197. [↵](#)
42. Orwell, *CEJL*, vol.4, p.104. [↵](#)
43. Bowker, *George Orwell*, p.330-1. [↵](#)
44. Rodden e Rossi, *The Cambridge Introduction to George Orwell*, p.59. [↵](#)
45. Bowker, *George Orwell*, p.484. [↵](#)
46. Wadhams, *Remembering Orwell*, p.166. [↵](#)
47. George Orwell, “Politics and the English Language”, in *Orwell and Politics*, p.409. [↵](#)

48. Ibid., p.410. [↵](#)
49. Ibid., p.406. [↵](#)
50. Manchester, *The Caged Lion*, p.26. [↵](#)
51. Sir Ian Jacob, in John Wheeler-Bennett (org.), *Action This Day: Working with Churchill* (Nova York: St. Martin's, 1969), p.146-7. [↵](#)
52. John Colville, *Winston Churchill and His Inner Circle* (Nova York: Wyndham, 1981), p.155. [↵](#)
53. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.VI: Triumph and Tragedy* (Boston: Houghton Mifflin, 1953), p.749. [↵](#)
54. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm* (Boston: Houghton Mifflin, 1948), p.166. [↵](#)
55. Citado em Harold Macmillan, *The Blast of War 1939-1945* (Nova York: Harper & Row, 1968), p.84. [↵](#)
56. Warren F. Kimball (org.), *Churchill & Roosevelt: The Complete Correspondence, Vol.1: Alliance Emerging, October 1933-November 1942* (Princeton: Princeton University Press, 1987), p.712. [↵](#)
57. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour* (Boston: Houghton Mifflin, 1949), p.431. [↵](#)

12. Churchill (e a Grã-Bretanha) em declínio e triunfo: 1944-45

1. John Colville, *The Fringes of Power: 10 Downing Street Diaries, 1939-1955* (Nova York: W.W. Norton, 1985), p.471-2. [↵](#)
2. Laurence Bergreen, *As Thousands Cheer: The Life of Irving Berlin* (Nova York: Viking, 1990), p.431. [↵](#)
3. George Orwell, "London Letter", *Partisan Review*, 17 abr 1944, in *CEJL*, vol.3, p.123. [↵](#)
4. Artemis Cooper (org.), *A Durable Fire: The Letters of Duff and Diana Cooper, 1913-1950* (Londres: HarperCollins, 1983), p.305. [↵](#)
5. Winston Churchill (discurso num almoço para o prefeito de Londres, 10 nov 1942), acessado online no website da Churchill Society. [↵](#)
6. Marechal de campo lorde Alanbrooke, *The War Diaries: 1939-1945*, org. Alex Danchev e Daniel Todman (Berkeley: University of California Press, 2002), p.515. [↵](#)
7. Ibid., p.521. [↵](#)
8. Ibid., p.528. [↵](#)
9. Ibid., p.534. [↵](#)
10. Ibid., p.561. [↵](#)
11. Ibid., p.568. [↵](#)
12. Ibid., p.590. [↵](#)
13. Ibid., p.566. [↵](#)
14. Para mais sobre o tema, ver Carlo D'Este, *Warlord: A Life of Winston Churchill at War, 1874-1945* (Nova York: HarperCollins, 2008), p.395. [↵](#)
15. Ver, por exemplo, seu memorando de 12 set 1939, reimpresso em Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm* (Boston: Houghton Mifflin, 1948), p.434-5. [↵](#)
16. David Reynolds, *In Command of History: Churchill Fighting and Writing the Second World War* (Nova York: Random House, 2005), p.114. [↵](#)
17. Maurice Ashley, *Churchill as Historian* (Nova York: Scribner, 1969), p.189. [↵](#)
18. *The Fringes of Power*, p.186-7. Ver também Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.III: The Grand Alliance* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.806-7. [↵](#)
19. R.W. Thompson, *Churchill and Morton* (Londres: Hodder & Stoughton, 1976), p.48. [↵](#)
20. Ver, por exemplo, Sir Charles Wilson, posteriormente lorde Moran, *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.169. [↵](#)
21. Sir Ian Jacob, in John Wheeler-Bennett (org.), *Action This Day: Working with Churchill* (Nova York: St. Martin's, 1969), p.201. [↵](#)
22. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.462. [↵](#)
23. Eliot Cohen, *Supreme Command: Soldiers, Statesmen, and Leadership in Wartime* (Nova York: Anchor, 2003), p.118. [↵](#)

24. Ibid. [↵](#)
25. Moran, *Churchill*, p.759. [↵](#)
26. David Fraser, “Alanbrooke”, in *Churchill’s Generals*, org., John Keegan (Nova York: Grove Weidenfeld, 1991), p.90. A mesma anedota é contada de forma ligeiramente diferente no livro anterior de Fraser, *Alanbrooke* (Londres: Arrow Books, 1983), p.295. [↵](#)
27. Simon Heffer, *Like the Romans: The Life of Enoch Powell* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1998), p.75. [↵](#)
28. Ibid., p.62. [↵](#)
29. George Orwell, “Letter from England”, *Partisan Review*, 3 jan 1943, in *CEJL*, vol.2, p.278-9. [↵](#)
30. Max Hastings, *Winston’s War: Churchill 1940-1945* (Nova York: Vintage, 2011), p.437. [↵](#)
31. Colville, *Fringes of Power*, p.574. [↵](#)
32. Ralph Ingersoll, *Top Secret* (Nova York: Harcourt Brace, 1946), p.67. [↵](#)
33. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.V: Closing the Ring* (Boston: Houghton Mifflin, 1951), p.85. [↵](#)
34. Ibid., p.129. [↵](#)
35. J. Lawton Collins, *Lightning Joe* (Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1979), p.292. [↵](#)
36. A primeira citação está em Orwell, “Wells, Hitler and the World State”, in *CEJL*, vol.2, p.143-4. A segunda citação está em Orwell, “Such, Such Were the Joys”, in *CEJL*, vol.4, 336. [↵](#)
37. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.VI: Triumph and Tragedy* (Boston: Houghton Mifflin, 1953), p.713. [↵](#)
38. Ronald Lewin, *Churchill as Warlord* (Londres: Scarborough, 1973), p.19. [↵](#)
39. George Trevelyan, *English Social History: A Survey of Six Centuries from Chaucer to Queen Victoria* (Nova York: Longman, 1978), p.457. [↵](#)
40. Correlli Barnett, *The Audit of War: The Illusion & Reality of Britain as a Great Nation* (Londres: Macmillan, 1986), p.161, 164, 180-1. [↵](#)
41. David Edgerton, “The Prophet Militant and Industrial: The Peculiarities of Correlli Barnett”, in *Twentieth Century British History* 2, n.3 (1991), acessado online. [↵](#)
42. Bernard Lewis, “Second Acts”, in *Atlantic Monthly*, nov 2007, p.25. [↵](#)
43. James Leutze (org.), *The London Journal of General Raymond E. Lee, 1940-1941* (Boston: Little, Brown, 1971), p.319, 341. [↵](#)
44. Para a comparação entre as infantarias britânica e americana, na primavera de 1945, ver lorde Normanbrook, in Wheeler-Bennett (org.), *Action This Day*, p.32. [↵](#)
45. Orwell, “London Letter”, *Partisan Review*, dez 1944, in *CEJL*, vol.3, p.293, 297. [↵](#)
46. Moran, *Churchill*, p.614. [↵](#)
47. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.VI: Triumph and Tragedy* (Boston: Houghton Mifflin, 1953), p.57. [↵](#)
48. “First Plenary Meeting. November 28, 1943”, U.S. Department of State, *Foreign Relations of the United States: The Tehran Conference* (Washington, D.C.: Government Printing Office, 1961), p.490. [↵](#)
49. Warren F. Kimball (org.), *Churchill & Roosevelt: The Complete Correspondence, Vol.3: Alliance Declining, February 1944-April 1945* (Princeton: Princeton University Press, 1987), p.228, 263. [↵](#)
50. Capitão Harry C. Butcher, *Three Years with Eisenhower* (Nova York: Simon & Schuster, 1946), p.634, 644. Ver também D.K.R. Crosswell, *Beetle: The Life of General Walter Bedell Smith* (Lexington: University Press of Kentucky, 2010), p.677. [↵](#)
51. Churchill, *The Second World War, Vol.VI: Triumph and Tragedy*, p.120. [↵](#)
52. Ibid., p.59. [↵](#)
53. Williamson Murray e Allan R. Millett, *A War to Be Won: Fighting the Second World War* (Cambridge: Harvard University Press, 2000), p.433. [↵](#)
54. Steven Zaloga, *Operation Dragoon 1944: France’s Other D-Day* (Oxford: Osprey, 2013), p.6. [↵](#)
55. Roland Ruppenthal, *The European Theater of Operations: Logistical Support of the Armies, Vol.II: September 1944-May 1945* (Washington, D.C.: U.S. Army Center of Military History, 1959), p.124. [↵](#)

56. Ver Moran, *Churchill*, p.179-80, 195. [↵](#)
57. Violet Bonham Carter, *Champion Redoubtable* (Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1999), p.314. [↵](#)
58. Moran, *Churchill*, p.197. [↵](#)
59. Colville, *The Fringes of Power*, p.513. [↵](#)
60. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.630. [↵](#)
61. Idem. [↵](#)
62. Idem. [↵](#)
63. Sir Henry Pownall, *Chief of Staff: The Diaries of Lieutenant General Sir Henry Pownall, Vol.II: 1940-1944* (Hamden: Archon, 1974), p.190. [↵](#)
64. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.647. [↵](#)
65. Churchill, *The Second World War, Vol.VI: Triumph and Tragedy*, p.397. [↵](#)
66. Martin Gilbert, *Winston S. Churchill: Road to Victory, Vol.VII: 1941-1945* (Londres: Heinemann, 1989), p.1294. [↵](#)
67. Ibid., p.1296. [↵](#)
68. Christopher Thorne, *Allies of a Kind: The United States, Britain, and the War Against Japan, 1941-1945* (Oxford: Oxford University Press, 1979), p.120. [↵](#)
69. Moran, *Churchill*, p.322. [↵](#)
70. Ibid., p.350. [↵](#)
71. Roy Jenkins, *Churchill* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2001), p.785. [↵](#)
72. Robert E. Sherwood, *Roosevelt and Hopkins: An Intimate History* (Nova York: Harper & Brothers, 1948), p.442. [↵](#)
73. Thompson, *Churchill and Morton*, p.30. [↵](#)
74. Alfred D. Chandler Jr., *Scale and Scope: The Dynamics of Industrial Capitalism* (Cam-bridge: Harvard University Press, 1994), p.334. [↵](#)
75. Barnett, *The Audit of War*, p.304. [↵](#)
76. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.677. [↵](#)
77. Violet Bonham Carter, *Lantern Slides: The Diaries and Letters of Violet Bonham Carter*, org. Mark Bonham Carter e Mark Pottle (Londres: Phoenix, 1997), p.318. [↵](#)
78. Winston Churchill, *Blood, Toil, Tears and Sweat: The Great Speeches*, org. David Cannadine (Harmondsworth: Penguin, 1990), p.259-60. [↵](#)
79. Ibid., p.266. [↵](#)
80. Ibid., p.286, 288. [↵](#)
81. Ibid., p.274. [↵](#)
82. Malcolm Muggeridge, “The Twilight of Greatness”, in *Tread Softly for You Tread on My Jokes* (Londres: Collins, 1966), p.238. [↵](#)
83. Orwell, *CEJL*, vol.3, p.381. [↵](#)
84. Simon Schama, “Rescuing Churchill”, *New York Review of Books*, 28 fev 2002, acessado online. [↵](#)
85. Harold Nicolson, *The War Years: 1939-1945* (Nova York: Atheneum, 1967), p.344-5. [↵](#)
86. Richard Toye, *The Roar of the Lion: The Untold Story of Churchill's World War II Speeches* (Oxford: Oxford University Press, 2013), p.112. [↵](#)
87. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.324. [↵](#)
88. Jasper Copping, “Records of WW2 Dead Published Online”, *Daily Telegraph*, 17 nov 2013. [↵](#)
89. Winston Churchill, “The Scaffolding of Rhetoric”, acessado online no website da Churchill Society. [↵](#)
90. Thompson, *Churchill and Morton*, p.53, 65. Ver também Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.80. [↵](#)
91. Robert Boothby, *I Fight to Live* (Londres: Victor Gollancz, 1947), p.46. [↵](#)

92. Alanbrooke, *The War Diaries*, p.709. [↵](#)
93. David Dilks (org.), *The Diaries of Sir Alexander Cadogan, 1938-1945* (Nova York: G.P. Putnam's Sons, 1972), p.763. [↵](#)
94. Moran, *Churchill*, p.306. [↵](#)
95. John Charmley, *Churchill: The End of Glory* (Nova York: Harcourt Brace, 1993), p.649. [↵](#)
96. Williamson Murray, "British Grand Strategy, 1933-1942", in Williamson Murray, Richard Hart Sinnreich, James Lacey (orgs.), *The Shaping of Grand Strategy: Policy, Diplomacy and War* (Cambridge: Cambridge University Press, 2011), p.180. [↵](#)

13. A vingança de Churchill: as memórias da guerra

1. David Reynolds, *In Command of History: Churchill Fighting and Writing the Second World War* (Nova York: Random House, 2005), p.537. [↵](#)
2. John Keegan, introdução a Winston S. Churchill, *The Second World War* (Boston: Houghton Mifflin, 1985), p.xi. [↵](#)
3. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour* (Boston: Houghton Mifflin, 1949), p.447. [↵](#)
4. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.III: The Grand Alliance* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.834. [↵](#)
5. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.IV: The Hinge of Fate* (Boston: Houghton Mifflin, 1950), p.797. [↵](#)
6. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm* (Boston: Houghton Mifflin, 1948), p.440. [↵](#)
7. Michael Beschloss, *Kennedy and Roosevelt: The Uneasy Alliance* (Nova York: W.W. Norton, 1980), p.200. [↵](#)
8. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.26. [↵](#)
9. Ibid., p.7. [↵](#)
10. Ibid., p.85. [↵](#)
11. Ibid., p.89. [↵](#)
12. Ibid., p.62. [↵](#)
13. Ibid., p.209. [↵](#)
14. Ibid., p.221. [↵](#)
15. Ibid., p.222. [↵](#)
16. Ibid., p.249. [↵](#)
17. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.257. [↵](#)
18. Ibid., p.362. [↵](#)
19. Churchill, *The Second World War, Vol.I: The Gathering Storm*, p.272. [↵](#)
20. Ibid., p.347. [↵](#)
21. Churchill, *The Second World War, Vol.II: Their Finest Hour*, p.628. [↵](#)
22. Ibid., p.630. [↵](#)
23. Ibid., p.598. [↵](#)
24. Ibid., p.600. [↵](#)
25. Reynolds, *In Command of History*, p.501. [↵](#)
26. Churchill, *The Second World War, Vol.IV: The Hinge of Fate*, p.773. [↵](#)
27. Ibid., p.254. [↵](#)
28. Ibid., p.798, 800. [↵](#)
29. Reynolds, *In Command of History*, p.300. [↵](#)

30. Ibid., p.353-4. Reynolds na verdade está enganado em pensar nesse caso como único. Há outra nota de rodapé misteriosa, na p.202 do volume VI das memórias, remetendo o leitor, sem explicação, a “H. St. G. Saunders, *The Green Beret*”. [↵](#)
31. Samuel Eliot Morison, *History of United States Naval Operations in World War II, Vol.IV: Coral Sea, Midway and Submarine Actions, May 1942-August 1942* (Boston: Little, Brown, 1975), p.63. [↵](#)
32. Churchill, *The Second World War, Vol.IV: The Hinge of Fate*, p.247. [↵](#)
33. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.V: Closing the Ring* (Boston: Houghton Mifflin, 1951), p.426. [↵](#)
34. Winston Churchill, debate parlamentar, 6 jun 1944, acessado online em *Hansard, Parliamentary Debates*. [↵](#)
35. Malcolm Muggeridge, *Like It Was: The Diaries of Malcolm Muggeridge*, org. John Bright-Holmes (Londres: Collins, 1981), p.410. Para a publicação serializada, ver Muggeridge, *Chronicles of Wasted Time* (Vancouver: Regent College, 2006), p.167. [↵](#)
36. Reynolds, *In Command of History*, p.436. [↵](#)
37. John Colville, *Winston Churchill and His Inner Circle* (Nova York: Wyndham, 1981), p.135. [↵](#)
38. Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.VI: Triumph and Tragedy* (Boston: Houghton Mifflin, 1953), p.214, 216. [↵](#)
39. Ibid., p.456. [↵](#)
40. Simon Schama, *A History of Britain, Vol.3: The Fate of Empire: 1776-2000* (Londres: BBC, 2003), p.408. [↵](#)

14. Orwell em triunfo e declínio: 1945-50

1. George Orwell, “Some Thoughts on the Common Toad”, in *CEJL*, vol.4, p.142, 144-5. [↵](#)
2. “Orwell at Tribune”, in Audrey Coppard e Bernard Crick, *Orwell Remembered* (Nova York: Facts on File Publications, 1984), p.212. [↵](#)
3. Jonathan Rose, “England His Englands”, in *The Cambridge Companion to George Orwell*, org. John Rodden (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), p.41. [↵](#)
4. Orwell, *CEJL*, vol.4, p.185. [↵](#)
5. Winston Churchill, “The Sinews of Peace (‘Iron Curtain Speech’)”, acessado online no website da Churchill Society. [↵](#)
6. George Orwell, “Literature and Totalitarianism”, *The Listener*, 19 jun 1941, in *CEJL*, vol.2, p.134. [↵](#)
7. “David Astor and the Observer”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.188. Sobre o tempo de escrita, ver John Rodden e John Rossi, *The Cambridge Introduction to George Orwell* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012); e Crick, *Orwell*, p.29, 81. [↵](#)
8. Stephen Wadhams (org.), *Remembering Orwell* (Harmondsworth: Penguin, 1984), p.170. [↵](#)
9. “His Jura Laird”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.226. [↵](#)
10. George Orwell, *Diaries*, org. Peter Davison (Nova York: W.W. Norton, 2012), p.427. [↵](#)
11. Ibid., p.469. [↵](#)
12. Wadhams, *Remembering Orwell*, p.180. [↵](#)
13. Orwell, *CEJL*, vol.2, p.200. [↵](#)
14. Ibid., p.376. [↵](#)
15. Wadhams, *Remembering Orwell*, p.190-2. [↵](#)
16. Orwell, *Diaries*, p.516. [↵](#)
17. “His Jura Laird”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.227. [↵](#)
18. Orwell, *CEJL*, vol.4, p.329. [↵](#)
19. Orwell, *Diaries*, p.520. Os parênteses são de Orwell. [↵](#)
20. Ibid., p.529. [↵](#)
21. Ibid., p.551. [↵](#)
22. Ibid., p.555. [↵](#)

23. Ibid., p.561. [↵](#)
24. John J. Ross, “Tuberculosis, Bronchiectasis, and Infertility: What Ailed George Orwell?”, in *Clinical Infectious Diseases* (1º dez 2005), p.1602. [↵](#)
25. Como o protagonista de Orwell, um dos líderes da banda, John Lennon, que nasceu em 9 de outubro de 1940, quando a Batalha da Grã-Bretanha se aproximava do fim, foi batizado em parte em homenagem a Churchill – seu nome do meio era Winston, embora quando adulto ele tenha acrescentado o Ono, de sua segunda esposa, Yoko Ono – Philip Norman, *John Lennon: The Life* (Nova York: Ecco, 2009), p.598; ver também Ken Lawrence, *John Lennon: In His Own Words* (Kansas City: Andrews McMeel, 2001), p.5. Lennon, que havia lido as memórias de Churchill quando criança, estaria ao lado de seu quase xará numa lista dos grandes bretões montada pela BBC em 2002 – Mark Lewisohn, *The Beatles: All These Years, Vol.I: Tune In* (Nova York: Crown, 2013), p.16, 33. Churchill estava em primeiro lugar, enquanto Lennon ocupava a oitava posição – ver “100 Greatest Britons”, BBC Poll, 2002, acessado online. Ironicamente, seria Churchill, o guerreiro-político, que morreria na cama em idade avançada, enquanto o compositor terminaria assassinado a tiros aos quarenta anos de idade. Lennon também era fã de Orwell, possuindo seus livros em casa – Philip Norman, *John Lennon: The Life* (Nova York: Ecco, 2009), p.383. [↵](#)
26. George Orwell, *1984* (Nova York: Signet, 1981), p.5. [↵](#)
27. George Orwell, *1984*, in George Orwell omnibus (Londres: Secker & Warburg, 1976), p.789. [↵](#)
28. Orwell, *1984* (Signet), p.6-7. [↵](#)
29. Ibid., p.8. [↵](#)
30. Ibid., p.27. [↵](#)
31. Orwell, *1984* (Secker & Warburg), p.777. [↵](#)
32. Orwell, *1984* (Signet), p.19. [↵](#)
33. Orwell, *1984* (Secker & Warburg), p.790. [↵](#)
34. John Stuart Mill, *On Liberty*, in Great Books of the Western World, vol.43 (Edimburgo: Encyclopaedia Britannica, 1971), p.267. [↵](#)
35. Ibid., p.272. [↵](#)
36. Orwell, *1984* (Secker & Warburg), p.855. [↵](#)
37. Orwell, *1984* (Signet), p.26. [↵](#)
38. Ibid., p.32. [↵](#)
39. Orwell, *1984* (Secker & Warburg), p.767. [↵](#)
40. Ibid., p.783, 791. [↵](#)
41. Orwell, *CEJL*, vol.2, p.261. [↵](#)
42. Orwell, *1984* (Secker & Warburg), p.785. [↵](#)
43. Ibid., p.841. [↵](#)
44. Thomas Pynchon, prefácio a George Orwell, *Nineteen Eighty-Four* (Nova York: Penguin, 2003), p.xviii. [↵](#)
45. Orwell, *1984* (Secker & Warburg), p.814. [↵](#)
46. Ibid., p.818. [↵](#)
47. Ibid., p.816. [↵](#)
48. Winston Churchill, “Prime minister to Home Secretary, 21 November 43”, reimpresso in Winston S. Churchill, *The Second World War, Vol.V: Closing the Ring* (Boston: Houghton Mifflin, 1951), p.679. [↵](#)
49. Orwell, *CEJL*, vol.3, p.266-7. [↵](#)
50. Esse fato estranho está mencionado em Adam Hochschild, “Orwell: Homage to ‘Homage’”, *New York Review of Books*, 19 dez 2013. [↵](#)
51. Orwell, *1984* (Secker & Warburg), p.886. [↵](#)
52. “His Second, Lasting Publisher”, in Coppard e Crick, *Orwell Remembered*, p.198. [↵](#)
53. Robert McCrum, *Observer*, 10 mai 2009, acessado online. [↵](#)
54. Orwell, *CEJL*, vol.4, p.487. [↵](#)

55. Ibid., p.498. [↵](#)
56. George Orwell, “Writers and Leviathan”, in *Orwell and Politics*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin, 2001), p.486. [↵](#)
57. Orwell, *Diaries*, p.564-5. [↵](#)
58. Ibid. [↵](#)
59. Malcolm Muggeridge, *Like It Was: The Diaries of Malcolm Muggeridge*, org. John Bright-Holmes (Londres: Collins, 1981), p.353. [↵](#)
60. George Orwell, “Review”, in *CEJL*, vol.4, p.491-5. [↵](#)
61. Ibid. [↵](#)
62. Gordon Bowker, *George Orwell* (Londres: Abacus, 2004), p.405. [↵](#)
63. Wadhams, *Remembering Orwell*, p.133. [↵](#)
64. Ibid., p.165. [↵](#)
65. Michael Shelden, *Orwell: The Authorized Biography* (Nova York: HarperCollins, 1991), p.440. [↵](#)
66. Malcolm Muggeridge, “Knight of the Woeful Countenance”, in *World of George Orwell*, org. Miriam Gross (Londres: Weidenfeld & Nicolson), p.174. [↵](#)
67. Bernard Crick, *George Orwell: A Life* (Nova York: Penguin, 1980), p.577. [↵](#)
68. Muggeridge, *Like It Was*, p.361. [↵](#)
69. Orwell, *Diaries*, p.567. [↵](#)
70. Muggeridge, “Knight of the Woeful Countenance”, in Gross, *World of George Orwell*, p.173. [↵](#)
71. George Orwell, “In Defense of comrade Zilliacus”, *CEJL*, vol.4, p.397-8. Ver também p.309, 323. [↵](#)
72. George Orwell, “The Lion and the Unicorn”, in Orwell, *CEJL*, vol.2, p.59. [↵](#)
73. Muggeridge, *Like It Was*, p.366. [↵](#)
74. Ibid., p.368. [↵](#)
75. Bowker, *George Orwell*, p.307. [↵](#)
76. Muggeridge, *Like It Was*, p.376. O próprio Muggeridge tomara um rumo interessante após a morte de Orwell. Assim como Churchill usara o rádio com muita eficácia nos anos 1940, Muggeridge adotou a nova mídia televisiva e ficou famoso na Inglaterra, tornando-se talvez o primeiro “rosto da telinha” e certamente um dos jornalistas mais famosos de sua geração. Orwell odiara sua temporada na BBC, mas Muggeridge usou a estação para celebrar-se. Ao visitar Hamburgo, na Alemanha, em junho de 1961, por exemplo, ele entrou ao acaso em uma barulhenta boate chamada The Top Ten. Apresentando-se no pequeno palco, em roupas de couro e doidão de anfetamina, estava um trepidante quarteto pop. “A banda era inglesa, de Liverpool, e me reconheceu”, ele anotou em seu diário. Se Orwell tivesse assistido à apresentação e ouvido o sotaque com que os músicos falavam, bem poderia tê-los encaixado na categoria de “proletas”. Um dos membros da banda – provavelmente John Lennon – perguntou a Muggeridge se ele era comunista. Não, respondeu Muggeridge, mas era um oposicionista. “E você ganha dinheiro com isso?”, quis saber o músico. Sim, confessou o jornalista – Muggeridge, *Like It Was*, p.524-5. Mais tarde naquele mês, quando os Beatles entraram pela primeira vez num estúdio de gravação, a gravadora lhes deu formulários de publicidade para preencher. No espaço onde era pedido que declarassem seus objetivos na vida, “John W. Lennon” escreveu, simplesmente: “Ficar rico” – Mark Lewisohn, *All These Years, Vol.1: Tune In* (Nova York: Crown, 2013), p.434, 446, 451. Em poucos anos, é claro, a banda tornou-se a estrela suprema da mídia em sua época. Muggeridge, enquanto isso, virou assumidamente religioso e, com seu trabalho na televisão e em documentários, ajudou a popularizar a figura de Madre Teresa, a freira carismática de Calcutá. Orwell tivera seu início como escritor no sul da Ásia; Muggeridge teve sua última fase lá também. Ao que parece, Muggeridge, em sua longa e variada vida, foi a única pessoa a conversar com os três grandes “Winstons” da Inglaterra no século XX: Churchill, Orwell e Lennon. [↵](#)
77. Anthony Powell: Shelden, *Orwell*, p.443. [↵](#)
78. Ibid., p.444. [↵](#)
79. Sir Charles Wilson, posteriormente lorde Moran, *Churchill: Taken from the Diaries of Lord Moran* (Boston: Houghton Mifflin, 1966), p.426. [↵](#)

15. A prematura vida pós-morte de Churchill: 1950-65

1. Peregrine Churchill e Julian Mitchell, *Jennie: Lady Randolph Churchill, a Portrait with Letters* (Nova York: Ballantine, 1976), p.104. [↵](#)
2. Roy Jenkins, *Churchill* (Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2001), p.845. [↵](#)
3. Mark Amoy (org.), *The Letters of Evelyn Waugh* (Boston: Ticknor & Fields, 1980), p.489. [↵](#)

4. Anthony Montague Browne, *Long Sunset* (Ashford, Reino Unido: Podkin Press, 2009), p.220-1. [↵](#)
5. John Ramsden, *Man of the Century: Winston Churchill and His Legend Since 1945* (Nova York: Columbia University Press, 2002), p.327. [↵](#)
6. Ronald Lewin, *Churchill as Warlord* (Londres: Scarborough, 1973), p.17. [↵](#)
7. Peter Clarke, *Mr. Churchill's Profession* (Nova York: Columbia University Press, 2002), p.327. [↵](#)
8. Anita Leslie, *Cousin Randolph: The Life of Randolph Churchill* (Londres: Hutchinson, 1985), p.133. [↵](#)
9. R.W. Thompson, *Generalissimo Churchill* (Nova York: Scribner, 1973), p.23, 153. [↵](#)
10. "Quotes Falsely Attributed to Winston Churchill", acessado online no website da Churchill Society. [↵](#)
11. Este parágrafo baseia-se em "People Sleep Peacefully in Their Beds at Night Only Because Roush Men Stand Ready to Do Violence on Their Behalf", em Quote Investigator, acessado online. [↵](#)
12. George Orwell, "Rudyard Kipling", in *CEJL*, vol.2, p.187. [↵](#)
13. Peter Kirsanow, "The Real Jack Bauers", *National Review*, 11 set 2006, acessado online. [↵](#)
14. Juan de Onis, "Castro Expounds in Bookshop Visit", *New York Times*, 14 fev 1964, p.1. [↵](#)
15. Stephen Rodrick, "Keith Richards: A Pirate Looks at 70", *Men's Journal*, jul 2013, acessado online. Para referências sobre o comentário original de Churchill, ver Nigel Knight, *Churchill: The Greatest Briton Unmasked* (Londres: David & Charles, 2008), p.144, 374; e Collins Brooks, "Churchill the Conversationalist", in *Churchill by His Contemporaries*, org. Charles Eade (Simon & Schuster, 1954), p.248. [↵](#)
16. "Miscellaneous Wit & Wisdom", National Churchill Museum, acessado online. [↵](#)
17. Max Hastings, "Defending the 'Essential Relationship': Britain and the United States" (2011 Ruttemberg Lecture, Center for Policy Studies, Londres, 15 jul 2011), p.3, acessado online. [↵](#)
18. Tony Blair, *A Journey: My Political Life* (Nova York: Knopf, 2010), p.352-3, 475. [↵](#)
19. Robin Prior, *When Britain Saved the West: The Story of 1940* (New Haven: Yale University Press, 2015), p.208. [↵](#)
20. Henry Mance, "Chilcot Report: Tony Blair Rebuked over Iraq Invasion", *Financial Times*, 6 jul 2016, acessado online. [↵](#)
21. "Text of Blair's Speech", 17 jul 2003, acessado online no website da BBC News. [↵](#)
22. Ramsden, *Man of the Century*, p.21. [↵](#)

16. A extraordinária ascensão de Orwell: 1950-2016

1. Zahra Salahuddin, "Will This Blog Be the Last Time I Get to Express Myself", *Dawn*, 21 abr 2015, acessado online. [↵](#)
2. Michael Shelden, *Friends of Promise: Cyril Connolly and the World of Horizon* (Nova York: Harper & Row, 1989), p.151. [↵](#)
3. Jason Crowley, "George Orwell's Luminous Truths", *Financial Times*, 5 dez 2014, acessado online. [↵](#)
4. John Rodden e John Rossi, *The Cambridge Introduction to George Orwell* (Cambridge: Cambridge University Press, 2012), p.98. [↵](#)
5. John Rodden, *George Orwell: The Politics of Literary Reputation* (New Brunswick: Transaction Publishers, 2006), p.117. [↵](#)
6. Neil McLaughlin, "Orwell, the Academy and Intellectuals", in *The Cambridge Companion to George Orwell*, org. John Rodden (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), p.170. [↵](#)
7. Arthur Koestler, *The Invisible Writing* (Briarcliff Manor: Stein and Day, 1969), p.466. [↵](#)
8. Rodden, *George Orwell*, p.45. [↵](#)
9. John Bartlett, *Familiar Quotations*, 13ª ed. (Boston: Little, Brown, 1955), p.991. [↵](#)
10. Bernard Crick, *George Orwell: A Life* (Nova York: Penguin, 1980), p.279. [↵](#)
11. "Stephen Spender Recalls", in Audrey Coppard e Bernard Crick, *Orwell Remembered* (Nova York: Facts on File Publications, 1984), p.264. [↵](#)
12. Stephen Wadhams (org.), *Remembering Orwell* (Harmondsworth: Penguin, 1984), p.104. [↵](#)
13. Stephen Spender, *World Within the World: the Autobiography of Stephen Spender* (Nova York: St. Martin's Press, 1994), p.232. [↵](#)
14. Wadhams, *Remembering Orwell*, p.105. [↵](#)

15. Michael Scammell, *Koestler: The Literary and Political Odyssey of a Twentieth-Century Skeptic* (Nova York: Random House, 2009), p.213. [↵](#)
16. Gordon Beadle, “George Orwell and the Neoconservatives”, *Dissent*, inverno de 1984, p.71. [↵](#)
17. Peter Watson, *The Modern Mind: An Intellectual History of the 20th Century* (Nova York: HarperCollins, 2002), p.v-vi. [↵](#)
18. “The 100 Best Non-Fiction Books of the Century”, *National Review*, 3 mai 1999, acessado online. [↵](#)
19. “Pump up the Volumes”, *Guardian*, 26 nov 2000, acessado online. [↵](#)
20. Robert McCrum, “The 100 Best Novels – number 70”, *Guardian*, 19 jan 2015, acessado online. [↵](#)
21. Scott Dodson e Ami Dodson, “Literary Justice”, in *The Green Bag*, 26 ago 2015, acessado online. [↵](#)
22. Czesław Miłosz, *The Captive Mind* (Nova York: Vintage, 1990), p.42, 215, 218. [↵](#)
23. Andrei Amalrik, *Will the Soviet Union Survive Until 1984?* (Londres: Allen Lane, 1970), acessado online. [↵](#)
24. Norman Podhoretz, “If Orwell Were Alive Today”, *Harper's*, jan 1983, p.32. [↵](#)
25. Nota do editor in George Orwell, *Orwell and Politics*, org. Peter Davison (Harmondsworth: Penguin, 2001), p.441. [↵](#)
26. Wadhams, *Remembering Orwell*, p.122. [↵](#)
27. Orwell, *CEJL*, vol.4, p.30. [↵](#)
28. *Ibid.*, p.207. [↵](#)
29. Orwell, *CEJL*, vol.2, p.30. [↵](#)
30. Rodden, *George Orwell*, p.6. [↵](#)
31. A relação entre Orwell e a Apple fornece uma interessante via lateral para a história dos séculos XX e XXI. Os fãs de Orwell bem desejariam que o nome da companhia de alguma forma tivesse relação com o momento crucial de *A revolução dos bichos*, no qual os porcos decidem manter as maçãs para si próprios, mas, na verdade, o nome da empresa, em sua origem, é uma referência tanto à maçã do conhecimento que Eva comeu quanto à gravadora fundada pelos Beatles – Steve Rivkin, “How Did Apple Computer Get Its Brand Name?”, *Branding Strategy Insider*, 17 nov 2001, acessado online. Ironicamente, 31 anos mais tarde, Noel Gallagher, da banda de rock britânica Oasis, irado com a atuação da Apple no mercado de streaming de música, acusou a companhia de estar envolvida “em alguma merda no estilo George Orwell” – Colin Joyce, “Noel Gallagher Thinks Apple Music Is ‘Some George Orwell S—t’”, *Spin*, 4 ago 2015, acessado online. Num último desdobramento, o imóvel do Hotel Colón, que fora a sede do Partido Comunista em Barcelona enquanto Orwell lutava na cidade, em 1937, e onde ele avistara uma metralhadora situada próxima ao O central do letreiro, passou a abrigar uma importante loja de produtos Apple. Ela é menos uma loja do que um reluzente templo grego dedicado ao deus moderno da informação. Na horizontal, é toda feita em pedraria lisa, enquanto na vertical – janelas, paredes internas e escadas – é feita de grossos painéis de vidro, *à la* Orwell em sua claridade – “Grand Tour of the Apple Retail Palaces of Europe”, *Fortune*, 28 abr 2014, acessado online. Hoje existe um Hotel Colón situado em outro lugar da cidade. [↵](#)
32. Wadhams, *Remembering Orwell*, p.106. [↵](#)
33. Christopher Hitchens afirma, na p.156 de *Why Orwell Matters*, que a lista foi revelada na biografia de Orwell por Bernard Crick, lançada em 1980. Mas isso é um exagero, pois há apenas uma frase no livro de Crick, na p.556, que vagamente se refere à lista de suspeitos feita por Orwell num caderno. [↵](#)
34. Timothy Garton Ash, “Orwell’s List”, *New York Review of Books*, 25 set 2003, acessado online. [↵](#)
35. “Orwell’s Century”, transcrição de *Think Tank with Ben Wattenberg*, transmitido pela primeira vez no canal de televisão PBS em 25 abr 2002. [↵](#)
36. William Giraldi, “Orwell: Sage of the Century”, *New Republic*, 11 ago 2013, acessado online. Esse artigo também contém a citação de Hitchens sobre a importância de Orwell no século. [↵](#)
37. Harold Bloom (org.), *George Orwell: Modern Critical Views* (Nova York: Chelsea House, 1987), vii. [↵](#)
38. Irving Howe, *Politics and the Novel* (Chicago: Ivan R. Dee, 2002), p.251. [↵](#)
39. Gabrielle Pickard, “Police Surveillance of Your Life Is Booming Thanks to Technology”, *Top Secret Writers* (blog), 8 jul 2015, acessado online. [↵](#)
40. Charles Paul Freund, “Orwell’s 1984 Still Matters, Though Not in the Way You might Think”, [Reason.com](#), 15 jan 2015, acessado online. [↵](#)
41. “What Books Caught Russia’s Imagination in 2015?”, *Russia Beyond the Headlines*, 25 dez 2015, acessado online. [↵](#)
42. Oliver Smith, “Don’t Pack George Orwell, Visitors to Thailand Told”, *Daily Telegraph*, 6 ago 2014, acessado online. [↵](#)
43. Emma Larkin, *Finding George Orwell in Burma* (Nova York: Penguin, 2006), p.3. [↵](#)

44. Michael Rank, “Orwell and China, 1984 in Chinese”, 2 jan 2014, *Ibisbill's blog*, acessado online. [↵](#)
45. “How Orwell’s ‘Animal Farm’ Led a Radical Muslim to Moderation”, entrevista em *Fresh Air*, [NPR.org](#), 15 jan 2015, acessado online. [↵](#)
46. David Blair, “Mugabe Regime Squeals at *Animal Farm* Success”, *Daily Telegraph*, 15 jul 2001, acessado online. [↵](#)
47. Pamela Kalkman, “The Art of Resistance in Cuba”, *Open Democracy*, 17 set 2015, acessado online. [↵](#)
48. George Orwell, 1984 (Nova York: Signet, 1981), p.30. [↵](#)
49. George Orwell, 1984, in George Orwell omnibus (Londres: Secker & Warburg, 1976), p.856. [↵](#)
50. Dan De Luce e Paul McLeary, “Obama’s Most Dangerous Drone Tactic Is Here to Stay”, in *Foreign Policy*, 5 abr 2016, acessado online. [↵](#)
51. Rodden e Rossi, *The Cambridge Introduction to George Orwell*, p.107. [↵](#)
52. Orwell, 1984 (Secker & Warburg), p.895. [↵](#)
53. “Maybe the Most Orwellian Text Message Ever Sent”, *Motherboard*, 21 jan 2014. [↵](#)
54. Orwell, *Orwell and Politics*, p.207. [↵](#)
55. George Orwell, *The Road to Wigan Pier* (Nova York: Harvest, 1958), p.206. [↵](#)
56. Orwell, *CEJL*, vol.4, p.49. [↵](#)
57. Bret Stephens, “The Orwellian Obama Presidency”, *Wall Street Journal*, 23 mar 2015, acessado online. [↵](#)
58. Alec Woodward, “Republicans Follow Orwellian Agenda”, *Emory Wheel*, 13 abr 2015. [↵](#)
59. “David Bowie’s 100 Chart-Topper Books”, *London Evening Standard*, 2 out 2013, acessado online. [↵](#)
60. Laurie Whitwell, “Gary Rowett Reads Orwell, Has Banned Mobiles ... And Rescued Birmingham City After 8-0 Drubbing”, *Daily Mail*, 15 jan 2015. [↵](#)
61. Meaghan Baxter, “Town Heroes Look to George Orwell on Latest Album”, *Vue Weekly*, 12 nov 2015. O diretor Paul Greengrass, mais conhecido por seus filmes de ação, anunciou em 2014 o plano de fazer uma nova versão cinematográfica de 1984 – “Paul Greengrass to Direct George Orwell’s 1984”, BBC News, 20 nov 2014. O mundo do teatro redescobriu 1984, com várias produções sendo montadas em Londres, Los Angeles e outros lugares – “1984 Announces Return to the West End for a 12 Week Run”, *TNT UK*, 29 abr 2015, acessado online; ver também Stephen Rohde, “Big Brother is Watching You”, *Los Angeles Review of Books*, 4 jan 2016. Em Leeds, Inglaterra, uma companhia de balé em ascensão fez uma coreografia a partir de 1984 – Annette McIntyre, “Exclusive Behind the Scenes Access Offered to Northern Ballet’s 1984”, *Daily Echo*, 9 ago 2015, acessado online. Em 2015, Joe Sutton, um dramaturgo americano, divulgou *Orwell in America*, a peça na qual imaginava Orwell em uma turnê promocional de *A revolução dos bichos* nos Estados Unidos – Meg Brazill, “Theater Review: Orwell in America”, *Seven Days* (jornal de Burlington, Vt.), 18 mar 2015. Um romance surgiu com o título *Burning Down George Orwell’s House*, sobre um homem que imita a vida do autor e se muda para a ilha escocesa de Jura. O magnata Mark Zuckerberg, do Facebook, dirigindo um clube do livro que criou para membros da empresa, selecionou para leitura o título *Orwell’s Revenge*, de Peter Huberas, uma continuação de 1984 – Richard Feloni, “Why Mark Zuckerberg is Reading ‘Orwell’s Revenge’, an Unofficial Sequel to ‘1984’”, *BusinessInsider*, 30 abr 2015. Orwell muito provavelmente acharia irônico que o maior pub do início do século XXI na Inglaterra, capaz de acomodar 1.700 consumidores, fosse o Moon Under Water, em Manchester, assim batizado devido a um de seus ensaios menos conhecidos, de 1943, sobre as características do pub ideal. Para o pub de Orwell, ver “The Moon Under Water”, em: [TheOrwellPrize.co.uk](#). [↵](#)
62. Katia Savchuk, “Apple’s Core: Dissecting the Company’s New Corporate Head-quarters”, *Forbes*, 4 nov 2015. [↵](#)
63. Pela observação de que o edifício da Apple lembra o panóptico de Bentham, agradeço a Richard Wiebe, de São Francisco, um especialista nas leis da comunicação com quem travei contato pessoal. [↵](#)
64. Andrew Coutts, “‘Privacy Is Theft’ in the Heavy Handed Social Media Dystopia of ‘The Circle’”, *Digital Trends*, 19 nov 2013. [↵](#)
65. Luke Seaber, “Method Research: George Orwell Really did Have a Stint in Jail as a Drunk Fish Porter”, *Science 2.0*, 6 dez 2014, acessado online. [↵](#)
66. Sem autor, “George Orwell’s Time in Hertfordshire as a ‘Pretty Useless’ Shopkeeper”, *Hertfordshire Mercury*, 31 jan 2015, acessado online. [↵](#)
67. Robert Butler, “Orwell’s World”, *The Economist: More Intelligent Life*, jan/fev 2015, acessado online. [↵](#)
68. Ta-Nehisi Coates, “Letter to My Son”, *Atlantic*, set 2015, p.84. [↵](#)
69. John Lukacs, *Five Days in London: May 1940* (New Haven: Yale University Press, 1999), p.2 [↵](#)
70. Paul Johnson, *Churchill* (Nova York: Penguin, 2010), p.166. [↵](#)

Posfácio: A trajetória de Churchill e Orwell

1. Muito deste parágrafo é extraído de uma troca de e-mails com Karin Chenoweth. [↵](#)
2. Taylor Branch, *Parting the Waters: America in the King Years, 1954-1963* (Nova York: Simon & Schuster, 1989), p.54, 173, 332, 402, 486. [↵](#)
3. Jeffrey Aaron Snyder, “Fifty Years Later: Letter from Birmingham Jail”, *New Republic*, 19 abr 2013; detalhes adicionais vieram de Branch, *Parting the Waters*, p.737. [↵](#)
4. Martin Luther King Jr., “Letter from Birmingham City Jail”, disponível no Martin Luther King Jr. Research and Education Institute, Universidade Stanford, acessado online. [↵](#)
5. Milan Kundera, *The Book of Laughter and Forgetting* (Nova York: HarperPerennial, 1999), p.10-1, 218. [↵](#)
6. Ibid. [↵](#)
7. Este parágrafo deve muito à minha troca de ideias com o escritor Timothy Noah. [↵](#)

Créditos das fotos

[1](#); [2](#); [3](#); [4](#); [5](#); e [6](#): Orwell Archive, UCL Library Services, Special Collections

[1](#): © Imperial War Museums (ZZZ 5426F)

[1](#): © Imperial War Museums (ZZZ 7150D)

[1](#): Kurt Hutton/Getty Images

[1](#): Süddeutsche Zeitung Photo/Alamy

[1](#): Universal History Archive/UIG via Getty Images

[1](#): © Imperial War Museums (A 20581)

[1](#) e [2](#): Harry S. Truman Library

[1](#): Matthew Chattle/REX/Shutterstock/Associated Press; embaixo: Wason Wanichakorn/Associated Press

[1](#): David von Blohn/NurPhoto/Sipa USA/Associated Press

[1](#): ullstein bild/Getty Images; embaixo: Cecil Beaton © Imperial War Museums (MH 26392)

Agradecimentos

Sou grato às muitas formas de ajuda que recebi na New America da parte de Peter Bergen, Bailey Cahall, Anne-Marie Slaughter e Rachel White. Lá, durante a pesquisa, tive a ajuda de Emily Schneider e Justin Lynch. O último *round* de pesquisas foi feito por David Sterman, que fez também um trabalho heroico na reunião das fotografias.

Agradeço o apoio que me foi dado pela Universidade Estadual do Arizona, sob os auspícios da New America.

É também com satisfação que registro o apoio da Fundação Bogliasco, que durante um mês me disponibilizou um lugar maravilhoso para escrever e um excelente grupo de colegas com quem conversar à noite.

Agradeço a ajuda anterior na pesquisa que me foi dada por Katherine Kidder e Stuart Montgomery, que estavam então no Center for a New American Security e com quem me sinto em dívida.

Muitas pessoas leram a primeira versão deste livro no todo ou em parte e me deram sugestões positivas. Vernon Loeb mais uma vez ofereceu-se generosamente para essa tarefa, e a executou de maneira criativa, me ajudando muito a revisar o manuscrito. Os comentários e referências de Lee Pollock me ajudaram a melhorar e aprofundar várias passagens sobre Churchill. As ponderações de Richard Danzig me fizeram reconsiderar a forma de comparar e contrastar Churchill e Orwell. As observações de Karin Chenoweth sobre o contexto político dos anos 1930 foram inspiradoras e de grande auxílio. Tim Noah também ajudou bastante na elaboração do posfácio. Cullen Murphy me deu um panorama providencial do que precisava ser feito para tornar o livro mais acessível. Richard Wiebe trouxe uma visão arguta para a primeira versão, especialmente ao identificar a diferença entre o que certo capítulo prometia e o que estava entregando. Outras pessoas que leram o livro e fizeram valiosas contribuições foram Michael Abramowitz, Ellen Heffelfinger, Richard Kohn, Anne-Marie Torres, James White e Charles e Tunky Summerall.

Seamus Osborne revelou-se um admirável cão de guarda voluntário do manuscrito. Nenhuma dessas pessoas é responsável, de forma alguma, por qualquer coisa que eu tenha dito no livro. Descobri, ao longo da escrita de cinco livros, que os erros são inevitáveis, e que eles são sempre meus.

Agradeço também aos proveitosos websites georgeorwellnovels.com e www.winstonchurchill.org. E, para as transcrições parlamentares, ao site hansard.millbanksystems.com.

É um prazer reconhecer minha gratidão às centenas de especialistas em Churchill, Orwell e na Segunda Guerra Mundial, cujas obras eu li enquanto escrevia o livro. Entre aquelas em que me apoiei especialmente estão as de Martin Gilbert, cujos vários estudos de Churchill foram um guia para mim nos últimos anos. Mas gostaria de acrescentar que minha biografia favorita de Churchill é a de William Manchester, em vários volumes, talvez devido à sua perspectiva americana. Gilbert oferece o registro oficial, mas Manchester dá vida a esse registro. Também fui influenciado pela biografia de Churchill escrita por Roy Jenkins, que reflete com inteligência sobre todas as outras. Ainda assim, os livros mais memoráveis sobre Churchill são os que ele mesmo escreveu.

Do lado de Orwell, gostaria de agradecer a Andy Moursund por me ter presenteado, por volta de 1982, com os quatro volumes de seus ensaios reunidos.

E, pela ajuda neste livro, e nos meus outros cinco, gostaria de agradecer a Scott Moyers, um grande editor, e a sua equipe: Christopher Richards, Kiara Barrow e a excelente campanha publicitária idealizada, para esta obra, por Gail Brussel. Sem Scott, este teria sido um livro muito diferente e menos interessante. Se a edição de texto fosse um esporte olímpico, Jane Cavolina levaria a medalha de ouro. Também continuo dependente dos conselhos de Andrew Wylie, meu agente literário. E gostaria de agradecer ao coro de Dow Road por seu encorajamento semanal.

Como sempre, obrigado à minha esposa por ficar ao meu lado na grande aventura de viver.

Índice remissivo

Todos os escritos de Churchill encontram-se sob a rubrica Churchill, Winston, escritos de; todos os escritos de Orwell sob Orwell, George, escritos de.

11 de Setembro, ataques do, [1](#), [2-3](#)

1984: chegará a URSS até lá? (Amalrik), [1](#)

Abdulrazzak, Hassan, [1](#)

Abrahams, William, [1](#), [2](#)

Ackroyd, Peter, [1](#), [2](#)

Admirável mundo novo (Huxley), [1](#)

África, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

na Guerra dos Bôeres, [1-2](#)

África do Sul, [1](#)

Alanbrooke, lorde *ver* Brooke, Alan

Alemanha:

alertas de Churchill sobre a, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6-7](#)

almoço de Churchill com Ribbentrop sobre planos da, [1-2](#)

Áustria invadida pela, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5-6](#)

Bélgica invadida pela, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

conciliação com a, [1](#), [2-3](#), [4-5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#), [16](#)

Espanha e, [1-2](#)

estratégia americana “Europa Primeiro” e, [1](#), [2](#)

França ocupada pela, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6-7](#), [8](#)

Grã-Bretanha bombardeada pela, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#)

Grã-Bretanha declara guerra à, [1](#), [2-3](#)

Holanda invadida pela, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

incompetência da Luftwaffe, [1](#)

Kristallnacht [Noite dos Cristais] na, [1](#)

nas memórias de Churchill, [1-2](#)

pacto soviético com a, [1-2](#), [3](#), [4](#)

Polônia invadida pela, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#), [7](#), [8](#), [9](#)

possibilidade de acordo de paz entre Grã-Bretanha e, [1-2](#), [3](#)

rearmamento da, [1-2](#), [3](#), [4](#)

Stálin sugere execução de oficiais na, [1-2](#)

submarinos da, [1](#)

Tchecoslováquia invadida pela, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

temores de invasão britânica na, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

União Soviética atacada pela, [1-2](#), [3](#)

Allen, Gordon, [1](#)

Amalrik, Andrei, [1](#), [2](#), [3](#)

Amery, L.S., [1](#)

Andrew, Christopher, [1](#), [2](#), [3](#)

Anzio, [1](#), [2](#)

Apple, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Apps, Peter, [1](#)

Argélia, [1](#)

Argentina, [1](#)

Aristóteles, [1](#)

Arquimedes, [1](#)

Arquipélado Gulag (Soljenítsin), [1](#)

Ash, Timothy Garton, [1](#)

Ashley, Maurice, [1](#)

Asquith, H.H., [1](#), [2](#)

Asquith, Violet *ver* Bonham Carter, Violet

Astaire, Adele, [1](#)

Astor, David, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Astor, John J., [1](#)

Astor, Nancy, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#)

Astor, Waldorf, [1](#), [2](#)

Attlee, Clement, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Auden, W.H., [1](#)

Austen, Jane, [1](#)

Áustria, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#)

aventuras de Pedro Coelho, As (Potter), [1-2](#)

Ayer, A.J., [1](#), [2](#)

Baldwin, Stanley, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#)

Ball, Stuart, [1](#)

Barcelona, [1-2](#), [3-4](#), [5-6](#), [7](#)

Hotel Colón, [1](#), [2](#)

Barnett, Correlli, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

Barrymore, Ethel, [1](#), [2](#)

Bartlett, John, [1](#)

Batalha da Grã-Bretanha, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7-8](#), [9](#), [10](#)

Bates, Fred, [1](#)

Baxter, Meaghan, [1](#)

BBC, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Beadle, Gordon, [1](#)

Beatles, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Beaverbrook, Max Aitken, lorde, [1](#), [2](#), [3](#)

Bélgica, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Bell, Vanessa, [1](#)

Benney, Mark, [1](#)

Bentham, Jeremy, [1](#), [2](#)

Bergreen, Laurence, [1](#)

Berlin, Irving, [1](#)

Berlin, Isaiah, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Berra, Yogi, [1](#), [2](#)

Berthon, Simon, [1](#)

Beschloss, Michael, [1](#), [2](#)

Birmânia, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#)

Orwell como policial na, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#)

Birmingham News, [1](#)

Blair, David, [1](#)

Blair, Ida Mabel (mãe de George Orwell), [1](#), [2](#)

Blair, Richard Walmesley (pai de George Orwell), [1-2](#), [3](#)

Blair, Tony, [1](#), [2](#), [3](#)

Bloch, Michael, [1](#)

Bloom, Harold, [1](#), [2](#)

Blunt, Anthony, [1](#), [2](#)

Boadicea, HMS, [1](#)

Bob, Hans-Ekkehard, [1](#)

bomba atômica, [1](#), [2](#)

Bonham Carter, Violet, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#)

Boothby, Robert, [1](#)

Borkenau, Franz, [1](#)

Boswell, James, [1](#)

Bowie, David, [1](#)

Bowker, Gordon, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#)

Bowler, Kitty, [1](#)

Bowman, James, [1](#)

Bracken, Brendan, [1](#), [2](#)

Branch, Taylor, [1](#), [2](#)

Brazill, Meg, [1](#)

Bretanha *ver* Grã-Bretanha

Brooke, Alan (lorde Alanbrooke), [1](#), [2-3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10-11](#), [12](#), [13](#), [14-15](#), [16](#), [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [21](#), [22](#), [23](#), [24](#), [25](#), [26](#), [27](#), [28](#), [29](#)

Brooks, Collins, [1](#)

Browne, Anthony Montague, [1](#)

Brownlow, Peregrine Cust, 6º barão, [1](#)

Bullitt, William, [1](#)

Bulolo, HMS, [1](#)-[2](#)

Bungay, Stephen, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#)

Burgess, Guy, [1](#), [2](#), [3](#)

busca do ouro, Em (filme), [1](#)

Bush, George W., [1](#)

Butcher, Harry C., [1](#)

Butler, Robert, [1](#)

Byron, George Gordon, lorde, [1](#)

cabana do pai Tomás, A (Stowe), [1](#)

Cadogan, Alexander, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Café Royal, [1](#), [2](#), [3](#)

Campbell, Naomi, [1](#)

Cannadine, David, [1](#), [2](#), [3](#)

Cannon, Henry “Chips”, [1](#)

capitalismo, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#)

Carroll, Lewis, [1](#)

“Carta da prisão de Birmingham” (King), [1-2](#), [3](#), [4](#)

Casablanca, Conferência de, [1-2](#)

Castro, Fidel, [1](#)

Cave Brown, Anthony, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Chamberlain, Neville, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12-13](#), [14](#), [15](#), [16](#), [17](#), [18](#), [19](#)

Churchill e, [1-2](#), [3](#)

judeus e, [1](#)

nas memórias de Churchill, [1](#)

Orwell sobre, [1](#)

renúncia de, [1-2](#), [3](#), [4](#)

Tratado de Munique entre Hitler e, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

Chandler, Alfred D., Jr., [1](#), [2](#)

Channon, Henry, [1](#)

Chaplin, Charlie, [1](#)

Charmley, John, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

China, [1](#), [2](#), [3](#)

Churchill, Clementine Hozier (esposa de Winston), [1-2](#), [3](#), [4](#)

background de, [1-2](#)

casamento de, [1-2](#), [3-4](#)

correspondência de Winston com, [1-2](#), [3](#), [4](#)

Churchill, Diana (filha de Winston), [1](#)

Churchill, Jennie Jerome, lady Randolph (mãe de Winston), [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8](#)

Churchill, lorde Randolph (pai de Winston), [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8](#)

carta para Winston de, [1-2](#)

morte de, [1](#)

Churchill, Marigold (filha de Winston), [1](#)

Churchill, Mary (filha de Winston), [1](#)

Churchill, Peregrine (sobrinha de Winston), [1](#), [2](#)

Churchill, Randolph (filho de Winston), [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#)

morte de, [1](#)

Churchill, Sarah (filha de Winston), [1](#)

Churchill, Winston, [1-2](#), [3-4](#)

1984 e, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

A revolução dos bichos e, [1](#)

alertas e premonições sobre a Alemanha e a guerra, [1](#), [2-3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8](#)

aliança com os americanos costurada por, [1](#)

almoço com Ribbentrop, [1-2](#), [3](#)

animais de estimação de, [1](#)

Anzio e, [1](#), [2-3](#)

Brooke e, [1](#), [2-3](#), [4-5](#), [6](#), [7-8](#), [9-10](#), [11](#), [12-13](#), [14](#)

burocracia militar e, [1](#)

campanha de Galípoli e, [1](#)

campanha retórica em 1940, [1-2](#)

captura e fuga na África, [1-2](#)

carta do pai para, [1](#)

casamento de, [1-2](#), [3](#)

Chamberlain e, [1-2](#), [3](#)

charutos e, [1](#)

choro de, [1-2](#)

citações atribuídas a, [1-2](#)

classe e, [1-2](#)

como pai, [1-2](#)

como primeiro lorde do almirantado, [1](#), [2](#), [3](#)

comparações com animais feitas sobre, [1](#)

Conferência de Potsdam e, [1](#)

Conferência de Teerã e, [1-2](#), [3](#)

Conselho de Guerra, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#)

consumo alcoólico de, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Cunningham e, [1-2](#)

debate na Câmara dos Comuns sobre liderança de, [1-2](#)

declínio de, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10-11](#)

depressões de, [1](#)

derrames sofridos por, [1](#), [2](#)

derrota nas eleições de 1945, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

desembarques na França e, [1](#), [2](#), [3-4](#)

diário de, [1-2](#)

discurso ao Congresso americano após Pearl Harbor, [1-2](#), [3](#)

discurso da Cortina de Ferro, [1](#)

discursos de, [1](#), [2-3](#), [4-5](#), [6-7](#), [8](#), [9-10](#), [11-12](#), [13](#), [14](#), [15-16](#), [17](#), [18](#)

Dunquerque e, [1-2](#), [3-4](#), [5](#)

educação de, [1-2](#), [3](#), [4-5](#)

educação em assuntos militares, [1](#)

Elliott Roosevelt e, [1](#)

em 1940-1941, [1-2](#)

energizado pela Segunda Guerra Mundial, [1-2](#), [3](#), [4](#)

entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial desejada por,
[1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#)

estratégia militar e, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#), [7](#), [8-9](#), [10-11](#)

falta de empatia em, [1](#)

França e, [1-2](#), [3](#)

Guerra Civil Espanhola e, [1](#), [2-3](#)

Hopkins e, [1-2](#), [3](#)

infância e adolescência de, [1-2](#)

infarto de, [1](#), [2](#)

início da carreira política de, [1-2](#), [3-4](#), [5-6](#)
início da Segunda Guerra Mundial e, [1-2](#)
Irlanda e, [1-2](#)
Irving Berlin e, [1](#)
isolamento político de, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7-8](#)
letargia governamental e, [1-2](#), [3-4](#)
linguagem e escrita vistas por, [1-2](#)
livros que discordam de, [1-2](#)
medo da invasão alemã e, [1](#), [2](#)
memorandos de, [1](#), [2](#)
mistificação de, [1-2](#)
morte de Roosevelt e, [1-2](#), [3](#)
morte dos filhos de, [1-2](#)
morte e funeral de, [1](#)
mundo pós-guerra tornado possível por, [1-2](#)
na cavalaria, [1-2](#), [3](#)
na Espanha, [1](#)
na Guerra dos Bôeres, [1](#), [2-3](#)
na Primeira Guerra Mundial, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#), [7](#)
no Egito, [1](#)

nomeado primeiro-ministro, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#)

nos anos 1930, [1-2](#)

nos anos 1950, [1-2](#)

Orwell comparado com, [1-2](#), [3-4](#), [5](#)

Orwell sobre, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5-6](#), [7-8](#), [9](#), [10](#), [11-12](#)

partidos políticos e, [1](#), [2-3](#), [4-5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#)

Pearl Harbor e, [1-2](#)

pensamento estreito nos subordinados de, [1](#)

pintura como hobby de, [1](#), [2](#), [3](#)

problemas financeiros de, [1](#)

resposta à Segunda Guerra Mundial, [1-2](#)

retorno à política, [1-2](#), [3](#)

Roosevelt e, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8-9](#), [10](#), [11-12](#), [13](#), [14-15](#), [16](#), [17](#), [18-19](#), [20](#)

segundo mandato como primeiro-ministro, [1](#)

serviço militar de, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6-7](#), [8-9](#), [10-11](#), [12](#), [13-14](#)

Sicília e, [1](#)

simpatizantes fascistas na Grã-Bretanha e, [1-2](#), [3](#), [4](#)

sobre a prisão sem acusações, [1](#)

sofre acidente de automóvel, [1](#), [2](#)

sonho de, [1](#)

Stálin e, [1](#)

Stálin presenteado com espada por, [1](#)

subordinados questionados por, [1-2](#)

Thatcher e, [1](#)

Tobruk e, [1-2](#)

visitas a Washington de, [1-2](#), [3-4](#)

Churchill, Winston, escritos de, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#)

A guerra do rio, [1](#)

A história da força campal de Malakand, [1](#), [2](#)

arquivos de (em Cambridge), [1](#)

autobiográficos, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

ciência nos, [1-2](#)

como correspondente de guerra, [1](#), [2-3](#)

estilo nos, [1](#), [2-3](#)

memórias da Segunda Guerra Mundial, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#),
[12](#), [13](#), [14](#), [15](#), [16-17](#), [18](#), [19-20](#), [21](#), [22-23](#), [24](#), [25](#), [26](#), [27](#)

“Os andaimes da retórica”, [1](#)

Prêmio Nobel conferido aos, [1](#)

Savrola, [1-2](#)

Uma história dos povos de língua inglesa, [1](#)

Churchill Centre, [1](#)

CIA, [1](#)

ciência e indústria, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Círculo, O (Eggers), [1](#)

Clark, Mark, [1](#), [2](#)

Clarke, Peter, [1](#), [2](#)

classe:

Churchill e, [1-2](#)

Orwell e, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10-11](#), [12-13](#)

Segunda Guerra Mundial e, [1-2](#)

Clube da Direita, [1](#)

Coates, Ta-Nehisi, [1](#), [2](#)

Cohen, Eliot, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Collins, J. Lawton, [1](#), [2](#)

Colville, John, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#), [16](#)

Common, Jack, [1](#)

comunismo, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#), [7](#), [8-9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13-14](#)

fascismo e, [1-2](#)

Orwell e sua lista de suspeitos de comunismo, [1](#)

stalinista, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#)

Connolly, Cyril, [1](#), [2](#), [3](#)

conservadores, [1](#)

Orwell adotado por, [1-2](#), [3](#)

Coolidge, Calvin, [1](#), [2](#)

Cooper, Diana, [1](#), [2](#)

Cooper, Duff, [1](#), [2](#)

Cooper, Lettice, [1](#)

Coppard, Audrey, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#)

Copping, Jasper, [1](#)

Cornwallis-West, George, [1](#)

Cottman, Stafford, [1](#)

Coughlin, Con, [1](#), [2](#), [3](#)

Couts, Andrew, [1](#)

Crick, Bernard, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#), [16](#), [17](#), [18](#)

Crosswell, D.K.R., [1](#)

Crowley, Jason, [1](#)

Crozier, W.P., [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Cuba, [1](#)

Culverwell, Cyril, [1](#)

Cunningham, Andrew B., [1-2](#)

Daily Telegraph, [1](#), [2](#)

Daily Worker, [1](#)

Dakin, Henry, [1-2](#), [3-4](#)

Dakin, Humphrey, [1](#), [2](#)

Dalton, Hugh, [1](#), [2](#)

Darwin, Charles, [1](#)

Davidson, J.C.C., [1](#)

Dawn, [1](#)

Dawson, Geoffrey, [1](#), [2](#), [3](#)

De Gaulle, Charles, [1](#)

De Luce, Dan, [1](#)

de Onis, Juan, [1](#)

de Valera, Éamon, [1-2](#)

Declínio e queda do Império Romano (Gibbon), [1](#)

Deighton, Len, [1](#), [2](#), [3](#)

Deming, Sarah, [1](#)

democracia, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

Depressão, A Grande, [1](#)

d'Este, Carlo, [1](#), [2](#)

Dia D, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#)

Dickens, Charles, [1](#), [2](#)

Dieppe, [1](#)

Digby, Pamela, [1](#)

Digital Trends, [1](#)

Dodson, Ami, [1](#)

Dodson, Scott, [1](#)

Dorril, Stephen, [1](#)

dr. Dolittle, A história do (Lofting), [1](#), [2](#)

Dundas, Hugh, [1](#), [2](#), [3](#)

Dundee, Henry James Scrymgeour-Wedderburn, barão de, [1](#)

Dunquerque, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#)

Dylan, Bob, [1](#)

Eckersley, Peter, [1](#)

Economist, The, [1](#)

Eden, Anthony, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#)

Edgerton, David, [1](#), [2](#)

Eduardo VII, rei, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#)

Eduardo VIII, rei, [1](#), [2](#), [3](#)

Edwards, Bob, [1](#), [2](#)

Eggers, Dave, [1-2](#)

Egito, [1](#), [2](#), [3](#)

Eisenhower, Dwight, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9-10](#), [11](#), [12](#)

Montgomery e, [1](#)

Ekevall, Kay, [1](#)

Eliot, T.S., [1](#), [2](#)

Elizabeth II, rainha, [1](#)

encontros de “verdade e reconciliação”, [1](#)

era da informação, [1-2](#)

Espanha, [1](#), [2](#)

Alemanha e, [1-2](#)

Barcelona, [1-2](#), [3-4](#), [5-6](#), [7](#), [8](#)

comunismo na, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

nos anos 1940, [1](#)

partida dos Orwell da, [1-2](#)

União Soviética e, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#)

Estado e inteligência, [1-2](#)

Estados Unidos, [1-2](#)

aliança com a Grã-Bretanha na guerra, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8-9](#)

ataque a Pearl Harbor, [1](#), [2-3](#), [4](#)

atitude britânica em relação aos, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6-7](#), [8-9](#), [10-11](#), [12](#)

débitos de guerra da Europa com os, [1](#)

desejo de Churchill pelo envolvimento na Segunda Guerra Mundial dos, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#)

entrada na Segunda Guerra Mundial, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#)

estratégia “Europa Primeiro”, [1](#), [2](#)

individualismo nos, [1](#)

Iraque invadido pelos, [1-2](#)

poder crescente dos, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#)

presença militar na Grã-Bretanha, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

racismo nos, [1-2](#)

relação especial da Grã-Bretanha com os, [1-2](#)

visão de Orwell sobre os americanos, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#), [7-8](#)

Eton, colégio, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#)

Evening Standard, [1](#)

Faber, David, [1](#), [2](#), [3](#)

fascismo, [1](#), [2n](#), [3](#), [4](#), [5-6](#), [7](#), [8-9](#), [10](#), [11](#)

comunismo e, [1-2](#)

Kennedy e, [1](#)

simpatias pelo, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6-7](#)

fatos da realidade objetiva, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

coleção de, [1-2](#), [3](#)

revisão histórica, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#)

Feiling, Keith, [1](#)

Feloni, Richard, [1](#)

Financial Times, [1](#)

Fischer, Benjamin, [1](#)

Fischer, Louis, [1](#)

Fletcher, Reginald, [1](#)

Flood, Alison, [1](#)

Forças Expedicionárias Britânicas (BEF), [1](#)

Forster, E.M., [1](#)

França, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#)

Dia D na, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#)

ocupação alemã da, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6-7](#), [8](#)

preparativos dos aliados para o desembarque na, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#)

Franco, Francisco, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#)

Fraser, David, [1](#)

Freedland, Jonathan, [1](#)

Freeman, David, [1](#)

French, Philip, [1](#)

Freud, Sigmund, [1](#)

Freund, Charles Paul, [1](#)

fuga psicológica, [1](#)

Fyvel, Tosco, [1](#), [2](#)

Galípoli, [1](#)

Gallagher, Noel, [1](#)

Gardner, Brian, [1](#), [2](#), [3](#)

Gelb, Norman, [1](#), [2](#), [3](#)

George Orwell: The Politics of Literary Reputation (Rodden), [1](#)

Gibbon, Edward, [1](#), [2](#)

Gilbert, Martin, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#), [16](#), [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [21](#)

Giraldi, William, [1](#)

Goddard, Douglas, [1](#)

Goebbels, Joseph, [1](#), [2](#)

Gollancz, Victor, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#)

Göring, Hermann, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Grã-Bretanha:

aliança dos Estados Unidos na guerra com a, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8-9](#)

baixas civis, [1](#)

Batalha da Grã-Bretanha, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7-8](#), [9](#), [10](#)

bombardeio alemão da, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#)

como os americanos eram vistos na, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6-7](#), [8-9](#), [10-11](#)

crise do canal de Suez e, [1](#)

declaração de guerra contra a Alemanha, [1](#), [2-3](#)

declínio da, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

esquadrões UXB na, [1](#)

Força Aérea Real da, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8-9](#), [10-11](#)

Império Britânico, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#)

indústria e ciência na, [1-2](#), [3](#)

letargia governamental na, [1-2](#), [3-4](#)

lista de suspeitos de comunismo preparada por Orwell para a, [1](#)

luta de classes na, [1-2](#)

Marinha Real da, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7-8](#)

medo da invasão alemã, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

militares americanos na, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Partido Conservador (Tories) na, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#),
[14](#), [15](#), [16](#), [17](#), [18](#), [19](#)

Partido Liberal na, [1](#), [2](#)

Partido Trabalhista na, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11-12](#), [13](#)

possessões da, [1](#)

possibilidade de um acordo de paz da Alemanha com a, [1-2](#), [3](#)

rede de espionagem soviética na, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#)

relação especial dos Estados Unidos com a, [1-2](#)

sistema de defesa aérea da, [1-2](#)

Grahame, Kenneth, *O vento nos salgueiros*, [1-2](#), [3](#), [4](#)

Graves, Robert, [1](#), [2](#)

Grécia, [1](#), [2](#), [3](#)

Greengrass, Paul, [1](#)

Greenwood, Arthur, [1](#)

Grenier, Richard, [1](#)

Guarda Nacional, [1](#), [2](#), [3](#)

Guardian, The, [1](#)

Guderian, Heinz, [1](#)

Guerra Civil Espanhola, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5-6](#)

Churchill e, [1](#), [2-3](#)

Hemingway e, [1-2](#)

Koestler na, [1-2](#)

Orwell na, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8-9](#), [10-11](#), [12-13](#), [14](#), [15](#), [16](#)

Guerra dos Bôeres, [1](#), [2-3](#)

Guerra Fria, [1](#), [2](#), [3](#)

Haffner, Sebastian, [1](#)

Halifax, Edward Wood, lorde, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#), [9-10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#)

Hamlet (Shakespeare), [1](#), [2](#)

Harcourt Brace, [1](#)

Harris, Frank, [1](#)

Harrison, Tom, [1](#), [2](#)

Harvey, Oliver, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#)

Harvie-Watt, G.S., [1](#)

Hastings, Max, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

Havel, Václav, [1](#)

Haycock, David Boyd, [1](#), [2](#)

Heffer, Simon, [1](#)

Hemingway, Ernest, [1-2](#), [3](#)

Hendry, Steve, [1](#)

Hewison, Robert, [1](#)

História da Inglaterra (Macaulay), [1](#)

história do dr. Dolittle, A (Lofting), [1](#), [2](#)

História social da Inglaterra (Trevelyan), [1](#)

Hitchens, Christopher, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Hitler, Adolf, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9-10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#), [16](#), [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [21](#), [22](#), [23](#)

acordo de paz com a Grã-Bretanha como desejo de, [1-2](#), [3](#)

conciliação com, [1](#), [2-3](#), [4-5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#), [16](#)

Dunquerque e, [1-2](#)

irmãs Mitford e, [1](#)

morte de, [1](#), [2](#), [3-4](#)

Noite das Facas Longas e, [1](#)

pacto entre Stálin e, [1](#), [2-3](#)

planos de guerra de, [1](#)

simpatias por, entre a aristocracia britânica, [1-2](#), [3](#), [4](#)

Tratado de Munique entre Chamberlain e, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

Hoare, Samuel, [1-2](#)

Hochschild, Adam, [1](#), [2](#)

Hodge, Alan, [1](#), [2](#)

Holanda, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Holocausto, [1](#), [2](#)

Hopkins, Gerard Manley, [1](#)

Hopkins, Harry, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Horne, Alistair, [1](#), [2](#), [3](#)

Hotel Colón, [1](#), [2](#), [3](#)

Howe, Irving, [1](#), [2](#), [3](#)

Huberas, Peter, [1](#)

Hugenberg, Alfred, [1](#)

Hull, Cordell, [1](#)

Hume, David, [1](#), [2](#)

Hussein, Saddam, [1](#)

Huxley, Aldous, [1](#), [2](#)

Ialta, Conferência de, [1-2](#), [3](#)

Ickes, Harold, [1](#)

Iêmen, [1](#)

ILP (Partido Trabalhista Independente), [1-2](#)

Império Britânico, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#)

Índia, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#), [7](#), [8-9](#)

indústria e ciência, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

infante Samuel, O (Reynolds), [1](#)

Ingersoll, Ralph, [1](#), [2](#)

internet, [1](#)

Iraque, [1](#), [2](#)

Guerra do Iraque, [1-2](#)

Irlanda, [1-2](#)

Ismay, Hastings “Pug”, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

Israel, [1](#)

Itália, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#)

Jablonsky, David, [1](#)

Jacob, Ian, [1](#), [2](#), [3](#)

James, Henry, [1](#)

Japão, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

estratégia americana “Europa Primeiro” e, [1](#)

Pearl Harbor atacado pelo, [1](#), [2-3](#), [4](#)

Singapura e, [1](#)

Jenkins, Roy, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#), [16](#), [17](#), [18](#)

João Paulo II, papa, [1](#)

Jobs, Steve, [1](#)

Jogos Olímpicos, [1](#)

Johnson, Boris, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Johnson, Lyndon, [1](#)

Johnson, Paul, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Johnson, Samuel, [1](#)

Jonathan Cape, editora, [1](#)

Jones, Thomas (“T.J.”), [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

Jorge VI, rei, [1](#), [2](#)

Joyce, Colin, [1](#)

Joyce, William, [1](#)

judeus, [1](#)

americanos, [1](#), [2](#)

Chamberlain e, [1](#)

Holocausto e, [1](#), [2](#)

Orwell e, [1-2](#), [3-4](#)

sionismo, [1-2](#), [3-4](#)

Judt, Tony, [1](#), [2](#), [3](#)

Jura (Hébridas Interiores, Escócia), [1](#), [2-3](#), [4-5](#)

Kalkman, Pamela, [1](#)

Kasserine, passo de, [1](#)

Keats, John, [1-2](#)

Keegan, John, [1](#)

Kelly, HMS, [1](#)

Kennedy, John F., [1](#)

Kennedy, Joseph P., [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#)

Kennedy, Joseph P. “Joe”, Jr., [1](#)

Kenner, Hugh, [1](#), [2](#)

Kershaw, Ian, [1](#), [2](#), [3](#)

Kimball, Warren, [1](#)

Kimche, Jon, [1](#)-[2](#)

King, Ernest, [1](#)

King, Martin Luther, Jr., [1](#), [2](#)

“Carta da prisão de Birmingham”, [1](#)-[2](#), [3](#), [4](#)

Kipling, Rudyard, [1](#)n, [2](#), [3](#)

Kirsanow, Peter, [1](#)

Kirwan, Celia, [1](#)

Knight, Nigel, [1](#)

Koestler, Arthur, [1](#)-[2](#), [3](#)

Kopp, Georges, [1](#)

Krivitski, Walter, [1](#)

Kundera, Milan, [1](#), [2](#)

Lansbury, George, [1](#)

Larkin, Emma, [1](#), [2](#), [3](#)

Larrabee, Eric, [1](#)

Lash, Joseph, [1](#)

Laski, Neville, [1](#)

Lasswell, Harold, [1](#), [2](#)

Lawrence, D.H., [1](#)

Lawrence, Ken, [1](#)

Lawson, Nigella, [1](#)

Lee, Raymond, [1](#), [2](#), [3](#)

Lennon, John, [1](#), [2](#)

Leshan, Dong, [1](#)

Leslie, Anita, [1](#)

Levine, Joshua, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Lewin, Ronald, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

Lewis, Bernard, [1](#), [2](#)

Lewis, Jeremy, [1](#)

Lewis, Roger, [1](#)

Lewisohn, Mark, [1](#), [2](#)

Líbia, [1](#)

Liddell Hart, B.H., [1](#), [2](#)

Limouzin, Nellie, [1](#)

Lincoln, Abraham, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Lindbergh, Charles, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Linlithgow, Victor Hope, lorde, [1](#)

Litvinov, Maxim, [1](#)

livro do riso e do esquecimento, O (Kundera), [1](#)

livros da Selva, Os (Kipling), [1](#)

Lloyd George, David, [1](#), [2](#), [3](#)

Locke, John, [1](#), [2](#)

Lofting, Hugh, [1](#), [2](#)

London, Jack, [1](#)

Londonderry, Charles Vane-Tempest-Stewart, lorde, [1](#), [2](#)

Londres, [1-2](#), [3](#), [4](#)

americanos em, [1](#), [2](#), [3](#)

bombardeio de, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#)

Café Royal em, [1](#), [2](#), [3](#)

metrô de, como abrigo antiaéreo, [1](#)

residências dos Orwell em, [1](#), [2](#)

Long Week End, The: A Social History of Great Britain, 1918-1939
(Graves e Hodge), [1](#)

Longmate, Norman, [1](#), [2](#)

Lovell, Mary, [1](#)

Lucas, John, [1](#)

Luck, Hans von, [1](#), [2](#)

Lukacs, John, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Macaulay, Thomas, [1](#)

Macbeth (Shakespeare), [1](#)

MacDonald, Dwight, [1](#)

MacDonald, Malcolm, [1](#)

MacDonald, Ramsay, [1](#)

MacLean, Charles, [1](#)

Maclean, Donald, [1](#)

Macmillan, Harold, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Madre Teresa, [1](#)

Magnay, Thomas, [1](#)

Mak, Geert, [1](#)

Malcolm X, [1](#)

Mance, Henry, [1](#)

Manchester Guardian, [1](#), [2](#)

Manchester, William, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Mao Tsé-Tung, [1](#)

Mar de Coral, Batalha do, [1](#)

Marlborough, Frances, duquesa de, [1](#)

Marselha, [1](#)

Marshall, George C., [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#)

Martin Chuzzlewit (Dickens), [1](#)

Martin, John, [1](#)

Martin, Ralph, [1](#)

Marx, Karl, [1](#)

Maugham, lorde, [1](#)

McCarthy, Mary, [1](#), [2](#)

McCrum, Robert, [1](#), [2](#), [3](#)

McIntyre, Annette, [1](#)

McJimsey, George, [1](#)

McLaughlin, Neil, [1](#), [2](#)

McLeary, Paul, [1](#)

McNeill, William, [1](#)

McVean, Donald, [1](#)

Meachan, John, [1](#)

Mediterrâneo, [1](#), [2](#)

Mente cativa (Miłosz), [1](#)

Meyers, Jeffrey, [1](#)

Mill, John Stuart, [1](#), [2](#), [3](#)

Miller, Henry, [1](#)

Millett, Allan R., [1](#), [2](#)

Mills, Walter, [1](#), [2](#)

Milne, A.A., [1](#)

Miłosz, Czesław, [1](#), [2](#), [3](#)

Milton, Harry, [1](#)

Mitchell, Julian, [1](#), [2](#)

Mitford, Bertram, [1](#), [2](#)

Mitford, Deborah, [1](#)

Mitford, Diana, [1](#)

Mitford, irmãs, [1-2](#), [3](#)

Mitford, Jessica, [1](#)

Mitford, Nancy, [1](#)

Mitford, Unity, [1](#), [2](#)

Mitrokhin, Vasili, [1](#), [2](#), [3](#)

Modern Mind, The (Watson), [1](#)

Molotov, V.M., [1](#), [2n](#)

Montaigne, Michel de, [1](#)

Montgomery, Bernard, [1](#), [2](#)

Eisenhower e, [1](#)

Moore, Thomas, [1](#)

Moran, Charles Wilson, lorde, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#),
[16](#), [17](#), [18](#), [19](#), [20](#)

Morison, Samuel Eliot, [1-2](#), [3](#)

Morland, Andrew, [1](#)

Morris, John, [1](#)

Mortimer, Raymond, [1](#), [2](#)

Morton, Desmond, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Mosley, Oswald, [1](#), [2](#), [3](#)

movimento dos direitos civis, [1-2](#)

Mugabe, Robert, [1](#)

Muggeridge, Malcolm, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8-9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13-14](#), [15](#), [16](#), [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [21](#), [22](#)

Munique, Tratado de, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

Murray, Williamson, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Mussolini, Benito, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Napoleão I, imperador, [1](#)

Nasaw, David, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

National Review, [1](#), [2](#), [3](#)

Nawaz, Maajid, [1](#)

nazistas, [1-2](#), [3](#)

ver também Alemanha

negação, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

New Republic, The, [1](#)

New York Times, The, [1](#), [2](#)

Newsinger, John, [1](#)

Nicolson, Harold, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#), [16](#), [17](#), [18](#),
[19](#), [20](#), [21](#)

americanos vistos por, [1-2](#), [3](#)

Nolan, Cathal, [1](#), [2](#)

Norman, Philip, [1](#)

Noruega, [1](#), [2](#), [3](#)

O'Brien, Kate, [1](#)

O'Donnell, Hugh, [1](#)

Observer, The, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Ogden, Christopher, [1](#)

Omdurman, Batalha de, [1](#)

Ono, Yoko, [1](#)

Operação Dragão, [1-2](#)

Opie, Iona, [1](#)

Opie, Peter, [1](#)

ópio, comércio de, [1](#), [2](#)

Oriente Médio, [1](#), [2](#), [3](#)

Orlov, Aleksandr, [1](#)

Orr, Lois, [1-2](#)

Orwell, Eileen O'Shaughnessy (primeira esposa de George), [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8-9](#), [10](#), [11](#)

casamento de, [1](#), [2](#)

criança adotada por, [1-2](#)

em Barcelona, [1-2](#), [3](#), [4-5](#)

morte de, [1-2](#)

morte do irmão e, [1](#), [2](#)

Orwell, George, [1-2](#), [3-4](#), [5-6](#), [7-8](#)

americanos vistos por, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#), [7-8](#)

análise e comentário sobre, [1-2](#)

ascensão de Churchill ao poder e, [1](#)

ascensão e influência póstuma de, [1](#), [2-3](#)

Astor e, [1-2](#)

Auden e, [1](#)

casamento com Eileen, [1](#), [2](#)

casamento com Sonia Brownell, [1-2](#)

Churchill comparado com, [1-2](#), [3-4](#), [5](#)

classe e, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10-11](#), [12-13](#)

como policial do império na Birmânia, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#)

Conferência de Teerã e, [1](#), [2](#)

cooptação conservadora, [1-2](#), [3](#)

criança adotada por, [1-2](#)

diário de, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#), [7-8](#), [9](#), [10](#), [11-12](#), [13-14](#), [15-16](#), [17](#), [18](#), [19](#), [20](#), [21-22](#)

discussão dos pacifistas com, [1](#)

doenças pulmonares de, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

em Jura, nas Hébridas Interiores, Escócia, [1](#), [2-3](#), [4-5](#)

em Paris, [1-2](#), [3-4](#), [5](#)

energizado pela Segunda Guerra Mundial, [1](#), [2-3](#)

ferimento no pescoço de, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#)

hábitos e vestimentas da classe trabalhadora, [1](#)

Hemingway comparado com, [1-2](#)

homenagens modernas a, [1-2](#), [3](#)

infância de, [1-2](#), [3-4](#)

início da Segunda Guerra Mundial e, [1](#)

intelectuais russos e da Europa Oriental e, [1](#)

judeus e, [1-2](#), [3-4](#)

julgamentos militares de, [1-2](#)

Kipling e, [1](#), [2](#)

lista de suspeitos de comunismo preparada por, [1](#)

mãe de, [1-2](#), [3](#)

morte de, [1](#)

morte de Eileen e, [1-2](#)

morte do irmão de Eileen e, [1](#)

mundo natural e, [1-2](#), [3](#)

na escola, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#)

na Guarda Nacional, [1](#), [2](#)

na Guerra Civil Espanhola, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8-9](#), [10-11](#), [12-13](#), [14](#), [15](#), [16](#)

nascimento de, [1](#)

no Poum, [1-2](#), [3](#)

nome de batismo, [1](#), [2](#)

obscuridade enquanto vivo, [1-2](#), [3](#), [4](#)

pai de, [1](#), [2](#), [3](#)

passeio de barco, [1-2](#)

Pearl Harbor e, [1](#)

pescaria de, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#)

propostas de casamento de, [1](#), [2-3](#)

residências em Londres de, [1](#), [2](#)

resposta à Segunda Guerra Mundial, [1-2](#)

revisão da história testemunhada por, [1](#), [2](#)

saúde deteriorada de, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#)

sobre a prosa, [1](#)

sobre Chamberlain, [1](#)

sobre Churchill, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5-6](#), [7-8](#), [9](#), [10](#), [11-12](#)

sobre o totalitarismo, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5-6](#), [7](#), [8-9](#)

socialismo e, [1-2](#), [3-4](#), [5-6](#), [7](#), [8-9](#), [10-11](#), [12](#)

sucesso de, [1](#)

temor de assassinato, [1-2](#)

tiro em rato dado por, [1](#)

trabalho na BBC de, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

tuberculose de, [1](#), [2](#)

velório e enterro de, [1](#)

visões políticas de, [1-2](#)

Wells e, [1](#)

Orwell, George, escritos de, [1](#), [2-3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10-11](#), [12](#), [13-14](#)

1984 e o ano de 1984 propriamente dito, [1](#), [2](#)

1984, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9-10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14-15](#), [16](#), [17](#), [18-19](#), [20-21](#), [22](#), [23](#)

abuso de poder como tema nos, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#)

A filha do reverendo, [1-2](#)

A flor da Inglaterra, [1](#), [2](#)

antissemitismo nos, [1-2](#)

“A política e a língua inglesa”, [1-2](#), [3](#), [4](#)

A revolução dos bichos, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15-16](#), [17](#)

“As I Please”, coluna para o *Tribune*, [1](#), [2](#)

Collected Essays, [1](#), [2](#)

Dias na Birmânia, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#)

estilo dos, [1](#)

“Guerra Fria” usada nos, [1](#)

Lutando na Espanha, [1](#), [2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8](#)

Na pior em Paris e Londres, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

nota autobiográfica para *Twentieth Century Authors*, [1](#)

“Notas para meu testamenteiro literário”, [1](#)

“O abate de um elefante”, [1](#), [2](#)

O caminho para Wigan Pier, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

“O leão e o unicórnio”, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

para o *Observer*, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

“Por que escrevo”, [1](#)

pseudônimo adotado para os, [1](#)

resenha das memórias de guerra de Churchill, [1-2](#)

revisão da história como tema nos, [1-2](#), [3-4](#)

sensibilidade olfativa nos, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

sobre *Macbeth*, [1](#)

“Tamanhas eram as alegrias”, [1](#)

“Um enforcamento”, [1](#)

Um pouco de ar, por favor!, [1](#), [2](#), [3](#)

visões do futuro totalitário, [1-2](#)

Orwell, Richard (filho de George), [1-2](#), [3](#)

Orwell, Sonia Brownell (segunda esposa de George), [1-2](#), [3](#)

Orwell's Faded Lion (James), [1](#)

Orwells, The (banda), [1](#)

Overy, Richard, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Oxford, União de, [1](#)

Oxford, Universidade de, [1](#)

Paquistão, [1](#), [2](#)

Paris:

ocupação alemã de, [1](#)

Orwell em, [1-2](#), [3-4](#), [5](#)

Park, Keith, [1-2](#)

Parrish, Thomas, [1](#)

Partido Conservador (Tories), [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#),
[16](#), [17](#), [18](#), [19](#)

Partido Liberal, [1](#), [2](#)

Partido Obrero de Unificación Marxista (Poum), [1-2](#), [3](#), [4](#)

Partido Trabalhista, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11-12](#), [13](#)

Partido Trabalhista Independente (ILP), [1-2](#)

passagem para a Índia, Uma (Forster), [1](#)

Patton, George S., [1](#)

Pearl Harbor, [1](#), [2-3](#), [4](#)

Pellet, George, [1](#)

penicilina, [1](#)

Pensando o século XX (Judt), [1](#)

Pétain, Philippe, [1-2](#)

Philby, H.A.R. “Kim”, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Philippine Airlines, [1](#)

Pickard, Gabrielle, [1](#)

Piratin, Phil, [1](#)

Podhoretz, Norman, [1](#), [2-3](#), [4](#)

polícia imperial da Índia, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Polônia, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#)

Ponsonby, Arthur, [1](#), [2](#)

Popham, Anne, [1](#)

Por quem os sinos dobram (Hemingway), [1](#)

Potsdam, Conferência de, [1](#)

Potter, Beatrix, *As aventuras de Pedro Coelho*, [1-2](#)

Potts, Joanna, [1](#)

Poum (Partido Obrero de Unificación Marxista), [1-2](#), [3](#), [4](#)

Powell, Anthony, [1](#), [2](#), [3](#)

Powell, Enoch, [1](#)

Pownall, Henry, [1](#), [2](#)

Primeira Guerra Mundial, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Churchill na, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

Prior, Robin, [1](#), [2](#), [3](#)

Pritchard, Stephen, [1](#)

Purnell, Sonia, [1](#)

Pussy Riot, [1-2](#)

Putin, Vladimir, [1](#)

Pyle, Ernie, [1](#)

Pynchon, Thomas, [1](#), [2](#)

Quincy, USS, [1](#)

Raikes, Henry, [1](#)

Ramsay, Archibald, [1](#)

Ramsden, John, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Rank, Michael, [1](#)

Rathbone, Eleanor, [1](#)

Read, Simon, [1](#), [2](#), [3](#)

Rearden, Steven, [1](#)

Rees, Richard, [1](#)

Reiss, Ignace, [1](#)

Revolução Industrial, [1-2](#), [3](#)

Reynolds, David, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#)

Reynolds, Joshua, [1](#)

Ribbentrop, Joachim von, [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Richards, Keith, [1](#)

Rivkin, Steve, [1](#)

Roberts, Andrew, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Rodden, John, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#)

Rodrick, Stephen, [1](#)

Rogers, Ben, [1](#)

Rohde, Stephen, [1](#)

Romilly, Esmond, [1](#)

Rommel, Erwin, [1](#)

Roosevelt, Eleanor, [1](#), [2](#), [3](#)

Roosevelt, Elliott, [1](#), [2](#)

Roosevelt, Franklin Delano, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

anticolonialismo de, [1](#)

Churchill e, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#), [8-9](#), [10](#), [11-12](#), [13](#), [14-15](#), [16](#), [17](#), [18-19](#), [20](#)

Hopkins e, [1-2](#), [3](#)

Kennedy e, [1-2](#), [3](#)

Marshall e, [1](#), [2](#)

morte e funeral de, [1-2](#), [3](#)

na Conferência de Teerã, [1-2](#)

Stálin e, [1](#)

Rose, Jonathan, [1](#), [2](#), [3](#)

Roskill, Stephen, [1](#)

Ross, John J., [1](#)

Rossi, John, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

Rowse, A.L., [1](#), [2](#), [3](#)

Rundstedt, Gerd von, [1](#)

Ruppenthal, Roland, [1](#)

Rush, Dorothy Boyd, [1](#)

Rússia, [1](#), [2](#)

ver também União Soviética

Rustin, Bayard, [1](#)

Sackville-West, Vita, [1-2](#)

Sakharov, Andrei, [1](#)

Salahuddin, Zahra, [1](#), [2](#)

Salkeld, Brenda, [1](#)

Samuel, Herbert, [1](#)

Sandhurst, academia militar em, [1](#)

Sassoon, Siegfried, [1](#)

Savchuk, Katia, [1](#)

Scammell, Michael, [1](#)

Schama, Simon, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#)

Seaber, Luke, [1](#)

Seaman, Joan, [1](#)

Segunda Guerra Mundial, [1-2](#), [3-4](#), [5-6](#), [7-8](#)

aliança anglo-americana na, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8-9](#)

Batalha da Grã-Bretanha, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7-8](#), [9](#), [10](#)

Churchill e Orwell respondem à, [1-2](#)

Conferência de Casablanca e, [1-2](#)

Conferência de Potsdam e, [1](#)

Conferência de Teerã e, [1-2](#), [3](#)

desejo de Churchill pela entrada dos Estados Unidos na, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5-6](#)

Dia D na, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#)

entrada dos Estados Unidos na, [1-2](#), [3-4](#), [5](#), [6](#)

estratégia “Europa Primeiro” na, [1](#), [2](#)

fim da, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#)

Grã-Bretanha declara guerra à Alemanha, [1](#), [2-3](#)

início da, [1-2](#)

luta de classes na Grã-Bretanha e, [1-2](#)

mecanização do poder militar na, [1](#), [2](#), [3](#)

memória de Churchill da, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6-7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#), [15](#),
[16-17](#), [18](#), [19-20](#), [21](#), [22-23](#), [24](#), [25](#), [26](#), [27](#)

nomeação de Churchill como primeiro-ministro e, [1-2](#)

Pearl Harbor, [1](#), [2-3](#), [4](#)

planos de Hitler para a, [1](#)

possessões britânicas na, [1](#)

preparativos dos aliados para o desembarque na França, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#),
[6-7](#)

Self, Robert, [1](#), [2](#)

Sexton, Thomas, [1](#)

Shakespeare, William, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Shaw, George Bernard, [1](#)

Shelden, Michael, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#)

Sherwood, Robert, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Showalter, Dennis, [1](#)

Sicília, [1-2](#)

Silício, Vale do, [1-2](#)

Simpson, Michael, [1](#)

Simpson, Wallis, [1](#)

Simpson, William, [1-2](#)

Sinatra, Frank, [1](#)

Singapura, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

sionismo, [1](#), [2](#)

Síria, [1](#)

Sitwell, Edith, [1-2](#)

Smith, Logan Pearsall, [1](#)

Smith, Oliver, [1](#)

Smith, Walter Bedell, [1](#), [2](#)

Smollett, Peter, [1](#), [2](#)

Snow, C.P., [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Snyder, Jeffrey Aaron, [1](#)

Snyder, Timothy, [1](#)

Soames, Mary Churchill, [1](#), [2](#)

Sobre a liberdade (Mill), [1](#)

socialismo, [1](#), [2](#), [3](#)

Orwell e, [1-2](#), [3-4](#), [5-6](#), [7](#), [8-9](#), [10-11](#), [12](#)

Soljenítsin, Aleksandr, [1](#), [2](#), [3](#)

Somália, [1](#)

Spender, Stephen, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Stálin, Josef, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#)

A revolução dos bichos e, [1](#), [2](#)

Churchill e, [1](#)

execução de oficiais alemães sugerida por, [1-2](#)

julgamentos de fachada em Moscou, [1](#), [2-3](#)

massacre dos oficiais poloneses ordenado por, [1](#)

na Conferência de Teerã, [1-2](#), [3](#)

pacto de Hitler com, [1](#), [2](#), [3](#)

políticas stalinistas, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#)

presentado por Churchill com uma espada, [1](#)

Roosevelt e, [1](#)

Stalingrado, [1](#), [2](#)

Stanley, Venetia, [1](#)

Stansky, Peter, [1](#), [2](#), [3](#)

Stapleton, Basil, [1](#)

Stephens, Bret, [1](#)

Stephenson, William, [1](#)

Stimson, Henry, [1](#)

Storr, Anthony, [1](#)

Suez, crise do canal de, [1](#)

Suprema Corte dos Estados Unidos, [1](#)

Sutton, Joe, [1](#)

Tailândia, [1](#)

Tchecoslováquia:

Alemanha e, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

União Soviética e, [1](#)

Teerã, Conferência de, [1-2](#), [3](#), [4](#)

teia de Charlotte, A (White), [1](#)

terrorismo, [1](#), [2](#)

Thatcher, Margaret, [1](#), [2](#)

Thirties, The (Muggeridge), [1](#)

This is the Army (musical), [1](#)

Thompson, R.W., [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#)

Thompson, Walter, [1](#), [2](#)

Thorne, Christopher, [1](#), [2](#)

Times, The (Londres), [1-2](#), [3](#), [4](#), [5](#)

Tobruk, [1-2](#)

Todman, Daniel, [1](#), [2](#), [3](#)

tortura, [1-2](#)

totalitarismo:

Churchill sobre o, [1](#)

Orwell sobre o, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5-6](#), [7](#), [8-9](#)

stalinismo, [1](#), [2-3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#)

ver também fascismo

Town Heroes, [1](#)

Toye, Richard, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#)

Toynbee, Arnold, [1](#), [2](#), [3](#)

Trevelyan, George, [1](#), [2](#)

Tribune, [1](#), [2](#)

Trilling, Lionel, [1](#), [2](#)

Trípoli, [1-2](#)

Trótski, Leon, [1](#), [2](#), [3](#)

assassinato de, [1](#)

Truman, Harry, [1](#)

tuberculose, [1](#), [2](#), [3](#)

Tunísia, [1](#)

Turnour, Edward, [1](#)

Twain, Mark, [1](#)

Tyson, Mike, [1](#)

Ucrânia, [1](#), [2](#), [3](#)

União Soviética, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#), [8](#), [9](#), [10](#), [11](#), [12](#), [13](#), [14](#)

1984 e, [1-2](#), [3](#)

assassinatos na política da, [1](#)

ataque alemão à, [1-2](#), [3](#)

Espanha e, [1-2](#), [3](#), [4-5](#), [6](#), [7](#)

espiões britânicos trabalhando para a, [1](#), [2](#), [3-4](#), [5](#)

Guerra Fria, [1](#), [2](#), [3](#)

intelectuais e dissidentes na, [1](#), [2](#), [3](#)

pacto alemão com a, [1-2](#), [3](#), [4](#)

Tchecoslováquia e, [1](#)

ursinho Pooh, O (Milne), [1](#)

vento nos salgueiros, O (Grahame), [1](#)-[2](#)

Vietnã, [1](#)

Vitória, rainha, [1](#), [2](#)

Wałęsa, Lech, [1](#)

Wall Street Journal, The, [1](#)

Wallington, Neil, [1](#)

Warburg, Frederic, [1](#), [2](#)

Warlimont, Walter, [1](#)

Washington Times, The, [1](#)

Watson, Peter, [1](#), [2](#)

Watson, William, [1](#)

Waugh, Evelyn, [1](#), [2](#), [3](#), [4](#), [5](#), [6](#), [7](#)

morte de, [1](#)

Webb, Beatrice, [1](#)

Wedemeyer, Albert, [1](#), [2](#)

Weinberg, Gerhard, [1](#), [2](#), [3](#)

Weintraub, Stanley, [1](#), [2](#)

Wells, H.G., [1](#), [2](#)

White, E.B., [1](#), [2](#)

Whitman, Walt, [1](#)

Whitwell, Laurie, [1](#)

Wilde, Oscar, [1](#)

Will, George, [1](#)

Williams, Herbert, [1](#)

Wilson, Charles *ver* Moran, Charles Wilson, lorde

Wilson, John Howard, [1](#)

Woodcock, George, [1](#), [2](#), [3](#)

Woodward, Alec, [1](#)

Woolf, Virginia, [1](#)

Wrench, John, [1](#), [2](#)

Zaloga, Steven, [1](#)

Ziemke, Earl, [1](#)

Zimbábue, [1](#)

Zuckerberg, Mark, [1](#)

Título original:

Churchill and Orwell

(The Fight for Freedom)

Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 2017 por Penguin Press, um selo de Penguin Random House LLC, de Londres, Inglaterra

Copyright © 2017, Thomas E. Ricks

Copyright da edição brasileira © 2019:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

A editora não se responsabiliza por links ou sites aqui indicados, nem pode garantir que eles continuarão ativos e/ou adequados, salvo os que forem propriedade da Zahar.

Capa: Estúdio Insólito | Imagens da capa: © MGPhoto76/Alamy Stock Photo; © GL Archive/Alamy Stock Photo

Produção do arquivo ePub: [Booknando Livros](http://Booknando.com)

Edição digital: julho de 2019

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R398c **Ricks, Thomas E., 1955-**

Churchill & Orwell [recurso eletrônico]: a luta pela
liberdade/Thomas E. Ricks; tradução Rodrigo Lacerda. – 1.ed.

– Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
recurso digital; 5 MB

Tradução de: Churchill and Orwell

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia e índice

ISBN 978-85-378-1851-0 (recurso eletrônico)

1. Churchill, Winston, 1874-1965. 2. Orwell, George, 1903-1950. 3. Churchill, Winston, 1874-1965 – Visão política e social. 4. Orwell, George, 1903-1950 – Visão política e social. 5. Fascismo – História – Séc.XX. 6. Comunismo – História – Séc. XX. 7. Política internacional – 1933-1945. 8. Grã-Bretanha – Política e governo – 1936-1945. 9. Livros eletrônicos. I. Lacerda, Rodrigo. II. Título.

19-58821

CDD: 941.084
CDU: 94(410)

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

STEVEN LEVITSKY & DANIEL ZIBLATT

COMO AS DEMOCRACIAS MORREM

*"Um livro perspicaz e muito bem fundamentado sobre
como a democracia está sendo enfraquecida em
dezenas de países – e de modo perfeitamente legal."*
Fareed Zakaria, CNN



Como as democracias morrem

Levitsky, Steven

9788537818053

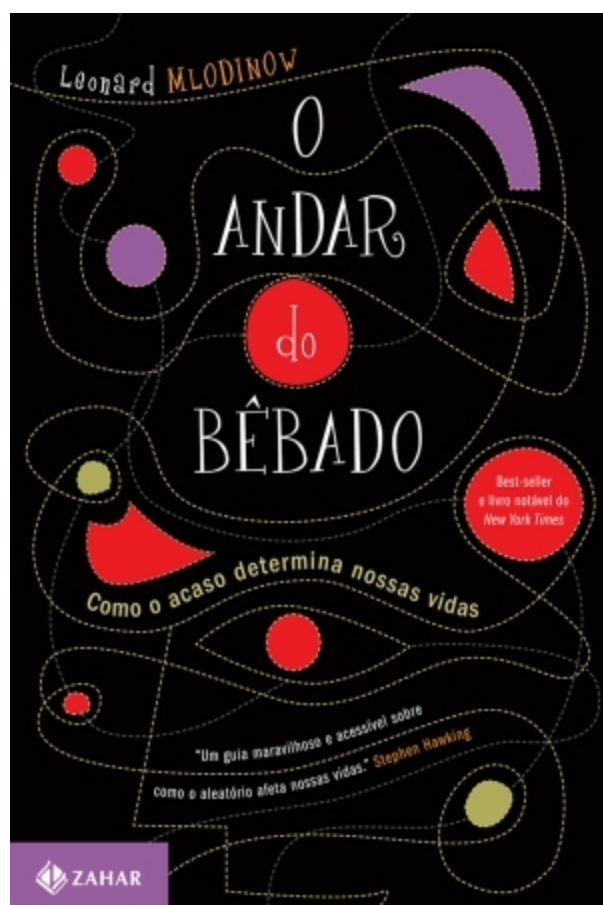
272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma análise crua e perturbadora do fim das democracias em todo o mundo Democracias tradicionais entram em colapso? Essa é a questão que Steven Levitsky e Daniel Ziblatt – dois conceituados professores de Harvard – respondem ao discutir o modo como a eleição de Donald Trump se tornou possível. Para isso comparam o caso de Trump com exemplos históricos de rompimento da democracia nos últimos cem anos: da ascensão de Hitler e Mussolini nos anos 1930 à atual onda populista de extrema-direita na Europa, passando pelas ditaduras militares da América Latina dos anos 1970. E alertam: a democracia atualmente não termina com uma ruptura violenta nos moldes de uma revolução ou de um golpe militar; agora, a escalada do autoritarismo se dá com o enfraquecimento lento e constante de instituições críticas – como o judiciário e a imprensa – e a erosão gradual de normas políticas de longa data. Sucesso de público e de crítica nos Estados Unidos e na Europa, esta é uma obra fundamental para o momento conturbado que vivemos no Brasil e em boa parte do mundo e um guia indispensável para manter e recuperar democracias ameaçadas. *** "Talvez o livro mais valioso para a compreensão do fenômeno do ressurgimento do autoritarismo ... Essencial para entender a política

atual, e alerta os brasileiros sobre os perigos para a nossa democracia." Estadão "Abrangente, esclarecedor e assustadoramente oportuno." The New York Times Book Review "Livração ... A melhor análise até agora sobre o risco que a eleição de Donald Trump representa para a democracia norte-americana ... [Para o leitor brasileiro] a história parece muito mais familiar do que seria desejável." Celso Rocha de Barros, Folha de S. Paulo "Levitsky e Ziblatt mostram como as democracias podem entrar em colapso em qualquer lugar – não apenas por meio de golpes violentos, mas, de modo mais comum (e insidioso), através de um deslizamento gradual para o autoritarismo. Um guia lúcido e essencial." The New York Times "O grande livro político de 2018 até agora." The Philadelphia Inquirer

[Compre agora e leia](#)



O andar do bêbado

Mlodinow, Leonard

9788537801819

322 páginas

[Compre agora e leia](#)

Best-seller internacional e livro notável do New York Times Um dos 10 Melhores Livros de Ciência, segundo a Amazon.com Não estamos preparados para lidar com o aleatório e, por isso, não percebemos o quanto o acaso interfere em nossas vidas. Num tom irreverente, citando exemplos e pesquisas presentes em todos os âmbitos da vida, do mercado financeiro aos esportes, de Hollywood à medicina, Leonard Mlodinow apresenta de forma divertida e curiosa as ferramentas necessárias para identificar os indícios do acaso. Como resultado, nos ajuda a fazer escolhas mais acertadas e a conviver melhor com fatores que não podemos controlar. Prepare-se para colocar em xeque algumas certezas sobre o funcionamento do mundo e para perceber que muitas coisas são tão previsíveis quanto o próximo passo de um bêbado depois de uma noite... "Um guia maravilhoso e acessível sobre como o aleatório afeta nossas vidas" Stephen Hawking "Mlodinow escreve num estilo leve, intercalando desafios probabilísticos com perfis de cientistas... O resultado é um curso intensivo, de leitura agradável, sobre aleatoriedade e estatística." George Johnson, New York Times

[Compre agora e leia](#)

A ILHA *Jules Verne*
MISTERIOSA



CLÁSSICOS  ZAHAR

A ilha misteriosa: edição bolso de luxo

Verne, Jules

9788537816790

696 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um clássico inesquecível e uma obra especial para os amantes de 20 mil léguas submarinas e do Capitão Nemo Vinte e quatro de março de 1865. Arrastados em seu balão desgovernado e rasgado por um furacão, cinco "náufragos do ar" aterrissam numa ilha deserta do Pacífico Sul. Somente com a roupa do corpo, o pequeno grupo de colonos irá refazer toda a longa trajetória da civilização: da pré-história aos tempos modernos, do domínio do fogo à fabricação de nitroglicerina, dos primeiros artefatos à pilha elétrica, da cerâmica rudimentar à instalação de um elevador e de um telégrafo, sem deixar de passar pelo advento da agricultura e da pecuária. Clássico incontestável, A ilha misteriosa é uma viagem extraordinária e também uma reflexão sobre o conceito e os limites da humanidade. Essa edição traz texto integral e 30 ilustrações originais. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)

SUZY GIORDANO, com LISA ABIDIN

12 HORAS DE SONO

Σ
C

12 SEMANAS DE VIDA

Um método prático e natural para seu bebê dormir a noite toda

IDEAL
PARA BEBÊS
DE ATÉ 18 MESES,
INCLUINDO
GÊMEOS



 ZAHAR

12 horas de sono com 12 semanas de vida

Abidin, Suzy

9788537808818

132 páginas

[Compre agora e leia](#)

Que pai nunca sofreu com dezenas de noites mal dormidas quando seus filhos eram bebês? Para alguns, essas dezenas ainda se transformam em centenas, incontáveis noites de sono entrecortado. A brasileira radicada nos Estados Unidos Suzy Giordano, mãe de cinco filhos, está nesse grupo. Quando os seus gêmeos nasceram (os caçulas da família), ela dormia cerca de 45 minutos por noite. Um dia pediu ajuda para os pais, para que cuidassem das crianças enquanto ela pretendia ter algumas horinhas de sono. Dormiu por 24 horas ininterruptas e decidiu que precisava criar um método que melhorasse sua condição de vida. A autora se baseou na tendência dos bebês de pular as mamadas da noite desde que suas necessidades nutricionais tenham sido atendidas durante o dia. Assim, criou um método que promete (e cumpre) ensinar um bebê de tamanho normal a dormir 12 horas depois de completar 12 semanas de vida. Um treinamento feito com tranquilidade, sem horas de choro ininterruptas, de forma gradativa e natural. O livro virou best-seller nos Estados Unidos e Suzy foi classificada como "a guru do sono do bebê" pelo "Washington Post". De lá para cá, já

treinou centenas de bebês. Seu método funciona inclusive com crianças de mais de um ano.

[Compre agora e leia](#)

Leonard Mlodinow

Autor de *O Andar do Bêbado*

SUBLIMINAR

**Como o inconsciente
influencia nossas vidas**

"Mlodinow é sempre feliz em seu esforço de tornar
a ciência acessível e divertida." Stephen Hawking

 **ZAHAR**

Subliminar

Mlodinow, Leonard

9788537810538

299 páginas

[Compre agora e leia](#)

Best-seller internacional Você acha que sabe como e por que faz suas escolhas? Suas preferências políticas, a gorjeta que dá ao garçom, aquele colega de trabalho com uma cara tão amigável de quem você desconfia e até a pessoa com quem você se casa não são opções tão objetivas assim. Leonard Mlodinow, autor do best-seller O andar do bêbado, investiga, de forma divertida e brilhante, como o inconsciente modela nosso comportamento e determina nossas decisões e juízos sobre o mundo, as pessoas, as coisas. Um livro que vai mudar a sua vida. "Mlodinow é sempre feliz em seu esforço de tornar a ciência acessível e divertida." Stephen Hawking "Um dos dez livros do ano." NewScientist.com "Mlodinow mostra como a ideia de inconsciente tornou-se novamente respeitável. ... Fascinante." The Economist "Esse livro muito esclarecedor encanta o leitor ao estudar o funcionamento da mente humana." Booklist "Divertidamente acessível, embora intelectualmente rigoroso, este livro transcende os limites tradicionais entre neurociência, psicologia e filosofia, descortinando a mente subliminar. Mlodinow oferece novos insights sobre o que o inconsciente pode fazer e faz para influenciar nossa vida." V.S. Ramachandran, Professor do

Departamento de Psicologia e Neurociência da Universidade da
Califórnia

[Compre agora e leia](#)